



BASEADO EM FATOS REAIS DELPHINE DE VIGAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DELPHINE DE VIGAN

BASEADO EM FATOS REAIS

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI



Copyright © Éditions Jean-Claude Lattès, 2015

Trechos de *Misery* — *Louca obsessão*, de Stephen King, em *Sedução e Traição* traduzidos por Elton Mesquita, Suma de Letras, 2014.

Trecho de *A metade sombria*, de Stephen King, em *Depressão* traduzido por Catharina Horta Salgueiro, Círculo de Leitores, 1997.

TÍTULO ORIGINAL

D'après une histoire vraie

REVISÃO

Tamara Sender

Eduardo Rosal

DESIGN DE CAPA

Angelo Allevato Bottino

FOTOS

© Jeanne Morosoff

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-942-0

Edição digital: 2016

1^a edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

Início
I. Sedução
II. Depressão
III. Traição

Sobre a autora
Leia também

Alguns meses após o lançamento do meu último romance, parei de escrever. Durante quase três anos, não escrevi nenhuma linha. As expressões às vezes devem ser entendidas ao pé da letra: não escrevi cartas comerciais, cartões de agradecimento, cartões-postais nas férias nem listas de compras. Nada que exigisse um esforço de redação, que obedecesse a qualquer preocupação quanto à forma. Nenhuma linha, nenhuma palavra. Ver um bloco, um caderno de anotações, uma folha pautada, me dava vontade de vomitar.

Pouco a pouco, o gesto em si se tornou ocasional, hesitante, deixou de ser executado sem apreensão. O simples fato de segurar uma caneta me pareceu cada vez mais difícil.

Depois, comecei a entrar em pânico sempre que abria um arquivo de Word.

Eu procurava a melhor posição, o ângulo perfeito do monitor, esticava as pernas embaixo da mesa. E então ficava ali, imóvel, durante horas, os olhos fixos na tela.

Mais tarde, minhas mãos começaram a tremer sempre que se aproximavam do teclado.

Recusei, sem distinções, todas as propostas que me foram enviadas: artigos, contos, prefácios e outras participações em obras coletivas. Bastava ler a palavra *escrever* em uma carta ou mensagem para meu estômago embrulhar.

Escrever, eu não conseguia mais.

Escrever, de jeito nenhum.

*

Hoje sei que vários boatos correram sobre mim, nos círculos literários e nas redes sociais. Sei que foi dito que eu não escreveria mais, que tinha chegado ao fim de algo, que o fogo de palha, ou de papel, sempre acaba se apagando. O homem que amo imaginou que, ao entrar em contato com ele, eu havia perdido o ânimo ou a inspiração e que, por isso, não tardaria a deixá-lo.

Quando amigos, parentes e, às vezes, até jornalistas se aventuravam a me perguntar sobre esse silêncio, eu evocava diversos motivos e impedimentos, entre os quais figuravam o cansaço, as viagens ao exterior, a pressão ligada ao sucesso ou até o fim de um ciclo literário. Alegava falta de tempo, distração, agitação e me afastava com um sorriso cuja falsa serenidade não enganava ninguém.

Hoje sei que tudo isso era pretexto. Tudo isso não era nada.

Para meus amigos, sem dúvida cheguei a mencionar o medo. Não me lembro de ter falado de pânico, mas era justamente uma questão de *pânico*. Agora posso admitir: a escrita que me ocupava havia tanto tempo, que transformara minha existência de forma tão profunda e era tão preciosa para mim, estava me deixando em pânico.

*

A verdade é que, no instante em que deveria ter voltado a escrever, seguindo um ciclo que alternava períodos de latência, de incubação e de redação

propriamente dita — um ciclo quase cronobiológico que eu seguia havia mais de dez anos —, logo no instante em que me preparava para começar o livro para o qual eu já havia feito certo número de anotações e coletado uma documentação abundante, conheci L.

*

Hoje sei que L. foi o único motivo da minha impotência. E que os dois anos que nos ligaram quase me calaram para sempre.

“Como se ele fosse um personagem em uma história ou uma peça, um personagem cuja história não fosse relatada, mas criada, como ficção.”

(Stephen King, *Misery — Louca obsessão*)

Gostaria de contar como L. entrou na minha vida, em que circunstâncias. Gostaria de descrever com precisão o contexto que permitiu que L. entrasse na minha esfera privada e, com paciência, a dominasse. Mas não é tão simples. E no instante em que escrevo esta frase, *como L. entrou na minha vida*, percebo que a expressão ganha pompa, um exagero desnecessário, uma maneira de dar ênfase a um drama que ainda não existe, uma vontade de anunciar uma virada ou uma reviravolta. Sim, L. *entrou na minha vida* e a virou de cabeça para baixo completamente, de forma lenta, segura, insidiosa. L. entrou na minha vida como em um palco, bem no meio da peça, como se um diretor tivesse cuidado para que tudo parasse e desse lugar a ela, como se a entrada de L. tivesse sido preparada para evidenciar sua importância, para que, naquele momento preciso, o espectador e os outros personagens em cena (e, por consequência, eu) olhassem apenas para ela, para que tudo à nossa volta se imobilizasse e a voz dela chegasse ao fundo da sala — ou seja, para que causasse impacto.

Mas estou indo rápido demais.

Conheci L. no fim de março. Em setembro, L. progredia em minha vida como uma amiga de longa data, em terreno conhecido. Em setembro já tínhamos piadas internas, uma língua comum formada por subentendidos e duplos sentidos, por olhares que bastavam para que nos entendêssemos. Nossa cumplicidade se alimentava de segredos compartilhados, mas também de frases não ditas e comentários silenciosos. Pensando em retrospecto, e dada a violência que nossa relação adquiriu depois, eu poderia ficar tentada a dizer que L. entrou na minha vida por violação, com um único objetivo: anexar meu território. Mas isso não seria verdade.

L. entrou lentamente, com uma delicadeza infinita, e eu tive com ela momentos de uma cumplicidade impressionante.

*

Na tarde que antecedeu nosso primeiro encontro, eu era esperada para uma sessão de autógrafos no Salão do Livro de Paris. Lá, encontrei meu amigo Olivier, que tinha sido convidado para participar de um programa transmitido ao vivo do estande da Radio France. Misturei-me à plateia para assisti-lo. Depois, em um canto, dividimos um sanduíche com Rose, sua filha mais velha, os três sentados no carpete gasto do salão. Minha sessão de autógrafos começava às duas e meia da tarde, e tínhamos pouco tempo. Olivier logo me disse que eu parecia exausta, de verdade, e quis saber como eu estava lidando com tudo aquilo (*tudo aquilo* significava tanto o fato de ter escrito um livro muito pessoal e íntimo quanto o de esse livro ter causado imensa repercussão — repercussão que, sabia ele, eu não havia imaginado em momento algum e para a qual não estava preparada).

Depois, Olivier se ofereceu para me acompanhar e nós andamos até o estande da minha editora. Passamos diante de uma fila de espera grande,

apertada. Procurei saber que autor estava na outra ponta, lembro-me de ter erguido os olhos para procurar o cartaz que mostraria o nome dele. Então Olivier sussurrou: “Acho que é para você.” De fato, a fila se estendia bastante, depois virava a esquina até o estande em que eu era esperada.

Em outros tempos, e até alguns meses antes, aquilo teria me deixado muito feliz e, sem dúvida, orgulhosa. Eu havia passado horas observando leitores em diversos salões, sentada em silêncio atrás da minha pilha de livros sem que ninguém aparecesse. Conhecia aquela angústia, aquela solidão um pouco vergonhosa. Mas, naquele momento, fui invadida por uma sensação totalmente diferente, um tipo de assombro. Por um instante, uma ideia me passou pela cabeça: era demais, demais para uma única pessoa, demais para mim. Olivier me disse que me acompanharia até lá.

*

Meu livro havia sido lançado no fim de agosto e fazia alguns meses que eu ia de cidade em cidade, de encontros a sessões de autógrafos, de leituras a debates, em livrarias, bibliotecas, mediatecas, onde leitores cada vez mais numerosos me aguardavam.

Aquilo às vezes me sufocava, aquele sentimento de ter acertado no alvo, de ter carregado comigo, atrás de mim, milhares de leitores, essa sensação, sem dúvida mentirosa, de ter sido ouvida.

*

Eu havia escrito um livro sem imaginar sua força.

Eu havia escrito um livro cujo efeito ao meu redor e no seio de minha família se propagaria em várias ondas, do qual eu nunca tinha imaginado os efeitos colaterais, um livro que não tardaria a designar meus companheiros fiéis, mas também meus falsos aliados, e cujos efeitos, surgindo aos poucos, se prolongariam por muito tempo.

Nunca havia imaginado a proliferação do objeto e suas consequências, nunca havia imaginado aquela imagem de minha mãe, reproduzida às centenas e depois aos milhares, aquela foto na sobrecapa que contribuía largamente para a propagação do texto, aquela foto que logo se dissociara dela e deixara de ser minha mãe para se tornar a personagem do romance, perturbada e turva.

Nunca havia imaginado os leitores emocionados, intimidados, nunca havia imaginado que alguns chorariam diante de mim e o quanto seria difícil não chorar com eles.

*

Houve a primeiríssima vez, em Lille, quando uma jovem frágil e visivelmente esgotada por várias hospitalizações me explicou que o romance dera a ela uma esperança louca, insensata, de que, apesar da doença, apesar do que tinha acontecido e não podia ser consertado, apesar do que ela havia *infligido* a eles, seus filhos talvez ainda pudessem amá-la...

E depois outra vez em Paris, em um domingo de manhã, quando um homem abalado me contou sobre seus problemas mentais, sobre o olhar dos outros em relação a ele, sobre eles, aqueles que causavam tanto medo que haviam sido postos no mesmo saco, bipolares, esquizofrênicos, depressivos, etiquetados como frangos cobertos com plástico filme de acordo com as tendências do momento e as capas de revistas, e Lucile, minha heroína intocável que conseguia reabilitar a todos.

E muitas outras pessoas, em Estrasburgo, Nantes, Montpellier, pessoas que às vezes eu sentia vontade de abraçar.

Pouco a pouco, construí com certa dificuldade uma muralha imperceptível, um cordão de isolamento que me permitia continuar, estar ali, manter certa distância, um movimento do diafragma que bloqueava o ar na altura do esterno, formando uma almofada minúscula, um *air bag* invisível, que eu acabava expirando pela boca aos poucos, depois que o perigo havia passado. Assim eu podia escutar, falar, entender o que estava sendo construído no lugar do livro, aquele vaivém operado entre o leitor e o texto, em que o livro quase sempre faz o leitor se lembrar — por uma razão que não sei explicar — da própria história. O livro era uma espécie de espelho, e sua profundidade de campo e seus contornos não me pertenciam mais.

*

Mas eu sabia que algum dia tudo aquilo me alcançaria, o número, sim, o número de leitores, de comentários, de convites, o número de livrarias visitadas e de horas passadas no TGV. E que então algo cederia sob o peso de minhas dúvidas e contradições. Eu sabia que algum dia não poderia mais me isentar e que teria de lidar com a medida exata das coisas para pagar minhas dívidas.

*

No Salão, naquele sábado, dei autógrafos sem parar. Muita gente tinha ido falar comigo, e eu penava para encontrar palavras para agradecer, responder às perguntas, estar à altura do que esperavam. Ouvia minha voz tremer, tinha dificuldade de respirar. O *air bag* não funcionava mais, eu não conseguia mais enfrentar aquilo. Estava permeável. Vulnerável.

Perto das seis da tarde, a fila foi encerrada com a ajuda de uma fita elástica presa a duas hastes, que servia para dissuadir os recém-chegados, obrigados a dar meia-volta. A alguns metros de onde eu estava, ouvi os responsáveis pelo estande explicarem que eu ia parar de assinar, *ela tem que ir embora, vai parar, sentimos muito, ela já vai*.

Depois de dar autógrafos para os que haviam sido considerados os últimos da fila, fiquei ainda alguns minutos no estande para conversar com minha editora e com o diretor comercial. Pensei no trajeto que me esperava até a estação de trem. Sentia-me exausta, poderia ter me deitado no carpete e ficado ali. Estávamos no estande, de pé, e eu me encontrava de costas para os corredores

do Salão e para a mesinha em que havia estado alguns minutos antes. Uma mulher se aproximou de nós por trás e me perguntou se eu poderia autografar seu exemplar. Eu me ouvi responder “não”, assim, sem hesitar. Acho que expliquei que, se autografasse o livro dela, outras pessoas voltariam a se enfileirar para que eu retomasse as dedicatórias, a fila sem dúvida se formaria outra vez.

Vi em seu olhar que ela não entendeu, que não podia entender, ao nosso redor não havia mais ninguém, os azarados tinham se dispersado, tudo parecia calmo e tranquilo, vi em seu olhar que ela pensava: “Mas quem essa idiota acha que é? O que são um ou dois livros a mais? Não foi exatamente para isso que você veio, para vender e autografar livros? Não vai reclamar agora...”

Eu não podia dizer a ela “Senhora, sinto muito, não consigo mais, estou cansada, não tenho força, disposição, é isso, sei bem que outros aguentam ficar horas sem beber nem comer até que todo mundo seja atendido, fique satisfeito, verdadeiros camelos, com certeza atletas, mas eu, não, hoje não, não consigo mais escrever meu nome, meu nome é uma fraude, uma invenção, acredite em mim, meu nome nesse livro não tem mais valor do que um cocô de pombo que venha a cair por azar na guarda do exemplar”.

Eu não podia dizer a ela “Se autografar seu livro, senhora, vou me partir em duas, é isso que vai acontecer, estou avisando, afaste-se, mantenha distância, o minúsculo fio que liga as minhas duas metades vai se romper e eu vou começar a chorar e talvez a berrar, e isso pode ser muito vergonhoso para todos nós”.

Fui embora do salão, ignorando o remorso que começava a me invadir.

Peguei o metrô em Porte de Versailles, o vagão estava lotado, mas apesar disso encontrei um assento livre. Com o nariz colado no vidro, comecei a repassar aquela cena, a imagem voltou à minha mente, uma vez, depois outra. Eu tinha recusado um autógrafo àquela mulher, apesar de estar ali, conversando. Não podia acreditar. Sentime culpada, ridícula, envergonhada.

*

Escrevo esta cena hoje com tudo que ela contém de cansaço e exagero porque tenho quase certeza de que, se ela não tivesse acontecido, eu não teria conhecido L.

L. não teria encontrado em mim esse território tão frágil, tão instável, tão quebradiço.

Quando era criança, eu chorava no dia do meu aniversário. No instante em que os convidados reunidos começavam a cantar a música tradicional, cuja letra é basicamente idêntica para todas as famílias que conheço, enquanto o bolo com algumas velas era trazido, eu explodia em lágrimas.

Aquela atenção concentrada em mim, os olhares cintilantes que convergiam para onde eu estava e aquela emoção coletiva eram insuportáveis.

Isso não tinha nada a ver com o verdadeiro prazer que eu sentia com o fato de uma festa ser dada em minha homenagem, não apagava em nada minha alegria em receber presentes, mas havia naquele momento exato um tipo de efeito Larsen, como se, em resposta ao barulho emitido por minha causa, eu pudesse apenas produzir outro ruído, ainda mais agudo, uma frequência inaudível e desastrosa. Não sei até que idade essa cena se repetiu (a impaciência, a tensão, a alegria e, depois, eu diante dos outros, remelenta e sem fôlego), mas tenho uma lembrança precisa da sensação que me tomava, *parabéns pra você, nesta data querida*, e da vontade de desaparecer no mesmo instante. Uma vez, quando tinha uns oito anos, eu fugi.

Na época em que festejávamos nossos aniversários na escola (no maternal), lembro que minha mãe escreveu um bilhete para minha professora para pedir que não comemorassem o meu, bilhete que ela leu para mim em voz alta, para me informar, antes de colocá-lo no envelope, e que continha o adjetivo *aparvalhada*, mas eu não sabia o significado. Não tive coragem de perguntar, consciente de que escrever para a professora já era uma atitude excepcional, um esforço, e tinha por objetivo obter dela um procedimento não menos estranho, um passe livre, em suma, um favorecimento. Na verdade, por muito tempo acreditei que *aparvalhada* tivesse a ver com a extensão do vocabulário de um indivíduo: eu era uma menina *a-palavra-da*, logo, a quem faltava palavras, o que, pelo que entendi, explicava minha incapacidade de comemorar aniversários coletivamente. Assim achei que, para viver em sociedade, era preciso me armar de palavras, nunca deixar de multiplicá-las, diversificá-las, entender suas nuances mais ínfimas. O vocabulário adquirido fabricaria pouco a pouco uma couraça, espessa e fibrosa, que permitiria andar pelo mundo, alerta e confiante. Mas tantas palavras ainda me eram desconhecidas.

*

Depois, no ensino fundamental, na hora de preencher minha ficha no início do ano, continuei mentindo sobre minha data de nascimento. Eu a atrasava alguns meses, para o meio das férias de verão, por precaução.

Mesmo assim, na cantina ou na casa de amigos, cheguei várias vezes (até em uma idade mais avançada) a engolir ou disfarçar a fava que encontrava, com medo, no meu bolo do Dia de Reis. Anunciar minha vitória, ser objeto, durante alguns segundos, ou até minutos, de algum tipo de atenção por parte dos outros era algo impossível. Deixei de lado bilhetes de loteria premiados, amassados ou

rasgados rapidamente no instante em que precisava me identificar para ganhar o prêmio, e, quando estava no quinto ano, até abduci de um vale-compras de cem francos das Galeries Lafayette que tinha ganhado na festa de fim de ano. Eu me lembro de ter avaliado a distância que me separava do palco — era preciso chegar lá sem tropeçar, com uma pose natural e descontraída, depois subir alguns degraus e sem dúvida agradecer à diretora da escola — e de ter chegado à conclusão de que aquilo não valia a pena.

Ser o foco, mesmo por um instante, suportar vários olhares ao mesmo tempo, era simplesmente impensável.

*

Fui uma criança e uma adolescente muito tímida, mas, pelo que me lembro, esse defeito se manifestava, sobretudo, diante de um grupo (ou seja, quando tinha que lidar com mais de três ou quatro pessoas ao mesmo tempo). A turma do colégio, especificamente, era uma expressão de entidade coletiva que nunca deixou de me aterrorizar. Até o fim dos meus anos na escola, fui incapaz de dormir na véspera de provas orais ou de apresentações de trabalhos e prefiro não comentar todas as estratégias de fuga que desenvolvi durante muito tempo para evitar qualquer possibilidade de falar em público.

Por outro lado, ainda bem pequena, acho que demonstrava certa tranquilidade nos encontros cara a cara, com apenas uma pessoa, e uma verdadeira capacidade de conhecer o Outro quando ele ganhava a forma de um indivíduo e não de um grupo, de me ligar a ele. Aonde quer que tenha ido, onde quer que tenha ficado algum tempo, sempre encontrei alguém para brincar, conversar, rir, sonhar, por onde quer que tenha passado encontrei amigos e amigas e estabeleci relacionamentos duradouros, como se tivesse percebido muito cedo que minha preservação afetiva seria mantida naquela situação. Até que encontrei L.

Naquele sábado, ao sair do Salão do Livro, eu havia planejado correr para a estação, encontrar no campo o homem que amo e passar com ele a noite e o dia seguinte. François tinha ido para Courseilles na véspera, como quase todo fim de semana. Com o passar dos anos, a casa, que ele havia acabado de comprar quando o conheci, tornou-se seu refúgio, seu acampamento entre trincheiras, e sempre que o vejo passar pela porta na sexta-feira à noite, soltando um alto suspiro de prazer ou de alívio, penso nos telefones sem fio que colocamos na base quando descarregam, naquele pequeno bipe de satisfação que emitem. As pessoas que convivem conosco sabem quanto aquela casa é a base do equilíbrio dele e como é raro conseguir tirá-lo de lá.

François me esperava. Tínhamos combinado que eu ligaria quando pegasse o trem que para em todos os cantos e em algum lugar em campo aberto, a alguns quilômetros de Courseilles.

Quando o metrô parou na estação Montparnasse, hesitei. Sem dúvida me levantei, mas não desci. Sentia-me preocupada demais para viajar. Indisponível. O incidente do Salão havia revelado, de uma só vez, minha exaustão, meu estado de tensão, de fragilidade, com o qual François se preocupava, e que eu tinha dificuldade de admitir. Continuei meu caminho até o décimo primeiro *arrondissement*. Mandeí uma mensagem de texto para avisá-lo que iria à minha casa e ligaria mais tarde.

Quando cheguei ao meu bairro, parei no mercado Super U. Como meus filhos estavam passando o fim de semana na casa do pai e François estava no interior, durante o trajeto surgiu o plano de uma noite tranquila, uma noite de silêncio e solidão. Era exatamente daquilo que precisava.

Eu perambulava pelos corredores do pequeno mercado, uma cesta vermelha de plástico pendurada no antebraço, quando ouvi alguém me chamar. Nathalie estava atrás de mim, alegre, pouco surpresa. Nós nos encontramos várias vezes por ano no Super U do nosso bairro. Por causa disso, esses encontros fortuitos se tornaram uma espécie de piada repetitiva em que cada uma tem apenas que fazer seu papel: damos gargalhadas, nos abraçamos, é mesmo uma loucura, que coincidência, eu nunca venho a essa hora, nem eu.

Conversamos por alguns minutos diante da seção de iogurtes. Nathalie também passara a tarde autografando exemplares no Salão e dando uma entrevista sobre *Nous étions des êtres vivants*, seu último livro. Tinha pensado em ir me ver no estande da minha editora, mas ficara sem tempo e preferira voltar logo para casa, pois havia sido convidada para uma festa naquela noite, aliás, descera até o Super U para comprar uma garrafa de champanhe. Como, em menos de três segundos, aceitei acompanhá-la a essa festa, apesar de, um segundo antes, estar feliz por poder ficar sozinha, não lembro.

Antes de conhecer François, há alguns anos, passei algumas noites com Nathalie e outra amiga, Judith. Éramos as três mais ou menos solteiras e

queríamos nos divertir. Chamávamos essas noites de *JDN* (Judith, Delphine, Nathalie). As *JDN* consistiam em uma de nós ser convidada, junto com as outras duas, às festas mais diversas (aniversários, *open houses*, jantares de fim de ano) ou até mesmo ir aos lugares mais inusitados sem que nenhuma de nós tivesse sido convidada. Assim, conseguimos nos infiltrar em inaugurações de associações, bailes de *musette*, festas de despedida de empresa e até em um casamento em que nenhuma das três conhecia os noivos.

Adoro festas, mas quase sempre evito os chamados *jantares sociais* (não estou falando de jantares entre amigos, estou falando dos jantares em que o caráter mundano é relativamente admitido). Essa reticência se deve ao fato de eu ser incapaz de me adaptar às regras exigidas nesse tipo de reunião. Parece que toda a minha timidez ressurgiu de uma só vez. Volto a ser a menina ou a jovem ruborizada que, incapaz de participar de maneira natural e fluida da conversa, era tomada pela sensação horrível de não estar à altura, de não estar no lugar certo; aliás, na maior parte do tempo, quando há mais de quatro convidados em um lugar, fico muda.

Com o passar do tempo, acabei entendendo — ou talvez seja um alibi que torna as coisas aceitáveis — que a relação com o Outro só me interessa a partir de certo grau de intimidade.

*

As *JDN* foram ficando cada vez mais raras e depois terminaram, não sei mais muito bem por quê. Talvez simplesmente porque nossas respectivas vidas tenham mudado. Naquela noite, no Super U, aceitei o convite de Nathalie porque pensei que uma festa me daria a oportunidade, que havia se tornado tão rara, de dançar (pois, apesar de ainda morrer de medo de ter que me sair bem em um jantar, sou capaz de dançar sozinha em uma festa em que não conheço ninguém).

Tenho consciência de que esses detalhes podem dar a impressão de que estou me desviando da história, de que me afasto sob o pretexto de descrever o contexto ou o cenário. Mas não. A sequência de fatos me parece importante para entender como conheci L., e, sem dúvida, durante essa história, terei que voltar a um passado ainda mais distante para tentar explicar o verdadeiro desafio produzido por esse encontro.

Dada a desordem que ela engendrou em minha vida, acho importante definir o que tornou possível esse domínio de L. sobre mim e, sem dúvida, o meu sobre L.

Aliás, eu estava dançando quando L. surgiu e, pelo que me lembro, nossas mãos se esbarraram.

Estávamos sentadas no sofá, L. e eu. Eu havia saído primeiro da pista de dança, em um momento que a música deixara de me agradar.

L., que tinha dançado perto de mim por mais de uma hora, não demorara a se juntar a mim. Com um sorriso, ela conseguira o espaço estreito que me separava de meu vizinho, fazendo-o se aproximar do braço do sofá e permitindo que ela se sentasse confortavelmente. Cúmplice, ela havia lançado para mim um gesto de vitória.

— Você fica muito bonita quando dança — declarara ela, ao se sentar. — Fica muito bonita porque dança como se achasse que ninguém está olhando, como se estivesse sozinha; aliás, tenho certeza de que você dança assim sozinha no seu quarto ou na sua sala.

(Minha filha, quando era adolescente, me disse um dia que, quando fosse adulta, guardaria essa lembrança de mim, a mãe que dançava no meio da sala para demonstrar alegria.) Agradei o elogio a L., mas não soube o que responder; além disso, ela não parecia esperar nada, continuava a observar a pista, um sorriso nos lábios. Eu a observei de soslaio. L. usava uma calça preta, solta, uma camisa creme cuja gola era decorada com uma estreita tira de seda ou couro escuro, eu não conseguia definir o material com precisão. L. era perfeita. Pensei nas propagandas da marca Gerard Darel, me lembro muito bem delas, era exatamente aquilo, aquela sofisticação simples, moderna, a inteligente mistura de tecidos clássicos, burgueses, e detalhes audaciosos.

— Sei quem você é e estou feliz em encontrá-la — acrescentou ela, depois de um instante.

Eu deveria sem dúvida ter perguntado como ela se chamava, por quem tinha sido convidada, talvez até mesmo o que fazia da vida, mas me senti intimidada por aquela mulher, por sua segurança tranquila.

L. era exatamente o tipo de mulher que me fascina.

L. era impecável, os cabelos lisos, as unhas lixadas com perfeição e cobertas de um vermelho vivo que parecia brilhar no escuro.

Sempre admirei as mulheres que usam esmalte. Unhas pintadas representam para mim uma ideia de sofisticação feminina que, acabei admitindo, pelo menos em certo aspecto, sempre seria inacessível para mim. Tenho mãos largas demais, grandes demais, fortes demais de certa maneira e, quando tento pintar minhas unhas, elas parecem ainda maiores, como se essa tentativa vã de travestilas salientasse seu caráter masculino (de qualquer modo, por si só o procedimento sempre me pareceu trabalhoso. O gesto em si exige uma minúcia, uma paciência que não tenho).

Quanto tempo é necessário para ser uma mulher assim?, perguntei-me enquanto observava L., como havia observado dezenas de mulheres antes dela, no metrô, na fila de espera dos cinemas, nas mesas de restaurantes. Penteadas, maquiadas, engomadas. Sem nenhum amassadinho. Quanto tempo levavam toda

manhã para chegar àquele estado de perfeição e quanto tempo levavam para se retocar à noite, antes de sair? Que tipo de vida é preciso levar para se ter a liberdade de domar os cabelos com uma escova, trocar de bijuteria todo dia, selecionar e variar as roupas, não deixar nada ao acaso?

Hoje sei que não é apenas uma questão de disponibilidade, mas de *tipo*, que *tipo* de mulher escolhemos ser, se é que temos escolha.

Lembro que na primeira vez que encontrei minha editora em seu pequeno escritório na rue Jacob, primeiro fiquei fascinada com sua sofisticação, as unhas, claro, mas também todo o restante, simples e de um gosto impecável. Ela exalava uma feminilidade um pouco clássica, mas perfeitamente dosada, dominada, que havia me impressionado. Quando conheci François, estava convencida de que ele gostava de mulheres de outro *tipo* que não o meu, mais arrumadas, mais refinadas, sob controle. Revejo-me em um café explicando a uma de minhas amigas os motivos para um fracasso anunciado, simplesmente não era possível, mas claro, por causa disso, porque François gostava de mulheres de cabelos lisos e doces (eu unia gestos às palavras), e eu era uma pessoa hirsuta. Essa diferença parecia resumir discrepâncias mais profundas, mesmo fundamentais, de maneira geral nosso encontro tinha sido apenas um banal erro de julgamento. Precisei de tempo para admitir que não era esse o caso.

*

Após um instante, L. se levantou e voltou a dançar no meio de uma dezena de pessoas, posicionando-se entre elas para conseguir me encarar. Hoje, pensando em tudo que aconteceu, não duvido que essa cena possa ser vista como uma técnica de sedução e, inclusive, eu a vejo assim, mas naquele instante era mais uma espécie de jogo entre mim e ela, uma convivência silenciosa. Alguma coisa me intrigava, me divertia. L. às vezes fechava os olhos, os movimentos de seu corpo eram de uma sensualidade discreta, sem ostentação. L. era bonita e os homens a olhavam, eu tentava captar o olhar deles sobre ela, capturar o momento em que esse olhar se inquietava. Sou sensível à beleza das mulheres, sempre fui. Adoro observá-las, admirá-las, tentar imaginar que curva, que concavidade, que covinha, que erro leve de pronúncia, que imperfeição suscita desejo nelas.

L. dançava, quase imóvel, o corpo ondulava suavemente, no ritmo, casava com cada nota, cada nuance, os pés colados ao chão, sem se mexer. L. era uma haste, um cipó, submetida ao fôlego, à cadência, e era lindo de se ver.

*

Mais tarde, e sem que eu possa hoje estabelecer um elo entre esses dois momentos, L. e eu estávamos sentadas à mesa da cozinha, diante de uma garrafa de vodca. Nesse meio-tempo, acho que lembro que algumas pessoas que eu não conhecia foram falar comigo e que passei alguns instantes com elas. Depois, L.

me estendeu a mão para que eu voltasse a dançar. Eu tinha perdido Nathalie de vista, talvez ela tivesse voltado para casa, havia muita gente e o clima da festa era de alegria.

*

Não sei como acabei falando com L. sobre a mulher do Salão do Livro, sobre aquele remorso, o gosto amargo no fundo da boca que não me deixava. Não parava de pensar naquele instante, em minha reação, havia naquela cena algo que me revoltava, que não era eu, eu não tinha como reencontrar aquela mulher, pedir desculpas, autografar seu exemplar. Aquilo tinha acontecido, acabado, e não havia nenhuma chance de voltar atrás.

— No fundo, o que incomoda você não é apenas o fato de aquela mulher ter ficado chateada, de ela ter percorrido quilômetros para ir ver você, deixado os filhos com a irmã, brigado com o marido porque ele tinha planejado fazer compras e não entendia por que ela queria tanto encontrar você. Não, o aterrorizante é a possibilidade de essa mulher não gostar mais de você.

A voz dela soou gentil, sem ironia.

— Talvez — admiti.

— Imagino que não deva ser simples esse momento que você está vivendo. Os comentários, as reações, esse destaque repentino. Imagino que exista um risco de depressão.

Tentei minimizar, também não era preciso exagerar.

Ela voltou a falar: — Por outro lado, você deve se sentir muito sozinha, às vezes, como se estivesse nua no meio da estrada, sendo iluminada pelos faróis de um carro.

Olhei para L., surpresa. Era exatamente daquela maneira que eu me sentia, *nua no meio da estrada*, e eu havia dito aquilo alguns dias antes com as mesmas palavras. A quem havia confessado aquilo? À minha editora? A um jornalista? Como L. podia ter usado justo as palavras que eu usara? Será que eu tinha dito aquilo a alguém?

Ainda hoje não sei se L. reproduziu naquele dia algo que havia lido ou que lhe fora contado, ou se realmente adivinhou. Eu devia ter percebido rápido que L. tinha um jeito inconcebível de entender o Outro, um dom para encontrar as palavras certas, dizer às pessoas o que elas precisavam ouvir. L. nunca tardava a fazer a pergunta mais pertinente ou o comentário que demonstrava a seu interlocutor que apenas ela era capaz de compreendê-lo e tranquilizá-lo. Sabia não apenas identificar de cara a origem do problema, mas, sobretudo, determinar a falha, por mais entranhada que fosse, que todos nós abrigamos.

Lembro-me de ter explicado a L. minha concepção de sucesso, sem fingimento, certa de que minhas palavras não seriam mal interpretadas. Para mim, o sucesso de um livro era um acidente. Literalmente falando. Um acontecimento brutal e inesperado provocado pela coincidência aleatória de

diferentes fatores não reproduzíveis. Que ela não considerasse aquilo falsa modéstia de minha parte: claro que o livro tinha alguma importância, mas era apenas um dos parâmetros. Outros livros poderiam ter feito um sucesso comparável ou até maior, mas para eles a conjuntura não havia sido tão favorável, faltara um ou outro fator.

L. não tirava os olhos de mim.

— Mas um acidente — continuou ela, insistindo no termo para demonstrar que ela não o havia escolhido — causa danos, danos às vezes irreversíveis, não é?

Terminei o copo de vodca que se encontrava diante de mim e que ela havia enchido várias vezes, não estava bêbada, pelo contrário, parecia ter chegado a um grau de consciência que raramente atingia. Era muito tarde, a festa havia se esvaziado de repente, estávamos sozinhas na cozinha que estivera lotada alguns segundos antes. Sorri antes de responder: — É verdade. O sucesso de um livro é um acidente do qual não saímos ilesos, mas seria indecente reclamar dele. Disso, tenho certeza.

*

Pegamos um táxi juntas, L. insistiu, era muito fácil me deixar em casa, eu morava no caminho dela, não era nem um desvio.

No carro, nós nos calamos. Senti o cansaço ganhar meu corpo, apoiar-se em minha nuca, deixar-me dormente pouco a pouco.

O motorista parou na porta da minha casa.

L. fez carinho no meu rosto.

Já pensei várias vezes nesse gesto, no quanto ele continha de doçura, de ternura, talvez de desejo. Ou talvez de nada disso. Pois, no fundo, não sei nada de L. e nunca soube.

*

Desci do carro, subi a escada e desabei na cama ainda vestida.

Não tenho lembranças precisas dos dias que se seguiram. Restavam, sem dúvida, alguns compromissos a honrar: encontros em livrarias, em mediatecas, palestras em sala de aula. Tentei limitar minhas idas ao interior a apenas uma vez por semana, para ficar perto dos meus filhos, e planejei parar tudo no fim de maio. Chega um momento em que é preciso recuperar o silêncio em torno de nós, voltar a trabalhar, retomar nossa trajetória. Eu tanto desejava quanto temia aquele momento, mas me preparei para que ele chegasse e recusei todos os convites posteriores àquela data.

*

Em uma tarde de sexta-feira, quando voltava para casa depois de dois dias fora (tinha sido recebida por um clube do livro em Genebra), encontrei uma carta na caixa de correio, em meio a algumas contas. Meu nome e endereço estavam impressos em uma etiqueta, colada na base do envelope. Concluí que era uma propaganda e por pouco não a joguei fora sem verificar o conteúdo. Mas um detalhe chamou minha atenção. Na etiqueta, em letras grandes, estava impresso o número de meu apartamento, número que não aparecia em nenhuma correspondência comercial. Eu, inclusive, ignorei a existência desse número por muito tempo. Na verdade, ele pode ser visto em uma pequena placa de bronze pregada na coluna do corredor externo, cerca de um metro à esquerda de cada porta, ao lado das velhas tampas de fiação telefônica. Demorei muitos anos para notar a tal placa. Meu apartamento é o de número oito, o dos meus vizinhos é o cinco, e essa ausência de lógica reforça o mistério deles para mim.

Intrigada, abri o envelope e desdobrei a carta que ele continha, datilografada em uma folha A4. Que tipo de pessoa, hoje em dia, ainda tem uma máquina de escrever?, foi nisso que pensei antes de começar a ler.

*

Reproduzo aqui o texto integralmente. A sintaxe e o vocabulário foram aparentemente escolhidos para que eu não pudesse determinar o sexo do autor.

Delphine,

Você sem dúvida acha que está quite. Acha que pode sair dessa assim, porque seu livro é supostamente um romance e você trocou alguns nomes. Acha que vai poder retomar o curso da sua vidinha medíocre. É tarde demais. Você semeou o ódio e vai colher o que merece. Os hipócritas à sua volta fingiram absolver você, mas pensam a mesma coisa, pode acreditar. Estão com raiva e esperam a vez deles, não vão deixar você escapar quando chegar o momento. Sei bem disso. Você jogou uma bomba, agora vai ter que lidar com os destroços. Ninguém vai fazer isso por você.

Não entenda mal minhas intenções. Não desejo mal a você. Até desejo o melhor. Desejo um sucesso incrível, submetido a impostos de setenta e cinco

por cento, já que imagino que você seja de esquerda como todos os idiotas da sua espécie e que vá votar em François Hollande.

Você vendeu sua mãe e isso deu muito lucro. Está ganhando bastante grana, não é? As sagas familiares pagam bem, hein? Dão dinheiro pra caramba?

Então me mande um cheque, por favor.

Na época eu recebia muita correspondência por intermédio da editora, dezenas de cartas de leitores enviadas para mim toda semana em pequenos pacotes em envelopes de papel pardo. E-mails também, encaminhados pelo site da editora.

Mas era a primeira vez que eu recebia uma carta anônima em meu endereço residencial. E a primeira vez que recebia uma carta tão agressiva sobre um de meus livros.

*

Mal terminei de ler e meu celular tocou. O número que aparecia era desconhecido, hesitei antes de atender. Por um instante, pensei que eram a mesma pessoa, o autor da carta e o do telefonema, mesmo que aquilo não fizesse o menor sentido. Estava tão perturbada (e aliviada) que não me pareceu estranho reconhecer a voz grave e levemente aveludada de L., a quem, no entanto, eu não dera meu número.

*

L. havia pensado em mim, e muito, desde nosso encontro e me propôs tomar um chá, um café, uma taça de vinho ou outra bebida de minha preferência, um dia qualquer, quando eu quisesse. Tinha consciência de que sua atitude podia parecer estranha, um pouco ousada, riu antes de acrescentar:

— Mas o futuro pertence aos sentimentais.

Eu não soube o que responder, de repente me veio a imagem de *O lobo sentimental*, um livro infantil que eu havia lido para meus filhos milhares de vezes quando eram pequenos, cujo herói, Lucas, um lobo jovem e forte, deixa sua família para viver a própria vida. Na hora da despedida, o pai, emocionado, confia ao filho a lista dos alimentos que ele pode comer: chapeuzinhos vermelhos, três porquinhos, cabras e cabritinhos *etc.* Vestido com uma bermuda e um suéter de gola rulê (menciono esses detalhes porque contribuem para o charme inegável do personagem), Lucas sai em busca de aventura, animado e confiante. Mas toda vez que encontra uma das presas que figuram em sua lista, fica com pena e, em vez de devorá-la ainda viva, ele segue seu caminho. Depois de abandonar alguns banquetes — com os quais não deixa de construir relações amigáveis — Lucas, morto de fome, acaba encontrando o Ogro Terrível (pelo que me lembro, é o ogro do Pequeno Polegar) e o engole de uma só vez, ou quase, libertando assim daquela ameaça todas as criaturas vulneráveis da região.

Para ser sincera, com exceção desse conto, nenhum exemplo que provava a boa fortuna dos sentimentais me veio à mente. Pelo contrário, eu achava que eles eram, na maioria das vezes, a presa favorita dos perversos e déspotas.

De todo modo, eu me ouvi dizer sim, por que não, com prazer, algo do tipo. Combinamos de nos encontrar na sexta-feira seguinte em um café que L. conhecia. Durante a conversa, ela me perguntou várias vezes se estava tudo bem, como se, do outro lado da linha, pudesse perceber meu incômodo.

Depois, quando eu quis saber como ela havia conseguido meu telefone, L. respondeu que tinha *conhecidos* suficientes para obter o celular de qualquer pessoa.

Encontrei em minha agenda um vestígio desse primeiro encontro. Ao lado do nome de L., anotei seu número de telefone e o endereço do café. Na época, e ainda por algum tempo depois, eu conseguia segurar uma caneta, e minha vida estava contida naquela agenda preta *Quo Vadis*, o mesmo modelo havia quinze anos e renovado a cada início de ano. Com base em suas páginas, tento imaginar qual era meu estado de espírito quando voltei a ver L., reconstituir o contexto. Naquela mesma semana, aparentemente, participei de um encontro em uma livraria parisiense, tive uma reunião no Lutetia com uma pesquisadora do CNRS, o Centro Nacional de Pesquisa Científica, que preparava um estudo sobre a midiaticização dos escritores, fui ao número doze da rue Édouard-Lockroy (o endereço está escrito em caneta verde de ponta fina, sem nenhuma outra informação) e passei um tempo no Pachyderme com Serge, que vejo uma ou duas vezes por ano para fazer um balanço de nossas obras e vidas (naquele dia, discutimos a busca pela cadeira ideal, Serge me contou a história desopilante de seus entusiasmos efêmeros por um ou outro assento e do número de cadeiras repudiadas enfiadas em seu sótão). A isso se soma uma dezena de reuniões das quais tenho apenas uma vaga lembrança. Concluo que o período foi atarefado, eu devia sem dúvida estar um pouco tensa, como fico quando a vida sai do meu controle, galopa mais rápido do que eu. Constato, também, que tinha começado as aulas de inglês com Simon. Eu inclusive estava saindo de uma delas quando fui encontrar L. no Express Bar.

*

Eu não sabia muito sobre ela, pois na noite de nosso encontro tínhamos, sobretudo, falado de mim. Ao chegar em casa, essa constatação me causara certo incômodo, por isso, mal me sentei e comecei a fazer várias perguntas, sem dar a L. tempo para mudar o rumo que a conversa seguia. Eu havia notado que ela tinha o costume de guiar a dança.

L. sorriu, era uma boa jogadora.

Primeiro ela me explicou que escrevia para os outros. Era sua profissão. Escrevia confissões, pensamentos, vidas excepcionais que pediam para ser contadas e, com menos frequência, percursos sem dificuldade que tinham que ser transformados em epopeias. Alguns anos antes, depois de ter sido jornalista, havia feito desse tipo de escrita sua profissão. L. era muito procurada pelos editores e se permitia até recusar certas propostas. Ao longo do tempo, basicamente se especializara em autobiografias femininas: atrizes, cantoras e mulheres da política a disputavam. L. me contou como o mercado funcionava: três ou quatro escritores basicamente dividiam os grandes trabalhos. Ela com frequência concorria com dois autores conhecidos que, além do próprio trabalho, também escreviam em segredo. *Ghost-writers famosos*, explicou, uma espécie de literato invisível, um grupo do qual ela acreditava fazer parte. O nome deles e o de L. não eram mencionados na capa e apareciam no miolo com a denominação

colaborador: Na realidade, na maioria das vezes nada no interior nem no exterior do livro demonstrava que o suposto autor não tinha, por vezes, escrito nem uma palavra. Ela citou os títulos de suas últimas obras, entre as quais figuravam a autobiografia de uma grande modelo internacional e o relato do sequestro de uma jovem, mantida em cativeiro por vários anos. L. me contou depois sobre as horas de entrevista que fazia com essas pessoas para coletar o material, o tempo necessário para dominá-lo, o elo que pouco a pouco era estabelecido, primeiro incerto, depois cada vez mais intenso e confiante. Ela as considerava seus *pacientes* — claramente não se devia entender aquilo ao pé da letra, mas o termo também não fora escolhido à toa, pois, no fundo, ela dava ouvido a seus tormentos, suas contradições, seus pensamentos mais íntimos, alguns até sentiam necessidade de ficar longe do olhar dela ou de se deitar. O mais comum era que ela fosse até a casa deles, sacasse seu gravador e seu celular (uma vez, havia perdido uma sessão inteira de trabalho, o aparelho desligara durante a entrevista sem que ela notasse. Desde então, L. se garantia registrando tudo de duas formas) e deixasse a palavra, as lembranças surgirem. Ela passara o verão anterior em Ibiza, na casa de uma famosa apresentadora de TV, com quem convivera por várias semanas. Tinha adotado o ritmo da mulher, encontrado seus amigos, se misturado ao cenário. Pouco a pouco, as confissões haviam surgido em um café da manhã, um passeio noturno, no dia seguinte a uma festa na casa vazia. L. gravara tudo, horas de trocas inofensivas que, às vezes, traziam revelações. Depois de alguns meses de trabalho, tinha acabado de terminar o livro. L. adorava evocar aquele material que lhe era oferecido, um material bruto, vivo, algo que, no fundo, revelava uma Verdade. Ela usou aquela palavra várias vezes, pois, no fundo, apenas a Verdade contava. E tudo isso vinha de um encontro, da relação singular que era construída aos poucos entre ela e eles. Era, inclusive, difícil para ela terminar um livro e começar outro, sempre se sentia culpada, culpada pelo abandono, como uma amante volúvel, indecisa, que termina tudo antes de se cansar.

*

Mais tarde naquela noite, L. me disse que morava sozinha, seu marido morrera havia muito tempo. Não perguntei como, senti que a informação continha um suplemento de dor que L. não estava pronta para abordar. Confessou que não tivera filhos, não era um arrependimento, ou melhor, era um arrependimento que ela não podia permitir, um arrependimento que havia afastado de si como um veneno. Seriam necessários motivos, justificativas, não havia acontecido, pronto. Naquele instante, percebi que eu era incapaz de definir a idade dela, L. podia ter trinta e cinco ou quarenta e cinco anos, era dessas jovens que têm ar de mulher antes das outras e dessas mulheres que se mantêm eternamente jovens. L. me perguntou se eu morava com François (usou o primeiro nome dele, lembro-me disso), expliquei os motivos para termos

decidido ficar cada um em sua casa enquanto nossos filhos ainda morassem conosco. Sim, sem dúvida, tinha medo da rotina, da cobiça, da irritação, dos compromissos, de todas as coisas muito banais que acontecem com as pessoas que se amam, depois de alguns anos de vida em comum, mas era mais uma questão de um equilíbrio que eu temia pôr em risco. Além disso, na nossa idade, com cada um carregando a própria bagagem de derrotas e desilusões, eu achava que, vivendo assim, podíamos dar e receber o melhor de nós mesmos.

*

Eu adoro essa facilidade de conversar que temos com certas pessoas, essa maneira de tocar imediatamente no cerne da questão. Adoro falar de coisas essenciais, emocionais, mesmo com amigos que vejo apenas uma ou duas vezes por ano. Adoro ver no Outro (e em geral nas mulheres) essa capacidade de falar de coisas íntimas sem parecer obsceno.

Ficamos daquela maneira, encarando uma a outra no café. L. não mantinha mais a pose sedutora que eu havia visto na festa, um pouco ofensiva, algo nela parecia mais suave. Éramos duas mulheres se conhecendo, compartilhando certas preocupações e percebendo de imediato quais afinidades nos uniam. Isso sempre me parece tão banal quanto milagroso. A conversa se tornou mais leve. Rapidamente, lembro que L. me fez falar das minhas amigas. Quem eram elas, de onde vinham, com que frequência eu falava com elas? Esse é um assunto que adoro e sobre o qual posso falar por horas. Conheci minhas amigas no maternal, nos ensinos fundamental e médio, no cursinho, em todos os lugares por onde passei. Encontrei amigas nas diferentes empresas em que trabalhei e algumas delas em festivais e salões literários. Sou uma pessoa que se apega, é inegável, e que se apega de maneira duradoura. Algumas de minhas amigas saíram de Paris há muito tempo, outras voltaram. Fiz novas amizades. Admiro todas, por motivos diferentes, preciso saber o que aconteceu com elas, o que estão passando, o que as emociona, mesmo quando levamos uma vida muito ocupada. Também gosto que minhas amigas se encontrem, algumas desenvolveram amizade entre elas, amizades que hoje não têm mais nada a ver comigo.

Era isso que tentava explicar a L., e o quanto cada uma era importante para mim, única, singular, quando ela me perguntou:

— Mas nenhuma liga para você todos os dias? Nenhuma divide o dia a dia com você?

Não, nenhuma era presente de maneira tão regular. Isso me parecia algo normal. Com o tempo, nossa relação havia evoluído. Era, com certeza, menos frequente, mas não menos intensa. Tínhamos nossas vidas. E sempre nos reencontrávamos com grande facilidade, isso era verdade para todas elas, das mais antigas às mais recentes. Aliás, aquilo nunca deixava de me fascinar, aquela capacidade que tínhamos de voltar a ser íntimas, às vezes depois de muitas semanas ou muitos meses sem nos ver. Minhas amizades fusionais haviam

se transformado em relacionamentos mais arejados, menos exclusivos, dissolvíveis em uma vida composta por outras relações.

*

L. pareceu impressionada. Para ela, na idade adulta era impossível ter várias amigas. Várias amigas *de verdade*. Ela não falava de colegas, mas *da* pessoa com quem podíamos compartilhar tudo. Única. A pessoa que podia ouvir tudo, entender tudo, que não julgava. Respondi que, para mim, havia várias. Cada uma daquelas relações tinha um tom, um ritmo e uma frequência, assuntos prediletos e tabus. Minhas amigas eram diferentes umas das outras e eu dividia com elas coisas diferentes. Cada uma era importante de maneira singular. L. quis saber mais. Como elas se chamavam, com o que trabalhavam, se moravam sozinhas ou eram casadas, tinham filhos?

Hoje, quando me esforço para relembrar essa conversa, fico tentada a pensar que L. sondava o terreno, avaliava suas chances de conquista. Mas na verdade não tenho tanta certeza de que as coisas fossem tão claras. L. tinha uma curiosidade autêntica, um interesse profundo e renovado, do qual eu não tinha motivos para desconfiar.

Raras são as pessoas que fazem as verdadeiras perguntas, aquelas que realmente importam.

*

Como a noite caíra, a garçonete havia acendido velas em todas as mesas. Mandeí uma mensagem de texto para avisar aos meus filhos que me atrasaria um pouco e que eles não precisavam me esperar para jantar.

Tudo era simples.

*

Mais tarde, enquanto eu pegava uma caneta na bolsa para anotar algo em um papel, um endereço, sem dúvida, ou o nome de uma loja, L. sorriu.

— Eu também sou canhota. Sabia que os canhotos sempre se reconhecem?

*

Naquele dia, L. não falou do meu livro nem do meu trabalho seguinte.

L. avançava a passos lentos, tinha todo o tempo do mundo.

Na época em que conheci L., eu planejava escrever um romance que teria por cenário, ou ponto de partida, um *reality show*. Fazia tempo que vinha acompanhando o fenômeno e havia coletado, nos dez anos anteriores, uma grande quantidade de informações. Em 2001, alguns meses antes de o famoso *Loft Story* surgir nas telas francesas, eu acompanhara um programa transmitido pela TF6 cuja premissa me fascinava (ele parece muito sem graça comparado ao que existe hoje): três equipes, compostas por jovens, eram trancadas em três apartamentos diferentes e completamente vazios. Os participantes tinham que disputar algumas provas e, a partir delas, era calculado o tempo de conexão à internet a que cada grupo teria acesso para mobiliar o lugar e se abastecer de comida. Pela primeira vez na França, pessoas eram filmadas vinte e quatro horas por dia por várias câmeras. Pelo que sei, *Aventures sur le Net* foi o primeiro *reality* exibido em território francês. Por uma coincidência que esqueci — ele era amigo do filho de um amigo ou algo assim —, eu havia conseguido conhecer um dos participantes do jogo. Ele me contara sobre a experiência que tinha vivido depois de sair do apartamento. Eu estava interessada no modo como aqueles jovens, depois de algumas semanas de confinamento, voltavam à vida normal. Sentia que estávamos às portas de uma revolução televisiva, mas eu estava longe de imaginar sua dimensão. E depois *Loft* fez sua entrada retumbante no cenário audiovisual e, durante alguns meses, não falamos de outra coisa. Acho que não perdi nenhum episódio da primeira temporada, exibida em horário nobre, e essa assiduidade, por fim, se tornou uma vontade de voltar a escrever.

Alguns anos depois, quando os *reality shows* já haviam superado todos os limites da inutilidade e do voyeurismo, o fascínio que eu sentia acabou mudando. Além de me interessar pelos candidatos e por seu futuro psíquico, eu queria entender como aqueles programas conseguiam caracterizar os personagens, fazê-los viver relacionamentos e situações de certa forma roteirizadas (ou recriá-las com a edição), e mesmo assim dar ao espectador uma ilusão de realidade. Como as alianças, as tensões, os conflitos — fabricados ou orquestrados por demiurgos invisíveis — endossavam uma aparência de Verdade?

Por intermédio de uma amiga, consegui entrar em contato com uma produtora que havia trabalhado em várias temporadas seguidas de um dos programas mais famosos do gênero. Ela deixara o emprego na emissora e eu torcia para que se sentisse à vontade para me contar algumas histórias. Ao telefone, ela me parecera bem disposta e havia respondido sem hesitar: — Mas é claro que fabricamos personagens! Mas o melhor é que os fabricamos com base nas pessoas que os encarnam.

*

Na época em que conheci L., fazia algum tempo que eu tomava notas em cadernos de anotações para um projeto de romance que girava em torno dessa questão ou a teria como base. Eu procurava material. Procedia quase sempre

desta maneira: primeiro pesquisava, depois escrevia (o que, claro, é pesquisar de outra forma). Era, para mim, uma fase de imersão, de impregnação, durante a qual eu reunia munção. Nessas fases de documentação, eu aguardava sobretudo o impulso, aquele que me daria vontade de inventar, escrever, que me levaria toda manhã a ficar diante de um arquivo de Word, e salvar as alterações feitas logo se tornaria uma obsessão.

Tudo era uma questão de fúria, de um clique. Depois vinha a escrita, os meses de solidão diante do computador, o combate a mãos nuas, em que apenas os mais resistentes podiam vencer.

Eu ainda tinha algumas semanas antes de ser obrigada a encontrar o tempo e o espaço mental necessários para começar o trabalho. Louise e Paul iam fazer as provas para ingressar na faculdade, eu queria ficar perto deles, estar totalmente disponível. Tinha previsto começar o novo livro no fim do verão europeu, em setembro, quando todos voltassem a trabalhar aos primeiros sinais do outono.

Claro, eu previa que não seria simples. Tinha que encontrar o caminho, as balizas imperceptíveis de minha trajetória, o fio invisível tecido de um texto a outro, que acreditamos ter nas mãos, mas que nos escapa sem parar. Tinha que abstrair tudo que havia ouvido e recebido, que fora dito e escrito, as dúvidas e apreensões. Eu sabia de tudo aquilo. Tudo aquilo, a partir dali, constituiria uma equação com várias incógnitas a que eu devia me submeter e da qual eu conhecia pelo menos a primeira linha de resolução: era preciso voltar ao silêncio, me afastar, reconstruir minha bolha.

*

Eu ainda tinha algumas semanas, não estava mais tão ocupada nem tão cansada, passava tempo em casa com meus filhos, ia ver François sempre que podia ou ele vinha me ver. As coisas seguiam seu curso. Parecia ser um intervalo: uma dessas zonas de transição, de expectativas vagas, que marcam o fim de um período para dar lugar a outro. Um desses momentos em que, por medo de um curto-circuito, cuidamos para que os eventos não se atropelam, não colidam e para que o que deve ser realizado o seja.

Eu estava ansiosa para me calar.

*

Durante esse período, se acreditar em minha agenda, vi L. várias vezes. Não me lembro exatamente de como retomamos contato. Imagino que, depois da noite no Express Bar, uma de nós tenha ligado para a outra. Acho que L. me mandou por e-mail um ou dois endereços que havíamos comentado. Ela me convidou para assistir a uma peça de teatro que estava sendo encenada havia várias semanas com ingressos esgotados e para a qual eu não conseguira lugares. Outra vez, lembro que tomamos um café em um bar da rue Servan, ela havia me ligado ao chegar à porta do meu prédio, tinha saído de uma reunião no meu bairro. Com vários gestos atenciosos, L. demonstrou sua vontade de ver nosso

relacionamento se prolongar para além daqueles primeiros encontros.

No início de maio, L. me chamou para ir ao cinema. Algum tempo antes, eu contara o quanto adorava ver filmes no meio da tarde, aquele prazer de estudante que sentia desde que havia deixado a empresa e a sensação de transgressão que me tomava ao sentar no escuro por duas horas, longe de minha mesa de trabalho. Eu adorava ir ao cinema com outras pessoas e falar do filme depois de tê-lo visto, naquele momento um pouco vago, às vezes emocionado, que se segue à projeção, mas também gostava de ir sozinha para não deixar que nada alterasse aquelas primeiras impressões, nada perturbasse aquela possibilidade de oferecer o próprio corpo em ressonância quando as luzes se acendem e os créditos passam, estar sozinha para que o momento se estenda, manter-se sentada no clima do filme, absorvendo completamente seu estado de espírito. Havíamos tido essa conversa em uma das primeiras vezes que tínhamos saído juntas. L. confessara que não suportava ir sozinha ao cinema: tinha certeza de que todos a ficavam observando. E foi inclusive por essa razão que ela me chamou para ver *17 filles* [17 garotas], o primeiro longa-metragem de Delphine e Muriel Coulin. O filme havia sido lançado pouco antes do Natal, ela não pudera vê-lo por causa de um texto urgente que tivera que entregar, por sorte ainda estava em cartaz em um cinema do Quartier Latin. Eu conhecia o trabalho literário de Delphine Coulin e tinha lido em algum lugar que ela escrevera e dirigira o filme com a irmã. Como adorava a ideia de fraternidades criativas, fiquei muito feliz em aceitar o convite.

Não acho vestígio algum desse encontro em minha agenda, sem dúvida foi algo improvisado no próprio dia, o que explica por que não o anotei. Nós nos encontramos na frente do cinema, L. tinha chegado antes e comprado os ingressos.

O filme conta a história de dezessete adolescentes de uma escola que decidem engravidar na mesma época. É inspirado em um caso que ocorreu em 2008 em Gloucester, nos Estados Unidos. As irmãs Coulin transportaram a história para uma pequena cidade da Bretanha. O filme é lindo, habitado por uma apatia ansiosa, um tipo de tédio que não tem nome, o desejo de outro lugar que nunca parece encontrar concretude. A imagem das jovens, imóveis em seus respectivos quartos, são quadros melancólicos que marcam o ritmo do filme como uma contagem regressiva. Sozinhas, elas descrevem aquele momento que não pertence mais à infância, mas tampouco à idade adulta, aquele intervalo nebuloso, incerto. Para as adolescentes, estar grávida é um ato de liberdade, a promessa de outra vida. Para além das gestações que não param de se multiplicar, o filme conta também uma história de ascensão. Pois Camille, a primeira a engravidar, é a estrela da escola. É daquelas que todos imitam cegamente, com a qual todos querem se parecer. Um desses ídolos adolescentes que todos conhecemos, que desaparecem sem que saibamos o que se tornaram.

Quando as luzes se acenderam, eu me virei para L., ela me pareceu um pouco tensa. Notei imediatamente que sua mandíbula estava rígida, uma pulsação lenta movia sua bochecha, formando às vezes um buraco, às vezes uma pequena saliência na região abaixo da orelha, enquanto o restante de seu rosto se mantinha impassível. Quando saímos do cinema, ela se ofereceu para me levar em casa. Havia ido de carro, não tinha o costume de usá-lo em Paris, mas estava voltando de uma reunião nos arredores da cidade e não tivera tempo de deixá-lo no estacionamento. Eu aceitei.

L. havia conseguido uma vaga perto do cinema, andamos em silêncio, lado a lado.

Depois de se sentar e pôr o cinto de segurança, L. baixou o vidro da janela do motorista. Primeiro parou na metade, depois deixou que deslizasse todo. O ar tomou o carro. Ela ficou parada por alguns segundos, olhando para a frente, vi sua blusa se mexer no ritmo de sua respiração. Depois de um instante, acabou dizendo: — Desculpe, não consigo dar a partida.

Com as mãos pousadas no volante, ela tentava inspirar profundamente, mas sua respiração parecia curta, travada.

— Foi o filme?

— Foi, mas não se preocupe, vai passar.

Nós esperamos. L. olhava fixamente para a rua como se o carro estivesse correndo em uma via expressa a cento e cinquenta quilômetros por hora.

Tentei entender o drama. Eu também estava sujeita àquele tipo de choque. Filmes que explodiam tardiamente, na hora dos créditos. Conhecia aquela sensação, tinha acontecido comigo algumas vezes, a ponto de ter me sentado e ficado sem me mexer na calçada (*Espantinho*, de Jerry Schatzberg) ou de não ter conseguido mais articular palavras (*Lírios d'água*, de Céline Sciamma). Eu entendia muito bem. Às vezes, um filme encontra em nós uma ressonância visceral. Para distraí-la, contei a L. sobre o dia em que vi pela primeira vez *As horas*, adaptado do romance de Michael Cunningham. Apesar de não ter derramado uma lágrima durante toda a sessão, havia desabado quando o filme terminara. A sensação viera de repente, sem prenúncios, eu começara a chorar lágrimas quentes, incapaz de sair do cinema nem de explicar o motivo da tristeza ao pai dos meus filhos, nos braços de quem eu me enterrara.

Algo em meu sistema de proteção interno havia claramente cedido.

Tentei acrescentar um toque de ironia, na esperança de distraí-la um pouco. L. me escutava com atenção, mas eu percebia que ela não podia sorrir nem concordar, todo seu corpo parecia imobilizado pela tentativa de retomar o controle.

Vários minutos se passaram em silêncio até que ela virasse a chave e outros muitos minutos até que ela começasse a acelerar o carro.

Não dissemos mais nada durante todo o trajeto da volta, eu repassei em

minha mente as cenas do filme que tinham me emocionado em busca de um indício do que podia tê-la perturbado tanto. Não sabia o suficiente sobre L. para entender qual havia sido o ponto de impacto. No entanto, lembro-me de ter pensado na personagem Florence, a jovem ruiva um pouco ingrata que, como descobrimos no início do filme, é afastada pelas outras meninas. É dela que rimos, um pouco desajeitada, um pouco ridícula, sem que ninguém saiba exatamente por que nem em que ponto se encontra esse defeito que causa a rejeição. É Florence a primeira que confia a Camille que também está grávida. A maternidade abre para ela as portas do grupo do qual era excluída, e ela inicia sem querer o movimento que se segue. Outras meninas engravidam, e mais outras. Depois, em uma cena muito cruel, as garotas descobrem que a gravidez de Florence é falsa, que tudo era apenas uma mentira para pertencer ao círculo que, diante da verdade, a expulsa de suas fronteiras, sem qualquer tipo de defesa.

*

L. parou na porta de minha casa. Sorriu e me agradeceu. Sem dúvida simplesmente com a frase “obrigada por ter ido comigo”, mas pronunciada como se eu a tivesse acompanhado a um exame doloroso no hospital ou ao anúncio de uma doença grave.

Senti uma espécie de atração por ela, uma vontade de tomá-la em meus braços.

A partir de uma intuição estranha, lembro-me de ter pensado que L. não havia sido sempre a mulher encantadora e sofisticada que se encontrava diante de mim. Algo nela, algo escondido, pouco perceptível, indicava que L. vinha de longe, de um território obscuro e abjeto, e que tinha passado por uma metamorfose fenomenal.

*

A partir daquele dia, passamos a nos ver cada vez com mais frequência.

L. morava muito perto de mim. Trabalhava em casa, decidia seus horários e como usar seu tempo. Ligava para mim porque estava passando diante de minha janela, porque lera um livro e queria falar sobre ele, porque tinha acabado de descobrir um lugar calmo para beber chá. Ela se fundiu à minha vida porque tinha liberdade de ir e vir, porque se permitia não prever e improvisar, porque lhe parecia normal dizer estou aqui embaixo, como se tivéssemos quinze anos, estou esperando você na esquina, encontre-me na padaria, no supermercado Monoprix, na estação Réaumur-Sébastopol, tenho que comprar um blazer à tarde, venha me ajudar a escolher uma luminária para meu escritório. L. adorava decidir as coisas no último instante, mudar de planos, cancelar uma reunião para prolongar o prazer de um encontro, comer uma sobremesa ou simplesmente não interromper uma conversa que lhe interessava. Cultivava uma forma de disponibilidade imediata que a tornava singular a meus olhos, eu, que havia muito tempo tentava acalmar minha ansiedade com uma preocupação

relativamente eficaz com o planejamento.

Eu admirava L. por sua capacidade de recusar obrigações, de não pensar no futuro a não ser de maneira imediata. Para ela, havia apenas o presente e o instante seguinte, nada além disso era mais importante nem mais urgente. L. não usava relógio e nunca olhava o celular para verificar a hora. Ela estava ali, por completo, e se comportava assim em qualquer circunstância. Era uma escolha, um modo de ser no mundo, uma recusa a qualquer forma de distração ou dispersão. Cheguei a passar tardes inteiras falando com L. sem que em nenhum momento ela se preocupasse com a hora e acho que, durante aqueles dois anos, nunca ouvi o toque de seu celular.

L. não adia nenhum encontro: as coisas aconteciam na hora ou não aconteciam. Vivia o *agora*, como se tudo pudesse acabar naquele mesmo dia. Nunca dizia “a gente se fala para marcar alguma coisa” ou “vamos tentar nos ver antes do fim do mês”. Estava disponível na hora, sem nenhuma espera. Não deixava nada para depois.

Eu admirava sua determinação e acho que nunca vi em mais ninguém tamanha presença imediata. Havia muito tempo que L. sabia o que era importante para ela, do que ela precisava e do que devia se proteger. Tinha feito uma espécie de triagem seletiva que permitia afirmar sem dúvida quais eram suas prioridades e os elementos de perturbação que excluía permanentemente de sua volta.

Sua maneira de viver — pelo que eu podia perceber — era como a expressão de uma força interior que poucas pessoas têm.

*

Um dia, L. me ligou às sete da manhã porque acabara de perceber que seu gravador digital estava quebrado. Tinha uma reunião às oito e meia com uma mulher da política para quem havia começado a trabalhar. Não conseguiria encontrar nenhuma loja aberta e queria saber se eu podia emprestar o meu. Nós nos encontramos meia hora depois no balcão de uma *brasserie*. Eu a vi atravessar a rua, observei seu andar estável, confiante, apesar do salto que usava, os cabelos louros presos no alto por uma presilha evidenciando o comprimento do pescoço e a elegância de seu porte, ela parecia perdida em seus pensamentos. Pôr um pé na frente do outro, claramente, era o menor de seus problemas (para mim, às vezes, isso é uma grande preocupação). Quando entrou, as cabeças se viraram na direção dela, tinha uma aparência que não podia ser ignorada. Lembro-me com exatidão desse momento porque pensei: eram sete e meia da manhã e nada nela estava fora do lugar. Nada amassado nem amarrutado, cada parte sua estava perfeitamente no lugar e, mesmo assim, L. não tinha nada de falso nem de fabricado. As bochechas estavam um pouco vermelhas por causa do frio ou de algum produto de coloração natural, os cílios levemente maquiados com rímel. Ela sorriu para mim. Uma verdadeira sensualidade emanava dela,

algo que tinha a ver com fluidez, facilidade. L. encarnava, a meu ver, uma misteriosa mistura de movimento e pompa.

Eu tinha aceitado havia muito tempo que não era uma daquelas mulheres impecáveis, incontestáveis, que sonhara ser. Em mim, algo sempre estava exagerado, apontado para o lado errado, desabando. Tinha cabelos estranhos, ao mesmo tempo lisos e crespos, era incapaz de manter o batom por mais de uma hora e sempre chegava um momento, tarde da noite, em que esfregava os olhos e me esquecia do rímel em meus cílios. A menos que tomasse um cuidado extremo, eu batia em móveis, tropeçava em degraus, desniveis, errava o andar do meu apartamento. Tinha aceitado isso e o restante. E era melhor rir.

No entanto, naquela manhã, ao vê-la chegar, achei que tinha muito a aprender com L. Se reservasse algum tempo para observá-la, talvez pudesse captar algo que sempre me havia escapado. Ao andar com ela, eu entenderia como L. conseguia ser tudo aquilo ao mesmo tempo, a graça, a segurança e a feminilidade.

Eu tinha levado dez anos para conseguir manter a postura e quase o mesmo tempo para usar salto. No fim das contas, talvez pudesse um dia me tornar aquele tipo de mulher.

Naquela manhã, L. se sentou na banquetta ao lado da minha. Usava uma saia reta, bastante justa, eu podia ver o músculo de sua coxa marcando o tecido. A meia-calça era escura e levemente brilhante. Admirei sua postura, que destacava a forma arredondada de seus seios, que eu podia imaginar sob a blusa, aquela maneira de abrir os ombros apenas o necessário para ser natural, quase despreocupada. Pensei que devia aprender a me portar daquele jeito e a cruzar as pernas também, uma posta sobre a outra apesar do pequeno espaço deixado pela saia. O corpo de L. se equilibrando na banquetta de bar era uma coreografia imóvel que não precisava de música e convocava olhares. Na ausência de predisposições favoráveis, será que aquela postura seria reproduzível?

Eram sete e meia da manhã, eu havia me contentado em tomar uma ducha e vestir uma calça jeans, um pulôver e botas de cano baixo, passara os dedos pelo cabelo para penteá-los. L. me olhou, sorriu outra vez.

— Eu sei no que está pensando. E está errada. Existe uma grande diferença entre o que você está sentindo, a maneira como se vê e a imagem que passa. Todos carregamos vestígios do olhar que foi voltado para nós quando éramos crianças ou adolescentes. Nós o carregamos, sim, como uma mancha que apenas algumas pessoas podem ver. Quando olho para você, vejo tatuada na sua pele a marca das risadas e do sarcasmo. Vejo que olhar foi voltado para você. De raiva e desconfiança. Afiado e impiedoso. É um olhar com o qual é difícil se construir. É, eu o vejo e sei de onde vem. Mas, acredite em mim, pouca gente percebe. Poucas pessoas são capazes de vê-lo. Porque você esconde isso muito bem, Delphine, muito melhor do que pensa.

L. acertava em cheio na maior parte do tempo. Mesmo que, em sua boca, as coisas costumassem parecer mais dramáticas do que eram, mesmo se tinha tendência a misturar tudo, sempre havia um fundo de verdade.

L. parecia saber tudo sobre mim, sem que eu dissesse nada.

*

Enquanto tento explicar como meu vínculo com L. surgiu, identificar as etapas dessa relação, outro momento me vem à lembrança, pois data mais ou menos da mesma época.

Tínhamos ido ver uma exposição, no dia em que o lugar abria à noite, depois havíamos pedido um *croque-monsieur* em um café perto do museu. Chovia muito, por isso esperamos que a chuva passasse. Era bem tarde quando pegamos o metrô. Estávamos sentadas lado a lado, perto da porta, nos assentos retráteis. O vagão estava cheio, mas não o bastante para nos obrigar a levantar. Um homem e uma mulher entraram. No mesmo instante, ela agarrou a barra central, bem na nossa frente. “Agarrou” foi a palavra que me veio à cabeça ao vê-la, parecia manter-se de pé com dificuldade. O homem era mais velho que ela. Não demorou a retomar o monólogo que claramente havia começado ainda na plataforma da estação, falava alto, boa parte do vagão podia ouvi-lo. A mulher mantinha a cabeça baixa, os ombros levemente arqueados. Era difícil distinguir seu rosto, mas me parecia que, por causa do ataque verbal, seu corpo se dobrava. O homem repreendia a atitude dela durante o jantar que haviam acabado de deixar. Exasperado, uma careta de desgosto nos lábios, ele ritmava as frases como se fizesse um discurso político, você se comporta como uma coitada, come como uma coitada, fala como uma coitada, você me dá vergonha (transcrevo quase palavra por palavra, acho que não me esqueci de nada, pois fiquei atordoada com a violência do homem e a humilhação pública que infligia àquela mulher). As pessoas se afastaram, algumas mudaram de lugar. O homem, em vez de suavizar a fala, continuou: — Você é a única que não se dá conta, Magali, todo mundo ficou incomodado, mas é claro, e todo mundo pensou: “O que ele está fazendo com uma mulher dessas?” Você exala mal-estar. O que quer que eu diga? Isso deixa as pessoas com medo. E nem estou falando de quando você começou a falar do seu trabalho, mas o que você acha? Que as pessoas estão interessadas na vida de uma coitada de uma professora de maternal, ninguém liga, ninguém se importa, você acha que isso interessa às pessoas?

L. olhava para o homem, mas não discretamente, de maneira furtiva, como todos fazíamos. Encarava-o de forma ostensiva, o rosto erguido para ele como no teatro. Sua mandíbula se cerrou, a pulsação voltou, abrindo intermitentemente uma pequena cavidade em sua bochecha.

— E veja como você fica de pé, não pode ser verdade isso, parece uma corcunda. Ah, mas claro, eu esqueci, é que você carrega a tristeza do mundo, Magali, erro meu, rá-rá-rá, essa piada é boa, mas, claro, é verdade, a senhorita

carrega as tristezas de toda a Terra, e Deus sabe que existem muitas: as crianças com pais imigrantes clandestinos, as que têm pais que perderam o emprego, as que têm pais malucos e por aí vai, mas, atenção, você fica tranquila todos os dias às quatro e meia, depois de um belo lanche! Já olhou para você mesma, Magali, falta só uma blusa de loja de departamento, parece uma faxineira.

Tínhamos acabado de parar na estação Arts et Métiers. L. se levantou, estava muito calma, cada um de seus movimentos parecia ter sido muito bem calculado, e se postou diante do homem, exatamente diante dele, plantou seu olhar no dele, sem uma palavra. O homem se deteve, os murmúrios em torno de nós se calaram. Um silêncio estranho invadiu o vagão. L. encarava o homem, não tirava os olhos dele, enquanto alguns passageiros entravam e saíam. O homem disse o que essa vagabunda quer, o sinal de fechamento das portas soou.

Então, com um gesto firme, de uma rapidez incrível, L. empurrou o homem para a plataforma. Ele caiu para trás, escorou-se com as mãos, as portas se fecharam antes que tivesse tempo de entender. Através do vidro, vimos seu rosto confuso, incrédulo. Ele gritou vadia e sua silhueta desapareceu.

L. se virou para a jovem, disse-lhe a frase que nunca esqueci: — Você não tem que aguentar isso, ninguém tem que aguentar isso.

Não era uma oração nem uma palavra de consolo. Era uma ordem. A mulher se sentou um pouco mais longe, tinha uma expressão de alívio. Após alguns minutos, eu a vi sorrir, perdida em seus pensamentos, depois soltou uma risada curta, seca, quase culpada. Achei que seu corpo havia voltado a ficar mais reto.

Ainda hoje é difícil explicar como nossa relação evoluiu tão rápido e de que maneira L. conseguiu, em um espaço de alguns meses, ocupar tamanho lugar em minha vida.

L. exercia sobre mim uma verdadeira fascinação.

L. me impressionava, divertia, intrigava. Intimidava.

L. tinha uma maneira singular de rir, de falar, de andar. Não parecia tentar me agradar, não parecia estar fazendo nenhum jogo. Pelo contrário, impressionava-me pela capacidade de ser ela mesma (no instante em que escrevo estas linhas, percebo a inocência delas, como eu podia saber quem L. era depois de tão pouco tempo?). Tudo nela tinha um ar de simplicidade, como se precisasse apenas bater palmas para aparecer daquela maneira, natural e perfeitamente adaptada. Quando deixava L. depois de passar certo tempo ou ter uma longa conversa ao telefone com ela, eu costumava continuar sob sua influência. L. exercia em mim uma suave dominação, íntima e perturbadora, da qual eu ignorava as causas e as consequências.

*

Algumas semanas depois de nosso primeiro encontro, L. estabeleceu uma frequência de contato entre nós que eu não tinha com nenhuma outra amiga. Pelo menos uma vez por dia, de uma forma ou de outra, ela falava comigo. Mandava uma mensagem motivacional de manhã, um pensamento do dia à tarde, um texto minúsculo escrito especialmente para mim (em algumas palavras, L. tinha a capacidade de contar uma anedota que havia acontecido ou descrever uma pessoa que tinha acabado de encontrar). Ela me mandava fotos tiradas aqui e ali, instantâneos incomuns e incongruentes, mais ou menos ligados às nossas conversas ou a situações que tínhamos vivido juntas: um homem em um trem, imerso na tradução para o chinês de meu último livro, um cartaz de um show de La Grande Sophie, cujas músicas eu dissera que amava, a propaganda de uma nova barra de chocolate amargo de minha marca preferida. L. expressava sem rodeios seu desejo de manter contato comigo. De se tornar minha amiga.

Sem me dar conta, comecei a esperar essas mensagens. E esses telefonemas. Passei a ligar para ela com mais frequência, para contar coisas sem importância. Começamos a trocar e-mails.

Não percebi na época a que ponto L. reavivava a saudade dos meus anos pós-adolescência, o momento em que entrei na idade adulta, em que tive consciência da força vital que possuía. L. reavivava o vigor todo-poderoso dos meus dezessete anos, a energia incrível que me animara durante alguns meses, antes que eu sentisse medo, angústia e culpa. L. reavivava aquele momento preciso de minha vida, meu retorno a Paris depois de quatro anos na casa de meu pai, minhas primeiras conversas estudantis nos cafés da rue de Rome, as sessões de cinema no Quartier Latin, meu encontro com Coline, nossas brincadeiras no metrô, a

língua cheia de consoantes eslavas que inventamos, as conversas silenciosas que circulavam de uma para a outra durante as aulas, escritas da direita para a esquerda em homenagem a Abel Tiffauges, legíveis pela transparência do papel ou no espelho. Um fio contínuo, interminável, que mantinha o contato. Uma maneira de compartilhar tudo: o medo e o desejo.

L. reavivava isto: essa maneira exclusiva e imperativa de estar ligada a outra pessoa que podemos viver aos dezessete anos.

*

No entanto, o relacionamento que se instaurou entre mim e L., intenso e regular, se adaptou bastante bem aos parâmetros adultos de minha existência. Por exemplo, por mais que fizesse poucas perguntas sobre François, ela havia entendido perfeitamente a maneira como vivíamos e o ritmo de nossos encontros. Conhecia minha rotina, sabia que certos dias eram reservados a ele. Além disso, L. logo se interessou por meus filhos. Sem dúvida percebeu que essa atitude daria a ela acesso privilegiado à minha intimidade, que era, inclusive, uma condição necessária para o aprofundamento de nossa relação. L. perguntava sempre sobre Louise e Paul, pedia que eu descrevesse suas personalidades ou contasse histórias da infância deles. Cheguei a pensar que L. queria recuperar o tempo perdido, um tempo que não havia conhecido. Mas ela acompanhava com o mesmo interesse o período que viviam: estavam confiantes com a chegada das provas para a universidade? Já haviam decidido que caminho seguir?

L. me mostrou um ou dois textos que falavam da profissão que interessava a Paul, e me mandou diversas informações sobre a Escola Nacional de Aviação Civil, instituição em que minha filha queria estudar. Depois, enviou por e-mail uma documentação muito completa sobre artesanato e belas-artes, assim como uma classificação dos melhores cursinhos.

Devo admitir que a curiosidade que L. logo demonstrou em relação aos meus filhos primeiro me surpreendeu. Depois, senti que essa perplexidade vinha de um preconceito estúpido: por que uma mulher que não tinha filhos não podia se interessar pelos dos outros? A verdade é que a capacidade que L. tinha de escutar era inigualável quando o assunto eram minhas preocupações de mãe. O fato de Louise e Paul serem gêmeos, o medo que sentiam por ter que se separar, a necessidade que sem dúvida tinham de passar por aquilo, suas respectivas escolhas, os procedimentos administrativos, os documentos a reunir, as cartas de motivação, a escolha do curso no misterioso formulário digital pós-provas, à disposição dos alunos, e depois a espera... Tantas etapas que L. compartilhou comigo como se aquilo a envolvesse completamente.

L. fazia perguntas, pedia novidades, às vezes dava conselhos.

*

Hoje eu poderia ficar tentada a dizer que L. não se interessava por Louise e

Paul, mas pelo espaço que eles ocupavam em minha vida: a clara influência deles em meu humor, meu sono, minha disponibilidade. Hoje, seria fácil escrever que L. se interessava por mim como mãe pelo fato de se interessar por mim como escritora. Ela não levou muito tempo para entender que esses dois aspectos de minha personalidade não podiam ser dissociados. Até que ponto Louise e Paul eram capazes de parasitar, perturbar, impedir ou, pelo contrário, favorecer minha escrita, era sem dúvida isso que L. queria mensurar. Além disso, os estudos que cada um deles havia escolhido provavelmente os fariam deixar Paris, um iria para o interior da França, outro para o exterior. Hoje, seria fácil pensar que L. se alegrava com a partida deles, prevista para setembro. Mas sei que é injusto, que não é tão simples. Na verdade, nada com L. foi tão simples assim. Pensando em retrospecto, acho que o interesse que L. demonstrava por meus filhos era mais profundo e mais complexo do que tudo isso. Ela sentia uma verdadeira fascinação por mães em geral e, em especial, pela mãe que eu era. L. adorava me ouvir falar de meus filhos, tenho certeza, as lembranças de seus primeiros anos, a maneira como haviam crescido, as preocupações da adolescência. Queria detalhes, divertia-se com nossa pequena mitologia familiar. A distância, devo dizer que ela entendia meus filhos de uma maneira impressionante. Cheguei a falar várias vezes de uma preocupação, de uma briga, de uma incompreensão entre os dois ou entre mim e meus filhos, e ela percebeu na hora o problema e me ajudou a resolvê-lo. No entanto, L. nunca sentiu necessidade de conhecê-los. Eu diria até que evitou todas as circunstâncias propícias a esse encontro. Não ia comigo ao cinema quando eu ia com eles e, sempre que eu a chamava para me encontrar em algum lugar, ela se informava para saber se eu estava sozinha. Do mesmo modo, nunca passava em minha casa quando sabia que meus filhos estavam e, na dúvida, não corria esse risco.

Precisei de certo tempo para me dar conta disso.

Acabei achando que era uma questão de pudor ou uma maneira de preservar uma emoção que ela temia não poder enfrentar. Acabei achando que a questão da maternidade era mais dolorosa do que ela queria admitir.

*

Em alguns meses, acho que L. conseguiu ter uma visão geral bastante correta do meu estilo de vida: minhas prioridades, o tempo que dedicava a cada um, a fragilidade de meu sono.

Quando analiso a história, vejo que L. rapidamente se tornou uma pessoa-recurso: alguém confiável, de uma rara disponibilidade, com a qual eu podia contar. Alguém que se preocupava comigo, que oferecia seu tempo como nenhum adulto que eu conhecia.

L. era uma mulher generosa, engraçada e singular, que eu havia conhecido em uma festa à noite. Foi, inclusive, nesses termos que falei dela para François pela primeira vez.

François conhecia minha dificuldade de deixar as pessoas irem embora, de me contentar em cruzar com elas, essa necessidade que tenho de saber o que acontece com elas, essa recusa em perdê-las por completo. E também ironizou com gentileza:

— Como se você não tivesse amigos suficientes...

*

Em uma noite de junho, L. me mandou a foto de um grafite gigantesco, vermelho e preto, que vira em um muro sujo do décimo terceiro *arrondissement*. À altura dos olhos, alguém havia escrito: WRITE YOURSELF, YOU WILL SURVIVE.

Sempre gostei de observar as mulheres. No metrô, nas lojas, na rua. Também gosto de observá-las no cinema, na televisão, adoro vê-las brincar, dançar, ouvi-las rir ou cantar.

Acho que esse interesse tem a ver com a infância, está intimamente ligado a ela. É uma extensão das brincadeiras que fazia quando pequena com algumas amigas, quando bastava inventar um novo nome para me transformar. Dizíamos que você iria se chamar Sabrina e eu, Johanna. Ou talvez o contrário. Eu seria uma princesa linda, com laços como os da boneca Candy e covinhas irresistíveis, seria uma jovem atriz de extremo talento, como Jodie Foster em *Quando as metralhadoras cospem*, teria cabelos louros e pele de porcelana, seria Christine Rosenthal dançando *Belinda* no espetáculo de fim de ano da escola de ensino fundamental de Yerres, seria Christelle Portal ou Isabelle François, as estrelas do ensino médio de L'Aigle, morenas e magnéticas, seria a única menina de um grupo de garotos que só teriam olhos para mim, seria uma criatura magnífica de cabelos longos e lisos, seios macios como veludo.

Seria outra pessoa.

L. reavivava essa esperança nunca saciada de ser mais bonita, mais espirituosa, mais confiante, de ser, em suma, outra pessoa, como naquela música de Catherine Lara que eu escutava sem parar quando era adolescente: *fatal, fatal, eu queria ser uma daquelas mulheres que todos disputam, loucos de amor, apaixonados...*

*

Ainda hoje, mesmo que, com o tempo, tenha me acomodado pouco a pouco à minha imagem de modo geral, mesmo que pareça viver em paz e até em harmonia com quem sou, mesmo que não sinta mais a necessidade urgente de trocar tudo ou parte de mim mesma por um modelo mais atraente, acho que guardei esse olhar sobre as mulheres: uma reminiscência do desejo de ser outra que por tanto tempo me habitou. Um olhar que busca em cada uma das mulheres com quem cruzo o que ela tem de mais bonito, de mais secreto, de mais luminoso. Contudo, pelo menos até agora, meu desejo sexual se voltou para os homens. A onda, o arrepio, o calor no baixo-ventre, nas coxas, a falta de ar, o corpo em estado de alerta, a eletricidade na pele, tudo isso, apenas ao entrar em contato com um homem.

*

No entanto, um dia, alguns anos atrás, acho que senti por uma mulher algo que circulava em meu sangue, que podia atravessar a epiderme. Fui convidada para um festival estrangeiro por causa da tradução de um dos meus livros. Em uma sala escura e com ar-condicionado, enquanto um calor arrasador dominava o exterior, respondi às perguntas de leitores. Depois de minha fala, ouvi essa mulher contar sobre seu último romance. Eu havia lido vários de seus livros, mas nunca a encontrara. Ela era brilhante, engraçada, espirituosa. Seu discurso foi

uma sucessão de piruetas, contratempos e digressões, a sala ficou enfeitada e eu também, ela brincava com as palavras e sua polissemia, ela se divertia. A plateia, os risos, a atenção voltada para ela, tudo aquilo parecia um jogo, como se, no fundo, nada daquele folclore (do escritor diante de seu público) devesse ser levado a sério. Ela era bonita de uma maneira masculina, isso não tinha nada a ver com seus traços, e sim com sua postura, mas eu não conseguia identificar com exatidão onde isso ganhava corpo, essa atração estranha que ela exercia em mim. Havia algo extremamente feminino em sua maneira de assumir o masculino, de adotar as regras, de distorcê-las.

Naquela mesma noite, tomamos um drinque juntas, perto do porto.

Mais cedo, enquanto ainda estávamos com o grupo (constituído por uma dezena de escritores e organizadores do festival), ela falara de si, de sua paixão por carros e velocidade, do gosto pelo vinho, das aulas que dava na universidade. Senti uma vontade repentina de que ela se interessasse por mim, que me propusesse fugir dali, que me distinguisse entre os outros. Que me escolhesse. E foi exatamente o que aconteceu.

Eu me encontrava sentada diante dela na noite quente. Apesar de estarmos mais ou menos com a mesma idade, eu tinha a impressão de ser uma garota desajeitada, e ela era superior a mim em tudo. A inteligência, a linguagem, a voz, tudo me fascinava. Lembro-me de que falamos da cidade em que ela morava, da beleza dos aeroportos, da maneira como os livros continuavam vivendo em nossas lembranças, apesar do esquecimento. Lembro-me de ter falado do suicídio de minha mãe, que acontecera alguns meses antes, e das perguntas que ainda me assombravam.

Pela primeira vez, tive vontade de me deitar ao lado de uma mulher, de entrar em contato com sua pele. De dormir em seus braços. Pela primeira vez achei que era possível, que isso podia acontecer: desejar o corpo de uma mulher.

Voltamos para o hotel a pé, tarde da noite. No corredor, nós nos separamos sem hesitação, foi algo claro, límpido, cada uma em seu quarto. Já pensei muitas vezes nela, nunca mais a vi.

*

Será que L. foi para mim um objeto de desejo? Levando em conta a maneira como nos conhecemos e a rapidez com que ela adquiriu um lugar tão importante em minha vida, eu, claro, me fiz essa pergunta. E a resposta é sim. Sim, ainda hoje, eu seria capaz de descrever com precisão o corpo de L., o comprimento de suas mãos, a mecha de cabelo que ela colocava atrás da orelha, o tom de sua pele. A maciez dos cabelos, o sorriso. Eu quis ser L., ser como ela. Desejei parecer com ela. Cheguei a ter vontade de acariciar seu rosto, de tomá-la em meus braços. Adorava seu perfume.

Não sei o quanto de desejo sexual havia nisso tudo, talvez isso nunca tenha sido algo consciente.

No dia do resultado das provas para a universidade, L. foi a primeira a me ligar para saber se Louise e Paul haviam passado no vestibular. Tínhamos decidido comemorar a conquista de meus filhos em nossa casa, naquela noite, com amigos, uma pequena festa que seria íntima e alegre, antes que eles saíssem com os amigos, provavelmente noite adentro. Convidei L., assim poderia enfim conhecê-los, e também François, que ela nunca vira. Depois de um curto instante de hesitação, L. se entusiasmou, mas claro, era uma ótima ideia, o que ela podia levar: um vinho, um aperitivo, uma sobremesa?

*

Durante a festa, L. deixou uma mensagem na caixa postal dizendo que não iria, que sentia muito, mas estava com muita dor nas costas e temia que fosse um sintoma prévio de uma cólica renal, isso infelizmente acontecia com frequência, ela preferia ficar em casa e descansar.

Liguei no dia seguinte para saber como ela estava. Achava que tinha conseguido evitar a crise, mas se sentia cansada. Como sempre, não tardou a retomar a dianteira no interrogatório: como fora a noite, Louise e Paul estavam felizes, orgulhosos, aliviados? Tinham saído depois com os amigos? E eu, com tudo aquilo, como estava me sentindo? Ela imaginava que devia ser uma etapa estranha para uma mãe, comemorar o fato de os filhos terem passado no vestibular e em breve seus dezoito anos, preparar-se para deixá-los ir embora, ficar feliz pela vitória deles e por terem conseguido entrar na faculdade que queriam, mas tudo aquilo significava ao mesmo tempo que logo eu estaria sozinha, não era? Como estava vivendo aquele momento? Não estava passando rápido demais, não parecia ter chegado de uma vez só, sem avisar, mesmo que dezoito anos tivessem passado desde o nascimento de meus filhos? Aquilo tudo não era simplesmente assustador?

Mais uma vez, L. formulava as coisas exatamente como eu teria feito: aquela sensação de querer parar o tempo, a luta vã para que o relógio pare um instante ou para que as horas se estendam, ao menos um pouquinho, e aquela incredulidade por ter chegado ali.

L. tinha razão. Era doloroso e maravilhoso. Tinha acontecido de uma vez só. Era vertiginoso. Restavam-me centenas de imagens e sensações que eu não queria perder, lembranças frágeis, já alteradas, que tinha que preservar.

*

E, além disso, ainda havia aquela pergunta que às vezes me vinha à mente quando tentava associar duas imagens: Louise e Paul no instante de seu nascimento (dois seres minúsculos, nascidos de uma cesariana, com três minutos de intervalo, que mal pesavam cinco quilos juntos) e Louise e Paul naquele momento (dois jovens de constituição forte, que mediam, respectivamente, um e setenta e oito e um e noventa e cinco de altura). Aquela pergunta que às vezes eu formulava em voz alta, quando os observava de manhã na cozinha, aquela

pergunta que expressava meu espanto, sim, era a palavra certa, como se o tempo que separava as duas imagens não tivesse existido: — Mas o que foi que aconteceu?

Na primeira vez que L. me perguntou sobre o que eu estava me preparando para escrever, senti que, finalmente, chegávamos às vias de fato. Não sei por que pensei naquilo de maneira tão imediata: tudo que havia acontecido antes entre mim e ela servira apenas para chegar ali, naquele exato instante. L. tinha acabado de baixar as cartas para mostrar seu jogo.

Eu estava sentada ao balcão, ela de pé, diante de mim, a cozinha se abria para a sala, um aroma de carne ensopada invadia pouco a pouco o espaço. L. cortava os legumes e nós tomávamos uma taça de vinho tinto como aperitivo.

Ela fez a pergunta de maneira abrupta, inesperada, sem que nada anterior pudesse justificar sua interrupção, falávamos de algo totalmente diferente e de repente L. me perguntou: — O que você vai escrever agora?

*

Havia alguns meses, leitores, amigos, pessoas que encontrava aqui e ali me perguntavam sobre o depois. A pergunta em geral era formulada nos seguintes termos: “O que você vai escrever *depois disso?*” Às vezes adquiria contornos mais gerais: “Mas o que *alguém* pode escrever *depois disso?*” Nesse caso, parecia que a pergunta já continha a resposta: *depois disso*, não havia nada, todos já sabiam de antemão. Eu abrira a caixa-preta, dilapidara o estoque, não havia mais nada na loja. Independentemente do que fosse, a pergunta não era neutra. Parecia abrigar uma ameaça confusa, um aviso.

Talvez eu fosse a única a ignorar o que todos sabiam. O livro era uma conclusão, um fim em si. Ou talvez um limite intransponível, um ponto além do qual *ninguém* podia ir, pelo menos não eu. Depois, não haveria nada. A famosa história da barreira, do limite da incompetência. Era isso que a pergunta significava. Mas talvez fosse uma interpretação errada de minha parte, uma elucubração paranoica. A pergunta era tão simples quanto parecia, não continha nenhum subentendido, nenhuma suposição. No entanto, aos poucos, diante de sua repetição, a ideia aterrorizante de que, sem saber, eu havia escrito meu último livro se impôs. Um livro após o qual não havia nada, além do qual nada podia ser escrito. O livro que havia fechado as portas, rompido a alquimia, acabado com a energia.

Durante alguns encontros com leitores, aos quais às vezes assistia, minha editora percebera como a recorrência dessa pergunta me desestabilizava. Por várias vezes, diante dela, eu me segurei para não ceder ao pânico e responder: nada, nada mesmo, senhora, depois disso *ninguém* pode escrever mais nada, nem uma linha, nem uma palavra, vamos acabar com isso de uma vez por todas, você tem razão, é, senhor, estourei como uma lâmpada, queimei todos os meus cartuchos, observem este montinho de cinzas a seus pés, estou morta porque esgotei tudo.

*

A pergunta de L. não era exatamente a mesma. Ela não havia dito *depois*,

dissera *agora*.

O que eu ia escrever agora.

O grande salto, o salto mortal, o salto no vazio, a hora da verdade (essas expressões vinham à minha mente em sequência, enquanto L. picava os legumes com uma determinação inquietante) viria *agora*.

François havia acabado de ir para os Estados Unidos para gravar uma série de documentários sobre escritores americanos, e Louise e Paul estavam passando o fim de semana na casa do pai. L. tinha me convidado para jantar na casa dela. Era a primeira vez que uma recebia a outra assim, em casa, de maneira um pouco cerimoniosa e organizada com antecedência. Era também a primeira vez que eu ia à casa dela, e havia tido a curiosa impressão, ao chegar ao apartamento, de estar entrando no cenário de um filme. Tudo parecia novo, entregue naquela manhã. Eu havia pensado nisso, depois L. servira uma taça de vinho, e a impressão tinha se dissipado.

Terminei meu vinho e comecei a contar a L. sobre meu projeto a respeito de *reality shows*. As coisas estavam se definindo, eu tinha na cabeça havia algumas semanas uma personagem feminina sobre a qual fazia bastante anotações (eu a havia desenhado na primeira página do pequeno caderno que não saía do fundo de minha bolsa). Minha futura heroína era a estrela de um programa de grande audiência, uma jovem de vinte e cinco anos, totalmente fabricada, paparicada e superexposta. Uma personagem que ficava entre Loana de *Loft Story* e Truman Burbank de *O show de Truman*.

Ao falar sobre meu projeto e tentar explicá-lo, não demorei a notar a decepção dela, ou melhor, sua contrariedade. Eu a senti na maneira como L. aumentou a velocidade do corte. Depois dos alhos-porós, ela agora atacava as cenouras, o rosto inclinado acima da tábua, os gestos rápidos, precisos, escutando com atenção, mas não olhava para mim.

Quando terminei de explicar as linhas gerais de minha ideia, ela esperou um instante antes de falar.

Repito aqui a conversa que tive com L. Eu a anotei na mesma noite, logo que entrei em casa. Parecia impossível dormir. Em um caderno, encontrado em uma caixa de materiais escolares, tentei reconstituir a conversa nos mínimos detalhes, sem dúvida para afastá-la, mantê-la fora de mim. Talvez já pressentisse que aquelas palavras continham um efeito retardado e que ele agiria por difusão lenta. Lembro-me de ter tido medo de esquecê-la e de ela agir contra minha vontade.

Nos primeiros meses de nosso relacionamento, continuei a anotar nossas conversas e os monólogos de L. nesse caderno. Até o dia em que não pude escrever mais nada, mas vou voltar a isso.

L. ergueu os olhos para mim, senti que tentava controlar o timbre de voz, ou mais, o ritmo de sua fala: — Eu não imaginei nem por um segundo que você

estava pensando em escrever uma coisa assim. Tinha lido um artigo no *Le Monde des Livres* em que você falava de um livro-fantasma, ainda mais pessoal, ao qual acabaria chegando. Um livro subentendido, escondido dentro desse.

Eu sabia exatamente de que entrevista ela estava falando. Fingi não lembrar direito.

— É mesmo? Eu disse isso?

— Disse. Você falava de uma trajetória que passava por diversos pontos e que, a partir de agora, seria difícil voltar à ficção. Li seu último livro com essa ideia, de que ele continha outro, ainda mais importante e perigoso.

Comecei a ficar com calor.

Expliquei a L. que tinha me enganado. Respondera a essa entrevista várias semanas antes do lançamento do livro. Estava longe de imaginar o que ia acontecer, o que a obra ia provocar. Achava que havia previsto as consequências, mas estava longe disso. Não tinha força para aquilo. Não estava à altura, só isso. Era por isso que agora, pelo contrário, eu queria voltar à ficção, contar uma história, inventar personagens, não ter nenhuma conta a prestar com a realidade.

— Então é uma questão de conforto?

Ela não disfarçava seu aborrecimento. Fui pega de surpresa.

— É, é uma questão de conforto, de certa forma, para mim e para os outros. Uma posição sustentável, suportável, que permite...

— As pessoas não estão nem aí. Elas já têm sua dose de fábulas e de personagens, estão fartas de peripécias, de reviravoltas. As pessoas estão cansadas das intrigas bem-engendradas, das problemáticas hábeis e de seus desfechos. Estão cansadas de encantadores e farsantes que produzem milhares de histórias como se fossem pãezinhos, para conseguir vender livros, carros e iogurtes. Histórias produzidas em grande número e declináveis ao infinito. Os leitores, pode acreditar em mim, esperam outra coisa da literatura e têm motivo para isso: esperam a Verdade, o autêntico, querem que alguém fale sobre a vida, entendeu? A literatura não pode se enganar quanto ao seu território.

Pensei por um instante antes de responder.

— Que a vida que contamos nos livros seja verdadeira ou falsa é tão importante assim?

— É, é importante. É importante que seja verdade.

— Mas quem pode saber se é? As pessoas, como está dizendo, talvez só precisem que a história soe certa. Como uma nota musical. Aliás, talvez seja este o mistério da escrita: ela é certa ou não é. Acho que as pessoas sabem que nada do que escrevemos é realmente estranho a nós. Sabem que sempre existe um fio, um motivo, uma falha, que nos liga ao texto. Mas aceitam que a gente transponha, condense, desloque, transvista. E que invente.

Era o que eu achava. Ou era algo em que queria acreditar. Eu tinha uma boa posição para saber a que ponto *as pessoas*, ou pelo menos alguns leitores,

gostavam da Verdade, tentavam distingui-la da fantasia, buscavam-na de livro em livro. Quantos deles tinham tentado saber, em meus romances precedentes, o que era autobiográfico? A parte vivida? Quantos deles haviam me perguntado se eu realmente morara na rua, se tivera uma paixão fantasiosa por um apresentador de TV egocêntrico e mentiroso, se tinha sido vítima de assédio moral? Quantos deles haviam me perguntado depois da leitura de meu último romance: “É *tudo* verdade?”

Mas eu preferia acreditar em outra coisa: o encontro com um livro — o encontro íntimo, visceral, emocional, estético com um livro — acontecia em outro sentido.

Senti que L. tinha sido tomada por uma raiva surda, brutal.

— Então seu último romance é só uma história como outra qualquer? Não tem importância? Você acha que fez o bastante para que a verdade fosse dita? E agora que desviou um pouco do seu caminho e quase se deu mal, você se sente autorizada a voltar para sua zona de conforto?

Senti seu olhar indignado sobre mim, apontado como uma arma. Comecei a me sentir culpada por algo que não existia, do qual eu não havia escrito nem uma linha, não fazia sentido.

— Mas não há verdade. A verdade não existe. Meu último romance era só uma tentativa desajeitada e não realizada de me aproximar de algo fugidivo. Uma maneira de contar uma história, através de um prisma deformador, um prisma de dor, de arrependimentos, de negação. E de amor também. Você sabe bem disso tudo. Quando ocultamos certas coisas, estendemos, recortamos, preenchemos buracos, fazemos ficção. Eu estava em busca da verdade, sim, você tem razão. Confrontei fontes, pontos de vista, narrativas. Mas toda escrita de si é um romance. A narrativa é uma ilusão. Ela não existe. Nenhum livro devia ser autorizado a se apropriar dessa definição.

L. não disse mais nada.

Pensei por um instante em citar a famosa frase de Jules Renard (“quando uma verdade tem mais de cinco linhas, é um romance”), mas me detive. L. não era do tipo que se deixava impressionar por uma citação fora de contexto. Ela encheu nossas taças de vinho e depois se aproximou de mim.

— Não estou falando do resultado. Estou falando da intenção. Do impulso. A escrita deve ser uma busca pela verdade, senão ela não é nada. Se, por meio da escrita, não procurarmos nos conhecer, vasculhar o que nos habita, o que nos constitui, abrir feridas, coçar, cavar com as próprias mãos, se não questionarmos nossa própria pessoa, nossa origem, nosso meio, ela não faz sentido. Não há escrita senão a escrita de si. O restante não conta. Foi por isso que seu livro teve tamanha repercussão. Você deixou o território romanesco, largou o artifício, a mentira, os fingimentos. Voltou à Verdade e os seus leitores não se enganaram. Esperam agora que você persevere, que vá mais longe. Querem o que está

escondido, disfarçado. Querem que você diga o que sempre tentou contornar. Querem saber do que você é feita, de onde você vem. Que violência provocou a escritora que você é. Não são idiotas. Você ergueu apenas um dos seus véus e eles sabem disso. Se agora vai recomeçar a escrever historinhas de moradores de rua ou de altos executivos deprimidos, era melhor ter ficado na sua empresa de marketing.

Fiquei abismada.

Naquela briga, perdi minha fala, a respiração ficou curta, o cérebro deixou de ser irrigado, fui incapaz de enunciar uma sucessão de argumentos coerentes. Defendi-me de maneira ridícula, retificando um detalhe como se fosse a parte essencial.

— Eu trabalhava em uma empresa de análise social, não de marketing. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Eu teria explicado a L. o que fazia antes, de modo a nos distrair do assunto, mas ela pousou a faca e saiu da cozinha. Ausentou-se por alguns minutos, ouvi a água correr no banheiro.

Quando voltou, parecia ter chorado.

Mas aquilo não fazia sentido algum. Por que L. estaria preocupada a esse ponto com meu próximo livro? Ela reaplicara um pouco de blush nas maçãs do rosto e prendera os cabelos. Tinha posto um colete sobre a camisa. Falei com gentileza, para tentar acalmá-la: — Olha, a ficção, a autoficção, a autobiografia, para mim, nunca são uma forma de tomar partido, uma reivindicação, nem mesmo uma intenção. São eventualmente um resultado. Na verdade, acho que não vejo as fronteiras de maneira tão clara assim. Meus livros de ficção são tão pessoais, íntimos, quanto os outros. Às vezes precisamos transverter para explorar o material. O importante é a autenticidade do gesto, quero dizer a necessidade, sua falta de planejamento.

Eu não encontrava as palavras certas. Diante de L., tinha consciência de estar demonstrando uma inocência lamentável. Estava perturbada. Preferiria ter ido mais longe, me defendido. Mas, naquele cara a cara, alguma coisa acontecia e me privava de minhas defesas.

Depois de um breve silêncio, ela acrescentou: — Não estou falando disso. É você que está. Não ligo para os códigos, pactos, etiquetas. Estou falando do gesto. Do que prende você à sua mesa. Estou falando do motivo pelo qual você fica grudada à sua cadeira, como um cachorro, durante dias e dias, apesar de ninguém obrigá-la.

— E daí?

— Bom, isso você não pode ignorar.

*

Eu não sabia mais o que dizer.

Não sabia mais do que estávamos falando, nem como aquilo começara.

L. voltou a preparar o jantar. Eu a observei enquanto ela enxugava os legumes que acabara de lavar. Senti que fazia um esforço enorme para reduzir a velocidade de seus gestos, reencontrar o ritmo que indicaria que estava calma e que tudo aquilo não tinha importância alguma. Observei L., a rapidez de seus deslocamentos em um espaço relativamente estreito, a maneira de se mover em torno do balcão, de abrir os armários, de esbarrar nos objetos, nos cantos, nas bordas, uma forma de pressa sem motivo, de impaciência. Ela jogou os legumes no óleo fervente da panela wok.

Pegou a faca que havia usado para cortar, colocou-a sob a água, com cuidado, passou a esponja cheia de sabão beirando a lâmina, e depois a enxugou suavemente com um pano de prato. Guardou a faca em uma gaveta e tirou um pacote de castanhas-de-caju que despejou em uma pequena tigela. Sem olhar para mim, continuou: — Eu sei qual é seu livro secreto. Sei desde o início. Entendi na primeira vez que vi você. Você o carrega. Nós carregamos isso em nós. Você e eu. Se não escrevê-lo, é ele que vai pegar você.

No dia seguinte a esse jantar, não tive notícias de L.

Durante alguns dias, ela desapareceu de minha vida, criando assim um tipo de descontinuidade, de vazio, para o qual eu não estava preparada.

Eu sentia falta de L. Acho que pensei, mesmo que não fizesse sentido algum, que ela estava me punindo. Tentei ligar várias vezes, mandei uma ou duas mensagens, às quais ela não respondeu.

No fim de semana seguinte, Louise e Paul viajaram de férias com seus respectivos amigos. Paul ia acampar na Bretanha, Louise tinha sido convidada a ir para o Sul. Na mesma noite, um entregador me trouxe um magnífico buquê de flores acompanhado por um bilhete de L., do qual esqueci os termos exatos. Basicamente, pedia desculpas por ter se deixado levar, arrepentia-se da veemência da discussão. Mandeí uma mensagem de texto para tranquilizá-la.

Estava sozinha em Paris e esperava com impaciência a volta de François, que planejara ficar duas semanas na França antes de voltar a viajar, por um longo período, para os Estados Unidos. Eu sabia o quanto aquela série de documentários era importante para ele, o quanto ele sonhara com ela. Tínhamos conversado sobre os longos períodos que ficaríamos separados. Eu o havia incentivado a ir. François nunca questionava o tempo que eu dedicava à escrita nem meu estilo de vida.

*

Quando ele voltou, imediatamente fomos para a casa de campo.

Ao longo dos anos anteriores, enquanto convites diversos se multiplicavam, em um movimento de retração inversamente proporcional, François pouco a pouco se fechava, de certa forma, em suas terras, naquele lugar que escolhera como ponto de ancoragem nos muros lisos e escorregadios do mundo.

No dia em que conheci François, enquanto bebíamos uma margarita, apoiados no balcão do bar de uma boate do interior, ele me falou da casa, não muito longe de Paris, que se encontrava em plena obra. Explicou-me a que ponto estava se tornando necessária, vital até, a possibilidade de estar em silêncio, de se afastar. Eu respondi, sem cuidado, que detestava o campo. Não tinha nada a ver com a natureza, eu não tinha nada contra, era outra coisa. O campo, para mim, era sinônimo de isolamento, continha uma noção inerente de perigo. O campo era associado ao medo e a certa ideia de confinamento.

Não me lembro de nada dessa conversa, mas François me contou muito tempo depois a que ponto minhas ideias o desestabilizaram. Tínhamos entrado claramente em um processo de sedução e ele nunca havia visto aquilo, alguém que dava um tiro no próprio pé daquele jeito, bem no início do jogo, que não respeitava as regras, que não buscava coincidências nem pontos em comum, pelo contrário, enfatizava os antagonismos e as incompatibilidades. Conseguimos, apesar de tudo, encontrar um território comum quando falamos das músicas que escutávamos na época da Hit FM (listamos um certo número de canções e isso

nos divertiu, essa cultura comum de hits de verão).

Eu poderia contar sobre a primeira vez que fui a Courseilles, quase três anos depois dessa primeira conversa, e o estranho caminho que, por fim, me levou àquele homem (e ele a mim), como inclusive contei a L., a pedido dela, pouco tempo depois de nos conhecermos. L. nunca escondeu que achava nossa associação estranha, acho que até usou essa palavra (não disse: “seu namoro” ou “o casal que vocês formam” ou “seu amor”), em suas palavras éramos claramente como água e óleo. L. sempre me pareceu intrigada a respeito da relação que François e eu mantínhamos e demonstrava certa perplexidade. Não era a única. Eu mesma levei certo tempo para entender e sem dúvida admitir que, para além dos meus preconceitos, tínhamos muito em comum. Primeiro me detive em enumerar o que nos opunha, distinguia, confortando-me com a ideia de que nossos universos não tinham interseção — e, se tinham, era fortuita e provisória. Depois, quando passei a conhecê-lo, quando por fim entendi quem era aquele homem, o que o motivava, de onde vinham sua energia e suas falhas, quando fui capaz de ver por trás da máscara, às vezes aberta e educada, às vezes arrogante e distante, que ele apresentava ao mundo, entendi que o amor podia nascer de nosso encontro e parei de ter medo.

*

Enquanto estava em Courseilles, L. acabou me ligando. Fiquei feliz em ouvir sua voz. Ela se comportou como se nada obscuro tivesse se instalado entre nós, quis saber das novidades, garantir que eu estava realmente descansando, aqueles últimos meses tinham sido tão carregados de emoção, era normal e até desejável que eu me desse um pouco de descanso, que fizesse uma pausa. Fiquei bastante tempo ao telefone com ela, lembro-me disso porque o vento não soprava na melhor direção e tive que ir para o fundo do jardim e me empoleirar em um montinho de terra, ou seja, no único lugar em que o sinal telefônico é mais ou menos constante quando o vento sopra do norte. Lembro que a ligação me emocionou, me deixou tranquila. L. pensava em mim. Mais uma vez, melhor do que ninguém, L. parecia entender o que o período que tinha acabado representava para mim, a energia que ele exigira, as dúvidas que haviam surgido, a ambivalência de meus sentimentos, a sensação de plenitude e a de vazio, intimamente misturadas. Mais uma vez, pareceu-me que apenas L. sabia como eu estava, mesmo a distância. Pois ela havia percebido a estranha coincidência de dois momentos: o último livro que tinha me superado, me chocando, e o fato de meus filhos estarem prestes a ir embora.

L. me disse que ficaria em Paris o verão todo para terminar um texto que devia entregar na volta às aulas, em setembro, um testemunho a respeito de um acontecimento recente, ela não podia revelar mais no momento, mas era um trabalho grande, com muitos desafios. Não, ficar sozinha em Paris não lhe dava medo, ela adorava a cidade mais lenta e entregue aos turistas, viajaria depois.

Perguntou-me o que eu havia planejado para agosto, lembro-me de ter contado a história de nossa famosa *casa de férias*, assim chamada por meus filhos quando eram pequenos, um termo genérico que designava não o lugar, mas o momento, o incontornável encontro renovado todos os anos. Todo verão, junto com os mesmos amigos que eu havia conhecido quando tinha cerca de vinte anos, nós alugávamos por duas ou três semanas uma casa, bem grande — nunca duas vezes a mesma e nunca duas vezes no mesmo lugar. Nos primeiros verões em que viajamos juntos, não tínhamos filhos. Hoje eles estão com a idade que tínhamos quando havíamos passado a noite andando de bar em bar em um pequeno balneário da costa atlântica da Espanha. Hoje a *casa de férias* abriga entre dezoito e vinte e cinco pessoas, dependendo do ano, incluindo crianças, a geometria do grupo articulada sempre em torno do mesmo centro, ao qual se juntaram, com o passar do tempo, outros conhecidos, convertidos pelo convívio.

Raros são os amigos que podemos dizer que mudaram nossa vida, com essa certeza estranha de que, sem eles, ela simplesmente não teria sido a mesma, com a convicção de que o impacto dessa ligação, sua influência, não se limita a alguns jantares, festas e férias, mas que o elo se difundiu, irradiou muito além, que atuou nas escolhas mais importantes que fizemos, modificou profundamente nossa maneira de ser e contribuiu para afirmar nosso estilo de vida. Meus amigos da *casa de férias* são desses: fundamentais. Infelizmente para mim (mas felizmente para eles, pelo que parece), todos deixaram Paris muito tempo atrás.

Na verdade, a maioria dos meus amigos saiu de Paris. Hoje vivem em Nantes, Angers, Valence, Rocbaron, Caen, Évèquemont, Montpellier.

Empoleirada no montinho de terra no fundo do jardim de Courseilles, enquanto o clima começava a esfriar (entrar para pegar um casaco provocaria a queda da ligação e a interrupção da conversa), não sei como acabei falando com L. da onda de partidas que havia me deixado quase órfã alguns anos mais cedo, antes de me sentir capaz de me relacionar com novas pessoas. Conte i a L. como, um após o outro, meus amigos haviam carregado filhos e malas, como se a peste tivesse dominado a cidade, e falei do sentimento absurdo de perda, até do abandono que eu havia sentido quando, em menos de cinco anos, todos tinham ido embora.

L. me disse que entendia. Conhecia a sensação, tinha passado por aquilo também. Seus amigos não tinham ido embora para o interior, haviam simplesmente ido embora, depois da morte de seu marido. Prometeu que um dia me contaria a história. Desejou-me boas férias, disse que ia pensar em mim.

*

Em agosto, François voou para o Wyoming e eu peguei o trem com Louise e Paul para a *casa de férias*.

Pela primeira vez em muito tempo, tive a impressão de que as coisas estavam retomando a forma e a proporção normais, como se tudo aquilo —

aquele romance lançado alguns meses antes, seu sucesso enorme —, a sucessão de círculos concêntricos que se propagara por um raio de distância impossível de medir e que havia alterado profundamente minha relação com certas pessoas de minha família... Era como se tudo aquilo nunca tivesse existido.

Ali, em meio àquelas pessoas cujo olhar não mudara, não havia se perturbado, não se deturpara, aquelas que haviam se mantido distantes daquela agitação vã, mas muito próximas de mim, senti que meu corpo relaxava.

Nós rimos, dormimos, bebemos, dançamos, falamos e caminhamos durante horas. Eu disse a mim mesma que um dia escreveria sobre eles, meus amigos dispersos aqui e ali, os da infância e os da idade adulta, e sobre aqueles vinte e cinco ou quarenta anos que haviam nos visto crescer, ter filhos, mudar de vida, de profissão, de casa, às vezes de amor.

*

Durante aquele período, não tive notícias de L. Acho que não falei dela para meus amigos.

*

Três semanas depois, voltamos de trem, Louise, Paul e eu, estávamos felizes, ocupávamos assentos do TGV dispostos de modo que a família permanecesse junta, tínhamos o semblante relaxado. De repente, sentime incrivelmente viva, estava com meus filhos em um trem que nos trazia de volta de Landes, havia feito os sanduíches de que eles gostavam, com e sem manteiga, com e sem salada, tínhamos passado férias maravilhosas, eu via os campos desfilar em toda velocidade pela janela, meus filhos iam embora, começariam a viver a própria vida, estava orgulhosa deles, orgulhosa do tipo de pessoa que tinham se tornado, os dois. Pensei que, além das angústias e feridas familiares, eu havia lhes transmitido algo que, apesar de tudo, parecia felicidade.

No ônibus, quando estávamos os três espremidos na multidão compacta da hora do rush, de repente fiquei emocionada a ponto de chorar. Algo terminava e outra coisa estava prestes a começar, eu tivera uma sorte incrível, desde o início, durante todo aquele tempo, a sorte no fundo nunca havia me deixado. Os meses se anunciavam doces e intensos, eu ia voltar a escrever e iria ver meus filhos com frequência, onde quer que estivessem. Ia explorar uma vida nova, em uma configuração nova, à qual eu saberia me adaptar, bastava manter a saudade longe e me fixar no presente. Não havia por que ter medo.

Delphine, É difícil. Ser alguém da sua família, ter o mesmo sobrenome que você, hoje, é difícil. Você se apropriou, sujou, cagou nesse sobrenome. Foi isso que nos infligiu, a todos nós, e essa pergunta exasperante que ecoa nos nossos ouvidos: “Você é da família da escritora?” Sim, sou da família da escritora e estou de saco cheio. Eu e os outros, acredite em mim, estamos de saco cheio. Será que é possível hoje existir longe dessa pergunta, ter uma identidade diferente dessa, de ser da família da escritora? É insuportável.

Você parece esquecer que é doente. É, doente. Você é uma grande doente. E, além disso, é contagioso. Você acha que se safou, mas está se esquecendo das sequelas. E todos os médicos vão dizer: essas coisas avançam, nunca desaparecem. É genético, está em você.

Ouvi dizer que está se livrando dos seus filhos. A mãe perfeita enfim revela sua verdadeira imagem! Ótima jogada. O caminho está livre, não é? Você vai poder se divertir, gastar todo o seu dinheiro, bancar a tigresa nas festas VIP. Eu sei que você é uma péssima mãe que aproveita a primeira oportunidade para mandar os filhos para o mais longe possível, sob o pretexto de que escolheram fazer universidade.

Seus filhos têm como mãe uma pessoa fantasiosa e excessivamente midiaticizada.

Tenho pena deles.

*

Fiquei parada, de pé, com a carta na mão.

Primeiro senti uma espécie de desconforto na respiração, que mal se notava. Depois uma bolha começou a se encher em meu peito, sensação já vivida, incontrolável. Meus dedos tremiam um pouco. Não tivera tempo de desfazer a mala nem de arrumar minhas coisas, tinha posto na mesa o pacote de cartas retirado da caixa de correio, preparado um chá e começado a separar as propagandas da correspondência, depois a abrir os envelopes um a um, quando encontrara aquele, datado da véspera. Louise e Paul estavam em seus respectivos quartos, podiam sair a qualquer momento, estava fora de questão começar a chorar. Pensei em ligar para François, mas achei que, com o fuso horário, não tinha a menor chance de falar com ele.

Dobrei a carta. Inspirei profundamente e passei para o envelope seguinte. No mesmo instante, meu celular tocou. Era L. Ela se lembrava de que eu devia voltar para casa por aqueles dias e queria ter notícias minhas. Por um instante, eu me perguntei se L. não tinha me visto entrar no apartamento e, por um reflexo estranho, olhei pela janela. Nada se mexia: a maioria das cortinas estavam

fechadas, as persianas baixas, um pouco mais longe, uma janela aberta permitia ver um casal fumando, sentado diante de uma mesa baixa.

Alguns segundos bastaram para L. perceber que eu não estava em meu estado normal. Mais do que tudo, minha voz traiu meu humor, não por não ter tentado aprender a modulá-la, a controlá-la. Não há o que fazer, minha voz trai o que sou, *aparvalhada*, apesar de estar aumentando meu vocabulário constantemente. L. então me propôs que fôssemos tomar um drinque, ela havia terminado o manuscrito no qual trabalhava naquela manhã, precisava relaxar também. Aceitei encontrá-la mais tarde, seria o tempo de me organizar e passar no supermercado para encher a geladeira. Pus a carta na bolsa com a intenção de mostrá-la para L.

*

No fundo do café, L. desdobrou o papel sob o meu olhar. Eu a observei enquanto seus olhos passavam pelas linhas, os cabelos não estavam presos, as pálpebras cobertas por um cinza metálico que salientava a palidez de sua pele, os lábios levemente rosados, ela estava muito bonita. Leu com calma, vi seu rosto se transformar sob o efeito da indignação.

— Você sabe quem foi?

— Não.

— Acha que é alguém da sua família?

— Não sei.

*

Enquanto L. relia a carta, visivelmente abalada, falei da outra que havia recebido algumas semanas antes. Pelo que me lembrava, era menos violenta. L. me pareceu pensativa durante alguns segundos, depois olhou para mim outra vez.

— Você nunca pensou em escrever um livro sobre o *depois*? Um livro que falasse do lançamento de seu último romance, de suas conseqüências, do que ele provocou, precipitou, revelou. Dessa maneira como ele age, em efeito retardado.

Sim, já havia pensado. A ideia tinha passado pela minha cabeça. Falar sobre a recepção do livro, o apoio inesperado, as cartas perturbadoras. Contar o esforço que alguns haviam feito para aceitar o texto, a vontade jamais desmentida de chegar a isso. O respeito pela literatura. Contar as confissões tardias, murmuradas depois que o livro fora impresso, as lembranças ressurgidas. As estratégias de defesa, os processos silenciosos. Sim, era tentador escrever sobre aquilo: a perturbação não havia apenas agitado as áreas identificadas como *de risco*. As áreas *de risco* haviam circunscrito, assimilado, se acomodado ao ponto de impacto. Um terremoto mais devastador acontecera em outros territórios, aqueles em que eu havia esbarrado, que eu havia contornado, que excluía voluntariamente do campo da narração.

Todo autor que pratica a escrita de si (ou escreve sobre sua família) sem dúvida sente, um dia, a tentação de escrever sobre o *depois*. Contar as feridas, a

amargura, o julgamento da intenção, as rupturas. Alguns o fizeram. Com certeza por causa dos efeitos retardados. Pois o livro não é nada além de uma espécie de material de difusão lenta, radioativo, que continua a emitir energia por muito tempo. E acabamos sempre avaliados pelo que somos, bombas humanas, cujo poder é assustador, pois ninguém sabe que uso faremos dela. Era exatamente nisso que estava pensando, apesar de manter o silêncio.

Como não respondi, L. repetiu a pergunta de outra forma.

— Talvez seja uma maneira de responder a essa pessoa, não é? Publicar suas cartas, como foram escritas, sem mudar uma vírgula, e fazê-la entender que você não está nem aí que seja complicado para ele ou ela ter um sobrenome que você não escolheu, dizer que existem milhares de maneiras de lidar com esse sobrenome e que ele ou ela só tem que inventar outra...

— Mas eu me importo.

— Claro que não. *Tem* que não se importar! Você devia escrever tudo isso, o que me contou desde que a gente se conheceu, a maneira como a relação com os outros muda, se deteriora, apesar de você não querer isso, aqueles que não se preocupam mais em saber como você está, aqueles que ficam felizes em considerar você *uma celebridade*, como se isso fizesse sentido para um escritor, seja qual for, no mundo em que vivemos. Aqueles que se interessam mais pelo número de zeros que seu cheque continha do que pela reviravolta que isso representa na sua trajetória literária, aqueles que prefeririam morrer a fazer essa pergunta diretamente a você, aqueles que se convenceram de que você mudou, de que está mais distante, mais longe, menos acessível, menos disponível, aqueles que não convidam mais você porque decretaram de uma vez por todas que está muito ocupada, aqueles que querem de repente convidar você todo domingo, aqueles que imaginam que você passa suas noites em coquetéis e jantares chiques, aqueles que imaginam que você não cuida mais dos seus filhos, aqueles que se perguntam se você bebe escondida ou não fez um *lifting* nas pálpebras. Não foi isso que você me contou, Delphine, outro dia, rindo? Agora leia essa carta, leia bem. Isso não é brincadeira, é raiva, é uma vontade de prejudicar você.

Enquanto ela falava, senti a raiva e a indignação de L. crescerem, e isso me fez um bem incrível, que alguém pudesse ficar do meu lado daquela maneira, inteira, incondicionalmente.

Sim, tudo aquilo podia ser escrito, claro, mas não serviria para nada. Eu era responsável pelo que estava acontecendo, não era algo que quisera, mas provocara, devia assumir ou pelo menos lidar, me adaptar. Além disso, nada podia impedir a imaginação dos outros em relação a nós. Eu sabia um pouco sobre isso. Escrever um livro sobre o *depois* criaria um abismo ou causaria incompreensão. Eu achava que tinha coisa melhor a fazer. Lembrei a L. que estava pensando havia alguns meses em outra ideia, em uma *ficção de verdade*,

tinha continuado a tomar notas durante as férias, meu projeto ganhava corpo, a trama se estabelecia.

L. me interrompeu.

— A trama? Está falando sério? Você não precisa de tramas, Delphine, nem de reviravoltas. Está acima disso agora. Um dia vai ter que perceber isso.

Dessa vez ela falava de maneira muito gentil. Não havia agressividade nenhuma em sua voz. L. fazia questão de me deixar perceber sua incredulidade em relação ao que tinha acabado de ouvir. Eu havia realmente elaborado, imaginado uma trama? Ela continuou: — Você não precisa inventar nada. Sua vida, sua pessoa, seu olhar sobre o mundo devem ser o único material. A trama é uma armadilha, uma arapuca. Você sem dúvida acredita que ela oferece um abrigo ou um pilar, mas não é verdade. A trama não protege você de nada, ela logo vai se desmantelar sob seus pés ou desabar na sua cabeça. Que fique claro: a trama é um *trompe-l'œil* vulgar, não traz nenhum trampolim, nenhum apoio. Você não precisa disso. Está em outro lugar agora, entende? Está subestimando seus leitores. Seus leitores não esperam que você conte histórias para consolá-los ou para que eles durmam em paz. Fazem pouco caso de personagens intercambiáveis, transponíveis de um livro a outro, fazem pouco caso de situações mais ou menos plausíveis tecidas com agilidade, mas já lidas vinte e cinco vezes. Estão cagando e andando. Você já provou a eles que sabe fazer outra coisa, que sabe se apoderar da realidade e costurar com ela, eles entenderam que você buscava outra verdade e que não tinha mais medo.

Não estávamos mais no momento de tensão que eu sentira na cozinha algumas semanas antes. Éramos duas amigas falando de meu trabalho e de suas consequências, e fiquei emocionada por L. se sentir tão envolvida naquele assunto.

L. não se perguntava se eu era capaz de escrever algo *depois disso*, L. estava certa de que eu era capaz e tinha uma ideia bastante precisa da forma que a narrativa deveria assumir.

Rindo, respondi que ela estava brincando com as palavras e fazendo uma caricatura do meu objetivo. Eu havia dito *trama*, mas era um jeito de falar, nenhum dos meus livros jamais dera ao leitor uma trama e sua resolução no sentido que ela mencionava. L. tinha que pelo menos me dar tempo de explicar o que eu havia imaginado. Ela, que se interessava pela possibilidade de utilização do real, bom, justamente, L. encontraria o que queria no livro.

L. fez um sinal para o garçom nos servir mais dois *mojitos*, uma maneira de demonstrar que tinha todo o tempo do mundo, a noite inteira, se necessário. Recostou-se na cadeira, sua postura me dizia, ande, estou ouvindo, vamos brindar ao livro que você se recusa a escrever e à obra pela qual finge estar dominada. Terminei minha bebida e comecei: — A heroína... Enfim... A personagem principal... é uma mulher que... acabou de ganhar um *reality show*. Já nos

primeiros dias de programa, os espectadores se apaixonaram por ela, as redes sociais pegaram fogo, ela se viu nas manchetes das revistas de fofoca e como destaque dos programas de TV. Em algumas semanas, enquanto ainda estava dentro do jogo — é o tipo de coisa que mantém as pessoas confinadas, sabe? —, a jovem se tornou uma estrela.

Eu esperava um sinal de incentivo de L., mas seu rosto não expressava nada além de uma extrema vigilância. Continuei: — Na verdade, não é bem o jogo que me interessa, nem o confinamento, é mais o depois, o momento em que ela sai, quero dizer aquele em que ela vai ter que confrontar sua imagem, que não tem nada a ver com o que ela é.

L., totalmente imóvel, não tirava os olhos de mim. Não deixava transparecer nada. Escutava com uma atenção um pouco forçada. Mais uma vez, senti que as palavras me escapavam e que eu não conseguia expressar minha ideia como queria. Mais uma vez, parecia simbolicamente tornar a ser a menina que ruborizava com facilidade em sala de aula, cuja única preocupação era não começar a chorar. Mas continuei: — Durante várias semanas, o menor de seus gestos, a mais fútil de suas palavras foram objeto de comentários. Uma voz onisciente e todo-poderosa não parou de analisar suas reações. Pouco a pouco, essa voz traçou linhas do que a partir de então passou a ser, aos olhos de todos, sua personalidade. Ou seja, uma ficção que não tem quase nada a ver com ela. Ao sair do jogo, ela encarna uma personagem da qual não conhece os contornos, uma espécie de reprodução com as suas dimensões, que continua se alimentando dela, devorando-a, como uma sanguessuga invisível e insaciável. A imprensa foi atrás dos locais de sua infância, sua vida foi reinventada para emocionar os espectadores e se baseia no testemunho de pessoas que, em sua maioria, ela jamais conheceu. Na verdade, a jovem descobre um perfil seu como guerreira, no momento em que sem dúvida se sentiu mais vulnerável.

L. não disfarçou uma leve careta, mas me incentivou a continuar. Por causa de alguma forma de orgulho que consiste em não me considerar vencida até cair por terra, retomei: — Bom, além disso, há outra personagem: um homem que é editor e que trabalhou no programa durante toda a transmissão. Na verdade, ele participou muito, por conta da escolha das imagens e da edição, da fabricação daquela personagem que ela vinha descobrindo. Esse cara tenta entrar em contato com ela, quer rever a jovem.

Estranhamente, eu começava a ter dificuldade de fingir entusiasmo por minha ideia. De repente, tudo parecia grotesco.

— Na verdade — (e por que eu repetia *na verdade* a cada quatro frases?) —, ele mesmo não sabe mais muito bem quem ela é. Está dependente de uma mulher ficcional, uma mulher que ele ajudou a criar, que não existe.

*

L. não havia se mexido. Minha ideia agora surgia sob uma luz brutal: tudo

aquilo era tão previsível, tão... artificial. Tudo aquilo, no mesmo instante em que eu explicava, parecia-me extremamente vão.

O garçom se pôs entre nós duas para colocar as taças na mesa.

L. tirou um pacote de lenços da bolsa. Tentava ganhar tempo.

Sugou um bom gole do drinque pelo canudo, fez dançar de modo maquinal as folhas de menta em sua taça, hesitou antes de começar.

— Já pensamos em tudo isso, muito tempo atrás, antes de você escrever livros, Delphine. Lemos Roland Barthes e Gérard Genette, René Girard e Georges Poulet, fichamos esses textos em cartões e sublinhamos as ideias-chave com canetas de quatro cores, aprendemos conceitos e palavras novas como se descobrissemos a América, renovamos nossos ídolos, passamos horas tentando definir a autobiografia, a confissão, a ficção, a verdadeira mentira e o “mentir verdadeiro”.

Eu sabia bem do que ela estava falando, mas não entendi o sentido da primeira pessoa do plural. L. talvez tivesse estudado letras na mesma época que eu. Sem dúvida, então, tinha estudado o estruturalismo, o *nouveau roman* e a *nouvelle critique*, e talvez esse *nós* designasse uma geração, a nossa, alimentada pelos mesmos pensadores.

Ela retomou o pensamento: — Trabalhamos sobre a evolução das formas narrativas, sobre a vontade de certos autores atingirem o vital, o motor da verdadeira vida.

Assenti.

L. continuou. Seu tom de voz de repente havia se tornado mais íntimo.

— As confusões do coração e da alma, a cor mutável dos olhos de Emma Bovary, o arrebatamento de Lol V. Stein, Nadja, tudo isso, no fundo, desenhava um tipo de trajetória, mostrava um caminho, fazia-nos entender essa busca de que vocês, escritores, são hoje fiéis depositários.

Dessa vez, as alusões de L. eram muito claras. Crébillon, Flaubert, Duras e Breton, obras que faziam parte do programa do curso preparatório para entrar na Escola Normal Superior de Paris. E esse programa mudava todos os anos.

L. estava me dizendo que tinha assistido às aulas preparatórias no mesmo ano que eu. Demonstrava que era um ponto em comum. Ela continuou, mas parei de escutá-la. Minha mente tentava representar a jovem de dezoito anos que ela havia sido. A partir da mulher sentada diante de mim — tão segura, tão dona de si mesma —, tentei criar um desenho, um desenho sólido que voltasse no tempo, mas, no fim, não havia nada, nenhum rosto.

Acabei interrompendo L.

— Em que escola você estudou?

Ela sorriu.

Deixou alguns segundos de silêncio planarem.

— Você não se lembra de mim?

Não, não lembrava. Tentava convocar os rostos das meninas de minha turma, mais ou menos esquecidos, passava em revista as imagens distantes o mais rápido possível, mas pouco me restara e nenhuma se parecia com L.

— Não, sinto muito. Mas por que não me disse nada?

— Porque percebi que você não tinha me reconhecido. Que não tinha nenhuma lembrança de mim. Isso me deixou triste. Sabe, eu aprendi uma coisa. Uma coisa injusta que divide o mundo em duas partes: na vida, há aqueles de quem nos lembramos e aqueles que esquecemos. Aqueles que deixam uma marca, aonde quer que vão, e aqueles que passam despercebidos, que não deixam nenhum vestígio. Seus traços não são registrados no filme, que se apaga depois deles. Tenho certeza de que recebe cartas de pessoas que fizeram o maternal, o ensino fundamental ou aulas de esqui com você, pessoas que gravaram seu nome e seu rosto, indelévels, em um canto do cérebro. Pessoas que se lembram de você. Você pertence à primeira categoria e eu, à segunda. É assim mesmo, não podemos fazer nada contra isso. Sabe, eu me lembro bem de você. Das suas saias longas, dos seus cabelos estranhos e daquela jaqueta preta de couro que usou o ano todo.

Protestei: — Não, não é tão simples assim. Nós duas pertencemos às duas categorias.

Para justificar minha opinião, contei a L. sobre meu encontro com Agnès Desarthe. Ela lembrava que Agnès Desarthe estudara conosco naquele ano? Claro, L. lembrava muito bem.

Eu devia ter uns trinta anos quando Agnès publicou seu segundo romance. Uma noite, no Salão do Livro, ela estava dando autógrafos no estande de sua editora. Na época, eu não tinha intenção nenhuma de publicar nada, trabalhava em uma empresa e não imaginava que minha vida pudesse tomar outra direção além daquela que eu me esforçava para traçar e tornar estável, uma vida cujas bases eu não cansava de consolidar para me proteger de mim mesma e de tudo que transbordava de mim. No entanto, eu escrevia, mas dentro dos limites que me pareciam aceitáveis, suportáveis, ou seja, um tipo de diário destinado apenas a mim mesma. A ideia de escrever de outra maneira, de escrever para ser lida, representava na época um perigo grande demais. Eu não era forte o bastante e sabia disso. Não dispunha de estrutura física capaz de suportar aquele tipo de peso.

Eu tinha ido ver Agnès como sem dúvida faria se ela tivesse se tornado cantora ou dançarina; além disso, com uma admiração que costumamos ter por alguém que consegue realizar o que nos parece impossível. Agnès não havia me reconhecido. Não se lembrava de mim, de meu nome, nem de meu rosto. Eu me lembrava dela e de seu sobrenome de solteira, do que sabíamos dela e de sua família, me lembrava do tipo de garota que ela havia sido, poderia ter lembrado a ela o nome de seus colegas, Nathalie Azouli e Hadrien Laroche (os dois

também publicaram romances desde então), via os três como se estivesse naquela época, assim como Nathalie Mesuret, cuja pele muito clara e o batom vermelho me fascinavam. Constituía a elite da turma (os *in*, como diriam meus filhos hoje), eram bonitos e sorridentes, agiam como se estivessem em casa, no lugar certo, tinham todos os motivos objetivos e estatísticos para estar ali, algo em seu comportamento parecia não deixar espaço para dúvidas, seus pais tinham orgulho deles, apoiavam seu esforço, pertenciam a um mundo parisiense intelectual e esclarecido que eu começava a descobrir (no momento em que escrevo isto, tenho consciência de que era pura projeção de minha parte). Mas era assim, em sua naturalidade, que eu os via: legítimos.

Eu me lembrava de Agnès Desarthe, mas ela havia tido dificuldade de me reconhecer. Era isso que queria dizer a L.: éramos todos naufragos, desaparecidos para alguém, isso não significava nada, não fazia sentido.

Contei a L. que tinha guardado a foto de turma (inclusive, naquela noite, no Salão do Livro, Agnès me perguntara se eu poderia fazer uma cópia para ela, que enviei algumas semanas depois pelo correio). L. ficou espantada.

— Você ainda tem essa foto?

— Claro. Guardo todas as fotos que acabam parando nas minhas mãos, sou louca por fotos, não perco nada, não jogo nada fora. Vou mostrar a você, se quiser. Vai poder conferir que ficou muito bem na imagem!

L. pensou um instante antes de me responder: — Acho que não estou nela. Tenho quase certeza. Eu estava doente naquele dia.

L. me pareceu triste e eu me senti culpada. Tínhamos estudado juntas durante um ano inteiro e eu não a havia reconhecido. Nada de familiar nela havia chamado minha atenção, intrigado, e, mesmo naquele instante, eu sentia que era impossível me lembrar de uma silhueta que podia ter sido a dela. Claro, ela havia mudado de sobrenome e agora usava o do marido (apesar de ele ter morrido anos antes), mas em nenhum momento seu rosto havia atizado em mim qualquer reminiscência nem impressão de *déjà-vu*.

Bebemos pequenos goles de nosso *mojito* em silêncio durante alguns minutos. Outras imagens me vieram, distantes, daquele ano delicado. Era estranho convocar aquelas lembranças em que não pensava havia tanto tempo.

*

L. se aproximou de mim, subitamente mais séria.

— A sua ideia não é ruim, Delphine. Mas seus personagens não têm alma. Não podemos mais escrever esse tipo de coisa hoje em dia. Não dessa forma. O leitor não se importa. Você tem que encontrar algo mais envolvente, mais pessoal, algo que venha de você, da sua história. Seus personagens têm que ter uma relação com a vida. Têm que existir fora do papel, é isso que o leitor quer, que existam, que pulsem. *Verdade verdadeira*, como dizem as crianças. Você não pode entrar tanto na construção, no artifício, no embuste. Senão, seus

personagens serão como lenços de papel, nós os jogaremos fora assim que a primeira lixeira surgir. E os esqueceremos. Porque não resta nada dos personagens de ficção se eles não tiverem nenhuma ligação com o real.

Fiquei perturbada, mas não podia concordar com aquele discurso. O personagem não tinha o direito de surgir do nada, sem nenhum ponto de ancoragem, de ser pura invenção? Ele tinha que prestar contas? Não. Eu não acreditava nisso. Pois o leitor sabia a que se deter. O leitor estava sempre disposto a ceder à ilusão e acreditar que a ficção era realidade. O leitor era capaz disso: de acreditar, sabendo que aquilo não existia. Acreditar como se fosse verdade, tendo plena consciência de que era inventado. O leitor era capaz de chorar a morte ou a queda de um personagem que não existia. E isso era o contrário de um simples embuste.

Todo leitor podia comprovar isso. L. estava enganada. Só queria ouvir a metade da história. Inclusive, às vezes a ficção era tão poderosa que tinha desdobramentos no real. Quando eu visitara Londres com Louise e Paul, nós tínhamos ido à casa de Sherlock Holmes. Turistas do mundo inteiro visitavam aquela casa. Mas Sherlock Holmes nunca existiu. No entanto, iam ver sua máquina de escrever, sua lupa e seu chapéu de tweed, seus móveis, a decoração, em um cenário fabricado com base nos romances de Conan Doyle. As pessoas sabem disso. Mas ainda assim entram na fila e pagam para visitar uma casa que é apenas uma reconstituição minuciosa de uma ficção.

L. admitiu que era verdade. E que era encantador.

Mas para ela, o que a fascinava, o que a impedia de dormir quando lia um livro, não era apenas o fato de parecer legítimo. Era saber que aquilo havia acontecido. Alguma coisa se passara e o autor, depois, levava semanas, meses, anos, para transformar o material em literatura.

Terminei meu *mojito* de uma só vez.

L. me lançou um sorriso.

Tinha o ar de alguém que não se preocupava, que sabia que sua hora chegaria. Alguém que não duvidava de que o tempo estaria a seu favor, daria razão a ela.

Quando Louise e Paul nasceram, interrompi o diário que mantinha havia anos.

Alguns meses depois, a escrita exnotada pela porta retornou pela janela, e comecei a escrever um romance. Não sei como essa vontade se impôs e ainda hoje sou incapaz de dizer que incidente, que acontecimento, que encontro me fez agir. Durante anos, uma escrita mínima, sem filtro, quase cotidiana, havia me ajudado a me conhecer, a me construir. Não tinha nada a ver com literatura. E, agora que começava a aprender a viver sem ela, sentia que eu podia escrever outra coisa, sem realmente saber o quê, nem que forma aquilo podia ter.

Por isso, quando tinha duas horas livres, escrevia a história.

Um dia, mandei pelo correio o manuscrito inspirado nos meses que havia passado no hospital quando entrava na vida adulta. Um romance autobiográfico, escrito na terceira pessoa, no qual eu admitia ter incluído um pouco de ficção.

Um editor parisiense me recebeu em seu escritório, visivelmente contrariado: ao texto, segundo ele, faltavam efeitos de real.

Eu sabia, aliás, o que era um *efeito de real*?

Antes que eu tivesse tempo de responder, ele se permitiu me lembrar: Roland Barthes havia definido que era um elemento que indicava claramente ao leitor que o texto se dedicava a descrever o mundo real, um elemento que tinha por função afirmar a estreita relação entre o texto e a realidade.

Bom, continuou ele, faltava aquilo. Não havia por que encobrir o próprio rosto, a dimensão autobiográfica das páginas era evidente, então por que tentar se esconder? O livro era um testemunho, era preciso acrescentar alguns detalhes que não enganariam, dariam garantias ao leitor sobre a mercadoria, assumir a história completamente, em primeira pessoa, e ir dar uma entrevista a Jean-Luc Delarue sobre ela. Além disso, a anorexia estava na moda. Com a voz trêmula e um lencinho de papel ao alcance da mão, respondi que, se ele achava que o texto era apenas isso, que não suscitava nenhum outro interesse, não precisava publicá-lo. Acrescentei (minha voz, contra minha vontade, chegava pouco a pouco a um tom mais agudo) que uma das minhas melhores amigas trabalhava havia dez anos com Jean-Luc Delarue. E que se quisesse fazer só isso, falar em um programa de televisão, eu não precisava ter escrito um livro. Estava à beira das lágrimas, no limite. Nunca pusera os pés em uma editora, tinha tirado a tarde de folga do trabalho para ir àquela reunião, pensara durante dois ou três dias na roupa que devia usar naquele tipo de ocasião, talvez tenha até comprado uma saia ou uma camisa para o evento. Por um segundo, pensei que poderia sair correndo, mas não. Eu era educada demais.

No alto da escada, nós nos cumprimentamos com certa reserva.

Eu não tinha nada contra os efeitos de real, adorava os efeitos de real, era apaixonada pelos efeitos de real, mas o editor estava falando de outra coisa. Ele queria que eu inserisse o texto na Verdade. Queria que dissesse ao leitor: cuidado,

senhora, senhor, tudo que estou contando é autêntico, este é um livro que mostra o Vivido, um livro cem por cento autobiográfico, esta é a Verdade Verdadeira, a Vida em estado bruto, sem aditivos, um real que não sofreu nenhuma transformação, sobretudo a da literatura.

*

Era nisso em que eu pensava enquanto caminhava de volta para casa, levemente embriagada, depois de ter deixado L. diante do bar em que havíamos tomado um terceiro drinque. Tínhamos rido muito, ela e eu, no fundo do salão, pois, no fim, a conversa havia se voltado para nossas paixões adolescentes, antes de Barthes e seu bando, sobre a época em que pendurávamos pôsteres em nosso quarto.

Eu havia contado a L. que, aos dezesseis, eu passara dois anos desenvolvendo uma fixação espetacular por Ivan Lendl, um jogador de tênis tchecoslovaco de físico ingrato que, para mim, tinha uma beleza obscura e surpreendente. Isso me levava a assinar a *Tenis Magazine* (eu, que jamais tocara uma raquete na vida) e a passar horas diante das retransmissões dos torneios de Roland Garros e de Wimbledon em vez de estudar para o vestibular. L. havia ficado pasma. Ela também o adorava! Era a primeira vez que eu encontrava alguém que havia se apaixonado por Ivan Lendl, um dos jogadores mais detestados da história do tênis, sem dúvida por causa de seu rosto austero que nada conseguia abrandar, e de seu jogo de fundo de quadra, metódico e chato. Provavelmente, era inclusive por esses motivos, porque era alto, magro e incompreendido, que eu gostava tanto dele. Na mesma época, sim, exatamente, L. tinha acompanhado todas as partidas de Ivan Lendl, ela lembrava com perfeição, em especial aquela famosa final de Roland Garros contra John McEnroe que Lendl havia ganhado depois de um combate de rara intensidade dramática. As imagens o haviam mostrado vitorioso, desfigurado pela exaustão e, pela primeira vez, o mundo inteiro vira seu sorriso. L. era impressionante, lembrava-se de todos os detalhes da vida e da carreira de Ivan Lendl que eu já havia esquecido. Era incrível, mais de vinte anos depois, imaginar nós duas hipnotizadas diante da TV, ela nos arredores de Paris e eu em um vilarejo da Normandia, desejando com o mesmo ardor a consagração do homem do Leste. L. também sabia o que havia acontecido com Ivan Lendl, tinha acompanhado tudo isso de muito perto, a carreira e a vida pessoal. Ele era casado e pai de quatro filhos, morava nos Estados Unidos, treinava jovens jogadores de tênis e tinha mandado ajeitar os dentes. L. odiava aquela informação, o desaparecimento do sorriso tchecoslovaco (dentes dispostos de maneira irregular, entre os quais alguns encavalados) e o surgimento de um sorriso americano (dentes falsos perfeitamente alinhados, de um branco brilhante). Segundo ela, ele perdera todo o charme, bastava eu olhar na internet se não acreditasse.

Tinha sido uma coincidência estranha. Um ponto comum, entre outros, que

nos aproximava.

Mas outra coisa me veio à memória.

*

Quando cheguei a Paris para começar a faculdade, me inscrevi em uma agência que recrutava recepcionistas para vários salões e outros eventos. Mas logo percebi que não correspondia ao perfil, me faltava algo, havia uma insuficiência, e, toda semana, enquanto as outras meninas eram mandadas ao Palais des Congrès ou ao Salão do Automóvel, a agência propunha a mim, e a algumas outras, trabalhos em supermercados em localidades distantes relativamente acessíveis pelo trem da Rede Expressa Regional, o RER. Diante das prateleiras ou pontas de gôndolas, eu era então demonstradora de marcas de perfumaria, de carne moída ou de sabão em pó, fazia com que as pessoas provassem crepes desidratados, biscoitos para aperitivo e amostras de queijo de pasta mole cortados com todo o cuidado. Eu distribuía prospectos de patins, usava aventais de renda com um toque campestre, lenços no pescoço ou camisetas promocionais, e repetia, chegando até a sonhar à noite, slogans alegres na véspera do Dia das Mães ou da Páscoa. Depois de vários meses de assiduidade, se recebêssemos notas boas durante as inspeções surpresas, podíamos conseguir uma vaga em uma loja em bairros próximos da cidade e até talvez na própria Paris.

Assim, no ano do vestibular, eu me vi sendo designada para uma missão de dois dias em uma loja Le Bon Marché. Era um sinal de reconhecimento inesperado, uma promoção extraordinária. Não haveria mais trens ao nascer do sol, nem cafeterias de paredes laranja e letreiros néons intermitentes. Eu tinha de me posicionar no alto de uma escada rolante e distribuir, durante todo o dia, cupons de desconto para uma nova linha de produtos capilares que uma marca de cosméticos estava tentando lançar nos Grands Magasins de Paris. Eu usava uma roupa fornecida pela agência, cujo tecido amarrotado não conseguia disfarçar o corte pouco preciso. Mas o mais ridículo era um lenço em viscose que eu tinha que amarrar no pescoço, uma imitação patética dos similares Hermès, na qual o logotipo da marca era usado como estampa. Eram quase cinco horas da tarde e eu sentia meus pés inchados (uma amiga havia me emprestado um par de scarpins pequenos demais) quando os vi subindo, amontoados, imóveis no meio da escada rolante. Era algo que eu não havia previsto: a grande probabilidade de encontrar, em um sábado, em pleno sétimo *arrondissement*, alunos da minha escola. Não me lembro mais de seus rostos e ignoro seus nomes, não sei mais se eram alunos da minha turma ou de outra. Eles passaram diante de mim, dando uns nos outros leves cotoveladas de convivência, eram muitos, alguns pararam, voltaram, ouvi risos, as meninas bufavam e os garotos faziam piadas, um deles, sem olhar para mim, pegou o cupom que eu distribuía. Em voz alta, começou a ironizar o texto, as meninas riram ainda mais.

Eram bonitas, lembro-me disso, e eu, vestida sem a menor elegância, como um ás de espadas em um tailleur vagabundo que chegava a evocar um uniforme de comissária de bordo. Fingi não notar que tinham parado bem atrás de mim, dando risadinhas do fato de eu estar repetindo sem parar as mesmas frases, olá-senhora-tome-e-não-deixe-de-pegar-é-um-cupom-de-desconto-para-nossos-xampus-nossos-condicionadores-nossas-máscaras-hidratantes-uma-nova-gama-de-produtos-de-cuidado-para-o-cabelo-não-fique-esperando-vá-correndo-dar-uma-olhada-nas-promoções-de-lançamento, isso, bem ali, na primeira seção à direita. Uma mulher me perguntou se poderia receber dois e eu entreguei outro cupom a ela. Quis saber se os produtos eram anticaspa, senti que os risos aumentavam atrás de mim, e, de repente, ouvi uma voz feminina vindo do grupo, uma voz carregada de indignação e desprezo: — Mas vocês são realmente uns idiotas. Essa é a elite da nação, um bando de bostas que não arrumam nada além da própria cama, que dão risada de uma garota que está passando o sábado trabalhando. Vocês já se olharam no espelho?

Continuei distribuindo meus cupons no topo da escada rolante, como um robô que nada podia perturbar, respirava com dificuldade, todo o meu corpo de costas para eles. Espreitei o grupo ir embora sem olhar, queria que todos sumissem, que desaparecessem. Ouvi as vozes se afastarem, esperei mais um pouco antes de me virar. Vi todos de costas, eles ainda se davam cotoveladas, não consegui identificar a garota que tinha dado fim ao meu suplício.

*

Sim, naquela noite, enquanto saía do café e andava sozinha na rua, revivendo aquela cena na qual não pensava havia anos, foi a voz de L. que ouvi.

Ao sobrepor as imagens, ficou claro, tive a certeza de que L. era a garota que tinha afastado o grupo de mim e que eu não conseguira ver.

Durante o mês de setembro, no início das aulas, voltei a viajar para ajudar meus filhos a se instalarem. Paul havia conseguido um quarto no alojamento da faculdade e Louise encontrara um apartamento que dividiria com dois amigos que iam fazer a mesma graduação que ela. As idas e vindas às lojas Ikea e a Castorama, os dias em Tournai, depois em Lyon, ocuparam as primeiras semanas do mês sem que a questão da escrita pudesse ressurgir. Eu estava feliz em poder aproveitar aqueles momentos com meus filhos. Em retardar o momento da separação.

*

Não sentia muita disponibilidade para começar, fora isso que explicara a L., que quisera saber sobre o avanço do meu projeto uma noite, ao telefone. Com sua voz abafada, sem afirmar nada, ela havia me perguntado se tudo aquilo (as idas e vindas, a mudança de meus filhos, os documentos a preencher, as compras a fazer) não era um alibi conveniente para não ver a incapacidade que tinha de voltar a me sentar e escrever, incapacidade ligada ao projeto em si e não às circunstâncias. Eu não havia conseguido encontrar, em outras ocasiões, o espaço e o tempo necessários, apesar de trabalhar quatro dias por semana em um bairro distante? Segundo ela, eu me recusava a admitir que minha ideia não era boa e que eu havia dedicado vários meses a um terreno que não era o meu, que ia de encontro à evolução do meu trabalho. Não era aquela descontinuidade, à qual eu me agarrava em vão, que me impedia de escrever? Ela deixava aquela pista para que eu pensasse. Uma interrogação que lhe parecia essencial e que ela permitia que eu conhecesse, agora que éramos amigas. Não tinha certeza alguma, apenas uma intuição.

Eu não havia encontrado argumentos para contradizê-la.

Sim, em momentos mais problemáticos, eu tinha conseguido achar tempo para escrever.

Mas já não era tão jovem e não tinha mais tenacidade, era só isso.

*

A L., que se interessava muito pelo modo como eu trabalhava (como ninguém antes), eu havia mostrado meus cadernos de anotações, três ou quatro do mesmo tamanho, com uma capa lisa e macia, que François me dera ao sair da exposição de Edward Hopper. Cada capa era uma reprodução de um dos quadros do pintor.

Faço anotações em pequenos cadernos. Gosto deles finos e leves, capa flexível, pautados. Guardo-os no fundo da bolsa, aonde quer que vá, levo-os em viagens, nas férias e sempre deixo um, à noite, na mesa de cabeceira. Anoto neles ideias e frases para o trabalho em curso, mas também outras palavras, títulos de futuros livros, inícios de histórias. Às vezes decido me organizar: durante algumas semanas, determinado caderno de anotações acolhe ideias relativas ao livro em curso, enquanto outro fica reservado às obras proteladas. Já cheguei, em

períodos de ebulição, a ter cinco ou seis cadernetas *iniciadas*, cada uma correspondente a um projeto diferente. Mas sempre acabo misturando tudo.

*

Para minha editora, eu dizia que estava tudo bem, usava formulações um pouco vagas para diferenciar a mentira: estava fazendo pesquisas complementares, preparando o terreno, consolidando as fundações...

Não havia motivo para se preocupar.

Eu estava *a ponto de voltar a trabalhar*.

Na verdade, eu procrastinava, me distraía, empurrava todo dia, toda semana, o momento em que teria que admitir que algo estava quebrado, perdido, não funcionava mais.

Na verdade, assim que ligava o computador, assim que começava a pensar, a voz da censura se erguia. Um tipo de superego sarcástico e pouco indulgente havia tomado posse de minha mente. Ele ria, zombava, ridicularizava. Perseguia, antes mesmo que fosse formulada, a frase fraca que, tirada de contexto, provocaria a hilaridade. Em minha testa, um terceiro olho havia se formado acima dos outros dois. Sempre que eu começava a escrever seja lá o que fosse, ele via minhas fortes intenções maldisfarçadas. O terceiro olho me esperava na reviravolta, demolia qualquer tentativa de começo, desmascarava o embuste.

Acabei por entender algo aterrorizante e vertiginoso: eu era agora minha pior inimiga. Minha própria tirana.

*

Às vezes, um pensamento sombrio, intolerável, me invadia: L. tinha razão. L. estava me alertando porque eu estava a caminho do desastre.

Seguia o rumo errado.

L. estava tentando me avisar, e eu fingia não ouvir.

Louise e Paul começaram as aulas e eu me vi sozinha em casa. Não havia imaginado aquilo e, de certa forma, não estava preparada. Quero dizer que era impossível imaginar aquele silêncio, a imobilidade suspeita que tomou o apartamento subitamente.

No entanto, eu havia tentado, antes que fossem embora, antecipar minha presença solitária naquele espaço abandonado. Tinha tentado me apresentar ao vazio e à nova vida que o acompanhava. Mas não chegara nem perto da verdade. Não era mais uma ideia que devia imaginar, mas uma realidade à qual devia me submeter. Eu vagava de cômodo em cômodo, em busca de algo que havia desaparecido. Um período da minha vida tinha acabado, isso acontecera de maneira natural e alegre, sem conflitos, era a ordem natural das coisas, mas aquilo abria um buraco em meu peito. Nos quartos vazios, as camas estavam feitas, os livros bem alinhados, os armários fechados. Um ou dois objetos haviam ficado fora do lugar, uma roupa permanecera pendurada nas costas de uma cadeira, eu observava aquela falsa bagunça, parecida com a que vemos nos catálogos de móveis e revistas de decoração, que lembra exatamente o que é: um simulacro ridículo, uma representação artificial da vida. Eu sentia vontade de chorar.

L. me ligava com regularidade, preocupava-se com meu ânimo.

L. parecia se envolver muito com tudo aquilo, ter compaixão e, aos poucos, passei a vê-la como a única pessoa capaz de entender o que eu sentia: aquele apartamento carregado de lembranças, que agora eu devia ocupar sozinha, aquele tempo em casa com o qual não sabia o que fazer.

*

Entretanto, eu tinha um livro a escrever e chegara o momento de me ater a ele.

*

Todos os dias, eu ligava o computador, ajustava a cadeira. A tela à altura dos olhos, eu abria o arquivo de Word no qual começava e recomeçava havia várias semanas um livro que nunca passava de duas páginas. Procurava um título. Às vezes, um título suscitava a vontade. Mas, mal se produzia esse breve entusiasmo, o qual era sucedido por um torpor geral, um cansaço imperioso sempre acabava me obrigando a deixar a escrivadinha por medo de cair da cadeira ou de dormir repentinamente, de uma vez só, com a cabeça no teclado (a imagem de Paul com oito ou dez meses então me vinha à mente: um dia, tínhamos voltado tarde da praça e passado do horário da soneca. Sentado na cadeira de alimentação, ele havia desabado e enfiado o nariz no prato de papinha).

Ou então, vinha de longe aquela zombaria para me ridicularizar.

No entanto, todos os dias, eu recriava as condições do ritual, como se nada me impedisse, nada me aterrorizasse.

*

Chega um momento em que nada mais é obstáculo, em que o espaço necessário foi liberado, em que tudo foi posto no lugar, organizado, guardado, copiado. O silêncio de fato voltou, a almofada foi posta corretamente na cadeira, o teclado do computador espera apenas os dedos que digitarão nele.

Chega um momento em que é necessário mergulhar, reencontrar a cadência, o ímpeto, a determinação. Mas isso não acontece.

Chega um momento em que dizemos que é uma questão de disciplina, que basta nos dar um empurrão com um belo chute na bunda, então entramos no jogo, despertamos a fera na hora certa, bem cedo, nos sentamos à mesa, ficamos ali, estamos ali, imóveis. Mas nada ocorre.

Chega um momento em que pensamos que não deveria ser assim, que não era tão doloroso, ou que, se era, a dor continha uma parte de alegria, mas que ali, não, é apenas uma derrota. Meu olhar vazio diante do computador.

*

Pouco tempo depois, acabaram as desculpas, os pretextos. Tudo estava pronto, mas nada podia ser escrito.

Eu estava com medo. Não conseguia mais.

*

Os personagens que havia descrito para L. tinham perdido sua substância, haviam se distanciado, sem que eu me desse conta, e eu os acabara perdendo de vista. A ideia geral do romance tinha se esvaziado, se fechado como uma gaita de folas.

Parecia falsa.

A história, a situação, a ideia do livro em si, a ideia de ideia em si.

Nada mais fazia sentido.

*

Em uma noite de outubro, anunciei à minha editora que ia abandonar o projeto que mencionara para ela. Não estava funcionando, algo no texto não estava certo. Ela me pediu que mandasse o que havia escrito, mesmo que fosse um rascunho, em estado bruto; ela saberia ler as entrelinhas, mesmo o iníciozinho, mesmo algumas páginas. Respondi que não havia escrito nada, nem uma linha, desliguei.

Era incapaz de explicar a sensação de impasse em que me encontrava, a repugnância que tudo aquilo me causava, a sensação de ter perdido tudo.

*

Em nenhum momento imaginei que as conversas que tivera com L. podiam ter algo a ver com a minha desistência. Até ali, nenhum ponto de vista, nenhum discurso, nenhum conselho influenciara a natureza de meu trabalho. Os livros se impunham, não podiam ser discutidos nem negociados, não era uma escolha, era um caminho e não havia outro.

Como eu podia imaginar que uma ou duas conversas seriam suficientes para

me tirar o fôlego?

*

À noite, eu mantinha os olhos bem abertos. Não via nada: nenhum brilho, nenhuma faísca.

Uma manhã, bem cedo, quando voltava depois de ter dormido na casa de François, encontrei L. na esquina da minha rua. Não na minha porta, mas a algumas centenas de metros da minha casa. Não havia qualquer razão para ela estar ali. Minha rua é estreita e não tem loja alguma, o dia mal acabara de nascer e os cafés das redondezas ainda estavam fechados. Eu andava com a cabeça baixa e rápido por causa do frio. No entanto, meu olhar foi atraído por uma silhueta longa e branca na calçada à minha frente, sem dúvida por causa da imobilidade em que parecia estar obstinada. L. estava enrolada em um casaco longo, o colarinho erguido. Não se mexia, parecia não ter vindo de lugar algum, nem mesmo esperar alguém. Depois de instantes, me pareceu que ela observava, de forma intermitente, a entrada do meu prédio. Quando me viu, seu rosto se iluminou. Não havia incômodo nem surpresa em seu olhar, como se fosse absolutamente normal ela estar ali, em pleno inverno, às sete horas da manhã. Tivera vontade de me ver e encontrara a porta fechada. Foi isso que me disse. Não tentou inventar nada. Aquela simplicidade me emocionou, pois, durante a confissão, L. fizera uma expressão infantil que eu não conhecia.

Ela seguiu meus passos, entrou atrás de mim no apartamento. Eu havia diminuído o sistema de aquecimento antes de sair, e a temperatura caíra à noite. Ofereci um xale que ela recusou. Tirou o casaco, não usava pulôver, mas um tipo de blusa de cetim cujo tecido, muito mole, ajustava-se à forma de sua barriga, dos ombros e dos braços. Era mais o tipo de roupa que usamos em uma festa ou em um jantar um pouco chique. Eu me perguntei de onde ela vinha e se havia dormido. Coloquei a cafeteira italiana no fogo e nos sentamos no sofá. Eu estava congelando. Ao meu lado, L. parecia aquecida por uma combustão interna que a protegia do frio. Seu corpo tinha algo de estranhamente lascivo. Descontraído.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Depois ela se aproximou de mim. Sua voz me pareceu um pouco rouca, como depois de uma noite cantando ou fumando.

— Algum dia já aconteceu com você de não conseguir voltar para casa?

— Já, claro. Mas não ocorre há muito tempo.

— Na noite passada, transe com um homem em um quarto de hotel. Lá pelas cinco ou seis da manhã, eu me vesti e peguei um táxi que me deixou na porta do meu prédio. Quando cheguei, não consegui subir, não tive vontade de dormir nem de me deitar. Como se alguma coisa em mim se recusasse a ceder. Você conhece essa sensação? Então perambulei por aí. Até aqui.

A cafeteira começou a chiar, eu me levantei para desligar o fogo. Com qualquer outra amiga, eu teria servido o café e logo depois teria voltado a me sentar no sofá, não teria esperado um segundo a mais para começar, rindo, um interrogatório direto: quem era esse homem, desde quando estava saindo com ele, onde, ia vê-lo outra vez?

Mas pus a xícara e o açúcar diante dela e fiquei de pé.

Fui incapaz de fazer qualquer pergunta.

Olhava para L., percebia aquele estado febril que palpitava sob sua pele, sim, de onde estava, percebia isso claramente: a aceleração do sangue em suas veias.

Fiquei assim, longe dela, as costas apoiadas na lava-louça. Pela primeira vez, pensei que L. guardava algo que me escapava, que eu não entendia. Pela primeira vez, acho que tive medo sem saber o motivo, sem que esse medo pudesse ser representado por uma forma ou uma imagem.

L. bebeu o café e se levantou. Agradeceu.

Já era dia e ela se sentia pronta para voltar para casa, estava exausta.

Eu adoraria conseguir dar conta da personalidade de L. sob todos os seus aspectos, por mais contraditórios que fossem.

L. se mostrava sob luzes diferentes, ora grave e controlada, ora brincalhona e imprevisível. É isso, sem dúvida, que torna sua representação tão complexa, as falhas bruscas no controle de si mesma, a mistura de autoridade e seriedade que vinha de repente contradizer um acesso de humor ou de imaginação, cuja violência lembrava as lufadas de ar inesperadas criadas pela pressão do vento no momento em que abre as janelas de uma só vez.

*

L. continuava me impressionando com sua capacidade de captar os estados de espírito dos outros, em apenas um instante, e de se adaptar a eles. Ela sabia desarmar a contrariedade de um garçom em um café ou vencer o cansaço de uma vendedora de padaria como se percebesse o humor deles no instante em que entrava pela porta. Sempre estava um passo à frente. Em um lugar público, era capaz de começar uma conversa com qualquer pessoa e, em menos de três minutos, colher suspiros, suscitar confidências. Mostrava-se indulgente e tolerante, dava a sensação de poder entender tudo sem julgar.

L. sabia encontrar as palavras para consolar e acalmar.

L. fazia parte do grupo de pessoas para o qual, por instinto, nos viramos na rua para perguntar onde fica um lugar ou pedir informações.

*

Mas, às vezes, a superfície lisa se rasgava de uma só vez e L. revelava uma faceta impressionante de si mesma. De um segundo a outro, seguindo uma vontade evidente de desmentir as próprias constâncias, ela assumia uma raiva surpreendente, desproporcional, por exemplo, porque, ao cruzar com ela na calçada, alguém não havia desviado de sua trajetória (ela achava que, quando duas pessoas ficavam frente a frente, ambas deviam dar um passo para o lado ou pelo menos esboçar o movimento em sinal de respeito ou boa vontade). Entre os episódios do metrô, eu me lembro de um dia em que, durante mais de cinco minutos, enquanto uma mulher berrava ao celular, L. lhe respondia em voz alta, impassível, sem que a mulher se desse conta, provocando gargalhadas nos passageiros a nossa volta.

Outra vez, quando fui encontrá-la na place Martin-Nadaud, eu a vi vermelha de raiva, berrando insultos para um cara que gritava ainda mais alto do que ela, mas cujo vocabulário, comparado ao de L., parecia muito limitado. Com a voz baixa, firme, definitiva, L. havia dominado a situação. Quando, por fim, aceitou se afastar, ela me explicou que o cara havia sido muito agressivo e vulgar com duas garotas que tinham passado de short na frente dele.

*

L. tinha assuntos muitos variados. As grosserias parisienses, os chefes tiranos, os inquisidores e carrascos de todo tipo, as diferentes formas de somatização e

sua ligação com a nossa época. O teletransporte humano era um de seus temas prediletos. Se partíssemos do princípio de que não somos nada além de um conjunto de átomos ligados uns aos outros, nenhuma lei fundamental da física nos impediria de viver juntos se respeitássemos nosso respectivo perímetro. Além disso, nenhuma lei fundamental da física nos impediria, dali a algumas centenas ou milhares de anos, de nos teletransportar de um ponto A a um ponto B da mesma maneira que hoje somos capazes de mandar uma foto ou uma música de maneira quase instantânea ao outro lado do mundo.

Além de ter outras ideias malucas, L. achava que os canhotos eram seres diferentes, que se reconheciam instantaneamente, eram ligados uns aos outros e formavam uma casta invisível, por muito tempo rejeitada, cuja discreta supremacia não precisava mais ser provada.

*

Não tardei a descobrir que L. também tinha fobias: um dia, estávamos almoçando em uma *brasserie* do meu bairro e vi um camundongo correr junto ao balcão, bem atrás dela. Não é raro ver ratos nos restaurantes parisienses, mesmo nos mais chiques, mas devo dizer que, em pleno horário de almoço, isso não é tão frequente. Além do mais, o animal trotava com desenvoltura. O espetáculo valia a pena, por isso interrompi nossa conversa.

L. ficou paralisada, incapaz de se virar.

— Um rato de verdade? Está brincando?

Balancei a cabeça, rindo.

Então entendi que L. não conseguiria dizer mais nada: estava lívida, uma fina película de suor havia surgido em sua testa. Era a primeira vez que a via tão pálida.

Tentei acalmá-la: o camundongo havia sumido, não tinha por que se preocupar, nem motivo para achar que ele voltaria. L. não quis saber de nada. Não comeu nem mais uma garfada da salada que acabara de começar, pediu a conta e fomos embora.

Depois, descobri que L. não suportava nenhum roedor, e ela me confessou que não conseguira terminar o conto que eu havia escrito que falava de ratos brancos.

Pouco a pouco, fiquei sabendo, por meio de várias conversas, que L. lera *tudo* que eu havia escrito e publicado, meus romances, meus contos, minhas participações em obras coletivas, *tudo*, com exceção desse texto, que ela não conseguira terminar.

*

Por outro lado, L. reconhecia que cultivava algumas manias e se interessava muito pelas dos outros. Tinha uma teoria sobre essa questão. Nenhum ser poderia sobreviver em nossa sociedade sem adquirir certo número de rituais dos quais nem sempre tem consciência. L. constatara, por exemplo, que todos temos

períodos alimentares. Será que eu estava entendendo o que ela queria dizer? Se eu parasse para pensar, não constataria que, com o passar do tempo, minha alimentação havia evoluído e passado por diferentes fases, diferentes períodos, correspondentes a várias idades e influências, abandonando certos alimentos enquanto outros, esquecidos até ali, se tornaram repentinamente indispensáveis? Ela sugeriu, por exemplo, que eu pensasse no meu café da manhã. Ainda era o mesmo? Reconheci realmente ter mudado a composição da refeição várias vezes. Tivera um período de torradas e iogurte, um período de cereais e torradas, um período de cereais e iogurte, um período de brioche e mais nada... Aos vinte anos, tomava chá; aos trinta, café; aos quarenta, água quente. Aquilo a fez sorrir. L. confessou ter passado, ao entrar na idade adulta, por fases que chamava de cromáticas: um período laranja, em que só se alimentava com produtos daquela cor (laranja, damasco, cenoura, queijo mimolette, abóbora, melão cantaloupe, camarão cozido), e depois, mais tarde, um período verde (espinafre, vagem, pepino, brócolis...), mas pusera um ponto final nelas quando se casara.

*

Do mesmo modo, L. constatava que certo número de gestos de nosso dia a dia eram feitos em uma determinada ordem, mesmo que não tivessem sido objeto de uma decisão ou reflexão. Essas sequências, segundo ela, vinham de estratégias que usávamos de maneira relativamente consciente para sobreviver. Nossos cacoetes de linguagem, longe de serem fortuitos, revelavam mais do que qualquer discurso a maneira com que conseguíamos, em determinado instante, adaptar-nos (ou resistir) às restrições mais fortes aplicadas pelo ambiente. Segundo L., as expressões correntes que adaptamos coletivamente traduzem, melhor do que qualquer análise profunda de nossa vida ou do uso que fazemos do tempo, nossas maiores angústias. Assim, em uma época em que nada parecia funcionar, em que a sociedade em geral parecia imobilizada, em suspenso, as pessoas repetiam que algo *funciona* a cada segundo. Do mesmo modo, as festas, os filmes, as pessoas não eram mais *muito* — muito simpáticos, muito chatos, muito rápidos, muito lentos —, tinham se tornado *demais* — simpáticos demais, chatos demais, rápidos demais, lentos demais —, talvez porque esse estilo de vida realmente nos tragasse.

*

Falando nessas estratégias, L. tinha uma muito eficaz para garantir seu espaço vital ou o sigilo de suas conversas. Quando chegava a um café na hora do almoço, sempre pedia uma mesa para três, apesar de sermos apenas duas. Esse estratagema sempre permitia que conseguíssemos uma mesa grande (ou a junção de duas pequenas), enquanto, à nossa volta, todos se espremiavam. Depois de cerca de vinte minutos, ela fazia uma expressão cansada e declarava ao garçom que íamos pedir sem esperar a terceira pessoa, mas manteríamos o lugar, caso ela viesse. No fim da refeição, quando o restaurante já estava

consideravelmente mais vazio, L. pedia desculpas para o garçom: ela sentia muito, a pessoa nos deixara na mão.

*

Devo dizer que, com ela, eu nunca ficava entediada.

L. fazia todo tipo de pergunta a si mesma em voz alta, ou melhor, expressava em voz alta as perguntas que provavelmente muitas mulheres fazem a si mesmas (eu pelo menos faço): até que idade podíamos usar calças *skinny*? Minissaias? Decotes? Será que nós mesmas conseguiríamos perceber quando fosse tarde demais, que aquilo nos deixava ridículas, ou seria necessário pedir a alguém próximo (enquanto ainda fosse tempo) para nos avisar quando esse momento chegasse? Já era tarde demais e tínhamos ultrapassado o limite sem nos dar conta?

Eu não conseguia acreditar: L., que parecera tão segura de si quando eu a conhecera, tão certa de suas escolhas, tão consciente de sua aura, expressava — e ainda por cima com humor — preocupações parecidas com as minhas.

*

Isso rapidamente se tornou um dos nossos assuntos favoritos: o esforço de aclimação necessário para nos ver como éramos — um ajuste no foco, no sentido fotográfico do termo, ao qual era preciso se submeter com regularidade de modo a nos situar em nossa idade, para saber com o que nos contentar.

A descoberta de uma nova ruga, de uma nova etapa da queda geral, olheiras irreduzíveis, tudo isso podia ser compartilhado, passou a ser objeto de uma análise crítica... e cômica.

L. confessou que não conseguia cruzar com alguém de mais de trinta anos sem primeiro imaginar qual era sua idade. Havia algum tempo que a idade era a primeira pergunta que ela se fazia sobre qualquer pessoa que conhecia ou encontrava, homem ou mulher, como se fosse uma informação essencial, inevitável, para avaliar a relação de força, de sedução, de cumplicidade. Já eu notara, ao ficar mais velha, que os jovens me pareciam mais novos do que eram. Segundo ela, era justamente um sinal da idade não ser capaz de fazer a distinção entre uma pessoa de vinte anos e outra de trinta, enquanto, entre eles, todos são capazes de se reconhecer ou de se distinguir.

*

O que me fascinava em L. é que nenhum desses questionamentos interiores transparecia em sua maneira de ser. Nada em sua aparência ou em seu comportamento denunciava qualquer inquietude ou incerteza sobre ela mesma. Pelo contrário, eu achava que sua maneira de se vestir, de se mover, de rir era a prova gritante de que ela assumia plenamente a mulher que era.

Sem dúvida, isso tudo gerava a força da atração que L. exercia sobre mim: eu a admirava por sua lucidez em relação ao mundo e a si mesma, mas também por sua capacidade de *simular*, de jogar o jogo.

*

Uma noite, quando andávamos lado a lado pelo canteiro do boulevard Richard-Lenoir, L. me contou que tinha visto, no início dos anos 1990, um filme de Pascale Bailly chamado *Comment font les gens* [Como as pessoas fazem]. O título, por si só, parecia resumir seu estado de espírito, o questionamento permanente em relação aos outros, do qual ela não podia se livrar: como as pessoas faziam? Sim, em que ritmo, com que energia, em virtude de que crenças? Como *as pessoas* conseguiam se manter de pé? Isso porque, na época, quando as observava, todas pareciam estar se saindo muito melhor do que ela. Eu já havia visto aquele filme? Como não respondi, L. continuou e falou de outro longa-metragem que datava mais ou menos da mesma época, dirigido por Laurence Ferreira Barbosa, cujo título, *Les Gens normaux n'ont rien d'exceptionnel* [As pessoas normais não têm nada de excepcional], estava no mesmo nível do primeiro. A história basicamente se passava em um hospital psiquiátrico e ela a havia adorado.

Parei de andar.

Fiquei sem voz durante alguns segundos, analisei seu rosto em busca de um vestígio.

L. me olhou, espantada. A noite acabara de cair, as luzes se acendiam nas janelas, o vento soprava as folhas mortas em rajadas, fazendo um barulho de papel amassado.

Acho que senti naquele momento um tipo de vertigem, mas não saberia dizer se de prazer ou de medo.

Não era a primeira vez.

Sim, eu havia visto aqueles dois filmes e, por motivos muito íntimos, eles faziam parte da minha lista de favoritos. O fato de L. me falar justo daqueles dois, ambos mantidos basicamente em segredo, de ela os associar, era uma coincidência perturbadora, até chocante, tanto que achei que ela havia lido ou ouvido em algum lugar aquela minha lembrança preciosa. Mas não tínhamos nenhum conhecido em comum, e eu não me lembrava de ter falado sobre aquilo à imprensa.

É, eu também tinha me perguntado muitas vezes: como as pessoas fazem? E, para ser sincera, as perguntas tinham mudado, mas jamais haviam desaparecido: como as pessoas fazem para escrever, amar, dormir logo, variar as refeições dos filhos, deixá-los crescer, deixá-los partir sem se prender a eles, ir uma vez por ano ao dentista, praticar esportes, se manter fiéis, não voltar a fumar, ler livros + histórias em quadrinhos + revistas + jornais, não ficar totalmente ultrapassadas em termos de música, aprender a respirar, não se expor ao sol sem proteção, fazer compras uma única vez por semana sem nunca se esquecer de nada?

*

Daquela vez eu teria que esclarecer aquilo. Olhei nos olhos de L. e perguntei

por que ela estava comentando sobre aqueles filmes. Eu já os havia mencionado? Ela pareceu surpresa. Falara deles porque os filmes a haviam marcado. E porque, para ser sincera, ela ainda se fazia aquele tipo de pergunta. Era só isso. Tinha sido por isso que pensara neles.

Voltamos a caminhar em silêncio.

*

Será que ela também sentia certa dúvida permanente sobre seu jeito, ora hesitante ora excessivo, de evoluir pelo mundo? Um medo de não estar no ritmo certo, na tonalidade certa? Uma sensação de se deixar afetar demais pelas coisas, de não saber manter uma distância segura?

Ou talvez L. tivesse adotado minhas preocupações, como se tivesse vestido um disfarce, para me estender um espelho no qual podia me reconhecer?

Quando eu me fazia essas perguntas, acabava sempre me dizendo que não havia motivo para duvidar das semelhanças entre nós nem para recusar o conforto que elas me traziam.

*

L. observava os outros.

Na rua, nos parques, no metrô.

L. não deixava de tomar a si mesma como tema de estudo e brincava disso, com uma precisão que me encantava.

L. não se contentava em enunciar perguntas, ela propunha respostas.

L. não deixava de rir de si mesma.

L. tinha teorias sobre tudo: a adequação de roupas às idades, o futuro renascimento da imprensa, a volta dos antigos legumes, a melhor maneira de interromper soluços, a telepatia, o retoque da maquiagem, o advento dos robôs domésticos, a evolução da língua e o papel dos dicionários, o impacto dos sites de relacionamento nas relações amorosas.

*

Uma manhã, quando me preparava para sair de casa, ouvi a voz de Gilles Deleuze no rádio. Reproduzo aqui as frases que anotei de cabeça, alguns segundos depois da transmissão daquele curto arquivo sonoro: *Se não percebemos o pequeno grão de loucura em uma pessoa, não podemos amá-la. Se não percebemos seu ponto de demência, não a entendemos. O ponto de demência de alguém é a fonte de seu charme.*

*

Pensei em L. no mesmo instante.

Pensei que L. havia percebido meu ponto de demência e que a recíproca era verdadeira.

Talvez, inclusive, seja isso um encontro, amoroso ou amigável: duas demências que se reconhecem e se cativam.

Nos dias em que tinha certeza de que não ia cruzar com François, L. vinha à minha casa jantar ou tomar chá.

O outono se prolongava e, já que eu não estava escrevendo, me contentava em viver. Havia parado de me ater ao computador na hora marcada, decretara um tipo de trégua até encontrar outro livro e me deixar arrebatado. Pensava com frequência nas palavras que havia lido, mas não lembrava onde: as histórias jazem no solo, como o fósseis. São as relíquias vindas de um mundo preexistente. E o trabalho do escritor é usar as ferramentas de sua caixa para retirá-las com cuidado e extraí-las, tão intactas quanto possível.

Por isso eu andava olhando para o chão, procurando, sem dúvida, sob os paralelepípedos, o pequeno pedaço de pedra que me daria a força para escavar.

*

Quando o inverno começou, tornou-se difícil aproximar-me do teclado.

Não apenas abrir um arquivo de Word, mas também — de maneira progressiva, insidiosa — responder e-mails, redigir mensagens. Não sei precisar a primeira vez que senti isso ao me sentar diante do computador, uma horrível queimadura no esôfago. Sei que isso se repetiu cada vez com mais força: uma descarga de acidez que me tirava o fôlego.

Comprei sal de fruta na farmácia.

Para continuar usando o computador, era preciso enganar meu corpo, mostrar da maneira mais clara possível que eu não ia tentar nada, nada que tivesse a ver, de perto ou de longe, com a escrita. Eu adotava uma posição tranquila, provisória, não aproximava mais o cursor do ícone do Word na parte baixa da tela. Apenas esses estratagemas me permitiam ficar diante da máquina.

*

Felizmente, havia os cadernos de anotações. As cadernetas em que continuava anotando e agrupando palavras, inícios minúsculos, pedaços de frases arrancados do silêncio, silhuetas desenhadas em grandes traços. As cadernetas estavam na minha bolsa. Era a esta ideia que eu me agarrava: o fóssil estava preso nas páginas, na fibra do papel, o fóssil aguardava sua hora. Um título, uma associação, algumas anotações realizadas *in loco* que fariam sentido, no momento certo, e que me levariam em seu eco. Uma mina, um tesouro, no qual bastaria escavar quando estivesse pronta. Foi isso que expliquei a L. em um dia que ela quis saber o que eu estava produzindo.

*

Estava com ela no dia em que minha bolsa foi aberta no metrô. Esqueci o motivo que nos havia feito pegar a linha 4 na hora do rush e não encontro vestígio dele. Estávamos espremidas uma contra a outra, engolidas pela massa compacta de corpos, as duas sacudidas de forma dissonante ao ritmo do vagão. Evidentemente, não senti nada. Nós nos separamos na troca de estação e eu peguei a linha 3, tão lotada quanto a anterior, para voltar para casa. Foi apenas

mais tarde na mesma noite, quando estava procurando um pacote de lenços de papel, que percebi que minha bolsa tinha sido cortada com um estilete de cima a baixo, em toda sua extensão. Na hora pensei nas cadernetas. Não estavam mais lá. A bolsinha que continha meu cartão de crédito, meu dinheiro e meus documentos também havia sumido. Alguém pegara tudo (a textura dos cadernos de anotações podia fazê-los passar por uma longa carteira ou um porta-cartões) ou apenas retirara o dinheiro e as cadernetas tinham caído depois pela abertura escancarada. Vasculhei a bolsa, minha mão explorando cada cantinho dez vezes seguidas, em um gesto absurdo, desesperado, repetindo em voz alta não é verdade, não é verdade. E depois comecei a chorar.

*

Mais tarde, liguei para L. para contar o que havia acontecido e garantir que ela não sofrera nada. Sua bolsa estava intacta. Por outro lado, agora que estava pensando naquilo, ela vira dois homens atrás de nós cujo comportamento parecera estranho. Do tipo de cara que se aproveita da multidão para roçar em alguém.

L. me deu o número da central bancária para que eu cancelasse os cartões de crédito.

L. se preocupou em saber como eu estava.

L. me perguntou se eu queria que ela fosse até minha casa.

*

Eu me deitei logo depois de desligar. Não havia mais nada a fazer. Tinha me ouvido responder com uma voz controlada que não era tão grave. Não era tão grave, não, meus cadernos de anotações haviam desaparecido e eu tinha a sensação de ter perdido os dois braços, amputados, mas era ridículo, exagerado, desproporcional. Era a prova clara, se é que ainda havia necessidade de uma, de que alguma coisa não estava certa.

“Dentro dele, uma voz sussurrou pela primeira vez: ‘Quem és tu quando escreves, Thad? Quem és tu nessa altura?’”

(Stephen King, *A metade sombria*)

– Eu sei que você vê séries com seus filhos, que vocês viram as melhores. Então, por favor, pense um pouco. Compare. Veja o que é escrito e o que é filmado. Você não acha que perdeu essa batalha? Faz tempo que a literatura vem sendo posta no chinelo em termos de ficção. Não estou nem falando do cinema, é outra coisa. Estou falando das caixas de DVD nas suas estantes. Duvido que isso nunca tenha impedido você de dormir. Nunca pensou que o romance estava morto, ou pelo menos certa forma de romance? Nunca achou que os roteiristas tinham simplesmente vencido por pouco? Superado você, inclusive. São eles os novos demiurgos oniscientes e onipotentes. São capazes de criar todo tipo de geração de família, de partido político, de cidade, de tribo, ou seja, de mundo. Capazes de criar os heróis que amamos, que acreditamos conhecer. Sabe do que estou falando? O elo íntimo que é estabelecido entre o personagem e o espectador, o sentimento de perda ou de luto que ele sente quando a série termina. Isso não acontece mais com os livros, ocorre em outro lugar agora. É isso que os roteiristas sabem fazer. Foi você que falou do poder da ficção, dos desdobramentos que se estendem ao real. Mas isso tudo não é mais domínio da literatura. Você tem que admitir isso. A ficção acabou para vocês. As séries dão ao romanesco um território muito mais fecundo e um público infinitamente maior. Não, isso não tem nada de triste, acredite em mim. Pelo contrário, é uma excelente notícia. Alegre-se. Deixe isso para os roteiristas, porque eles fazem isso melhor que vocês. Os escritores têm que voltar ao que os distingue, retomar sua arma principal. E sabe o que é? Não? Claro que sim, sabe muito bem. Por que acha que os leitores e críticos questionam a autobiografia nas obras literárias? Porque ela é hoje sua única razão de ser: dar conta do real, dizer a verdade. O restante não tem importância alguma. É isso que o leitor espera dos romancistas: que exponham suas entranhas. O escritor deve questionar sem cessar sua maneira de estar no mundo, sua educação, seus valores, deve questionar constantemente a maneira como usa a língua que herdou de seus pais, que lhe foi ensinada na escola e que seus filhos falam. Deve criar uma língua que lhe seja própria, com inflexões singulares, uma língua que o ligue ao seu passado, à sua história. Uma língua de pertencimento e de emancipação. O escritor não precisa fabricar personagens burlescos, por mais ágeis e fascinantes que sejam. Ele já tem muito material em si mesmo. Deve recorrer sempre ao terreno dos conflitos que teve que atravessar para sobreviver, deve voltar sem parar ao local do acidente que fez dele um ser obsessivo e inconsolável. Não confunda a luta a ser travada, Delphine, é isso que quero dizer. Os leitores querem saber o que incluímos nos livros e têm razão. Os leitores querem saber que carne foi incluída no ensopado, se contém corantes, conservantes, emulsificantes e espessantes. E hoje é dever da literatura jogar limpo. Seus livros não devem nunca parar de interrogar suas lembranças, suas crenças, suas desconfianças, seus medos, sua relação com as pessoas a sua volta. Essa é a única condição para que acertem no

alvo, para que ressoem.

*

Foi o que L. me disse, naquela noite, em um café deserto próximo à subprefeitura do vigésimo *arrondissement*.

A noite caíra e nós havíamos ficado ali, no fundo daquele salão de paredes cobertas com cartazes de propaganda dos anos 1950, desbotadas pela luz. Ao longe, uma estação de rádio que eu não conseguia identificar chiava. Achei que aquele café era, sem dúvida, o último vestígio de um tempo antigo, o único do bairro a ter resistido aos assaltos de uma renovação moderna que, aos poucos, tomava as ruas. Um reduto de resistência que não tardaria a ser invadido.

Eu havia escutado L. sem tentar interrompê-la. L. exagerava, esquematizava, sistematizava, mas eu não tinha forças para responder a ela.

Não, eu não queria deixar o território da ficção para quem quer que fosse. Mas olhava para minhas mãos, e elas estavam vazias.

Não, eu não excluía a possibilidade de voltar um dia a um tipo de escrita autobiográfica, independentemente de seu nome. Mas ela só faria sentido se me permitisse definir o mundo, acessar o universal.

De todo modo, eu estava exaurida.

*

Foi o que L. me disse e eu a ouvi, achando tudo aquilo em parte divertido, em parte chocante.

Seu discurso me obrigava a pensar no que eu sempre me recusara a teorizar. Suas convicções vinham destruir o edifício mínimo que eu construía para dar sentido ao meu trabalho ou, ao menos, ser capaz de falar dele.

E suas palavras penetravam no cerne de uma dúvida que eu era incapaz de formular.

*

L. me disse um dia que eu havia escrito apenas dois livros. O primeiro e o último. Os outros quatro tinham sido, segundo ela, apenas um lamentável desvario.

Durante o outono, Louise e Paul voltaram a Paris, juntos ou separados, duas ou três vezes para passar o fim de semana comigo. Entre mim e meus filhos, um novo laço claramente se criava, modificado pela distância e pela saudade. Uma relação intensa, cheia de conversas, um prolongamento dos anos que havíamos passado juntos, e, no entanto, algo totalmente diferente. Meus filhos tinham crescido. E eu continuava sendo uma mãe que se emocionava, sempre maravilhada.

François tentava conciliar vários projetos e tinha acabado de ser contratado para uma segunda temporada da série de documentários, um trabalho de longa duração que mais uma vez o levaria a passar muitas semanas no exterior. Eu conhecia sua curiosidade insaciável, os dias inteiros que dedicava à leitura, seu gosto por viagens. E, no fundo, aquilo me convinha, aquela dedicação que nós dois tínhamos a tudo que tentávamos criar, aquela vontade — ou ilusão — de poder lidar com o que dividíamos e com o que não dividíamos. François respeitava minha necessidade de ficar sozinha, minha independência, meus momentos de ausência. Eu respeitava suas escolhas, suas maluquices, seu entusiasmo sempre renovado.

*

Várias vezes por semana, L. me ligava para dizer que estava por perto. Na verdade, ela nunca estava muito longe. E eu sempre a chamava para subir até minha casa. Pois, em meio à desordem que eu me recusava a admitir, sua presença me acalmava.

L. trazia flores, doces, garrafas de vinho. Sabia onde encontrar as xícaras, o chá, o café, o saca-rolha e as taças. Tinha seu lugar no sofá. Enrolava-se em meu xale, ligava luminárias, escolhia a música.

Quando eu recebia um telefonema na presença dela, L. não se afastava. Não fingia olhar o próprio celular nem folhear um jornal, como a maioria das pessoas faria. Não, pelo contrário, ela concordava com o que eu dizia com um gesto de cabeça ou franzia a testa. Em silêncio, participava da conversa.

*

L. havia me dado uma série de novos cadernos de anotações em papel reciclado, de três tamanhos diferentes. No maior, tinha escrito uma pequena dedicatória me incentivando e me dando apoio, mas já a esqueci. Não posso relê-la agora porque joguei todas essas cadernetas fora.

Toda semana ela me perguntava como estava o trabalho, lembrava que se encontrava à disposição para conversar sobre isso sempre que eu quisesse. Como eu não tinha grande coisa a dizer, ela me falava do seu. L. havia acabado de começar a autobiografia de uma atriz famosa. Três meses antes, ela competira com dois outros *ghost-writers* muito procurados. Como os outros, ela havia conhecido a atriz durante uma festa organizada por seu agente. E a atriz a havia escolhido. Sem dúvida L. soubera encontrar as palavras certas, conseguira

demonstrar sua capacidade de intuir sobre as pessoas que continuava me fascinando. L. adorava falar do prazer que sentia em dar forma ao material que a atriz lhe confidenciava. Falava da mulher com um carinho de demiurgo, como se a atriz não existisse fora do trabalho que haviam começado juntas, como se ela tivesse que revelar aquela mulher para o mundo e para ela mesma. L. estava feliz e sentia que, por causa daquele livro, havia chegado ao auge de sua profissão. Do que importava de verdade. Pois L. não se contentava em ser escolhida. Não escrevia para qualquer pessoa. Dava-se o direito de recusar certas colaborações e escolhia as pessoas com quem queria trabalhar. Pessoas que, segundo ela me confidenciara, tinham um destino. Que haviam caído, naufragado, sofrido e guardavam vestígios disso. Era o que lhe interessava. Escrever como elas haviam se reerguido, construído, consertado. Seu papel era pôr em cena, em palavras, dar destaque ao material que confiavam a ela. Era a alma daquelas pessoas que L. punha no papel, e quando elas lhe agradeciam, ela sempre pensava nisto: tinha apenas tornado a alma delas visível a olho nu.

*

Uma noite, L. me disse que conseguia reconhecer imediatamente as pessoas que tinham sido vítimas de violência. Não apenas de violência física. Gente cuja personalidade, a própria pessoa, havia sido posta em risco por outra. Sabia detectar nelas um tipo de impedimento, de embaraço, de desequilíbrio no sentido literal do termo. Uma hesitação, uma incerteza, uma falha que nenhuma outra pessoa além dela parecia perceber.

*

O inverno se anunciava e L. estava cheia de trabalho. Eu aproveitava o fato de ainda poder lançar mão de pretextos relativamente críveis. Adia. Fingia preparar algo. Continuava a inventar pesquisas, esboços.

Não sabia que dois anos se passariam antes que eu fosse capaz de criar um novo arquivo e tratá-lo como texto, antes que pudesse redigir uma frase com mais de três palavras.

Entre o nascimento de meus filhos e o ano em que o pai deles e eu nos separamos, montei cerca de dez álbuns de fotos, com umas cinquenta páginas cada um. Depois, continuei tirando fotos e, às vezes, revelando-as, mas parei de organizá-las e de colá-las. Pensando em retrospecto, eu poderia criar diversas hipóteses para a nossa separação com base na interrupção desses álbuns, mas isso é outra história. Se um dia minha casa pegar fogo, acho que os pegarei antes dos livros, antes das cartas, antes de todo o restante. Eles representam um momento infinitamente precioso de minha vida, de nossa vida. São o epicentro de minha nostalgia, um relicário frágil no âmago de minha memória. Quando os abro, costumo pensar que adoraria saber escrever sobre aquilo, sobre aquele passado testemunhado de forma precisa e impotente pelas imagens.

*

Quando o inverno chegou e a ameaça da inatividade se anunciava, pus na cabeça que iria retomar a confecção dos álbuns. Vários anos me separavam do último. Levei quase dois dias para encontrar uma loja que vendia um modelo similar aos que tinha em casa, depois outros dois dias selecionando as fotos, armazenadas, em sua maioria, em formato digital. Os arquivos estavam espalhados em vários suportes relativamente obsoletos.

Depois de revelar as fotos, instalei-me à mesa da sala, diante dos álbuns intocados que queria preencher. No fundo, pensei, não era algo tão diferente da escrita: daquelas imagens escolhidas, organizadas, ordenadas, impressas, emergiria uma história reinventada.

*

No dia em que comecei a colar as fotografias, L. bateu à minha porta.

As fotos estavam todas espalhadas diante de mim, separadas por época. L. se sentou ao meu lado, depois se interessou pela pilha posicionada diante dela. Uma série de fotos relativamente recentes mostravam Paul coberto de lama, após uma corrida de motocross, e várias imagens de Louise cercada por seus amigos do ensino médio, tiradas na neve, em um dia de inverno.

— Ela se parece com você — disse L., que observava Louise com uma atenção emocionada.

Naquele instante, pensei que Louise estava com a idade que nós, L. e eu, tínhamos quando havíamos nos conhecido. Desde que L. revelara que tínhamos estudado na mesma turma, só havíamos voltado a mencionar aquilo uma ou duas vezes. Eu não tinha nenhuma lembrança dela e me parecia indelicado retomar aquele assunto. Não queria voltar a enfiar o dedo na ferida.

L. deve ter lido meus pensamentos, pois me pediu para ver a foto de nossa turma. Vasculhei um pouco as caixas antes de encontrar a imagem, cujas cores já estavam um pouco desbotadas. A foto tinha sido tirada no pátio da escola. Nela, os alunos aparecem alinhados em cinco filas em torno do Sr. E., o professor de filosofia. Quase todos os meninos estão de joelhos ou agachados, na parte de

baixo da foto. As meninas mais altas estão em cima de um banco que não pode ser visto. Depois de apontar meu rosto, que reconheceu de imediato, L. observou a foto por muito tempo, analisando cada um dos alunos. Por fim, partindo da primeira fila superior, ela deixou o dedo deslizar da direita para a esquerda e tentou enumerar os nomes e sobrenomes de cada um deles. Nomes que, em certos casos, eu seria incapaz de lembrar sozinha, mas que, depois de enunciados por ela, voltavam à superfície de minha memória e obtinham confirmação.

Após designar o último aluno, ela se virou para mim, vitoriosa. Em uma turma de cinquenta alunos, apenas uns dez nomes haviam lhe escapado.

De repente, seu humor ganhou um ar triste.

— Que pena que eu faltei nesse dia. Eu ia gostar de ter uma prova...

— Uma prova de quê? — perguntei.

— Desse ano que passamos juntas.

Mas nós não o havíamos passado juntas. Eu não passara aquele tempo com ela. Tinha me relacionado com outras pessoas. E, para ser sincera, eu guardava, sobretudo daquele ano, a lembrança de uma queda lenta. Hoje, aquele período me parece tão distante que poderia ter pertencido à vida de outra pessoa. O estado físico em que eu me encontrava sem dúvida contribuiu para apagar minhas lembranças.

— É, é uma pena — acabei admitindo. — Mas por que nós precisaríamos de uma prova?

— Porque você não se lembra de mim.

Seu olhar era ríspido, mas continha um tipo de súplica. Talvez eu devesse ter fingido que me lembrava dela, que a lembrança finalmente me viera à mente. Eu não soube confortá-la nem sair da situação de uma forma espirituosa.

Enquanto me preparava para fechar a caixa (na qual estavam misturadas, em uma bagunça, dezenas de fotos que datavam da mesma época), L. me perguntou se poderia ficar com uma lembrança minha. Antes que eu pudesse responder, ela vasculhou a caixa e me estendeu, para minha aprovação, uma série de três fotos 3x4 em preto e branco. A foto que faltava devia ter sido usada em minha carteira de estudante.

Eu a vi guardar as três fotos com cuidado na carteira, sem esperar minha resposta.

Acho que foi naquele dia que L. disse a frase que anotei em um Post-it pouco depois de ela ter ido embora: “Temos muitas coisas em comum. Mas só você pode escrever sobre elas.”

*

L. ficou para jantar comigo. Na mesma noite, ela voltou a insistir com as perguntas. Em que ponto eu estava? Tinha voltado a trabalhar? A insistência de L. me irritava. Mas, ao mesmo tempo, eu não podia deixar de constatar que ela era a única pessoa que ainda me fazia aquela pergunta. Que ainda acreditava.

Como admiti diante dela minha incapacidade de escrever, L. confessou que vinha me achando dispersa. Fiquei impressionada com o termo. Dispersa?

Ela não questionava a concepção dos álbuns de foto, achava aquilo bastante criativo, mas havia todo o restante. Segundo ela, eu ainda estava muito ligada ao exterior.

Protestei: — De jeito nenhum! Não estou encontrando ninguém, ligando para ninguém, sou incapaz de sair para jantar, de ir a uma festa, recuso todos os convites... Além de François e dos meus filhos, não consigo mais falar com ninguém.

L. respondeu com aquele tom de sentença que eu conhecia bem.

— Isso é normal e você sabe muito bem. Pois é nesse silêncio salutar que você vai conseguir voltar ao trabalho.

O que ela queria dizer com *voltar ao trabalho*? De que adiantava passar horas sentada na frente do computador se nada saía daquilo? Eu precisava me ocupar.

L. não tinha a mesma opinião.

Do confronto com o obstáculo, algo sairia. Uma luz ou uma desistência. Se eu sempre fugisse, nada aconteceria.

Uma manhã, meu amigo Olivier me ligou para avisar que algo preocupante estava acontecendo em meu Facebook, ou melhor, na página do Facebook criada pelos meus leitores. Não entendi nada do que ele tentou me explicar, aquela história de mural em que alguém havia passado a noite escrevendo mensagens terríveis sobre mim. Alguém que afirmava ser da minha família publicara uma dezena de *posts* me acusando dos piores horrores. Meu amigo temia que um jornalista visse as mensagens e as divulgasse. Havia algum jeito de eu contatar os administradores da página? O grupo havia sido criado pela minha editora?

Depois que consegui entender o que ele estava falando (para mim, que não tenho conta no Facebook, aquela história de mural visível para todos e de mensagens enviadas por um perfil falso não era simples de imaginar), comecei a ficar preocupada. Não, eu não conhecia pessoalmente os administradores do grupo e, pelo que sabia, minha editora não tinha nenhuma ligação com eles.

Agradei a Olivier por ter me avisado e desliguei. Estava pensando na situação quando L. me ligou pelo mesmo motivo. Ela me revelou detalhes sobre o conteúdo das mensagens, mas se recusou a lê-las para mim, pois achou que seria doloroso e inútil. Elas falavam sobre o mal que eu havia feito ao escrever meu último romance e sobre o mal que eu fizera em geral; desde a juventude, eu era doente e havia destruído tudo ao meu redor, tinha personalidade borderline, destrutiva, havia falsificado a história, misturado as datas, escrito um livro que estava muito distante da realidade, tinha mentido por omissão, transfigurado a realidade, com o único objetivo de dissimular minha própria patologia. As mensagens haviam se sucedido ao longo da noite e se contradiziam, condenando-me por ter dito demais ou não ter dito o suficiente, por ter suavizado a realidade ou a exagerado, enfim, por tudo e mais um pouco. Segundo L., o conteúdo não havia deixado os membros do grupo indiferentes. Alguns tinham acabado por aconselhar o autor a ir se tratar. Com o passar da noite, ele havia sido desacreditado pela confusão e pela violência crescente de suas críticas.

*

Durante aquele dia, as mensagens desapareceram. Ou o administrador do grupo as apagou, por julgá-las excessivas, ou o próprio autor se encarregou de fazê-las desaparecerem.

*

Na mesma noite, L. tocou minha campainha. Ela queria se certificar de que eu estava bem e conversar sobre o que acontecera. Para ela, o autor das mensagens e das cartas anônimas era o mesmo. E aqueles ataques pediam um contra-ataque.

Como eu não reagi, ela se sentou no sofá em uma posição que indicava claramente que tinha a intenção de iniciar uma verdadeira discussão sobre o assunto. Ela, inclusive, não tardou a começá-la: — Alguém da sua família está provocando você há meses e você não respondeu nada. Ele ou ela escreveu

várias vezes e você não reagiu. Então a pessoa está passando para a próxima etapa, que é usar outras pessoas como testemunha, porque espera uma resposta. É simples assim.

— Mas não tenho nada a responder.

— Claro que tem. É óbvio que tem. A pessoa está esperando que você reaja. Escreva um livro. Prove que não tem medo. Prove que é livre, que todos os direitos são da literatura. Escreva sobre sua infância, escreva sobre sua família, escreva sobre você, pesquise. Só a escrita vai permitir que você descubra quem é. Você começou uma coisa que tem de terminar.

Não, eu não queria recomeçar. Queria voltar à ficção, queria me proteger, queria redescobrir o prazer de inventar, não queria passar dois anos pensando cada palavra, cada vírgula, acordando no meio da noite, o coração disparado, depois de ter pesadelos indecifráveis.

L. havia se inflamado, mas eu já a conhecia sob aquela luz mais emotiva. Tentei explicar a ela por que isso não era mais possível.

— Escute. Se eu não tivesse escrito esse livro, eu nunca teria escrito nada. Ainda hoje tenho certeza disso. Era uma espécie de prova pela qual eu tinha que passar. Um rito de iniciação. Mas escrever sobre si mesmo, sobre a família, é correr o risco de ferir pessoas, mesmo aquelas que acreditamos ter poupado ou glorificado. Não quero mais fazer isso. Não digo que me arrependo de ter feito, digo que não tenho mais forças para retomar isso. Não dessa forma. Claro, você tem razão, eu tenho uma arma e os outros, até nova ordem, não têm acesso a ela. Os outros, sejam eles quem forem, não têm direito de resposta. No máximo, podem escrever cartas anônimas ou tentar sujar uma página que não me pertence. Já eu, se voltar a escrever, tenho certeza de que serei lida por milhares de pessoas. E que deixarei uma marca que só se apagará daqui a muitos anos.

— E então? Você tem a sorte de ter nas mãos algo que todos invejam. Não pode mais agir como se isso não existisse, como se isso não pertencesse a você. Sim, a escrita é uma arma e isso é ótimo. Sua família criou a escritora que você é. Eles criaram o monstro, desculpe pela expressão, e o monstro encontrou um jeito de fazer com que todos ouvissem seu grito. Do que você acha que escritores são feitos? Olhe para você, olhe à sua volta! Vocês são produtos da vergonha, da dor, do segredo, da queda. Vêm de territórios obscuros, sem nome, ou pelo menos os atravessaram. Sobreviventes, é isso que são, cada um à sua maneira, mas todos são. Isso não dá a vocês direito de fazer qualquer coisa. Mas dá o de escrever, acredite em mim, mesmo que isso cause escândalo.

A exaltação de L. começava a me inquietar.

Há alguns anos, quando estava me preparando para escrever um romance sobre a violência das relações nas empresas — ou algo *sobre* ou *a partir* disso —, conheci um psiquiatra especializado no sofrimento causado pelo trabalho e em seus riscos psicossociais. Na época, eu queria incluir um fim violento no romance

em que trabalhava. Queria saber se aquele fim era possível, factível, de um ponto de vista psíquico: será que uma mulher exaurida, vítima há semanas de uma agressão diária, insidiosa, uma mulher vítima de assédio moral, podia cometer um ato violento, até mesmo um assassinato? Era possível que aquela mulher chegasse às vias de fato?

Depois de descrever o contexto, eu fizera a pergunta nestes termos: — É plausível que essa mulher tenha uma atitude arriscada, mesmo que seja involuntária? Se disser que sim, vou mandar bala.

Estávamos em um café, o psiquiatra olhou para mim, rindo: — Nossa, esse seu caso é violento mesmo.

*

Eu ri. A frase que eu havia usado, *vou mandar bala*, acabou me assombrando durante vários dias. Com quanta raiva eu estava escrevendo aquele livro? De que dor ele era o desdobramento, a forma transfigurada?

*

Preferi não contar aquela história a L.

Ela não precisava da minha permissão para continuar.

L. estava irritada porque achava que eu me deixava intimidar por ameaças que, ao contrário, deviam me encorajar ao combate. L. se indignava em voz alta e me incitava à rebelião.

— Eles vão ter que entender que isso é só o começo, sabe? Você ficou cheia de dedos, pisou em ovos, deixou certas coisas passarem em silêncio, ignorou as mais violentas, mais sombrias, e é isso que estão criticando! Quer saber por quê? Porque, para eles, isso é um sinal de fraqueza. Você tomou precauções, quis continuar sendo a menina legal que não faria mal nem a uma mosca, usou o leitor como testemunha (você, que nunca havia feito isso) para contar a ele sobre suas dúvidas e seus subterfúgios, nunca parou de lembrá-lo do dispositivo que havia usado, “cuidado, senhoras e senhores, isto é um romance, uma tentativa de me aproximar da verdade, mas é apenas minha visão das coisas, não estou fingindo, não me permito isso, não quero isso nem um pouco” e por aí vai. Você se submeteu, foi isso. Você abriu a brecha que estão usando para atingir você. Cometeu um erro, Delphine, mostrou que se preocupava com eles e com o que achavam e é por causa desse erro que agora estão tentando destruir você.

*

Não protestei, não a corrigi, abster-me de qualquer comentário.

Fiquei me perguntando se L. havia bebido antes de ir a minha casa. Seu discurso era excessivo, irracional. No entanto, parecia incluir, sob a ênfase da revolta, algo correto. Para acalmá-la, eu disse que iria pensar naquilo. Mas ela não havia terminado.

— Sim, a escrita é uma arma, Delphine, uma porra de uma arma de destruição em massa. A escrita é muito mais poderosa do que tudo que você

possa imaginar. A escrita é uma arma de defesa, de fogo, de sinalização, a escrita é uma granada, um míssil, um lança-chamas, uma arma de guerra. Ela pode devastar tudo, mas também pode reconstruir.

— Não quero esse tipo de escrita.

L. olhou para mim. Seu rosto se fechou de uma só vez. Sua voz de repente me pareceu anormalmente suave: — Não sei se você tem escolha.

*

Sim, eu deveria ter me preocupado com o fato de L. se sentir envolvida a esse ponto com o que acontecia comigo.

Sim, eu deveria ter percebido o surgimento daquele “eles” em seu discurso.

Sim, eu deveria ter me distanciado um pouco dela, pelo menos por alguns dias, para, enfim, voltar ao trabalho.

Mas será que tinha motivos reais para me alarmar? L. era uma mulher de minha idade que passava seus dias escrevendo sobre a vida dos outros. Tinha uma visão extrema, radical, da literatura, mas uma visão que eu considerava rica e que eu achava que seria interessante debater, deixando de lado o modo como me afetava, ou seja, sem mencionar o meu caso pessoal.

Além disso, L. tomava meu partido. E, em um momento como aquele — um momento de dúvida e impedimento —, a compaixão de L. me reconfortava de uma forma inestimável.

Alguns dias depois, quando desci ao porão para procurar antigos documentos, acabei achando, ao vasculhar um baú, meu manuscrito esquecido. Eu tinha escrito aquele texto cerca de dez anos antes, quando ainda não havia publicado nada. Não sabia mais em que circunstâncias, mas eu o havia escrito. Tinha sido um período confuso, que resistia à memória. As páginas haviam sido encadernadas utilizando uma espiral de plástico e a folha de rosto era coberta com uma capa transparente. O título me fez sorrir. Era um bom título. Sob a luz tremeluzente do corredor do porão, folheei o manuscrito. Lembrei-me de migalhas de uma conversa com uma editora de aquisições que havia me incentivado a persistir, mas que considerara aquele projeto incompleto. Eu o havia abandonado sem dificuldade, tinha deixado o texto de lado e considerado que era ambicioso demais para mim.

Vasculhei o baú em busca de outros exemplares, mas, pelo que pude ver, eu guardara apenas aquele.

*

Passei a tarde relendo o manuscrito, deitada na cama. Não atendi nenhuma ligação, não me incomodei. Não senti necessidade de dar quatro voltas no quarteirão sob pretextos diversos nem de lustrar todos os pares de sapatos do armário. Pela primeira vez em muito tempo, mantive a concentração. Quando terminei o texto, senti que, em um canto escuro e remoto do meu cérebro, uma placa de “saída de emergência” acabara de se acender.

Mais tarde, procurei o arquivo de Word correspondente a ele. Não achei nada. Naquele meio-tempo, eu havia trocado duas vezes de computador e perdido, em uma noite de tempestade, a maioria dos meus arquivos.

*

No fim do dia, liguei para minha editora para anunciar a novidade: eu ia retomar um romance incompleto. Acabara de encontrar a única cópia dele que havia sobrevivido às minhas mudanças. Teria que fazer um trabalho colossal, reescrever tudo, mas, pela primeira vez em muito tempo, eu voltava a ter ânimo. Minha editora perguntou se eu tinha certeza. Será que era mesmo uma boa ideia exumar um velho texto, será que não estava me arriscando a vestir uma roupa cujo corte já não caía bem em mim ou sapatos que haviam se tornado pequenos demais?

Não, eu estava confiante: tinha nas mãos uma matéria-prima abundante, bruta, mas preciosa, que saberia trabalhar.

Eu me lembro de ter falado do texto para ela, do que ele podia se tornar, agora que tinha o distanciamento suficiente para perceber a ingenuidade dele. Minha editora ficou feliz em me ouvir, era uma boa notícia, ela estava ansiosa para ler alguma coisa.

Quando desliguei, pensei em descer até a papelaria que fica na minha rua para fazer uma cópia do manuscrito e enviá-la imediatamente para minha

editora, mas logo mudei de opinião. Preferia que ela lesse a nova versão.

*

Mal tinha acabado aquela conversa quando meu telefone tocou. De modo mecânico, olhei pela janela em direção ao prédio da frente. (Alguns dias antes, eu havia me dado conta de uma estranha mania que adquirira sem perceber: quando entrava em casa, quando ligava a luz, ao sinal do menor barulho estranho meu olhar se voltava de imediato para a escadaria do prédio do outro lado da rua, de modo a verificar se alguém estava me observando.) Vi o nome de L. aparecer na tela do celular e atendi. Como sempre, L. me perguntou como tinha sido meu dia, o que eu havia feito, se tinha saído. Fora outra vez ao supermercado Monoprix? Bastaram alguns minutos de conversa banal para que L. percebesse a mudança no meu humor.

— Tem alguma novidade? Voltou a escrever algo?

Comecei tentando me esquivar. Era cedo demais para comentar sobre aquilo. Tentei despistar, levar a conversa para outros assuntos, mas L. não era do tipo que se deixava enrolar.

— Diga logo, Delphine. Alguma coisa aconteceu, dá para saber só pela sua voz.

Fiquei impressionada. Eu nunca havia conhecido alguém com tanta intuição em relação ao outro, um tipo de sexto sentido. Preciso. Apurado. Afiado.

L. tinha razão. Algo incerto, minúsculo, havia acontecido.

Eu tinha encontrado o manuscrito. A possibilidade de escrever surgira outra vez. Eu havia recuperado a esperança.

*

Com gentileza, L. me fez falar. Ela estava louca para saber mais.

Eu me senti, queria escolher bem as palavras. Não decepcioná-la. Não rechaçá-la. Queria ter tempo para explicar a ela. De repente, senti-me como uma adolescente a ponto de anunciar aos pais que vai abandonar o caminho que eles traçaram para ela.

Com palavras bem escolhidas, expliquei a L. que havia encontrado um manuscrito, um romance, e que o havia relido. O texto me parecia interessante. Teria que ser muito trabalhado, mas podia ser um bom ponto de partida. Eu queria reescrevê-lo.

Sim, era um texto de ficção. Sim, uma ficção “pura”.

Do outro lado da linha, L. deixou planar um longo silêncio. E depois me disse: — Se você tem certeza, então tudo bem. Certamente tem razão. Você é quem sabe, no fim das contas.

Foi só depois de desligar que percebi: a voz dela tinha se alterado. Uma inflexão de desespero havia tornado quase inaudível aquela frase que, em vez de me incentivar, lembrava a que ponto eu estava perdida. Não, eu não sabia, não sabia de nada.

Não tive notícias de L. durante dois dias. Passei esse tempo fazendo anotações no manuscrito, para separar o que me parecia recuperável e o que devia ficar no esquecimento. Pouco a pouco, eu começava a ver o que aquela história, uma vez modificada, podia se tornar.

Uma noite, L. ligou para me convidar para o seu aniversário, que ela comemoraria no dia seguinte. Avisou que haveria cinco ou seis pessoas, não mais que isso, pois preferia as festas em *petit comité*. Sobretudo, não queria que eu levasse presentes nem flores (ela não as suportava), no máximo uma garrafa de vinho, se eu fizesse questão.

Aceitei sem hesitar. Não via ninguém havia duas ou três semanas, ficaria feliz em poder sair um pouco e conhecer alguns de seus amigos. Eu me ofereci para ir mais cedo e ajudá-la a arrumar tudo, ela aceitou com entusiasmo, teríamos tempo para conversar um pouco antes que os outros chegassem.

*

Naquele sábado, cheguei à casa dela perto das sete horas da noite. Tudo estava pronto.

L. tirou o avental que havia amarrado na cintura, ofereceu-me um aperitivo. Usava uma saia de couro curta e justa, meia-calça opaca e uma camiseta preta, muito simples, cujo tecido brilhava levemente. Pensei que era a primeira vez que a via com uma roupa tão sensual.

Um suave aroma de especiarias e canela flutuava pelo apartamento. L. tinha acabado de pôr no forno um *tajine* de damasco, uma receita que já havia testado e que ia me agradar, tinha certeza, pois eu adorava a mistura de salgado e doce.

O balcão que separava a cozinha da sala de estar estava coberto de diferentes iguarias de todas as cores, dispostas em várias tigelas. L. preparara tudo sozinha: o caviar de berinjela, o *homus*, o *tarama*, os pimentões marinados. No aparador, encontravam-se alinhadas algumas sobremesas aparentemente caseiras.

Não, não, eu não podia ajudar em nada, tudo estava pronto, ela estava feliz por eu ter chegado um pouco antes.

Pensei que L. devia ter passado dois dias na cozinha para preparar tudo aquilo.

Eu me sentei na sala. Ela havia acendido velas perfumadas e colocado meia dúzia de pratos e talheres em uma mesinha. Assim, explicou da cozinha, enquanto verificava a temperatura do forno, cada um podia se servir e se sentar onde quisesse. Observei meu entorno. O cômodo era iluminado por uma série de pequenas luminárias idênticas, distribuídas com bom gosto. A mesa baixa de vidro era de uma transparência impecável. Assim como da primeira vez, tive a sensação de estar sentada em um cenário totalmente criado. A sala de L. — a luz, a diversidade de materiais e cores, a localização precisa de cada objeto, a distância que os separava, tudo aquilo parecia ter saído de um *reality show* em que um decorador, durante um fim de semana, transforma uma casa em uma

propaganda da loja de móveis Ikea.

Desde que me lembro, sempre tive certa dificuldade para me interessar por cenários. No instante em que há pessoas no meu campo de visão, o ambiente perde a graça, desaparecesse. Quando vou com François a um lugar novo (um restaurante, por exemplo), sou capaz de descrever com uma precisão que o impressiona as pessoas que nos cercavam, o tipo de relação que as unia, os penteados ou suas roupas. Os principais tópicos da conversa raramente me escapam. Já François consegue falar, sem omitir nada, sobre a arrumação do espaço, o ambiente, o tipo de móvel que o compõe e, se necessário, sobre os bibelôs e pequenos objetos presentes. Eu nunca vejo nada disso.

No entanto, no apartamento de L. algo me incomodava, sem que eu pudesse realmente definir o quê.

*

L. me serviu uma taça de vinho branco enquanto esperava seus amigos. Falamos de várias coisas. Ela sempre tinha um monte de anedotas para contar sobre as personalidades relativamente famosas para quem trabalhava. Naquela noite, L. falou mais do que costumava sobre seu trabalho. Contou sobre o forte vínculo que era construído durante alguns meses, encontro após encontro, e depois dava lugar ao silêncio. Nunca voltava a ver as pessoas para quem havia escrito, era assim, ela não sabia bem por quê, talvez por causa daquela intimidade brusca, necessária, que, depois daquele período, tornava-se incômoda.

O tempo passava, e estávamos ali, em sua sala, à espera de seus amigos.

L. se interrompia de tempos em tempos para verificar o prato no forno, eu aproveitava esses momentos para olhar o relógio.

Perto das oito e meia, abrimos um Meursault e começamos a provar as *verrines* que L. havia preparado.

Perto das nove, como ninguém havia chegado, L. se levantou para desligar o forno por medo de que a carne ficasse muito seca. Não parecia preocupada, pelo contrário, demonstrava uma tranquilidade um pouco exagerada. Disse que não havia indicado a hora do jantar quando fizera o convite, e no sábado as pessoas sempre ficavam ocupadas com todo tipo de compras.

Um pouco mais tarde, perguntei se L. havia deixado o celular ligado, para o caso de seus amigos terem um imprevisto.

Cerca de quinze para as dez, L. se levantou para checar o relógio do forno e decretou que ninguém viria. Sua voz não estava mais segura, não me arrisquei a perguntar nada e propus que esperássemos mais um pouco.

Às dez, quando tínhamos acabado de abrir a segunda garrafa de vinho, perguntei se seus amigos haviam combinado de vir à festa juntos. Ela não sabia. Sugeri que ligasse para eles, pelo menos para alguns deles, para saber o que havia acontecido.

L. respondeu que *não valia a pena*. Pensei que realmente não valia a pena ter

preparado aquilo tudo para ninguém. Perguntei se L. havia telefonado para todos para convidá-los. Ela me respondeu que não. Tinha enviado um e-mail, como todos os anos. E, assim como todos os anos, eles não haviam aparecido.

Perto das dez e quinze, dei a L. a echarpe de caxemira que havia comprado para ela, apesar de suas orientações. Quando tirou a echarpe do pacote e a abriu, vi a garganta de L. se contrair, um rubor surgiu em seu rosto, lágrimas que ela se esforçava para conter. Por um instante, achei que ela fosse desabar diante de mim. Por isso, em um movimento de consolo, envolvi os ombros dela com meus braços. Durante alguns segundos, senti em seu corpo o combate que ela travava, entre o desfile festivo e a rendição. Quando a soltei, L., com o controle recuperado, sorriu.

— Eu tinha dito para você: nada de presente! Mas obrigada mesmo assim. É linda.

*

Perto das dez e meia, como L. parecia tê-lo esquecido, tirei o *tajine* do forno e nós duas nos servimos de dois pratos muito quentes.

Mais tarde, talvez porque havíamos quase terminado a segunda garrafa de vinho, L. explicou que, desde a morte do marido, seus amigos (cerca de dez pessoas que eles viam regularmente quando Jean ainda estava vivo) não falavam mais com ela. No entanto, todos os anos, naquela data, que não era apenas seu aniversário, mas também o da morte de Jean, ela os convidava. Mas eles nunca haviam aparecido.

Tentei saber mais; porém, depois das primeiras perguntas, L. se fechou.

Após alguns minutos de silêncio, ela me disse que não estava pronta para falar disso. Não podia mais correr o risco de ser julgada.

Prometeu que um dia me contaria. Não insisti.

*

Depois, L. passou alguns minutos no banheiro. Em sua ausência, observei a sala vazia, os lindos pratos empilhados, as comidas em que não havíamos tocado, lembro-me de ter pensado em toda aquela *pena* e de ter sentido uma tristeza terrível.

Quando ela voltou, provamos as diversas sobremesas e colocamos um pouco de música para tocar.

Então rimos, não lembro por quê.

*

Depois da meia-noite, enquanto brindávamos pela terceira ou quarta vez, L. quis saber sobre o manuscrito que eu havia encontrado. Já tinha começado a trabalhar? Dera algo para alguém ler? Expliquei que parecia cedo demais, preferia avançar um pouco.

*

Na entrada, enquanto eu me preparava para ir embora, L. observou que eu

colocava o casaco com um ar triste e pegou minha mão para agradecer.

— Que bom que você veio. Não tem ideia do que isso significa para mim.

E então, com aquela voz suave que eu começava a conhecer, ela pediu que eu a deixasse ler — garantiu que seria ela e apenas ela — o manuscrito que eu encontrara. De forma confidencial.

Eu prometi.

*

Ao voltar para casa, fechei as cortinas antes de acender a luz.

A hipótese de que L. poderia ter concebido e montado toda aquela farsa para me comover ou para que eu ficasse sob seu controle me veio à mente bem mais tarde.

Eu me sentei no sofá, olhei à minha volta, senti um estranho alívio. Então, em contraposição, entendi o que me incomodava no apartamento de L.

Na casa dela, nada parecia usado, amarelado, deteriorado. Nem um objeto, um móvel, um tecido dava testemunho de uma vida anterior. Tudo era novo. Tudo parecia ter sido comprado na véspera ou algumas semanas antes. Os cômodos não tinham alma nem bagunça.

Nunca vi nenhuma foto, nenhum cartão-postal, nenhum bibelô que pudesse evocar qualquer lembrança.

Como se o passado não existisse.

Como se L. tivesse se reinventado.

– Não, sinceramente, não é possível. Prefiro ser sincera com você, mesmo correndo o risco de parecer um pouco dura. Não é uma questão de esforço, é outra coisa. É um texto sem pulso, escrito sabe-se lá quando, e em quais condições, como você quer que ele seja ligado à sua trajetória, à sua evolução, ao que você *tem* que escrever? Confie em mim. Não estou dizendo que esse texto é uma droga nem que ninguém se interessaria por ele, estou dizendo que não é mais sua responsabilidade. Não tem mais nada a ver com você, com a autora que se tornou. Seria um passo atrás incompreensível. Um desastre. Eu o li, sim, claro, até o fim, óbvio, o que acha? Você pediu minha opinião, e me permito dizer que seria um erro, um erro grave, é, mesmo se fosse totalmente revisto e corrigido, mesmo melhorado, transformado, revisitado. Não é uma questão de maturidade. Não quero desanimar você, não quero que imagine nem por um segundo que não vai conseguir. Sabe a que ponto acredito em você. Mas isso, não, não é possível. Se fosse você, guardaria esse texto de volta no fundo da gaveta em que você o achou. Você está com medo, em pânico, pronta para se jogar na primeira coisa que aparecer. A gente sempre volta a isso, sabe, sempre volta ao mesmo ponto: você está travada porque se recusa a escrever o que tem que escrever. Não, não é uma projeção minha, é uma coisa que sinto em você, que senti assim que nos conhecemos. Senti que você estava com medo. Está com medo de ir aonde seus passos estão levando você. E está errada, porque não cabe a você decidir que tipo de escritora deve ser, sinto muito, não, não cabe a você decidir. E já que estamos falando disso, às vezes me pergunto se você não deveria desconfiar do conforto em que está vivendo, dessa vidinha finalmente tranquila, com seus filhos, seu namorado, a escrita, tudo muito bem dosado, eu me pergunto às vezes, é apenas uma pergunta, se isso não tem algo um pouco... anestesiante. Talvez você precise disso, desse equilíbrio, eu entendo, sei do que estou falando, sei qual falha forja a violência e que isso não pode ser consertado. Você acha que precisa disso porque não tem mais confiança em si mesma, mas, mesmo assim, preste atenção para não se anestesiar. Eu entendo que você tenha medo, mas o medo não protege de nada, o medo não previne o perigo. Você sabe bem disso. E eu sei de onde vem o perigo. Qual é o seu calcanhar de aquiles. Sei com que golpe alguém pode derrubar você, então não deixe eles fazerem isso, é só o que quero dizer. Eles sabem muito bem como atingir você e não têm a menor ideia do que seja literatura, sinto muito. É preciso admitir isso. De quem estou falando? Você sabe muito bem. Digo apenas que você não é obrigada a desistir, com a desculpa de preservar os laços que desapareceram muito tempo atrás, os laços em que você é a única a ainda acreditar. Pergunte a si mesma quem ama você de verdade. Já que estamos falando nisso. Não acho que você possa evitar a solidão, acho inclusive que seria bom que começasse a se preparar para ela, porque você é do tipo de escritora que cava um fosso em torno de si, não acho que exista outra maneira, a escrita não conserta nada, pelo menos nisso

a gente concorda, ela cava, trabalha, desenha trincheiras cada vez maiores, cada vez mais profundas, cria o vazio em torno de você. Um espaço necessário. Enfim, voltando ao texto, sim, claro, pode mandar para sua editora, eles não vão dizer “não”, vão incentivar você, vão dizer que é uma boa ideia, não são loucos, precisam que você faça entrar um pouco de dinheiro no caixa, não adianta se enganar, é só isso que interessa a eles, mesmo que seu próximo livro seja ruim, eles vão conseguir repassá-lo a alguns milhares de leitores. E, como eles também têm que prestar contas a superiores, não vão bancar os difíceis, acredite em mim. Pense só um pouco no que tem que fazer, no seu papel. Está com medo do vazio, mas não pode ceder. Já que estamos falando nisso.

No dia seguinte, pus o manuscrito de volta no fundo do baú em que o encontrei.

Avisei minha editora alguns dias depois. Ela não me pediu para lê-lo, não me pareceu impressionada. Aconselhou-me a ir com calma, tomar o tempo que precisasse.

Eu não falara do manuscrito a François e não havia mais motivo para fazê-lo, uma vez que já tinha abandonado a ideia. Quando não estava viajando, François passava dias inteiros lendo, era o cerne de sua profissão. De certa maneira, sua profissão nos aproximava. Podíamos passar horas conversando sobre os romances dos outros, adorávamos compartilhar nossas descobertas, nossas paixões, debater nossas discordâncias. Mas eu não era apenas uma leitora. Escrevia livros. Livros sobre os quais era possível emitir julgamentos. Sem dúvida era por isso que eu me recusava a mostrar-lhe minha prosa e até a conversar sobre ela. Eu tinha medo de decepcioná-lo. Tinha medo de que ele não me amasse mais. Dois anos antes, quando havia terminado a primeira versão, eu me recusara a deixá-lo ler meu último livro. Ele só havia tido acesso ao texto depois que as primeiras provas tinham sido impressas.

A escrita era o meu território mais íntimo, mais isolado, mais protegido. O menos compartilhado. Uma zona franca, defendida de modo egoístico. Com barricada. Uma área da qual eu mencionava apenas a superfície, com parcimônia. O mais comum era que, antes de começar um livro, eu falasse com minha editora, mas deixasse longos meses passarem antes de enviar a ela uma primeira versão do texto finalizado.

Era assim que eu sempre havia feito.

Foi isso que L. logo entendeu: a escrita era um território entrincheirado, proibido aos visitantes. Mas agora aquele território havia sido minado, invadido pela dúvida e pelo medo, e aquela solidão se tornara insuportável.

Eu queria lutar sozinha, mas precisava de um aliado.

*

Alguns dias depois, enquanto tentava responder meus e-mails, percebi que não conseguia ficar sentada mais de cinco ou dez minutos diante do computador. Além da apreensão que sentia no instante em que ligava a máquina (um pinçamento violento na altura do esterno), comecei a ter cada vez mais dificuldade física de me manter diante da tela, mesmo que fosse apenas pelo tempo necessário para escrever alguns e-mails. Escrever se tornava uma batalha. Não apenas escrever um livro (na verdade, isso não era mais nem uma possibilidade), mas simplesmente escrever: responder aos amigos, aos pedidos enviados por minha editora, reunir palavras para formar frases, por mais comuns que fossem. Eu hesitava diante das construções, duvidava da gramática, procurava o tom certo sem obtê-lo. Escrever se tornara um teste de força e eu não suportava o peso.

E sempre sentia, diante da tela vazia, aquela queimação no esôfago que me impedia de respirar.

*

Eu não havia contado a L. que tinha recusado o convite para escrever um conto para uma revista feminina e adiado, pela terceira vez, um editorial que uma publicação quinzenal me oferecera.

Eu não havia contado a L. que estava seis meses atrasada na entrega do prefácio da reedição do último romance de Maupassant, para o qual eu fora contratada um ano antes.

Eu não havia contado a L. que não conseguia juntar três palavras.

Minhas mãos tremiam e um pânico surdo, confuso, corria em minhas veias.

Uma noite, aceitei ir com François à inauguração de uma exposição organizada por um de seus amigos. Eu não tinha saído desde o aniversário de L.

Fomos uns dos primeiros a chegar, cumprimentamos o responsável pela exposição e observamos as obras à mostra nas paredes, entre elas, uma série de retratos em preto e branco que datavam dos anos 1960 e me agradaram muito. Um coquetel fora organizado. Feliz por estar ali, peguei uma taça de champanhe e olhei à minha volta. Tinha chegado o momento de conversar um pouco, de trocar ideias tomando um drinque, de demonstrar sociabilidade. Enquanto hesitava em começar (é preciso lembrar que, quando ficamos em casa, acabamos perdendo o jeito de usar as palavras), vi chegarem vários escritores e jornalistas que eu conhecia. Pessoas que eu deveria ter, pelo menos, cumprimentado. No entanto, em vez de dar um passo adiante e dizer “oi”, eu me vi recuar, em um movimento de retração e pânico absurdo, como teria recuado, tomada pela vertigem, em um penhasco situado a vinte metros do solo, antes de me apoiar com força em uma superfície estável. As costas na parede. Exatamente como fazia aos quinze anos, quando, em festas, uma força invisível me empurrava em direção ao limite, à periferia, às fronteiras. Era melhor bancar uma estátua, sim, do que correr o risco de ser visível. Naquela noite, a mesma força me empurrou para longe da roda, incapaz de dizer simplesmente olá, como vai, uma voz em minha cabeça se indignava, porra, Delphine, você já fez isso um monte de vezes, você sabe fazer isso, aja de modo simples e natural, seja você mesma, mas não, era tarde demais, tinha começado mal, estava à deriva. De longe, François se virava na minha direção e me lançava olhares preocupados.

Em menos de dois minutos, voltei trinta anos no passado, tornei-me de novo a garota tímida e orgulhosa incapaz de jogar o jogo.

Era a esse ponto que eu havia chegado por não escrever mais, por não poder escrever mais, era isso que me esperava se eu não encontrasse uma saída: um retrocesso sem precedentes.

Eu não sabia mais para quantas pessoas devia ligar, a quem prometera

drinques, almoços, jantares, pessoas que em épocas normais eu teria adorado ver, mas agora não, para dizer-lhes o quê? Para dizer que não tinha mais a menor ideia, o menor ímpeto, eu me pergunto se não segui o caminho errado desde o início, eu me pergunto o que estou fazendo aqui, no meio do nada, sou uma escritora com bloqueio, é um clichê tão enorme que não consigo nem formulá-lo, com bloqueio, é, sinto muito, é patético, mas, não, não é uma questão de tempo, de sucesso nem de nada disso, é infinitamente mais profundo, não sei explicar, tem a ver com o fundamento do ato da escrita em si, sua razão de ser, talvez eu tenha me enganado, desde o início, não tenha nada a ver com isso, tenha perdido uma bifurcação que teria sido prudente pegar, uma outra vida, sim, outro tipo de vida, menos presunçosa, menos vã, menos exposta, não sei por que estou dizendo isso, o cansaço, sim, sem dúvida, mas às vezes sinto que uma partícula estranha entrou em meu cérebro e que as transmissões, as conexões, os desejos foram apagados, tudo isso que não ia tão mal assim agora está sujeito a sobressaltos, avarias, então prefiro ficar sozinha, entenderam, me afastar por um tempo, não fiquem irritados, eu ficaria feliz em ter notícias suas se não precisasse contar nenhuma novidade minha, mas não é assim que funciona, sei bem disso.

*

Uma manhã, recebi uma ligação da editora que havia me contratado para escrever o prefácio de *Nosso coração*, o romance de Maupassant que seria reeditado em uma coleção de clássicos da literatura. Eu devia ter entregado o texto algumas semanas antes, mas havia me fingido de morta e não tinha dado sinal de vida.

A mulher estava preocupada, o livro fora anunciado no catálogo, não seria possível atrasar a edição outra vez, já que vários professores do ensino médio haviam incluído a obra em seu cronograma.

Quando desliguei, entrei em pânico. Era evidente que escrever um prefácio estava fora do meu alcance. Eu não era capaz nem mesmo de escrever um e-mail para pedir mais tempo ou desistir. Além disso, dezenas de mensagens sem resposta haviam se acumulado em minha caixa de entrada e a maioria delas nem mesmo fora aberta.

*

Naquela tarde, fui tomada por um tipo de último sobressalto (alguns dias antes, eu havia lido um artigo científico sobre o último sobressalto das células prestes a morrer, sem dúvida por isso essa expressão me veio à cabeça). Não podia desistir sem tentar: tinha que ir para o tudo ou nada, como dizia um programa de TV a que minha avó assistia quando eu era criança.

Era preciso escrever pelo menos aquilo. Eu tinha aceitado aquele trabalho. Se faltasse com minha palavra, se não me agarrasse a alguma coisa, eu ia ficar sem chão.

Eu conhecia bem o romance, o tinha lido várias vezes, podia me virar, *tinha*

que me virar.

Liguei o computador, decidida a honrar o compromisso que havia assumido.

Forcei-me a respirar; enquanto a máquina iniciava as aplicações principais e fazia surgir os ícones no desktop, tentei adotar um ar relaxado, a expressão de alguém que não está morrendo de medo ao se ver diante de uma página em branco, sobre a qual pisca um cursor mudo. Abri o arquivo que a editora havia enviado por e-mail, no qual estava o questionário que eu devia responder. Mal tive tempo de ver a página aparecer e fui tomada por uma náusea de uma violência espantosa. Saí correndo até a lata de lixo e vomitei as tripas, incapaz de recuperar o fôlego. Tinha que me afastar, era isso que sentia, precisava me afastar o máximo possível do teclado para que aquilo parasse. Entre dois jatos de vômito, encolhida, tentando levar a lixeira comigo, rastejei até o banheiro. Quando fechei a porta, vomitei bile uma última vez na pia.

Depois que lavei o rosto e escovei os dentes, vi meu rosto pálido no espelho. Tinha a cara de alguém que havia acabado de assistir a um desastre. A imagem do computador, a ideia do computador, tudo isso parecia pensar meu crânio.

*

Então entendi que estava *no fundo do poço*, bem no fundo.

Não era apenas uma imagem. Eu me vi de forma muito distinta no fundo de um poço cujas paredes lisas tornavam inútil qualquer tentativa de subida. Eu me vi — sim, durante alguns segundos tive essa visão de mim, de uma precisão assustadora — no fundo de um buraco cheio de terra e lama.

Hoje, é tentador pensar que essa visão era uma premonição.

*

Saí do banheiro e liguei para L. para pedir ajuda.

Liguei para ela, para ela e para mais ninguém, porque, naquele instante, ela pareceu ser a única pessoa capaz de entender o que estava acontecendo.

L. chegou à minha casa meia hora depois.

Tirou o casaco, preparou um chá, obrigou-me a me sentar na poltrona próxima à janela.

L. me pediu a senha do computador.

L. se sentou no meu lugar, à minha escrivaninha.

L. me disse: vamos começar respondendo seus e-mails e depois vamos escrever esse prefácio.

L. leu em voz alta as construções diplomáticas que ia usar para explicar uma recusa ou adiar uma resposta. Tudo aquilo, em sua boca, parecia tão simples. Tão fluido.

L. me disse que ia aproveitar para mandar uma mensagem aos conhecidos que haviam me escrito nas semanas anteriores e aos quais, aparentemente, eu também não tinha respondido. Em seguida, redigiu um e-mail para o síndico do prédio, que eu havia deixado para lá.

Por fim, chegou ao prefácio.

O texto que eu devia escrever seria apresentado sob a forma de uma entrevista. Era o princípio da coleção: um escritor contemporâneo explicava por que ele amava a obra clássica reeditada. L. leu para mim as perguntas propostas pelo editor, cerca de quinze questões que deviam ser respondidas por escrito. Pareceu satisfeita. Era uma sorte, bastava falar do texto para ela e L. cuidaria de pôr tudo em palavras. Afinal, era a profissão dela e, em dois ou três dias, tudo estaria pronto.

*

L. mandou um e-mail para a editora avisando a data de entrega.

Ela voltou à minha casa no dia seguinte e também no outro.

Contei por que eu adorava aquele romance. Sentei-me na poltrona próxima à janela, não muito longe dela, enquanto L. escrevia.

*

No último dia, logo depois de imprimir o texto para que eu pudesse revisá-lo, L. pegou uma caneta para anotar um detalhe no qual havia acabado de pensar.

Apoiada na poltrona, sem dúvida aliviada por ter terminado, L., que tinha me dito que era canhota (e havia sido diante dos meus olhos), segurou a caneta com a mão direita e escreveu de maneira perfeitamente legível.

*

Sim, eu deveria ter estranhado.

Sim, eu deveria ter perguntado a L. por que ela de repente havia começado a escrever com a mão direita.

Sim, eu deveria ter perguntado por que ela havia começado a usar botas de cano baixo como as minhas.

Deveria ter agradecido e dito que ela não precisava vir à minha casa no dia seguinte porque tínhamos terminado.

*

Na mesma noite, enquanto L. ainda estava em minha casa, a editora avisou que havia recebido o prefácio. Ficaria ótimo no livro, ela estava muito feliz.

Então mais uma vez agi com o gesto que costumo usar com minhas amigas: para agradecer pelo esforço, dei um abraço em L. Quando toquei nela, senti seu corpo ficar rígido. L. se desvencilhou do abraço e olhou para mim, emocionada: ficaria muito feliz em me ajudar e tirar o peso de algumas coisas das minhas costas, se isso permitisse que eu voltasse a me concentrar no essencial.

Ela repetiu a frase: a se concentrar no essencial.

Agora que estou contando estes fatos, reconstituindo-os em uma ordem parecida com a cronológica, vejo surgir, como se tivesse sido escrita com tinta invisível, um tipo de trama, cujas fendas exibem a progressão lenta e segura de L., que reforçava sua influência a cada dia. E com razão: escrevo essa história à luz do que essa relação se tornou e dos danos que ela provocou. Sei do medo em que ela me fez mergulhar e da violência com que terminou.

Hoje, como consigo me manter outra vez diante da tela (em que estado, é outra história), e mesmo que ainda frágil, tento entender. Tento estabelecer ligações, conexões, hipóteses. Tenho consciência de que essa parcialidade vai incitar o leitor a desenvolver certa desconfiança com relação a L. Uma desconfiança que eu não sentia. Surpresa, alegria, perplexidade, sim. Mas desconfiança, não. A desconfiança apareceu muito tempo depois. Tarde demais.

*

François voltou ao exterior para terminar o documentário, e eu entrei em um período de grande isolamento.

Durou vários meses, e hoje tenho dificuldade de delimitar com precisão seus contornos.

Devo dizer que as referências se misturam, se confundem, já que minha agenda não me diz nada: hoje viro páginas em branco. Nelas, só há as vindas de Louise e Paul, anotadas em caneta azul com suas iniciais, e os poucos fins de semana em que sai de Paris para visitá-los, uma lufada de oxigênio que me tirava do torpor.

*

Depois que o prefácio foi escrito e enviado, aceitei que L. viesse pôr um pouco de ordem em minha casa. Ela havia notado que cartas e contas não paravam de se acumular na minha escrivaninha, às vezes sem nem serem abertas, e começara a se preocupar com as datas de vencimento.

L. assinou por mim vários cheques, fez pagamentos, respondeu diversas correspondências (do seguro, do síndico, do banco...), depois guardou as contas que eu havia largado na mesa.

L. cuidou de responder às diversas solicitações que continuavam chegando para mim, normalmente por meio de meu assessor de imprensa.

Eu via L. ligar o computador, abrir um bloco de papel de carta, escolher um envelope de determinado tamanho, organizar meus e-mails, ou seja, se deslocar em minha casa como se estivesse na sua, e tudo parecia simples. Na verdade, ela voltara a usar a mão esquerda com uma tranquilidade que me parecia difícil de fingir, por isso acabei achando que, no dia em que a vira escrever com a mão direita, eu tinha me enganado.

*

— Você está chegando a um ponto da sua vida em que se torna perigoso confiar em alguém — declarou ela uma manhã, depois de passar quase uma

hora diante do meu computador.

— Por que está dizendo isso?

— Porque estou em uma boa posição para ver as armadilhas que são propostas a você. Em uma boa posição para saber o que seu editor, sua família, seus amigos esperam de você hoje em dia. E como eles conseguem o que querem, apesar de passarem a impressão de não terem se envolvido.

— Mas essas pessoas não têm muito a ver umas com as outras e sem dúvida esperam de mim coisas muito diferentes, até contraditórias.

— Não tenho tanta certeza, Delphine. Todos incentivam você a levar essa vida sem riscos que você mantém. A voltar ao que você fazia, de certa forma a esse comércio simpático e bonzinho que era basicamente a sua marca literária.

— Não sei do que você está falando.

— Só quero chamar a sua atenção para isso. É hora de você provar que tem um pouco de discernimento na maneira como se relaciona com o exterior. Nenhuma das pessoas que você considera próximas tem a mínima ideia do que você está atravessando. Nenhuma das pessoas que você considera amigas sabe do teste de resistência pelo qual você está passando neste momento. E quem está preocupado com isso? Quer dizer, quem está preocupado *de verdade*?

Eu ainda não havia entendido aonde ela queria chegar, mas não podia deixá-la dizer bobagens.

— Mas as pessoas que me amam se preocupam, ou pelo menos se interessam pelo problema porque isso me preocupa. Elas demonstram um interesse dentro dos limites aceitáveis, como uma pessoa se interessa pela vida de alguém que ama e a quem quer ver bem.

— Ah, bom... Se você está dizendo. Não foi a impressão que tive, só isso. Poucas pessoas sabem se manifestar quando a gente não liga. Poucas pessoas sabem ultrapassar as barreiras que fincamos na terra arenosa e lamacenta de nossas trincheiras. Poucas pessoas são capazes de vir nos buscar exatamente onde estamos. Porque você é como eu, Delphine, não é do tipo que pede ajuda. No máximo, você menciona, *a posteriori*, e se possível fugindo do assunto, que acabou de passar por um período difícil. Mas pedir ajuda no presente, no momento em que está em queda livre, em que está se afogando, tenho certeza de que nunca pediu.

— Já me aconteceu, sim. Hoje é isso que acontece. Com coisas concretas, em que sei que determinada pessoa pode me ajudar. Isso faz parte do que acabei aprendendo.

— Mas os verdadeiros amigos são aqueles para quem a gente não precisa ligar, você não acha?

— Não sei o que você quer dizer com *verdadeiros amigos*, somos amigos das pessoas ou não. E, quando somos, há momentos em que podemos romper barreiras, sim, e outros em que isso é mais difícil.

— Mas as suas amigas já foram capazes de romper suas barreiras, de se impor no momento certo, sem autorização?

— Já, claro. Isso já aconteceu várias vezes.

— Quero um exemplo.

— Eu tenho vários...

— Então me conte um.

— Bom, por exemplo, quando eu e o pai dos meus filhos nos separamos, muito tempo atrás, passei por uma fase bastante estranha. Tudo aconteceu de maneira progressiva, sem que eu me desse conta, depois que me mudei. Pouco a pouco, parei de ligar para os meus amigos, de querer saber das novidades, deixei passar dias e semanas, me fechei em minha dor, hibernei, me escondi para a muda, não sei, era uma forma de afastamento pela qual eu nunca havia passado, como se apenas meus filhos importassem, mais nada. Não tinha mais forças. Isso durou alguns meses. A maioria das minhas amigas continuou me dando notícias, ligando, demonstrando sua presença, mesmo de longe. Em uma sexta-feira, em março, perto das oito horas da noite, logo depois que Louise e Paul haviam saído para passar o fim de semana com o pai, alguém tocou a campainha. Eu abri a porta. Chloé e Julie estavam ali no patamar, na minha frente, com um bolo de aniversário cheio de velas acesas. Começaram a cantar na escada, eu vi os dois sorrisos iluminados pela claridade das chamas, sorrisos que diziam viemos mesmo assim, não importa em que estado você esteja. Não chorei, mas fiquei muito emocionada. O que me abalou, sabe, e que ainda me abala quando conto essa história, foi o bolo. Porque elas podiam ter comprado uma torta no Picard, o supermercado de congelados, ou em qualquer padaria da minha rua. Mas não. A centenas de quilômetros dali, tinham feito um *pithiviers* de amêndoas com uma impecável cobertura açucarada, haviam transportado a caixa com todo o cuidado, comprado velas e um isqueiro (nenhuma das duas fuma), combinado de se encontrar no mesmo vagão de TGV (uma vinha de Nantes e a outra de Angers) e depois tinham pegado o metrô e subido a escada com suas malinhas de fim de semana. Ao chegar aqui, haviam posto as velas no bolo e acendido tudo antes de tocar a campainha. É, fiquei emocionada por ver as duas à minha porta no meu aniversário, com um bolo caseiro, era a promessa de uma vida em que sempre haveria indulgência e doçura, era a promessa de grandes alegrias.

Alguns anos depois, quando minha mãe morreu, Tad e Sandra, minhas amigas de infância de quem já falei, que moravam longe uma da outra, vieram de trem para Paris. Tiraram alguns dias de folga para homenagear minha mãe, para me ajudar, para estar comigo.

L. me escutou com atenção, sem dizer nada. Ela sorriu.

— São belas histórias. Mas são de antes.

— Antes de quê?

— De tudo isso.

Ela lançou um olhar ao nosso entorno, sem indicar nada específico. Não pedi que L. especificasse, ela fingia não ter entendido.

— Agora seria interessante ver quem seria capaz de vir tocar sua campainha em uma sexta à noite, sem que você tivesse pedido. Na sua opinião, qual das suas amigas vai chegar de surpresa?

— Agora é diferente. Tem o François.

— Onde?

Fingi que não havia percebido a ironia.

— Na minha vida. Minhas amigas sabem disso, sabem que posso contar com ele.

— Sei. Então, tudo bem, imagino que seja diferente. Mas, cá entre nós, não sei se alguma pessoa vai conseguir proteger você de você mesma. Mas, bom... Na verdade, talvez isso finalmente explique por que ninguém está muito preocupado com o seu silêncio.

*

Eu não estava com nenhuma vontade de continuar aquela conversa, que considerava desleal e cruel. Eu me permitiria lembrar a L. que seus amigos não apenas não ligavam no aniversário dela, mas também não apareciam quando ela os convidava? Eu me permitiria lembrar a L. que ela parecia alguém extremamente solitário, alguém que havia criado um grande vazio em torno de si?

Achei que a amargura de L. vinha de sua solidão e aquilo me deixou triste. Eu não podia ficar irritada com ela. L. havia perdido o marido. Algo sério acontecera em sua vida, afastara-a dos amigos. L. projetava em mim coisas que não tinham a ver comigo. Mas, à sua maneira, queria me ajudar.

Já era quase meio-dia e L. disse que tinha uma reunião na hora do almoço.

Foi embora depois de me aconselhar a sair um pouco, eu estava pálida demais.

*

Apenas alguns dias depois acabei constatando: L. tinha razão. A não ser por François e por meus filhos, fazia um bom tempo que ninguém me escrevia nem telefonava.

Foi sem dúvida assim que L. se instalou em minha vida, com o meu consentimento, por uma espécie de feitiço progressivo.

Já tentei várias vezes descobrir a falha que me deixou tão vulnerável. Tão permeável.

Eu recebia cartas anônimas de uma violência crescente.

Meus filhos haviam saído de casa e começado a construir, em outro lugar, uma vida própria.

O homem que eu tanto amava estava ocupado com seu trabalho, suas viagens e os mil projetos que eu o havia incentivado a aceitar. Tínhamos conscientemente escolhido aquele estilo de vida, que deixava espaço para outras obsessões, outras paixões. Por ingenuidade ou excesso de confiança, nós dois havíamos acreditado que estávamos protegidos de toda e qualquer tentativa de conquista.

*

Na idade adulta, a amizade se constrói por uma espécie de reconhecimento, de convivência: um território comum. Mas também me parece que procuramos no outro algo que existe apenas em nós de uma forma menor, embrionária ou negada. Assim, costumamos nos ligar àqueles que souberam desenvolver uma maneira de ser próxima da que gostaríamos de ter.

Eu sei o que admiro em cada uma de minhas amigas. Poderia dizer o que cada uma delas tem e eu não, ou aquilo que possuo apenas em uma quantidade mínima.

A meus olhos, L. sem dúvida encarnava uma forma de segurança, de reflexão, de convicção da qual eu me sentia desprovida.

L. voltou quase todas as tardes.

L., melhor que ninguém, adivinhava meu humor, minhas preocupações, parecia ter um conhecimento prévio dos acontecimentos que me envolviam. Tinha sobre mim um poder que nenhuma de minhas amigas jamais teve.

L. se lembrava de tudo. Desde o primeiro encontro, ela havia gravado a menor história, o menor dos detalhes, as datas, os lugares, os nomes mencionados ao longo de uma conversa. Cheguei a me perguntar se ela não fazia anotações de cada um de nossos encontros. Hoje sei que era uma mania dela, uma forma de hipermnésia seletiva.

L., na verdade, parecia ser a única a perceber as proporções da batalha que eu travava, cujos riscos sem dúvida podiam parecer insignificantes — o fato de eu escrever ou não um livro não mudaria o ritmo do mundo —, mas ela havia entendido que daquilo dependia meu centro de gravidade.

L. se tornou necessária para mim, indispensável. Ela estava ali. E talvez eu precisasse daquilo: de alguém que se interessasse por mim de maneira exclusiva. Não somos todos habitados por esse desejo louco? Um desejo nascido na infância, ao qual tivemos que renunciar, às vezes rápido demais. Um desejo que todos consideramos, na idade adulta, egocêntrico, excessivo e perigoso. No

entanto, ao qual cedemos às vezes.

L. sem dúvida preenchia um tipo de vazio que eu não havia notado, vinha apaziguar um medo que eu não sabia nomear.

L. fazia ressurgir algo que eu pensava ter enterrado, consertado.

L. parecia satisfazer a necessidade insaciável de consolo que subsiste em cada um de nós.

*

Eu não precisava de uma nova amiga. Mas, por causa de nossas conversas e da atenção constante que ela me oferecia, acabei por achar que apenas L. podia me entender.

Uma manhã, L. me ligou muito cedo. Sua voz estava menos controlada do que de costume, ela parecia um pouco sem fôlego. Como demonstrei preocupação, ela admitiu que estava com alguns problemas, nada grave, mas tinha um favor a pedir: será que eu poderia abrigá-la por duas ou três semanas, enquanto ela procurava outro apartamento para alugar?

L. aportou em minha casa na segunda-feira seguinte. Estava acompanhada de um jovem de cerca de vinte anos. O feitio do rapaz, o comprimento excepcional de seus cílios, a displicência adolescente de seus gestos incitavam os olhares a se demorarem. Era bonito.

O jovem a havia encontrado na casa dela mais cedo e a ajudado a transportar as quatro malas imponentes que L. decidira trazer. Mal chegou e já desceu para pegar as outras que havia deixado na porta do prédio. Depois de colocá-las no patamar, correu de novo pela escada para pegar algumas bolsas no carro de L. Eu moro no sexto andar de um prédio sem elevador, mas o rapaz não pareceu ter qualquer dificuldade.

Ao ver a quantidade de malas, achei que L. havia se empolgado. Imaginei que ela não conseguia se deslocar sem parte de seu guarda-roupa, e ela com certeza tinha trazido vários itens de trabalho.

Quando o rapaz tornou a subir pela terceira vez, ofereci um café a ele. O jovem se virou para L., esperando seu consentimento, mas ela fingiu ignorar a pergunta contida no olhar dele. Depois de alguns segundos, ele recusou.

Quando a porta foi fechada, perguntei a L. quem ele era. Ela riu. Que importância podia ter isso? Nenhuma, respondi, simples curiosidade. L. me disse que era o filho de uma amiga. Ela não tinha dito o nome dele, não lhe havia agradecido e mal o cumprimentara.

Eu havia imaginado que L. ficaria no quarto de Paul. Lembrava que ela gostara muito da cor das paredes na primeira vez que fora à minha casa. Dei a L. tempo para desfazer as malas. Tinha esvaziado várias prateleiras e uma parte dos cabides para que ela pudesse guardar suas coisas. Havia feito a cama e arrumado a escrivaninha, sobre a qual ela logo pôs o laptop. O prazo exigido pelo editor para que terminasse a autobiografia da atriz estava terminando, por isso era impossível, para ela, procurar outro apartamento naquele instante. Eu nunca soube por que ela tivera que sair, de maneira tão precipitada, do local onde morava.

*

Não demorei a entender que L. havia levado para minha casa praticamente tudo que possuía, com exceção de quatro ou cinco caixas que deixara no porão de sua vizinha do andar de baixo. L. não tinha móveis, explicou, vendera tudo depois da morte do marido (insistiu várias vezes no *tudo*, querendo dizer que nenhum objeto escapara daquela decisão). Desde então, sempre preferia alugar apartamentos mobiliados. Não queria carregar peso e muito menos criar raízes. Por outro lado, tinha roupas. Muitas, precisava admitir.

*

Tenho poucas lembranças das primeiras semanas que L. passou em minha casa.

Isso sem dúvida se deve ao fato de ela ter ficado muito ocupada com o texto

no qual trabalhava e de ter saído muito pouco do quarto. Através da porta, eu a ouvia escutar diversas vezes, hesitante, às vezes confusa, as gravações de entrevistas, o material bruto, a partir do qual escrevia. Ela parava em uma frase, rebobinava, começava. Podia escutar dez vezes a mesma passagem como se, além das palavras, buscasse capturar algo que não podia ser dito e que era preciso adivinhar. Depois de encher um bule com água quente, ela ficava quatro ou cinco horas sem sair do quarto, em um silêncio que nada parecia perturbar. Eu não ouvia sua cadeira deslizar pelo piso, nunca a ouvia caminhar para esticar as pernas, não a ouvia tossir nem abrir a janela. Sua capacidade de concentração me impressionava.

*

Eu havia imaginado que dividir a casa com L. me ajudaria a voltar ao trabalho.

Já senti muitas vezes que é mais fácil trabalhar lado a lado. Em uma solidão relativa. Adoro saber que, não muito longe de mim, outra pessoa se encontra em uma situação similar e dedica o mesmo esforço. Por isso, quando era estudante, eu passava tanto tempo na biblioteca.

Mas a assiduidade de L. à sua mesa não me impedia de ficar dando voltas.

Hoje eu não saberia dizer com o que me ocupava, o tempo transcorria sem esforço e sem uma verdadeira chateação, mas nada acontecia.

Durante a manhã, eu preparava uma salada ou uma massa para mim e L.

Perto de uma da tarde, eu a chamava e nós almoçávamos rapidamente na pequena mesa da cozinha, sentadas uma diante da outra.

Depois eu saía para longas caminhadas solitárias. Enrolava-me com a imensa echarpe cor de laranja, que L. havia me dado no dia em que chegara à minha casa, e andava. Sonhava com os livros que não era mais capaz de escrever. Vagueava até o cair da noite. Ao voltar dessas caminhadas errantes, sempre acabava atravessando a praça aonde levava Louise e Paul quando os dois eram pequenos. Na hora em que o parquinho se esvaziava, eu me plantava diante dos escorregas e balanços, tentava rever o rosto deles de criança, procurava seus risos, o barulho da areia espessa sob seus sapatos, revia a cor de seus gorros, o equilíbrio incerto de seus primeiros passos. Ali havia acontecido algo que não era possível guardar.

À noite, às vezes eu ouvia L. telefonar. Eram conversas bastante longas, das quais eu ouvia o tom, mas não o conteúdo. Cheguei a ouvi-la rir, gargalhar. Como nunca escutava seu celular tocar nem vibrar, eu me lembro de ter me perguntado se L. não estava falando sozinha.

*

Depois que se mudou para minha casa, L. acabou se encarregando de tudo — das cartas, das declarações, dos pagamentos, ou seja, de tudo que exigia que eu ligasse o computador ou empunhasse uma caneta. O que me parecia impossível,

ela resolvia em questão de minutos.

Quando respondia e-mails por mim, à noite ela fazia um breve resumo: *nós* tínhamos dito “não” a tal e tal coisa, *nós* havíamos conseguido mais prazo para outro trabalho, *nós* tínhamos deixado para o ano seguinte a escrita de uma curta peça de teatro para a *Le Paris des Femmes*.

L. disfarçava minhas falhas. Eu era incapaz de redigir seja o que fosse e de segurar uma caneta por mais de três minutos, mas, no fim das contas, não estava me saindo tão mal.

Nós estávamos enfrentando a situação.

*

Quando L. saía para fazer compras ou ir a uma reunião, eu não conseguia me segurar e entrava em seu quarto. Em alguns segundos, meu olhar varria tudo: as roupas penduradas na cadeira, os sapatos alinhados sob o aquecedor, o trabalho brevemente abandonado. No fundo, era o que mais me interessava e, sem dúvida, era minha maior indiscrição: olhar aquelas folhas de rascunho dispostas na escrivaninha, corrigidas a lápis, cobertas de raspas de borracha, sobre as quais eu deixava minha mão passar, sem ler. E os círculos cor de ocre deixados pela xícara de chá no papel.

Eu olhava para aquele espaço do qual ela havia tomado posse, os sinais claros do trabalho em curso, anotações, Post-its, folhas impressas e corrigidas, e tudo aquilo, em vez de me ser familiar, parecia pertencer a um mundo que eu não conhecia, um mundo que me era proibido.

Foi nessa época que L. começou o que não demorei a chamar de *ritual da biblioteca*. À noite, várias vezes por semana, L. passava vários minutos analisando os livros nas estantes de minha sala. Ela não se contentava em observar as lombadas distraidamente, como a maioria das pessoas faz. Dedicava tempo para examinar cada fileira, de tempos em tempos tirava um livro para tocá-lo. Às vezes eu via seu rosto relaxar, em um sinal de aprovação, em outras, ela franzia as sobranceiras, visivelmente contrariada. E sempre chegava o momento em que ela me perguntava, mais uma vez, se eu havia lido aquilo tudo. Sim, quase todos, eu repetia, com exceção de alguns. Então L. deixava os dedos deslizarem de um livro a outro e anunciava os títulos em voz alta, como em uma única frase, uma frase imensa e magnífica, cujo sentido eu não entendia. Eu já havia lido o pacto, se um viajante numa noite de inverno, a felicidade perfeita, beira-mar, nem um dia, a mulher gelada, o quarto do eco, sonhos de menino, a vida dos pássaros, falésias, ontem, depois, agora, como acha que estou, a reviravolta, graça e indignância, a invenção da solidão, do que estamos falando quando falamos de amor, ah, até parece o paraíso, rezem por nós, as lembranças, arrebatamento, eu a amava, o que eu amava, gritos, corpos, sexta-feira à noite, as pipas, a origem da violência, a infamília, passeio, farrapos, sobre

a fotografia, *in memoriam*, irmãs, o entreato, vidas minúsculas, ronda da noite, meu menino, a pele dos outros, qualquer semelhança com o pai, aquelas que sabiam, Joséphine, a noite sexual, início, a parte que falta, punho morto, a chuva antes de cair, entre ruídos, o adversário, os olhos secos, o processo verbal, o elã, o futuro, o caderno vermelho, o substituto, sensível demais, tóxico, infância, maria com ou sem nada, lembrança perdida da pele.

Delphine, A ausência da sua resposta prova o quanto você deve ter vergonha. Tem motivo para isso.

Você causa medo. Basta ver como você se veste, como você se porta, basta olhar para os seus gestos e ver seu olhar dissimulado. E isso não é novidade. Dá para ver que há algo de errado em você, é óbvio, está na cara, e isso não foi resolvido. Você carrega um peso enorme, coitadinha.

Em termos de marketing, não há nada de errado, você é a melhor. Quando o assunto é divulgação, você se vira. Começou vendendo a sua mãe e agora está namorando um apresentador e crítico literário para que ele promova você, nossa, parabéns, era mesmo necessário. Coitado, deve ter sérios problemas sexuais para estar com uma mulher como você. Acha que ele ama você? Acha que um homem como ele pode amar uma mulher como você? Quando ele largar você, imagino que vá escrever um livro. Um livro bem filho da puta como só você sabe escrever. Dê meu telefone ao seu namorado, posso contar uma ou duas coisas a ele.

Você causou muito mal, danos consideráveis. Sabe por quê?

Porque as pessoas acreditam no que está impresso. Elas acreditam que é verdade.

E isso é nojento.

*

Pus a folha datilografada de volta no envelope e guardei com os outros. Falei sobre ela para François ao telefone, sem dar detalhes. Disse que havia recebido outra carta, ainda mais violenta que as anteriores. Eu o tranquilizei, não era nada sério, a pessoa ia acabar desistindo.

*

Na hora, acho que não contei a L. sobre a carta.

*

Uma manhã, dois ou três dias depois, eu me levantei, vesti-me, preparei um café e, de repente, sem motivo nenhum, comecei a chorar. L. estava diante de mim, tive tempo de perceber uma expressão de pânico em seu rosto, depois me levantei para me refugiar em meu quarto. Chorei por muito tempo, não conseguia parar.

As cartas estavam em meu corpo: peçonhentas. Desde a primeira. Elas haviam liberado seu veneno, um veneno concebido para se difundir de forma lenta, capaz de quebrar todas as barreiras de imunidade.

Quando sai, L. me entregou um pacote de lenços de papel. Ela havia preparado um chá. Pôs a mão em meu braço, visivelmente emocionada.

Eu me acalmei e ela me pediu para ver as cartas. Releu-as na ordem em que haviam chegado, uma careta de nojo nos lábios. Analisava o papel como se ele pudesse trazer uma resposta, em busca do menor detalhe que pudesse trair seu autor. Tanto o endereço quanto o texto haviam sido datilografados, as cartas tinham sido postas em envelopes padrão e postadas em bairros diferentes de Paris. Não havia nenhuma pista.

L. encontrou as palavras certas para me tranquilizar, para me acalmar. Recolocar as coisas em ordem. Eu não devia misturar tudo, levar tudo ao pé da letra. L. lembrou as mensagens carinhosas que eu recebera da maior parte das pessoas de minha família depois do lançamento do livro. Isso não queria dizer que era simples para eles, não queria dizer que tinham entendido. O livro não havia questionado essa afeição. Em alguns casos, ele inclusive a havia reforçado. Sim, claro, era óbvio que o autor era uma pessoa próxima. Alguém que tinha raiva de mim havia muito tempo, desde antes do livro. Alguém que ruminava seu ódio e sua fúria e acabara de encontrar a chance de liberá-los.

L. não achava aquilo triste. Pelo contrário. Meu livro provocara alguma coisa, permitira que aquela violência fosse expressa. Uma violência preexistente. Essa era a vocação da literatura, uma vocação performática, e isso era muito bom. Que a literatura tivesse consequências sobre a vida, que provocasse raiva, desprezo, inveja, sim, era uma boa notícia. Algo estava acontecendo. Estávamos chegando ao cerne da questão. E aquelas cartas tinham que me trazer de volta ao essencial.

L. achava que a violência das relações domésticas e familiares era uma fonte de inspiração literária. Ela já havia explicado aquela teoria para mim várias vezes. Essa violência, fosse ela clara ou subentendida, era uma das condições necessárias à criação. Seu ponto de partida.

As cartas me faziam mal. Ela percebia isso e sentia muito. Entendia. As cartas me corroíam de maneira insidiosa porque se dirigiam não apenas à criança que eu havia sido, mas também à mulher que eu me tornara. Porque elas me consideravam culpada. Lembravam a origem da violência.

L. releu a última carta em silêncio antes de voltar a falar.

— É, as pessoas acreditam no que está escrito e isso é ótimo. As pessoas sabem que apenas a literatura permite chegar à realidade. As pessoas sabem o quanto é custoso escrever sobre si, sabem reconhecer quem é sincero e quem não é. E, acredite em mim, elas nunca se enganam. É, *as pessoas*, como dizem o seu amigo, querem a verdade. Querem saber se ela existiu. As pessoas não acreditam mais na ficção e até desconfiam dela, devo dizer. Elas acreditam no exemplo, no testemunho. Olhe à sua volta. Os escritores se apropriam dos fatos corriqueiros, multiplicam as introspecções, as narrativas documentais, demonstram interesse pelos esportistas, pelos bandidos, pelas cantoras, pelos reis e rainhas, perguntam sobre suas famílias. Por que você acha que fazem isso?

Porque esse material é o único válido. Por que voltar atrás? Você não deve travar a luta errada. Está fugindo, fingindo que vai voltar à ficção por um único motivo: porque se recusa a escrever seu livro-fantasma. É, sinto muito, estou voltando a isso, mas foi você que falou dele, não estou inventando nada. Inclusive, foi exatamente essa expressão que você usou, eu reli a entrevista, você mesma pode ver, é fácil achá-la na internet. Na verdade, a pessoa que vem escrevendo tem medo que você volte a isso. Essas cartas deveriam abrir seus olhos, gerar o choque de que você precisa para reencontrar a força e a coragem de enfrentar o que espera você. A escrita é um esporte de combate. Inclui riscos, nos torna vulneráveis. Senão, não vale nada. Você pode correr riscos porque estou aqui. Estou aqui, Delphine, não vou deixar você. Vou ficar do seu lado, confie em mim, pelo tempo que precisar. E ninguém nunca vai atingir você.

*

Quando se lançava em seus monólogos, L. não ficava receptível a nenhum argumento. Eu a ouvi sem dizer nada. Esperei que ela terminasse para responder. Mais uma vez, não pude me impedir de ficar aliviada por vê-la considerar aquelas questões de forma tão veemente. Respondi com gentileza, como falaria com uma criança exausta que demonstra raiva: — É, é verdade, você tem razão. Eu me lembro disso. Falei desse livro escondido, desse livro que eu talvez escreveria. Eu não excluía a possibilidade de voltar a isso um dia, de uma forma ou de outra. Mas não agora. Meu trabalho me levou a outros lugares. Não quero...

L. me interrompeu.

— Para onde? Para onde ele levou você? O que vejo é que seu trabalho não levou você a lugar nenhum até agora.

*

Não respondi. Ela tinha razão.

E a verdade era que ela estava ali. Apenas ela estava realmente ali.

*

Acho que foi naquela mesma noite, ou talvez na seguinte, que L. me salvou de me asfixiar. Depois, várias vezes falamos daquele episódio como *a noite em que L. salvou minha vida*. Adorávamos o lado enfático da frase, seu tom dramático, como se fosse uma ficção vagabunda, um episódio pseudoépico de nossa amizade. Mas, no fundo, tanto eu quanto ela sabíamos, tinha sido exatamente isso que havia acontecido: L. salvara minha vida.

Estávamos as duas na cozinha e nos preparávamos para jantar quando eu engoli uma amêndoa salgada inteira, que entrou no lugar errado. Já cheguei a me engasgar, mas nunca àquele ponto. A amêndoa era particularmente grande, eu a senti descer pela traqueia, minha garganta emitiu uma espécie de ruído estupefato, o ar logo me faltou. Tentei tossir, depois falar, mas nada circulava, nem o menor vestígio de ar, como se a torneira tivesse sido fechada de repente. Olhei para L., vi nos olhos dela o instante exato em que, depois de ter pensado em

fazer uma piada ruim, ela entendeu o que estava acontecendo. L. bateu nas minhas costas três ou quatro vezes sem sucesso, depois colou seu corpo nas minhas costas, me envolveu com seus braços e deu um soco forte no meu estômago. Na segunda tentativa, a amêndoa se deslocou e o ar voltou. Tossi durante dois ou três minutos, minha traqueia pegava fogo e eu sentia vontade de vomitar. Lágrimas corriam de meus olhos, de dor e alívio. Recuperei o fôlego pouco a pouco e peguei a amêndoa que havia caído no chão.

L. agora me olhava, atenta, esperando que eu confirmasse que tudo tinha voltado ao normal.

Depois de um instante, começamos a rir, cada vez mais alto. Então, pela primeira vez, L. me abraçou. Senti que seu corpo tremia e que ela sentira tanto medo quanto eu.

Mais tarde, L. me disse que tinha feito um curso de primeiros socorros, mas nunca tivera a oportunidade de praticar a manobra de Heimlich, um método de desobstrução das vias respiratórias inventado por um médico americano nos anos 1970, explicara ela, que em geral era ensinado utilizando manequins. A experiência lhe agradara muito.

Nos dias que se seguiram, tive vários pesadelos. Uma noite, meu próprio grito me acordou, um grito daqueles que rasgavam a escuridão, quando eu, ainda adolescente, sonhava que alguém me asfixiava com uma almofada ou atirava em minhas pernas com uma espingarda.

Desde que havia recebido a carta, minhas noites passaram a ser povoadas por papéis rasgados, livros queimados, páginas arrancadas. Palavras de fúria, de indignação, se elevavam repentinamente em meu quarto, um barulho indignado que me tirava de forma brutal do sono. Lembro-me também de um riso louco, de uma crueldade inenarrável, que havia me acordado uma noite e levava vários minutos para desaparecer, mesmo depois que eu arregalara os olhos.

Eu me via sentada na cama, suada, convencida de que tudo havia sido real. Era preciso acender a luz e rever os objetos familiares do quarto para que os batimentos do meu coração reduzissem a velocidade. Eu então me levantava sem fazer barulho, pés nus sobre as tábuas corridas, depois sobre o piso frio, para jogar água no rosto ou preparar um chá. Ficava sentada na cozinha, uma ou duas horas, o tempo necessário para as imagens se dissiparem, antes de conseguir voltar a me deitar.

Acho que foi nessa época que reli todos os livros infantis com que Louise e Paul tinham ficado. Pensamos várias vezes em colocá-los no porão, mas nenhum de nós havia conseguido fazê-lo, e agora que os dois têm vinte anos os livros continuam no quarto deles. No meio da noite, eu virava as páginas com cuidado, feliz por rever os desenhos que tinham marcado a infância deles e os textos que havia lido centenas de vezes em voz alta. O poder de reminiscência daqueles livros me impressionava. Cada uma daquelas histórias trazia de volta o momento precioso que precedia o dormir, a sensação de seus pequenos corpos junto ao meu, a maciez do veludo de seus pijamas, eu relembra a entonação que dava a cada frase, as palavras que tanto lhes agradavam e que às vezes era necessário repetir dez, vinte vezes, tudo aquilo vinha à tona, intacto.

Quase toda noite, entre quatro e cinco da manhã, eu lia histórias de ursos, coelhos, dragões, cães azuis e vacas musicais.

*

Lembro que, uma noite, L. acordou e me encontrou na cozinha, imersa em um livro de Philippe Corentin que Louise adorava: a história de uma família de ratos que vivia no alto de uma biblioteca e se alimentava de livros. O fato de alguém poder comer livros enchia Louise de alegria, especialmente aquele pedido feito pela mãe ao herói da obra, quando ele se preparava para partir em uma expedição com o prim: “Traga-me duas folhas de *Pinóquio*. Seu pai adora esse livro na salada!” O riso infantil de Louise ressurgiu. Eu sabia aquelas frases de cor, talvez até as estivesse murmurando, um sorriso nos lábios, quando L. se aproximou de mim. Ela pôs água na chaleira, abriu o armário em busca de um saquinho de chá, depois se sentou. Folheou o livro com a ponta dos dedos,

mantendo o objeto a distância (por mais estilizados e coloridos que fossem, ainda eram ratos), e me perguntou: — Qual é a alegoria, para você?

Eu não entendi o que ela queria dizer. L. continuou: — Falar de ratos que se alimentam de livros como se fossem papéis comuns não é uma maneira de falar da morte da ficção ou pelo menos de seu uso habitual?

— Pelo amor de Deus, não tem nada a ver com isso — respondi. — Não é o tema do livro! Se é que existe uma mensagem, não tem nada a ver com isso.

— Ah, é? E qual é a mensagem para você?

L. havia interrompido um momento de nostalgia e eu estava tendo dificuldade de disfarçar minha irritação. Além disso, às três da manhã, eu não estava com vontade de dissertar sobre o sentido secreto de *Pipoli la terreur*, um livro ilustrado destinado a crianças de três a seis anos.

Quando fiz menção de me levantar, L. me segurou: — Você se recusa a ver o contexto. É igual a todo o resto, Delphine, você se recusa a olhar as coisas de forma geral, se contenta em olhar para um detalhe.

Eu me senti agredida. Rebatí da maneira mais mesquinha possível e morri de vergonha no mesmo instante em que fiz a pergunta.

— Ah, é? Falando nisso, como anda a sua procura por um apartamento?

Aquilo não apenas era indigno de nossa relação, como eu também não queria nem um pouco que ela saísse de minha casa.

— Se a minha presença está incomodando você, basta uma palavra sua para eu ir embora agora mesmo.

Ela se levantou para pôr a xícara na lava-louça e o açúcar no armário. Seus gestos eram bruscos e denunciavam sua raiva.

Fiquei sentada, pasma por ter dito algo tão estúpido. Ela estava de pé próxima da minha cadeira e se inclinou na minha direção.

— Olhe para mim, Delphine. Não vou dizer isso duas vezes. Basta uma palavra sua e eu vou desaparecer. Antes mesmo que amanheça. Uma palavra e nunca mais vai ouvir falar de mim.

Quase soltei uma gargalhada nervosa. Quase perguntei se ela havia feito um curso de atuação no Actors Studio, com Al Pacino e Marlon Brando. Suas palavras continham uma ameaça que eu não podia ignorar. Tentei suavizar a situação.

— Desculpe, eu não queria dizer isso, é ridículo. Você sabe que pode ficar o tempo que quiser.

L. voltou a se sentar ao meu lado. Inspirou profundamente.

— Vou começar a procurar assim que terminar o livro. Não se preocupe.

*

Nunca mais voltamos a falar sobre aquela conversa.

*

Alguns dias depois, quando L. terminou o livro sobre a atriz, nós abrimos uma

garrafa de champanhe rosé. Ela o havia entregado no prazo, o editor a cumprimentara por seu trabalho e a atriz estava muito feliz.

Naquela noite, L. me revelou que nunca se privava de uma pequena vaidade quando trabalhava. Ao final de cada livro que escrevia para alguém, ela incluía a palavra FIM, seguida por uma estrela (um tipo de asterisco que não indicava nada). Exigia por contrato que aquela assinatura aparecesse no fim do livro. Era sua pegada, sua marca de fábrica, uma espécie de digital conhecida apenas por ela.

Zombei gentilmente dela, eu achava aquilo ultrapassado, é raro que os livros de hoje tenham a palavra FIM.

— A gente sabe que acabou — brinquei. — Porque não há mais páginas!

— Não, eu não acredito nisso. Acho que o leitor gosta que a gente diga isso a ele. É a palavra FIM que permite que ele saia do estado particular em que se encontra, que o devolve à vida.

*

Passamos boa parte da noite escutando discos antigos. Ensinei L. a dançar ska porque ela fingia ter esquecido.

Sentada no sofá, L. riu ao me ver pular pela sala, depois se levantou para me imitar. Gritou para que sua voz soasse mais alta que a música.

— Quem lembra que o ska existiu? Quem se lembra do The Specials e do The Selecter? E se formos as únicas?

Muitas pessoas lembravam. Pessoas de nossa idade, com alguns anos de diferença. Não era, acima de tudo, isso que unia uma geração? A lembrança dos hits, dos jingles, das séries de TV? A marca de um cartaz de um filme, de uma música, de um livro? Mas, claro, se ela quisesse, por uma noite, podíamos acreditar que éramos as únicas a saber dançar ska, as únicas a saber a letra de “Missing words” e “Too much pressure”, que cantávamos em altos brados, os braços erguidos. Observei nosso reflexo no vidro, fazia muito tempo que eu não ria daquela maneira.

Um dia, quando L. havia saído, recebi um telefonema de uma jornalista da France Culture que queria fazer uma entrevista sobre um de meus primeiros romances. Ela preparava uma matéria sobre o assédio no trabalho e queria saber como eu havia escrito aquele texto, de que maneira eu o documentara.

Não sei por que aceitei. Talvez para provar que ainda era capaz de fazer alguma coisa sozinha. Sem L. Daquela vez, eu não precisaria dela para responder, daquela vez, ela não saberia. Eu havia notado que, com o passar do tempo, ou melhor, à medida que me afastava deles, meu discurso sobre meus livros melhorava. Como se algo em sua trama — um detalhe, um desenho — só pudesse ser visto de longe. Fiquei curiosa para saber que desenho teria se revelado no cenário daquele romance e feliz por alguém ainda se interessar por ele. E, até que o contrário ficasse provado, eu não conseguia escrever, mas ainda era capaz de falar.

*

Dois dias depois, a jornalista bateu à minha porta. Ela tinha o costume de ir até a casa das pessoas para gravar a entrevista no ambiente delas, com um material relativamente leve, dissera ao telefone, ir ao encontro dos entrevistados, do universo deles. A partir da conversa, ela fazia a edição, que depois era transmitida durante o programa.

Tínhamos acabado de almoçar quando a jovem chegou. L. estava mal-humorada, desaprovava o fato de eu continuar falando de certos livros meus, que não mereciam ser lembrados.

L. se escondeu em seu quarto antes mesmo que eu recebesse a jornalista. A jovem quis instalar o equipamento na sala, pediu-me para abrir um pouco a janela para ter um fundo com som ambiente, depois me explicou como a entrevista aconteceria. Tomamos um café, ela ligou o gravador. Contei como a ideia do livro surgira, uma manhã, quando estava exausta no trem, na linha D do RER, e como eu a havia trabalhado. Depois, passamos quase uma hora falando de tudo e mais um pouco, a jornalista era animada. Lembro-me de termos falado do meu bairro, onde ela havia morado alguns anos antes, de um ou dois filmes que haviam sido lançados sobre a violência nas relações profissionais e, depois, a conversa passou para assuntos mais fúteis. Em dado momento, quando nós duas tínhamos acabado de rir, ouvi a porta do quarto de L. se abrir, achei que ela quisesse saber em que ponto estávamos.

Um pouco mais tarde, levei a moça à porta. Ela sacou a agenda para me dar a data em que o programa iria ao ar. Nós nos cumprimentamos, eu fechei a porta e senti a presença de L. atrás de mim, muito próxima. Quando me virei, L. bloqueava meu caminho. Por um segundo, achei que havia cometido um erro irreparável e que agora o acesso ao meu próprio apartamento me era proibido. Mas L. se afastou para me deixar passar e me acompanhou até a sala, como uma sombra reprovadora.

— Tem uma amiga nova agora?

Eu ri.

— Acha que não ouvi vocês?

Procurei no rosto dela o sorriso que teria confirmado que era uma brincadeira, mas sua expressão não deixou dúvida sobre o tom de suas palavras. Não tive tempo de reagir.

— Se você acha que é assim que vai se safar, está enganada. É, eu ouvi vocês, Delphine, e toda aquela farsa que ela montou para saber no que você está trabalhando, “então vai voltar à ficção?”. — (Com um gesto, ela pusera a frase entre aspas.) — Mas o que ela tem a ver com isso, a gente perguntou que tipo de jornalismo ela faz, com aquele gravador Nagra de dois mil paus, e quem é ela para dar opinião, hein, alguém perguntou isso a ela?

*

No rosto de L., o menor dos músculos parecia exasperado. Ela estava irritada por eu ter concedido tanto tempo àquela jovem, por ter rido com ela, por ter deixado a entrevista se estender até o cair da tarde. Acusava-me de ter me comprometido, de ter sido complacente. Se um homem tivesse me dito aquilo, eu imediatamente teria visto aquele ataque como uma crise de ciúme e encerrado a situação sem qualquer tipo de discussão. Como se tivesse lido meus pensamentos, ela suavizou um pouco as palavras.

— Sinto muito. Fico irritada por ver você perdendo tempo. Não é nada contra você. Sabe o quanto eu adoraria ver você voltar a escrever. Mas, para isso, vai ter que admitir um dia que não tem nada a ver com a escritora que fizeram de você. É cómodo para eles, para todos, colar uma etiqueta em você e ver que você a mantém. Mas eu a conheço. Só eu sei exatamente quem você é e o que pode escrever.

Não sei por quê, talvez porque havia passado uma ótima tarde e ela tinha acabado de estragá-la, mas explodi: — Mas será que você não entende que eu não tenho ideia da escritora que sou? Não vê que não consigo fazer mais nada, que estou morrendo de medo? Não vê que cheguei ao limite e que não há mais nada, NADA, NADA, NADA? Você me enche o saco com essa história de livro-fantasma, isso não existe, não existe a sombra de um livro oculto, será que não entende? Não há nada no fundo da cartola, nem atrás das cortinas, não há tabu, tesouro, nada proibido! Só há um vazio, isso, sim. Olhe bem para mim, com um pouco de sorte, talvez possa ver através de mim.

*

Peguei o casaco e saí. Precisava de ar.

Fazia muito tempo que François tinha viajado, eu sentia sua falta. Andei por ruas aleatórias. Mais tarde, acho que fui ao cinema, não tenho muita certeza. Talvez tenha parado em um café.

*

À noite, perto das sete horas, voltei para casa. O cheiro de legumes cozidos e de caldo de galinha pairava pelo apartamento. Encontrei L. na cozinha, um avental amarrado na cintura. Preparava uma sopa. Eu me sentei perto dela. Observei-a por alguns minutos sem falar nada. Seus cabelos estavam presos com um prendedor, várias mechas pareciam ter escapado do coque e caído na nuca, uma desordem pouco comum para L. De repente, ela me pareceu pequena, menor. Depois notei seus pés nus nos ladrilhos e percebi que era a primeira vez que a via sem salto alto. Ela sorriu, não havíamos trocado uma palavra. Também sorri. O forno estava ligado, pelo vidro vi uma travessa. Aparentemente, L. havia passado um tempo na cozinha. Tinha comprado e aberto uma garrafa de vinho. Tudo parecia ter voltado à ordem. Eu me senti bem. O episódio da tarde era apenas uma lembrança estranha, imprecisa, eu não tinha mais tanta certeza de que a conversa acontecera. Os aromas se misturavam no calor do cômodo. Eu me sentei. L. me serviu uma taça de vinho.

Quando os legumes estavam cozidos, vi L. colocá-los na tigela do mixer. Ela acrescentou um pouco de caldo e depois tentou ligar o aparelho. Uma vez, duas vezes. Sem sucesso. Eu a vi tirar o mixer da tomada e reconectá-lo. Suspirando, ela conferiu se a haste estava bem fixa no aparelho. Observou a lâmina na extremidade, verificou com a ponta dos dedos se ela girava. Depois, eu a vi recomençar desde o início: montar o aparelho peça por peça, colocá-lo na tomada, tentar ligá-lo.

L. parecia muito calma. De uma calma inquietante.

Eu ia me oferecer para olhar o mixer quando L. o ergueu acima da cabeça e o quebrou com violência no balcão. Ela repetiu o gesto, com uma raiva que eu ainda não conhecia, batendo sem parar no aparelho, com todas as forças, até que o mixer explodisse em vários pedaços. A lâmina caiu a meus pés.

L. ficou imóvel. Apoiou-se na mesa, sem fôlego, contemplando os destroços do mixer espalhados pelo chão. Achei que sua raiva havia diminuído, mas, em um último acesso de fúria, ela pegou o rolo de macarrão e, com dois golpes, destruiu o que restava do aparelho.

Depois, ergueu o olhar para mim. Eu nunca havia visto o brilho de vitória e selvageria que dançava em seus olhos naquela noite.

A partir daquele dia, nada mais foi dito sobre a procura por apartamentos. Não fiz nenhuma pergunta, não manifestei nenhum sinal de impaciência. Durante todo aquele período, não acho que L. tenha fingido estar em busca de uma nova casa. Paramos de mencionar o assunto, como se sua presença estivesse garantida por um longo tempo.

*

Com exceção do episódio do mixer (L. comprou outro no dia seguinte), ela era muito calma, de um humor constante.

Mostrava-se atenciosa, delicada, não deixava nada desarrumado. Fazia compras regularmente, substituía tudo que faltava. Nossa convivência ocorria naturalmente e nunca tínhamos diferenças em termos domésticos.

L. se uniu ao espaço, como se sempre tivesse estado ali. Sua presença me dava um tipo de conforto, não posso negar. Éramos próximas. Cúmplices. Em todos os sentidos do termo. Além de obter sua convivência, eu havia tornado L. cúmplice de um segredo que só ela conhecia. Pois só ela sabia que eu não era mais capaz de escrever uma linha nem de segurar uma caneta. Na verdade, ela não apenas sabia, mas *disfarçava* aquilo para mim. E me substituía para não causar suspeitas. L. respondia por mim as cartas administrativas e profissionais que eu continuava recebendo.

Nós recusávamos reuniões, propostas de escrita.

Nós nos recusávamos a falar de assuntos para os quais os escritores costumam ser solicitados.

Nós estávamos em pleno trabalho.

*

Hoje sou obrigada a confessar. Tenho consciência de que as pessoas a quem fui obrigada a responder naquele período entenderão, ao ler estas linhas, que não era eu. Essas pessoas talvez encontrem em sua caixa de entrada ou em sua caixa de correio uma carta ou um e-mail, assinado por mim, mas do qual não escrevi nem uma palavra.

Peço que, por favor, me desculpem.

*

É claro que essa convivência permitiu que L. selasse seu domínio sobre mim e não tenho certeza de que ela tenha enfrentado grande resistência de minha parte. Eu adoraria poder escrever que lutei, que briguei, que tentei fugir. Mas não tenho nada a dizer além desta simples constatação: eu me entreguei a L. porque ela parecia ser a única pessoa capaz de me tirar do buraco.

*

Às vezes penso na imagem um pouco clichê de que eu era prisioneira de uma aranha que tecera sua teia com paciência ou de um polvo com vários tentáculos. Mas era outra coisa. L. era mais uma água-viva, leve e translúcida, que havia se juntado a uma parte de minha alma. O contato deixara uma queimadura, mas

ela não era visível a olho nu. Aparentemente, eu era livre para escolher o que fazia. Mas a marca me ligava a ela muito mais do que eu podia imaginar.

*

Para as raras pessoas com quem eu ainda mantinha contato (meus filhos, François, minha editora), eu afirmava que tinha voltado a trabalhar. Havia começado *alguma coisa*. Estava bem no começo, mas avançava.

Não liguei para nenhum de meus amigos para contar o impasse em que me encontrava. Tinha medo de que considerassem aquilo, com razão, um capricho de criança mimada. Eu não tinha desculpa alguma e me parecia impossível justificar meu ócio.

Também não contei nada a François. Tinha medo de que ele deixasse de me amar. Não apenas não lhe disse nada, como, quando ele voltou, cuidei para que nunca encontrasse L., pois eu sabia que, no instante em que a visse, ele entenderia tudo: a mentira, os subterfúgios, aquela associação de malfeitoras que havíamos formado.

O fato de ter mentido para François e a todos a minha volta, é isso que devo admitir hoje. Eu mergulhei na mentira com uma mistura de medo, de nojo e, sem dúvida, com certo prazer.

*

Certas manhãs, quando sentia a angústia crescer em minha garganta como uma bola de papel-alumínio, eu me agarrava à frase que L. havia me dito um dia: “Os verdadeiros ímpetos criativos são precedidos por uma espécie de escuridão.”

*

À noite, quando nós duas estávamos em casa, L. retomava o ritual, se aproximava de minha biblioteca, deixava a mão deslizar pelas capas dos livros, parecia parar em um livro ao acaso.

Eu já tinha lido saco de ossos, o deserto de Jasira, a noite do cão, a cueca, somente o amor, a renúncia, o livro impossível, desisto, domingo sombrio, expurgo, as restantes, os confusos, as meninas, o nascimento dos fantasmas, a maternidade, a arte da fome, brilho, uma sensação de abandono, ninguém, homem em queda, acidentes, o poeta, pergunte ao pó, o que devorou nossos corações, o sal da terra, cavaleiro solitário, o verão em que ele não morreu, graça e verdade, a vida diante de seus olhos, o avesso da vida, as três luzes, longe, longe deles, longe de Odile, a história do amor, as cataratas, o quarto do eco, nossas vidas romanceadas, a filha do meu melhor amigo, o passado, sobre heróis e tumbas, tudo se ilumina, as intermitências da morte, um fantasma, paraíso, o salgueiro, um réveillon mortal, café Nostalgia, a guardiã do farol, a ilha Sukkwan, as ilhas, o esquecimento, não se esqueça nunca.

Quando François voltou, fomos passar alguns dias em Courseilles. Deixei L. sozinha em minha casa. Não levei trabalho nenhum (claro). Disse a François — que ficou impressionado por me ver tão disponível, tão longe da escrita — que estava me dando uma folga. E, quando me perguntou sobre meu trabalho, repeti, como fazia sempre que ele se preocupava, que era cedo demais para comentar.

Quando voltei para casa, encontrei L. à escrivaninha de Paul, estudando. Ela me informou que eu havia recebido um e-mail da editora sobre uma palestra em uma escola em Tours, com a qual me comprometera meses antes e que, por uma série de razões, havia sido adiada várias vezes. A bibliotecária da escola havia ligado, era preciso marcar outra data sem demora. Uma turma de segundo ano do ensino médio e três de primeiro tinham analisado vários de meus romances e me esperavam.

Eu não me sentia muito animada, mas me comprometera. À primeira vista, não havia por que achar que algo daria errado. Eu estava acostumada àquele tipo de encontro. L. e eu analisamos juntas algumas datas para propor à escola.

L. me falou de dois ou três outros pedidos que ela respondera em minha ausência. Tinha me achado com uma aparência melhor depois daqueles dias no campo. Não me fez nenhuma pergunta sobre a viagem.

À noite, ela quis saber se seria um problema se ficasse mais um pouco. Respondi que podia ficar o tempo que quisesse.

*

L. nunca me questionou sobre François como havia se autorizado a fazer acerca de minhas amigas. Nunca me pediu para contar como havíamos nos conhecido, nem quanto tempo estava com ele. Quando eu voltava da casa dele ou de Courseilles, ela se contentava em perguntar como eu estava. Evitava os detalhes, as anedotas e qualquer tipo de história. François fazia parte da minha vida, ela não podia ignorá-lo. Ela o considerava, de maneira implícita, como um dado do problema. Não escondia certo ceticismo quanto à nossa relação e às vezes deixava escapar um comentário que bastava para demonstrar o quanto o relacionamento lhe parecia contra a natureza. Eu não me ofendia. Aos olhos de L., François era um parâmetro permanente de minha existência que era preciso aceitar. Uma fonte de complicações e não um fator favorável. Amar um homem que passava seu tempo recebendo e paparicando outros escritores, era isso que lhe parecia perigoso. Alguém que atravessava o Canal da Mancha e o Atlântico para conhecer autores que considerava mais interessantes que os franceses — porque, segundo ela, era isso que aqueles deslocamentos eternos significavam —, isso jamais iria me ajudar a recuperar a confiança. Uma noite em que ela havia bebido um pouco, L. chegou a me comparar a uma professora que havia decidido morar com um fiscal do Ministério da Educação. Isso me fez sorrir e ela continuou: — Na verdade, o cara volta para casa toda noite para contar experiências-piloto feitas por superprofessores em escolas de excelência,

enquanto ela não consegue manter a ordem em uma turma de ensino básico.

Eu não sabia se havia entendido o sentido da metáfora. Ou melhor, a totalidade de significados. Com L., as entrelinhas só ficavam claras vários dias depois de termos conversado.

Nossa convivência continuou assim. A volta de François não mudou muita coisa. Nas noites em que dormia na casa dele, eu voltava cedo no dia seguinte, dizendo que ia trabalhar. Encontrava L. na cozinha, bebendo chá.

*

A única pergunta mais direta que L. me fez sobre François envolvia nossa possível vida juntos, depois da partida de meus filhos.

Quando devolvi a pergunta (ela tinha vontade de refazer a vida?), L. zombou daquela formulação inocente. *Refazer a vida*, o que aquilo queria dizer? A questão era apenas esta: fazer, desfazer, refazer? Como se tivéssemos apenas um fio para tricotar? Ela riu antes de acrescentar:

— Como se fôssemos seres unívocos, construídos de uma única peça, de um único material. Como se tivéssemos apenas uma vida.

Duas ou três coisas que datam, acho, dessa época me vêm à cabeça. Mas devo dizer que não tenho certeza da ordem desses acontecimentos, pois, à medida que escrevo esta narrativa, as coisas se tornam mais imprecisas.

*

Primeiro, L. comprou uma ou duas calças jeans da mesma marca que as minhas. Na hora, não prestei muita atenção, esses detalhes se tornaram importantes mais tarde, quando nossa relação realmente começou a sair dos eixos. Eu também costumo procurar roupas parecidas com as que vejo em amigas. Chego a experimentá-las, até mesmo a comprá-las. Mas o que me parece fluido e voluptuoso em outro corpo, em mim aparenta sempre ficar grande demais, apertado demais, mal ajustado.

Notei que L. havia comprado o mesmo jeans que eu porque ela não usava calça jeans quando a conheci — ao menos pelo que pude ver de seu guarda-roupa, no início de nossa relação.

*

Nos dias que se seguiram, achei que L. havia mudado. Quero dizer que L. ficara parecida comigo. Sei que isso pode soar estranho (ver, em outra pessoa, uma semelhança consigo mesma) e sem dúvida um pouco narcisista. Mas foi o que senti. Não uma semelhança verdadeira, nos detalhes, nos traços, mas na aparência. Eu já havia notado que tínhamos a mesma altura, a mesma cor de cabelo (mas os de L. eram domados e bem penteados), no entanto, uma nova característica se acrescentava a isso: nos gestos, na postura, algo em L. me fazia lembrar de *mim*. Em alguns momentos, sua silhueta lembrava uma projeção de vídeo do meu próprio corpo sobre uma superfície mais suave, mais lisa. Percebi que L. passara a se maquiuar menos. Por exemplo, deixara de lado o CC cream que usava quando a conheci. Pouco a pouco, L. adotara meus gestos, minhas atitudes, meus pequenos costumes. Era perturbador, assustador. Mas talvez fosse apenas uma imagem da alma, de minha alma.

(Muita gente me diz que minha filha se parece comigo, sem dúvida por causa de algum tipo de maneirismo que não percebo. Às vezes consigo ver nossa semelhança em algumas fotos de Louise, que lembram fotos minhas com a mesma idade, mas, quando Louise está diante de mim, nunca consigo ver essa semelhança. Vejo como Paul é parecido com o pai, na maneira de se sentar, de fazer uma careta com a boca quando pensa, de movimentar as mãos quando fala. Mas não acho que seu pai perceba os traços dele em Paul.) Na verdade, os maneirismos que L. havia adquirido de mim não eram da mesma natureza. Não eram algo natural, inconsciente. Eram voluntários. Foi sem dúvida por isso que os notei.

Mas, naquela época, eu já não tinha mais certeza de nada. Acho que acabei pensando que estava inventando coisas.

*

Uma manhã muito cedo, ao voltar da casa de François, encontrei L. sentada na cozinha. Não estava vestida, nem penteada, os olhos vermelhos. Havia acabado de saber que a autobiografia de Gérard Depardieu, que lhe fora proposta algumas semanas antes, tinha sido confiada a Lionel Duroy. Não era a primeira vez que competia com o escritor. Ele havia conseguido o trabalho depois de jantar com o ator. Era uma questão de afinidade. Ela entendia a escolha. Conhecia os dois e a decisão tinha lógica. Mas estava decepcionada. Raramente aceitava escrever para atores de comédia, mas Depardieu era diferente. Ela teria conseguido.

Ao vê-la tão abatida, sugeri que fôssemos almoçar fora para que ela pudesse espalhar. Eu não tivera coragem de preparar o almoço e a geladeira estava vazia.

Ela se trancou durante meia hora no banheiro.

Quando saiu, não pude conter uma exclamação de admiração. O mínimo que podia dizer era que ela sabia se arrumar. Com exceção dos olhos ainda um pouco inchados, a transformação havia sido espetacular, suas bochechas estavam rosadas e ela parecia tranquila e bem-disposta.

*

Fomos a uma *brasserie* do meu bairro, conhecida por seus pratos executivos, onde já havíamos nos encontrado uma ou duas vezes. Quando íamos entrar no restaurante, ouvi alguém gritar meu nome. Eu me virei e vi Nathan, um amigo de Louise desde a creche. Tinham estudado juntos no maternal e parte do ensino fundamental e, mesmo depois de terem tomado caminhos diferentes, nunca haviam perdido contato. Com o passar do tempo, eu e a mãe de Nathan havíamos nos tornado amigas. Alguns anos antes, tínhamos nos juntado para levar as crianças a uma longa viagem aos Estados Unidos.

Nathan parou diante de mim e, durante alguns instantes, a imagem do menino que ele fora (os cabelos louros, as bochechas redondas e o lindo casaco amarelo tricotado à mão que usava na foto da creche) se sobrepôs à do jovem de *dreads*, alto e bonito, que se encontrava à minha frente. Eu não o via desde que Louise tinha ido para Lyon, nós nos cumprimentamos e começamos a contar algumas novidades.

Se tivesse encontrado uma de minhas amigas, L. teria ficado. Mas ela não se deu ao trabalho e fez um sinal para indicar que ia entrar para se aquecer.

— Soube que está há meses trancada em casa, trabalhando — disse Nathan, em tom de provocação. — Minha mãe disse que você mandou um e-mail para suas amigas implorando para que não entrassem em contato com você!

Na hora, não entendi. Não quis entender. Acho que pensei que era um exagero, uma coisa de jovem. Acredito até que tenha concordado com ele. Nathan me falou de seus projetos e perguntou sobre Louise e Paul. Nós nos despedimos depois de mencionar um jantar, com Corinne e ele, em um fim de

semana em que os gêmeos estivessem na cidade.

Pensei no prazer que existia em ver os filhos dos outros crescerem, aqueles que eu havia conhecido ainda pequenos. Aqueles que estavam nas fotos de turma ou de férias, que eu já havia consolado, alimentado, vigiado, censurado, às vezes abraçado. Pensei em todos aqueles meninos e meninas que haviam se tornado tão grandes, tão diferentes uns dos outros, pensei que adoraria escrever sobre esse laço de infinito carinho que me liga aos amigos dos meus filhos e aos filhos dos meus amigos.

Entrei no restaurante e vi L. sentada em uma mesa espaçosa. Eu me sentei. Enquanto ela terminava de examinar o cardápio, o garçom se aproximou.

— Vocês vão esperar a terceira pessoa para pedir?

L. ergueu os olhos para ele, um sorriso decepcionado nos lábios.

— Acho que vamos começar sem ela. Quando chegar, ela pede.

Tínhamos combinado que eu iria a Tours em maio. E o mês de maio chegou.

Perto da viagem, a angústia pouco a pouco começou a aumentar, mas eu não quis prestar atenção. Na véspera da viagem, no fim do dia, tive uma crise de pânico. De repente, achei que seria incapaz de encontrar quatro ou cinco turmas de ensino médio. O que me paralisava era a ideia de ter que passar uma boa imagem, me expor, responder a perguntas sobre o trabalho que vinha fazendo apesar de me sentir tão impotente, tão desamparada. Tudo é uma questão de visualização. Mas, não, eu não me via diante de oitenta adolescentes, fingindo que estava em pleno processo de escrita de um livro. Não, eu não me via respondendo à inevitável pergunta: “O que você vai escrever *depois disso?*”

Os estudantes haviam lido vários de meus livros, preparado perguntas, alguns tinham feito trabalhos complementares (colagens, curtas-metragens) que iam me mostrar. Eu não podia desistir sem decepcioná-los. Mas era incapaz de ir ao encontro deles.

À noite, ao me ver angustiada, L. se ofereceu para se passar por mim. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, pronto, era uma solução como qualquer outra, os alunos não ficariam decepcionados, isso evitaria que a palestra fosse adiada mais uma vez, que as passagens de trem tivessem que ser trocadas, que eu tivesse que enfrentar a mesma apreensão.

Fiquei chocada. No meu lugar? Como ela podia imaginar que ninguém ia perceber? Mas L. tinha certeza absoluta de que daria certo. As pessoas só me conheciam por foto e, de modo geral, eu tinha que admitir que a maioria das fotos enganava e não tinha muito a ver com a realidade. Além disso, segundo ela, as minhas fotos disponíveis na internet não se pareciam comigo. Não formavam um retrato coerente, mas contribuíam para criar uma imagem variável e indecifrável. As características pareciam distorcidas. Ora eu tinha cabelos ondulados, ora lisos, em algumas imagens eu parecia ter acabado de voltar do Club Med, em outras, de sair da cadeia, ter trinta e cinco ou cinquenta e cinco anos, ser uma burguesa ou uma grunge revoltada, enfim, tudo aquilo me deixava uma margem de manobra para, em seus termos, *me reinventar*. Alguns detalhes bem escolhidos ajudariam a criar a farsa. Ela tinha certeza de que ia funcionar. O risco não era muito grande. Além disso, ela havia lido todas as minhas entrevistas (desde o início de minha carreira, lembrou ela), me ouvira várias vezes no rádio, sentia-se perfeitamente capaz de responder por mim às perguntas tradicionais sobre a criação de meus livros e sobre a escrita. No restante, improvisaria.

Eu sei que isso parece uma completa loucura, mas aceitei.

*

Na madrugada do dia seguinte, L. pôs minhas roupas (tínhamos escolhido as que eu usava nas fotos mais vistas na internet, partindo do princípio de que elas haviam deixado um vestígio no inconsciente de meus anfitriões), depois passei

meia hora enrolando os cabelos dela com o *babylliss* que Louise deixara em seu quarto. Os cabelos de L. tinham o mesmo comprimento que os meus e eram apenas um pouco mais claros. O resultado nos fez rir, sobretudo quando L. começou a realmente imitar meus gestos, minhas entonações, como se tivesse repetido aquele exercício dezenas de vezes, sozinha, diante de um espelho. Era muito talentosa.

Às seis horas, com as passagens no bolso, ela pegou um táxi para chegar à estação de Montparnasse.

Do TGV, L. me mandou duas ou três mensagens de texto. Depois, passei o dia inteiro sem ter notícias dela. Tínhamos combinado que ela só me ligaria se acabasse na delegacia por roubo de identidade.

Eu não podia fazer nada além de olhar para o meu celular a cada dez minutos. Acabei imaginando dois ou três cenários catastróficos: L. desmascarada pelos alunos, que acabariam jogando livros na cara dela, L. respondendo bobagens às perguntas feitas, L. insultando um professor que lhe teria faltado com o respeito.

*

L. não quis que eu fosse buscá-la na estação. Achou melhor que eu aproveitasse para ficar sozinha. Perto das dez da noite, quando já não aguentava mais, eu a ouvi subir a escada.

Em seu rosto, reconheci o cansaço que eu conhecia bem. L. me confirmou que tudo havia acontecido sem tempo para descanso: o TGV, o almoço na cantina, o encontro com as turmas, os autógrafos, o lanche na sala dos professores, o TGV. Sem tempo para descanso e sem incidentes. Apenas um curto instante de dúvida ocorrera na estação de Tours, quando a bibliotecária a havia recebido. Ela olhara para L. várias vezes antes de se aproximar e, depois que as duas tinham se cumprimentado, continuara a lançar olhares de esguelha para ela. Depois de alguns segundos de perplexidade, a mulher pedira desculpas por não tê-la reconhecido de imediato, tinha uma imagem diferente de mim na cabeça. Por outro lado, na escola, os dois professores de literatura não haviam hesitado em momento algum. Estavam muito felizes em me ver, os alunos me esperavam ansiosos. Durante a palestra, um menino provocara gargalhadas por ter perguntado se L. havia feito alguma plástica: ela parecia mais jovem que nas fotos. Um dos professores dera uma bronca no menino. Os alunos haviam feito muitas perguntas sobre a dimensão autobiográfica dos meus livros, especialmente do último. L. ficara surpresa em ver que a maioria das perguntas envolvia esta questão: por que eu considerava meu livro um romance, era tudo verdade, o que havia acontecido com esse ou aquele personagem, como o livro havia sido recebido pela minha família? Todas as perguntas que eu conhecia bem e que já havia respondido inúmeras vezes.

Diante de mim, L. não conseguia dissimular sua alegria nem seu orgulho: ela

havia se passado por mim e tinha funcionado! Será que eu me dava conta do que aquilo significava? A partir daquele momento, tínhamos nos tornado intercambiáveis, ou pelo menos ela podia me substituir. Sem dúvida havia como aperfeiçoar sua representação, pois ela podia melhorar, tinha certeza, e isso poderia me liberar de várias obrigações, caso eu quisesse.

— Olhe, Delphine, posso voltar a fazer isso sempre que você precisar. E tenho certeza de que vai funcionar mesmo com pessoas que conhecem você. Livreiros, bibliotecários, jornalistas. Certeza absoluta. Acredite em mim, as pessoas não sabem olhar. Ficam muito ocupadas consigo mesmas. Podemos fazer uma experiência quando você quiser.

L. estava tão feliz que parecia ter acabado de receber um prêmio de melhor atriz.

Em toda sua alegria, ela não percebeu o incômodo que eu não conseguia esconder. Mas tentei afastar a sensação bizarra que me deixava levemente atordoada. Dessa vez, ela havia salvado minha pele.

Eu agradeci. Acho até que acrescentei: não sei o que fazer para agradecer.

No dia seguinte, L. me disse que tínhamos recebido um e-mail muito afetuoso dos professores. Eles tiveram um excelente retorno, os alunos haviam adorado a palestra, a consideraram animada, interessante e descontraída.

Nós tínhamos feito bem em ir.

Eu sou uma pessoa desajeitada. Estou sempre esbarrando nas paredes, prendendo o pé nos tapetes, deixando cair objetos, derrubando água, vinho, chá, tropeçando, deslizando, desequilibrando-me, eu me vejo em manobras arriscadas, às vezes tudo em um mesmo dia. Isso não acontece necessariamente por causa de irregularidades no terreno nem da presença de obstáculos camuflados. É mais uma grande distração ou uma forma dissimulada de inadaptação ao mundo que me cerca. A isso podem ser acrescentados vários parâmetros: o cansaço, o olhar dos outros. Ainda hoje, quando sei que estou sendo observada, chego a atravessar um cômodo ou a descer uma escada com uma única preocupação: chegar ao fim sem cair. Ainda hoje, quando me sinto intimidada, chego a passar uma refeição inteira acompanhando a conversa com ouvidos desatentos porque estou ocupada tentando não engasgar, não deixar nada cair, e isso exige toda a minha atenção.

Aprendi a dissimular esse defeito e hoje acho que o escondo bem. Desenvolvi certo número de atos mecânicos, de estratégias, de medidas preventivas que me permitem passar dias inteiros sem bater em nenhuma superfície, me ridicularizar em público, nem pôr a vida de ninguém em perigo. Mas, hoje, sei que são nos momentos de exaustão, de tristeza, de contrariedade que devo redobrar a atenção.

Pois, em várias ocasiões, às vezes de forma pública, demonstrei não ter nem um pingão de coordenação motora. Não sei se existem outras pessoas de minha idade — ou seja, que já tenham certa quantidade de horas de treinamento — nessa mesma situação.

Um dia, alguns anos atrás, meu editor inglês me pediu para ir a Londres divulgar a tradução de um de meus romances. Fazia algum tempo que não ia a Londres e eu me preparava, não sem certa apreensão, para responder a minha primeira entrevista em inglês. Meu editor foi me buscar na estação de Saint-Pancras e nós pegamos um táxi para ir diretamente ao estúdio onde o programa seria gravado. Acho que eu estava usando uma saia ou um vestido na ocasião. No carro, nós conversamos um pouco. Meu editor inglês é um figurão do mercado editorial. É um homem de cerca de cinquenta anos, extremamente inglês e extremamente sedutor. Aos meus olhos, ele encarna a essência do refinamento britânico. Quando chegamos ao destino, ele desceu primeiro do carro e abriu a porta para mim, sorrindo. Eu só tinha que sair do táxi. Durante os poucos segundos que precederam meu movimento, uma voz em minha mente me alertou: *Você não vai conseguir*. Aquilo não fazia o menor sentido, não se baseava em nenhuma razão objetiva, mas o medo estava lá, como se eu estivesse no alto de uma tenda de circo e tivesse que saltar de um trapézio em movimento para outro. Senti-me intimidada, queria passar uma boa impressão, queria me mostrar desenvolvida e feminina, queria agradar. E, de repente, descer daquele carro sob o olhar de meu editor inglês me pareceu impossível.

Naquele exato instante, eu pensei: de certas palavras, de certos olhares, não podemos nos curar. Apesar do passar do tempo, apesar da gentileza de outras palavras e de outros olhares.

Quando saí do carro, em virtude de alguma confusão entre minhas pernas ou meus pés, eu caí para a frente, não em um verdadeiro voo, que ao menos teria o mérito do espetáculo. Não, foi um tipo de desmoronamento seco, deplorável, eu acabei de cara no chão e o conteúdo de minha bolsa se espalhou pela calçada. Meu editor inglês estendeu a mão para me ajudar a levantar, em um gesto de absoluta delicadeza, sem demonstrar nenhum tipo de surpresa, como se aquilo fosse um fenômeno frequente entre os escritores franceses.

*

Ao entrar em contato com L., especialmente no período em que ela morou comigo, essa falta de coordenação não parou de crescer, de se desenvolver, como um vírus que sofrera mutação e adquirira uma forma mais nociva, mais tenaz. Eu me batia sempre. Os objetos escapavam de minhas mãos e pareciam dotados de uma energia própria. Meus movimentos estavam desregulados. Os choques, as quedas, as colisões se multiplicaram. Eu não contava mais os hematomas nem as quebras. A inadaptação de meu corpo a seu meio, à qual havia me acostumado e que aprendera a dissimular, havia entrado em uma espécie de hiato permanente. Eu andava em um terreno acidentado, minado, sentia-me perseguida a cada instante por derrapagens, desabamentos, deslizamentos. Aonde quer que fosse, eu temia meu próprio vacilo. Sentia-me nervosa e desajeitada. Trêmula. A verticalidade de meu corpo não era mais algo garantido, mas um fenômeno precário pelo qual era preciso batalhar.

*

François, que sempre havia me provocado por causa de minha falta de coordenação (será que eu era a filha bastarda de Pierre Richard ou de Gaston Lagaffe?), começou a ficar preocupado. Ele passou a me observar de longe, como se procurasse uma prova irrefutável de que algo não ia bem. Diante dele, cheguei a cair ou largar um objeto, simples assim, no meio do movimento, sem motivo, como se a informação “estou levando um copo à boca” ou “estou segurando uma panela com a mão direita” tivesse repentinamente desaparecido de meu cérebro. Às vezes, a conexão era interrompida de forma brutal. Aliás, como tinha cada vez mais dificuldade de avaliar a distância entre meu corpo e o restante do mundo, tive, por várias ocasiões, que consultar um neurologista.

*

Parando para pensar, acho que a falta de coordenação foi um dos vários sintomas que surgiram ou reapareceram naquele período, sintomas relativamente incapacitantes, que aceitei que coexistissem, se somassem, se multiplicassem, sem alertar ninguém. Hoje, sou capaz de estabelecer ligações entre esses problemas. Mas, na época, tudo isso estava ancorado em um estado

de tristeza, de solidão, cuja causa eu ignorava e eu me recusava a consultar um médico. Eu estava triste, só isso, não era a primeira vez e sem dúvida não seria a última.

Às vezes, sim, eu chegava a pensar que L. podia ser a causa, direta ou não, daquele estado.

Aparentemente, ela me carregava, me apoiava, me protegia. Mas, na verdade, ela absorvia minha energia. L. captava meu pulso, minha tensão, e o gosto pela fantasia que, no entanto, nunca havia me faltado.

Enquanto, diante dela, eu me esvaziava de toda e qualquer substância, L. passava horas trabalhando, entrava e saía, pegava o metrô, preparava a comida. Quando eu a observava, por vezes sentia que estava vendo a mim mesma, ou melhor, uma cópia minha, reinventada, mais forte, mais poderosa, cheia de energia positiva.

E que logo restaria de mim apenas uma pele morta, seca, um invólucro vazio.

À medida que escrevo este relato, percebo a constância com que me arrisco a usar marcas cronológicas, em uma tentativa sem dúvida desajeitada de ancorar esta história em um tempo compartilhado, objetivo, tangível a todos. Sei que tudo isso não tardará a falhar e que chegará o momento em que os marcadores temporais não significarão mais nada, em que não restará nada além de um longo corredor vazio.

*

Se eu pudesse, contaria com mais detalhes as poucas semanas que nos conduziram ao verão. Mas não tenho vestígios nem lembranças delas. Suponho que minha vida tenha continuado a seguir naquela farsa hesitante que não me levava a lugar nenhum.

Suponho que L. tenha continuado a trabalhar, a cuidar dos meus e-mails e da minha correspondência, e que eu tenha continuado a não fazer nada. Suponho que nós duas tenhamos saído uma ou duas vezes para tomar drinques e espalhar.

Louise e Paul vieram passar dois fins de semana comigo. No primeiro, L. aproveitou para visitar a mãe na Bretanha. No segundo, disse que preferia ficar em um hotel para não nos incomodar.

*

Uma noite, quando estava na casa dele, lembro que François e eu brigamos. Acho que discutimos por causa de psicanálise (a psicanálise tem destaque entre os motivos pelos quais nós mais discutimos, e está à frente do café *lungo*, do uso de citações, da nostalgia, de certos autores que defendo e de que ele não gosta, de filmes que ele adora e que eu considero fracassos e vice-versa). Costumamos brigar muito pouco e nunca por mais de dez minutos, mas, naquela noite, eu havia aproveitado a primeira oportunidade que tivera de contradizê-lo. É algo que sei fazer muito bem quando uma parte de mim decide enfrentar alguém (felizmente, isso não acontece com frequência). Meu tom de voz subiu sem que eu me desse conta. Estava tensa, cansada, havia uma espécie de eletricidade no ar.

Será que todos nós já não sentimos isso pelo menos uma vez na vida, essa tentação de saquear algo? Essa vertigem repentina — que nos leva a destruir tudo, destroçar tudo, pulverizar tudo —, porque bastariam algumas palavras bem escolhidas, bem afiadas, bem aguçadas, palavras vindas não sei de onde, palavras que ferem, que acertam no alvo, irremediáveis, que não podem ser apagadas? Será que todos já não sentimos isso pelo menos uma vez, essa raiva estranha, surda, destruidora, porque exigiria poucas coisas, no fim, para devastar tudo? Foi exatamente isso que senti naquela noite: eu era capaz de tomar a dianteira, sabotar tudo que era importante para mim, destruir tudo para não ter mais nada a perder. Foi isso que me dominou, a ideia maluca de que chegara o momento de acabar com tudo aquilo, com aquela fantasia e todas as palhaçadas

em que eu havia acreditado. Eu achava que tinha encontrado um homem capaz de me amar, de me entender, de me seguir, de me apoiar, mas, na verdade, não, rá-rá, era tudo apenas uma ilusão, uma farsa, e já era hora de acabar com aquilo. E eu sabia as palavras que poderiam provocar a ferida irreparável, conhecia o ponto fraco, o calcanhar de aquiles, bastava mirar bem, no lugar certo. Tudo se resolveria em menos tempo do que o necessário para enunciar a frase.

Era isso que L. havia reavivado: a pessoa insegura em mim, capaz de destruir tudo.

Durante um minuto, eu estive à beira do desastre, mas então recuei.

Na época, François propôs várias vezes que eu fosse morar com ele, pelo menos por certo tempo. Estava preocupado. Não tinha sido enganado. Nem por minhas bravatas, nem por meu suposto trabalho em curso. Achava que as cartas anônimas haviam me atingido mais do que eu queria admitir. Pensava que eu havia me deixado dominar por algum monstro ou fantasma do passado.

*

Eu me lembro de outra noite, quando voltávamos de Courseilles, em que tivemos uma discussão estranha. Era como se François tivesse percebido uma luz incomum em torno de mim, mas não fosse capaz de identificá-la. A noite já tinha caído havia muito e a estrada estava livre. No carro, ele havia me questionado. É, estava preocupado comigo. Entendia que eu precisava de solidão, que estivesse protegendo meu trabalho, que não quisesse falar de certas coisas com ele. Mas eu estava indo longe demais, me pondo em perigo. Recusava sua ajuda. Talvez, pelo menos uma vez na vida — por um curto período —, eu pudesse aceitar a possibilidade de alguém cuidar de mim. Segundo ele, eu havia erguido outra vez em torno de mim uma espécie de cordão de isolamento, para que ninguém, nem mesmo ele, pudesse ter acesso ao que estava acontecendo ou me afetando realmente. Ele entendia o fato de eu não ter vontade de compartilhar tudo, mas também não precisava ativar tamanho sistema de defesa. Não estávamos em guerra. Ele não era meu inimigo. Sabia que eu era mais tranquila do que aquilo.

Então seus olhos deixaram a estrada por um instante para me observar.

— Sabe, às vezes eu me pergunto se outra pessoa se apossou do seu corpo.

*

Não sei por que não conversei com ele naquele dia. Por que não mencionei L. e a impressão que tinha de que as garras de uma ave de rapina trituravam meu cérebro toda vez que me aproximava dela.

*

Qualquer pessoa que tenha passado por um domínio mental, por essa prisão invisível cujas regras são incompreensíveis, qualquer pessoa que tenha enfrentado a sensação de não poder mais pensar sozinha, esse ultrassom que apenas nós ouvimos e que interfere em todos os nossos pensamentos, todas as

nossas sensações, afeta tudo, qualquer pessoa que tenha sentido medo de enlouquecer ou de já estar louco, pode, sem dúvida, entender meu silêncio diante do homem que eu amava.

Era tarde demais.

Dos doze anos até o nascimento dos gêmeos, eu escrevi diários. Já mencionei esses pequenos cadernos escolares, tomados por minha escrita infantil, depois adolescente, depois de adulta. Estão numerados e organizados em ordem cronológica em uma caixa de plástico hermética que, por várias vezes, tentei levar para o porão, mas que, no fim, sempre trago de volta. Esses cadernos me ajudaram a escrever meu primeiro e meu último romance. Mas, tirando esses dois momentos (separados por dez anos), eu nunca os reli. Se um dia acontecer algo comigo, quero que sejam destruídos. Já avisei isso a todas as pessoas próximas e deixei a ordem por escrito: não quero que ninguém os abra nem os leia. Sei que seria mais prudente me livrar deles, queimá-los, mas não consigo fazer isso. A caixa acabou encontrando um espaço na pequena despensa contígua à minha cozinha, onde guardo todo tipo de coisa: aspirador, toalhas de mesa, caixa de ferramentas, caixa de costura, caixa de material escolar, sacos de dormir e material de camping.

Uma noite, quando fui pegar a tábua de passar, notei que a tampa da caixa de plástico — a caixa dos cadernos — estava fora do lugar. Abri a escada para pegá-la. Naquele momento, talvez porque tivesse ouvido um barulho, talvez porque tivesse um sexto sentido, L. saiu de seu quarto e foi até a cozinha.

Depois que pus a caixa no chão, comecei a verificar o conteúdo. Como eu estava conferindo os cadernos, L. soltou um assobio de admiração.

— É, nossa, você vai ter trabalho.

Eu não liguei. Os cadernos estavam desorganizados, mas estavam todos lá.

Quase perguntei a L. se ela havia aberto a caixa, mas aquilo me pareceu agressivo demais, falar daquele jeito, sem prova e sem motivo, era como acusá-la de ter vasculhado minhas coisas. No entanto, era uma possibilidade: L. sabia que os cadernos existiam e onde estavam guardados, talvez sua leitura tivesse sido interrompida, o que explicaria por que eles haviam sido deixados fora de ordem.

Ela não tirou os olhos de mim enquanto eu fechava a caixa e a devolvia a seu espaço. Achei que era melhor encontrar outro lugar para guardá-la.

*

Naquela noite, L. falou sobre uma possível utilização daqueles diários. Segundo ela, era um material incrível, formidável. Mais de quinze anos de lembranças, histórias, sensações, impressões, retratos... Algo em sua maneira de falar me confirmou que ela os havia lido, pelo menos em parte. É difícil explicar: ela falava como se soubesse naturalmente, por intuição (e não por indiscrição), o que os cadernos continham. Se eu tivesse me revoltado, se tivesse dado uma bronca nela, L. logo teria me desmentido.

Ela achava uma pena que eu não quisesse tirar daqueles cadernos o material precioso do livro-fantasma. Pois ele estava ali, ela sentia, ela sabia, páginas e páginas amordaçadas que esperavam o dia em que eu aceitaria contar aquela

história.

— É como se você tivesse condenado uma mina de pedras preciosas. Tem uma sorte enorme por ter escrito tudo aquilo. Você não percebe isso?

Sim, ela tinha razão. Era algo precioso. Aqueles cadernos eram minhas lembranças. Continham todo tipo de detalhe, de anedota, de situação que eu havia esquecido. Continham minhas esperanças, minhas dúvidas, minhas dores. Minha cura. Continham tudo de que eu havia me livrado para me manter de pé. Continham tudo que eu acreditava ter esquecido, mas que nunca podia ser apagado. O que continua a agir, sem o nosso consentimento.

L. não me deu tempo para responder. Falou em um tom mais baixo, mas com muita firmeza: — Não consigo entender por que você ainda está procurando um tema se tem isso nas mãos.

Eu estava de mau humor.

— Primeiro, eu não estou procurando tema nenhum, como você diz. Além disso, esse material é valioso apenas para mim.

— Eu discordo. Acho que é isso, essa realidade, essa verdade, que você tem que enfrentar.

A raiva me dominou em uma só onda, eu não a senti surgir.

— Mas ninguém liga para essa verdade. Ninguém dá a mínima!

— Não, muita gente liga. As pessoas sabem. Elas sentem. Eu sei quando leio um livro.

Pela primeira vez eu tive vontade de argumentar, de tentar entender.

— Será que você não acha que sente, como está dizendo, simplesmente porque sabe? Porque alguém teve o cuidado de avisar, de uma maneira ou de outra, que aquela era uma história verdadeira ou “inspirada em fatos reais” ou “muito autobiográfica”? Será que essa simples etiqueta não basta para suscitar em você uma atenção diferente, um tipo de curiosidade que todos nós temos, eu inclusive, pela vida dos outros? Mas, olha, eu não sei se o real é suficiente. O real, se é que existe, se é que é passível de reconstrução, o real, como você diz, precisa ser encarnado, transformado, interpretado. Sem o olhar, sem ponto de vista, na melhor das hipóteses ele fica extremamente chato, quem sabe absolutamente angustiante. E esse trabalho, seja qual for sua matéria-prima, é sempre uma forma de ficção.

Pela primeira vez, L. não respondeu imediatamente. Ela parou para pensar um instante e depois me perguntou: — E o que você está esperando para começar?

— O quê?

— Esse trabalho que você mencionou.

*

Naquela noite, tive um pesadelo estranho do qual me lembro muito bem: eu estava de pé, diante de um quadro, em uma sala de aula cujas paredes estavam

cobertas de desenhos feitos por crianças. Um professor, cujo rosto me parecia absolutamente desconhecido, fazia um teste oral. Sempre que eu errava a resposta, o professor se virava para L. (que também era uma criança, mas um pouco mais velha do que eu) para obter a resposta certa. Os outros alunos não olhavam para mim, encaravam seus cadernos para não me humilhar ainda mais. Apenas minha amiga Mélanie me olhava e indicava, com sinais cada vez mais ansiosos, que eu devia fugir.

Eu acordei suando.

Acendi a luz e esperei que meu coração retomasse um ritmo normal. Acho que não voltei a dormir.

*

No dia seguinte, passei a manhã organizando minha correspondência. Eu guardo todas as cartas que recebo, mesmo os menores bilhetes escritos por meus filhos, os cartões-postais, as mensagens que acompanham flores, guardo tudo. E, a cada dois ou três anos, monto pilhas, pacotes e os ponho em caixas.

À tarde, saí para caminhar.

*

Enquanto eu passava diante de uma creche, a frase de Nathan (o amigo de Louise que eu havia encontrado algumas semanas antes) voltou com a força de um bumerangue.

Minha mãe disse que você mandou um e-mail para suas amigas implorando para que não entrassem em contato com você!

Eu havia mantido aquela frase a certa distância durante todo aquele tempo. Ela havia ficado ali, não muito longe, suspensa, à espera, porque eu não tivera coragem de esclarecê-la, de enfrentar o que ela significava, porque não tivera coragem nem força de tratar aquela informação de modo normal.

Estava na rua quando liguei para Corinne, a mãe de Nathan. Ela logo atendeu e recebeu minha ligação com muito carinho. Finalmente eu havia saído da minha caverna!

Corinne me confirmou que eu lhe mandara uma mensagem, e aparentemente a todos os meus contatos, a julgar pelo tamanho da lista de destinatários, para avisar que ia começar a trabalhar e precisava me manter afastada de qualquer tipo de tentação.

Perguntei a Corinne se podia passar em sua casa para que ela me mostrasse o e-mail. Eu precisava vê-lo. Corinne não é do tipo que se ofende com as idiossincrasias das pessoas, ela me disse para passar lá quando quisesse, estava em casa e não ia sair.

Quando cheguei à casa dela, minha amiga encontrou o e-mail, assinado por mim, endereçado a todos os meus amigos e a praticamente todos os meus contatos.

Ela me encaminhou a mensagem depois, eu a reproduzo aqui: *Caros amigos e*

amigas,

Como a maioria de vocês sabe, não estou conseguindo voltar a trabalhar. Esse problema está sendo acompanhado por uma grande distração e um tipo de ociosidade que detesto e me desgasta.

Por isso, gostaria de pedir que, durante alguns meses, vocês não me mandassem mensagens, não me fizessem convites, não me chamassem para encontrar vocês aqui e ali. A não ser em caso de emergência, é claro. Eu também não vou dar nenhuma notícia enquanto estiver escrevendo esse livro.

Essa medida pode parecer radical. Mas hoje tenho certeza de que preciso fazer isso.

Um beijo,

Delphine

*

O e-mail era de novembro, período em que L. tivera acesso ao meu computador pela primeira vez. Corinne respondera com uma mensagem de apoio e incentivo e, como não havia ousado me telefonar, voltara a escrever uma ou duas outras vezes (assim como a maioria dos meus amigos e alguns membros de minha família, como eu ficaria sabendo depois. L. obviamente não tinha me transmitido nenhuma daquelas mensagens).

Agradei a Corinne e prometi voltar a vê-la ou ligar para chamá-la para um drinque.

*

Peguei o caminho de volta para casa. Sentia-me muito cansada.

Na porta do meu prédio, tentei falar com François, que havia viajado por dois dias para gravar um programa no interior. Mas a ligação caiu na caixa postal. Eu me comportava como alguém que estava com medo. Era ridículo. Por que eu não podia esperar chegar ao apartamento e ligar para ele com mais calma? Por que falava em voz baixa quando L. estava em casa?

*

L. me esperava na cozinha. Ficou assustada por eu ter voltado tão tarde do meu passeio, estava começando a ficar preocupada. Preparara o chá vermelho de que mais gosto e comprara *macarons*. Tinha uma coisa importante a me dizer. Eu a interrompi.

— Não, sou eu que tenho uma coisa importante a dizer.

Minha voz tremia.

— Sei que você mandou um e-mail para todos os meus amigos para pedir que eles não entrassem mais em contato comigo.

Eu esperava que ela negasse. Ou pelo menos perdesse a fala. Mas L. não fez

nenhuma expressão de surpresa nem de incômodo. Respondeu sem hesitar, como se tivesse absoluta certeza de ter feito a coisa certa.

— É, foi. Eu queria ajudar você. Sabe que meu papel é criar melhores condições para que você trabalhe. Evitar que você se disperse.

Fiquei sem ar.

— Mas você não pode fazer isso. Pelo amor de Deus! Você escreveu aos meus amigos uma mensagem ridícula para dizer que não entrassem em contato comigo. Isso é algo sério, é muito sério, você não tem o direito de fazer isso sem me falar nada, eu preciso dos meus amigos...

— Mas eu estou aqui. Isso não basta?

— Não... E essa não é a questão, não consigo acreditar que você tenha feito isso.

— Era necessário. E continua sendo necessário. Tome cuidado. Você precisa de silêncio e solidão para escrever seu livro.

— Que livro?

— Você sabe bem que livro. Não acho que você tenha escolha, precisa atender a demanda do seu público.

Foi a palavra *público*, sem dúvida, que me chocou, que me pareceu tão dissonante. Aquela palavra que ela havia pronunciado como se eu fosse a estrela de um espetáculo na véspera do início da turnê. De repente, não pude mais ignorar que L. me tomava por outra pessoa, projetava em mim uma fantasia que não tinha nada a ver com quem eu era. Retruquei em um tom firme, tive medo que minha voz ficasse aguda, queria me manter calma.

— Escute aqui. Vou dizer uma coisa: eu nunca escrevi para agradar ninguém e não tenho nenhuma intenção de começar a fazer isso. Quando, por azar, essa ideia me vem à cabeça, de agradar, porque, sim, se quer saber ela às vezes me vem à cabeça, eu a afasto com todas as minhas forças. Porque, no fundo, a escrita é muito mais íntima, mais imperativa do que isso.

L. se levantou e fez um esforço claro para falar de forma gentil.

— E é exatamente disso que estou falando: do mais íntimo. É isso que os seus leitores esperam de você. Quer queira, quer não, você é responsável pela atenção, pelo amor que suscitou.

Acho que gritei.

— Mas o que você tem a ver com isso? Por que está se metendo? Quem é você para saber o que é certo ou errado, apropriado ou lamentável? Quem é você para saber o que a literatura é ou não é, e o que os meus leitores esperam? Quem você acha que é?

*

Ela não olhou para mim. Eu a vi se levantar e pegar o prato em que havia colocado com cuidado os *macarons*. Com a ponta do pé, pressionou o pedal da lata de lixo e, com um gesto tão rápido que me surpreendeu, jogou todos fora.

Depois, saiu da cozinha sem me dizer nada. Não havíamos tocado no chá.

*

Durante a noite, ouvi L. se levantar várias vezes, achei que estivesse com insônia. A lua estava cheia, e ela havia me dito que isso perturbava seu sono.

Na manhã seguinte, quando me levantei, encontrei-a pronta para ir embora. Suas malas se encontravam junto à porta de entrada. Seu rosto demonstrava um cansaço incomum, os olhos estavam inchados e ela não parecia ter se maquiado. Devia ter passado a noite arrumando as malas. Não parecia estar irritada (e se estava, havia conseguido disfarçar perfeitamente). Com uma voz muito calma, ela me informou que encontrara um hotel no décimo *arrondissement*, os quartos não eram grandes, mas ela conseguiria se acomodar lá por algum tempo. Tentei protestar, mas ela me interrompeu com um gesto.

— Não adianta mais discutir. Eu sei que minha presença está incomodando você. Não quero impedir que escreva. Você sabe o quanto respeito o seu trabalho. Com certeza precisa ficar um pouco sozinha, antes que seus filhos voltem nas férias. Eu entendo. Achei que podia ajudar você a recuperar sua confiança. Pensei que poderia evitar que você perdesse tempo, caísse em armadilhas. Mas talvez seja necessário que você passe por elas. Eu errei, me desculpe. Você tem razão, só você sabe como deve trabalhar. O que faz bem para você. Sinto muito se disse algo que magoou você, não foi minha intenção.

De repente, eu me senti culpada. Estava prestes a jogar na rua a amiga que vinha me ajudando havia semanas, que vinha fazendo o trabalho sujo.

L. abriu a porta. Depois de hesitar, voltou a se aproximar de mim.

— Sabe, Delphine, estou com medo por você. Espero que não aconteça nada. Estou com um mau pressentimento. Tome cuidado.

Depois de dizer isso, L. saiu e a porta se fechou. Eu a ouvi descer os primeiros degraus, depois não escutei mais nada. Ela havia colocado na mesa da cozinha as chaves que eu lhe emprestara.

*

À tarde, outro rapaz, tão jovem quanto o primeiro, veio buscar suas malas.

Nos dias seguintes, não tive nenhuma notícia de L.

Não tentei ligar para ela.

Não conseguia parar de pensar em suas últimas palavras. Não fora um alerta, e sim uma maldição. Um feitiço funesto e inevitável que L. jogara em mim.

- “— Annie... me diga uma coisa.
— Claro, coração!
— Se eu escrever essa história para você...
— *Romance!* Um livrão grandão como os outros; talvez até maior!
Ele fechou os olhos por um momento, então os abriu.
— Ok Se eu escrever esse *romance* para você, você vai me deixar ir embora quando eu terminar?
Por um momento alguma inquietação apareceu no rosto de Annie e ela olhou para Paul com cuidado e atenção.
— Você fala como se eu estivesse mantendo você *prisioneiro*, Paul.”

(Stephen King, *Misery – Louca obsessão*)

Do período que se seguiu à partida de L., tenho poucas lembranças.

Louise e Paul voltaram para casa durante o mês de junho para passar duas semanas comigo. Depois fomos juntos para Courseilles, onde os dois ficaram conosco por certo tempo antes de viajarem com seus amigos. Passei todo o mês de julho no campo com François. Diante da quantidade de livros que ele havia levado, lembro-me da angústia que senti, uma mistura de fascinação e nojo. O ritual era o mesmo todas as férias: uma centena de romances divididos em pequenas pilhas, dispostas pelas mesas e até pelo chão da sala, obedecendo a uma organização precisa que apenas ele conhecia. Eu me lembro de ter pensado que L. tinha razão: para uma escritora, era quase suicida conviver tão de perto com alguém como ele. Alguém cuja profissão era ler livros, encontrar e receber escritores, dar opinião sobre suas obras. Centenas de livros eram lançados entre o fim de agosto e o começo de novembro, na temporada literária. Não era apenas um número mencionado na mídia. Eles estavam lá, diante dos meus olhos, organizados em pilhas e em caixas ainda fechadas que François não tardaria a abrir: quinhentos ou seiscentos romances de diferentes tamanhos que seriam lançados entre o fim de agosto e o fim de setembro.

Eu havia conhecido François enquanto ele estava trabalhando. Em um primeiro momento nós dois tínhamos mantido nossos papéis, e alguns anos foram necessários para que nos conhecêssemos de verdade.

Eu o amava. Por milhares de motivos. Eu o amava também porque ele amava livros. Amava sua curiosidade. Amava observá-lo ler. Amava nossas semelhanças, nossas discordâncias, nossas conversas intermináveis. Amava descobrir livros com ele, antes dele, graças a ele.

Mas, naquele período, todos aqueles romances eram insuportáveis para mim. As capas, as cintas, os folhetos de divulgação afrontavam minha impotência. Espalhada diante de mim, aquela quantidade de papéis me parecia repentinamente indecente e ameaçadora.

Eu tinha vontade de arrancar os livros das mãos dele, de jogar todos pela janela.

*

A François, que, nas noites de decepção ou de muito cansaço, às vezes falava em parar de trabalhar, eu sonhava em dizer tá bom, vamos lá, vamos ver agora se você é capaz, vamos parar tudo, vamos morar em outro lugar, nos reinventar em outro lugar, em outra vida.

*

Em agosto, fui com Louise e Paul encontrar nossos amigos da *casa de férias*. No instante em que escrevo estas linhas, me dou conta de que não tenho nenhuma lembrança da casa que alugamos naquele período, as imagens me escapam, se confundem com outras, mais antigas, sou incapaz de visualizar o lugar e o pequeno vilarejo perto do qual ela se situava.

Lembro-me apenas da ciclovía que pegávamos para chegar à praia, do vento que entrava em minha boca, da sensação de velocidade que eu buscava nas descidas. Sentia-me feliz por estar ali, por não ter faltado àquele encontro com meus filhos e amigos, a angústia acabou por afrouxar suas garras por alguns dias.

*

Depois de duas semanas de trégua, voltamos para casa de trem. No momento em que eu, Louise e Paul tomamos posse do vagão familiar que nos esperava no TGV, fui projetada para um ano antes, para quase a mesma data, quando havíamos ficado protegidos pelas cortinas verde-acinzentadas do trem da SNCF, em um espaço exatamente igual ao que ocupávamos naquele momento. Em um instante, reví com precisão o trajeto que nós três tínhamos feito, na mesma época, na volta da *casa de férias*: o piquenique espalhado pela mesinha, o novo corte de cabelo de Paul, a camiseta vermelha de Louise, suas peles bronzeadas. De repente, como se aquilo tivesse acontecido no dia anterior, lembrei-me dos pensamentos que tinham ocupado minha mente naquele dia, enquanto meus olhos buscavam, na mesma paisagem que desfilava a toda velocidade do outro lado do vidro, um impossível ponto fixo. Eu havia pensado em François, cujo ano parecia que ia ser muito ocupado, havia pensado no livro que me preparava para escrever, havia pensado no documentário sobre o genocídio armênio que eu tinha comprado para mostrar aos meus filhos (o pai deles é de origem armênia), havia pensado nos céus de inverno e depois derrubado a garrafa de refrigerante. Tínhamos usado um pacote de lenços de papel para limpar a bagunça. Tudo aquilo voltou à minha mente com uma precisão estranha, lembrei que Paul quisera brincar de um jogo de tabuleiro em que não se podia dizer as palavras “sim” e “não”, como quando eram pequenos, mas que a partida se tornara uma algazarra considerada barulhenta demais pelas pessoas próximas.

Um ano inteiro havia se passado, sim, um ano inteiro desde aquele trajeto, e eu não tinha feito nada. Nada. Não estava nem a ponto de fazer algo. Bom, não realmente. Ainda era incapaz de me manter sentada diante do computador, de abrir um arquivo de Word, de responder a um e-mail, de segurar uma caneta por mais de quatro minutos e de me inclinar sobre uma superfície branca, pautada ou quadriculada. Enfim, eu havia perdido o domínio das habilidades básicas necessárias para o exercício de minha atividade.

*

No início de setembro, Louise e Paul voltaram para a faculdade.

Como muitas pessoas na França, eu penso e falo tendo em perspectiva os anos escolares europeus, de setembro a junho. As férias, o verão, aparecem então como um parêntese, um período subentendido, que escapa às obrigações. Por muito tempo achei que era um defeito de mãe de família, cujo ritmo biológico acaba se confundindo com o calendário escolar. Mas acho que isso é sobretudo causado pela criança que ainda existe em mim, em nós, cuja vida foi

por muito tempo recortada em fatias: um vestígio tenaz em nossa percepção do tempo.

Era hora de voltar às aulas. Hora de comprar materiais novos e fazer boas resoluções. O momento de iniciar ou de recomeçar.

Mas nenhuma molécula de ar circulava e tudo parecia paralisado.

*

Daquela vez, não prometi a mim mesma que voltaria ao trabalho. A perspectiva de escrever ficara para trás. Eu não tinha mais a menor ideia de que forma ela poderia assumir, meu corpo havia esquecido as sensações que tanto amava, de cansaço e animação, as horas passadas diante de um feixe de luz, os dedos no teclado, a tensão nos ombros, as pernas estendidas sob a mesa.

*

Meus filhos foram embora e mais uma vez eu me vi sozinha em casa. À ausência de Louise e Paul agora se somava a de L., uma perda suplementar cujas consequências eu começava a notar. Bastava olhar ao meu redor. A correspondência se acumulava na mesa da sala, a tela do computador estava coberta por uma fina película de poeira. Eu me deixava levar de um dia a outro, continuava fingindo, preenchia o tempo com pequenas coisas, prolongadas ao extremo para que durassem, ocupassem o vazio insondável que eu havia criado em torno de mim sem me dar conta, durante um ano ocioso.

É sem dúvida dessa maneira que vivem os idosos: em uma sucessão de passos cuidadosos e minúsculos, de gestos cuja lentidão basta para preencher o vazio. Não era tão doloroso assim.

*

Imagino que todos nós, um dia ou outro, já tenhamos pensado que o acaso não existe. Imagino que cada um de nós já tenha passado por uma série de coincidências a que atribuímos um sentido particular, um sentido incontornável, um sentido que achamos que apenas nós podemos decifrar. Quem dentre nós, pelo menos uma vez na vida, não pensou que determinada coincidência não teve nada a ver com o acaso, pelo contrário, foi uma espécie de mensagem endereçada apenas a nós, em meio ao grande turbilhão do mundo?

Isso aconteceu comigo. Durante duas ou três semanas, senti que a mensagem de L., aquelas certezas íntimas que ela quisera compartilhar comigo, não precisavam mais dela para chegar a mim: continuavam fluuando no ar, movimentavam-se sozinhas, escolhendo aqui ou ali novos vetores para me convencer.

*

Uma noite, recebi um telefonema de um diretor para o qual, alguns anos antes, eu havia feito um roteiro de longa-metragem que, apesar de diversas parcerias e da dedicação de várias instituições, não tinha sido filmado. O financiamento não fora obtido e o projeto acabara sendo abandonado. O diretor

queria tomar um drinque comigo para me contar sobre os projetos que estava elaborando. Nós nos encontramos no café em que costumávamos trabalhar. Ele rapidamente me explicou seu objetivo: queria uma história real para adaptar. Era a única coisa que funcionava, bastava ver os cartazes, grande número deles traziam em letras quase tão grandes quanto as do título do filme que ele era “inspirado em fatos reais”. Bastava ler as revistas, ver TV, com suas hordas de testemunhas e cobaias de todo tipo, e escutar rádio para entender o que as pessoas queriam.

“A verdade, só isso é verdade”, concluía. Ele sabia que eu havia recusado várias propostas de adaptação de meu último livro, ele entendia, mas, se eu tivesse uma ideia, se ouvisse falar de algo — uma história antiga ou recente, uma personagem esquecida —, não devia hesitar em ligar, ele ficaria muito feliz em voltar a trabalhar comigo.

Eu estava de mau humor quando saí do café. Então era... verdade, era isso que as pessoas esperavam, histórias reais garantidas por uma frase que marcava filmes e livros do modo como uma etiqueta identifica produtos orgânicos, um certificado de qualidade. Eu achava que as pessoas só precisavam que as histórias lhes interessassem, abalassem, emocionassem. Mas estava errada. As pessoas queriam que a situação tivesse acontecido em algum lugar, que pudesse ser verificada. Queriam algo vivido. Queriam poder se identificar, ter empatia e, para isso, precisavam ter garantias sobre a mercadoria, exigiam um mínimo de comprovação.

Nas semanas que se seguiram, toda vez que ligava a televisão, abria uma revista, via novos cartazes de filmes, eu sentia que era apenas aquilo que interessava: o real, o verdadeiro, o verídico, enfiados no mesmo saco, como se fossem a mesma coisa, um pacote promocional, um combo, o qual, a partir dali, podíamos almejar, ao qual tínhamos direito.

Enquanto escrevo estas linhas, não sei dizer se essas situações foram verdadeiras coincidências ou uma visão subjetiva, moldadas por minha própria preocupação.

Vinte anos antes, nos meses que precederam a gestação de meus filhos, enquanto ela ainda não se anunciara, eu não havia tido a certeza de estar cercada de mulheres grávidas? Uma verdadeira epidemia, pensara então, como se todas as mulheres do meu bairro em idade para procriar tivessem combinado de engravidar antes de mim. Eu inclusive via apenas essas moças e suas barrigas proeminentes, lindas, corpulentas.

*

De toda forma os sinais sempre convergiam na direção de L.

E se L. tivesse razão? E se L. tivesse percebido e entendido uma mutação profunda em nossa maneira de ler, ver e pensar? Como leitora e espectadora, eu não era uma exceção à regra. Os *reality shows* provocavam em mim uma

fascinação que meus projetos literários não justificavam, eu mergulhava nas revistas de fofoca toda vez que ia ao cabeleireiro ou ao dentista, via regularmente documentários ou filmes baseados em fatos reais e, depois, corria para a internet para verificar os casos, descobrir os rostos reais, ávida por detalhes, provas, confirmações.

*

E se L. tivesse entendido o que eu me recusava a admitir? Eu havia escrito um livro autobiográfico cujos personagens tinham sido inspirados em pessoas de minha família. Os leitores haviam se apaixonado por eles, me perguntado o que acontecera com um ou outro. Tinham me confessado uma afeição particular por determinados personagens. Os leitores haviam questionado a realidade dos fatos. Tinham feito sua investigação. Eu não podia ignorar isso. E o sucesso do livro, no fim das contas, talvez fosse fruto apenas dessa característica. Uma história de fatos reais ou considerada como tal. Apesar do que eu dizia. Apesar das precauções que eu usara para afirmar que a realidade era elusiva e reivindicar minha subjetividade.

Eu tocara na realidade e a armadilha havia me capturado.

*

A partir disso, todas as personagens que eu pudesse inventar, seja qual fosse sua estatura, sua história, sua ferida, jamais estariam à altura. Dessas personagens totalmente fabricadas, não sairia nada, nenhuma emanção, nenhum fluido, nenhum eflúvio. Não importava o que eu fosse capaz de imaginar, elas seriam todas pequenas, mirradas, pálidas, nunca teriam peso. Exauridas, dispensáveis, faltaria a elas concretude.

*

É, L. tinha razão. Era preciso enfrentar o real.

A editora de textos clássicos para a qual eu escrevera o prefácio do romance de Maupassant (bom, para a qual L. havia escrito o prefácio que eu tinha assinado) organizava, várias vezes por ano, encontros com o público no Théâtre de l'Odéon. Quando a reedição do livro foi lançada, a editora me ligou para verificar se eu não havia me esquecido daquele encontro, cuja data tínhamos marcado na época da assinatura do contrato. O encontro estava previsto para a pequena sala Roger Blin, que dispunha de cerca de cem lugares. Duraria em torno de uma hora e começaria, se eu concordasse, com a leitura de um trecho do romance em voz alta. As perguntas do entrevistador, em seguida, fariam da minha leitura do texto, do meu gosto pelo autor. A ideia era dar às pessoas vontade de descobrir ou reler o romance menos conhecido de Maupassant.

Quando desliguei, meu primeiro instinto foi ligar para L. e pedir que ela fosse em meu lugar. Continuava na caixa postal. Senti que aquele número de telefone era reservado a mim e permaneceria desligado enquanto ela estivesse chateada. Não deixei nenhum recado.

Mais uma vez, eu havia me comprometido, o encontro fora anunciado em vários sites, era tarde demais para desistir. E, se parasse para pensar por um segundo, não era possível nem imaginar pedir a L. para se passar por mim. Eu conhecia várias pessoas da editora, e muitos leitores que já havia encontrado em livrarias podiam comparecer. Naquele contexto, não levaria nem dois minutos para que L. fosse desmascarada.

*

Na véspera, reli o romance e o prefácio que L. havia redigido. Não preguei os olhos a noite toda.

No dia do encontro, cheguei mais cedo para conversar um pouco com o parecerista literário que se preparava para realizar a entrevista. Depois de tentar me acalmar (eu devia estar visivelmente tensa), ele repassou as regras do jogo comigo. Então chegou o momento de nos instalarmos no pequeno palco, diante do público.

A sala estava cheia. Durante cerca de dez minutos, li em voz alta um trecho do romance. Quando ergui os olhos, eu a vi.

Ela estava ali, sentada na terceira fileira, vestida como eu. Não com o mesmo estilo de roupa, não, vestida *exatamente* como eu: a mesma calça jeans, a mesma camisa, o mesmo blazer preto. Apenas a cor de suas botas de cano baixo, um pouco mais escuras, diferia das minhas. Senti vontade de rir, L. estava fazendo uma piada, tinha se disfarçado e decidido bancar minha dublê, como no cinema. L. demonstrava que, caso houvesse algum problema, estava pronta para pular no palco e me substituir no improviso. Ela me lançou uma piscadela discreta, ninguém além de mim parecia ter notado seu joguinho.

Guardo uma lembrança bastante difusa da apresentação do livro. Minhas respostas eram mediocres e, à medida que o tempo passava, eu parecia me

enfiar mais em um discurso morno e terrivelmente vazio. Olhava para L., que agora estava misturada aos espectadores; voltava, apesar de não querer, a seu rosto atento, impassível, que me lembrava o embuste em que eu estava chafurdada. Apesar de seu sorriso, apesar de ela ter assentido repetidamente (como se estivesse incentivando uma criança em um espetáculo de fim de ano), não pude deixar de pensar que o lugar dela era ali, no palco, e que suas respostas teriam sido infinitamente mais pertinentes que as minhas.

No fim do encontro, as pessoas ficaram na sala mais um tempo, antes de irem embora. Dei alguns autógrafos, conversei com algumas pessoas. De longe, vi L. se misturar ao pequeno grupo de espectadores, depois falar com a editora que havia me encomendado o prefácio. Senti um arrepio. Ninguém parecia notá-la. Ninguém parecia notar que L. se parecia comigo ou me imitava. L. se fundia ao cenário, não suscitava desconfiança nem surpresa. Então, de repente, senti que tudo aquilo era apenas uma projeção de minha parte. Uma fantasia narcisista. Uma interpretação delirante. L. não estava vestida como eu, estava vestida como a maioria das mulheres de nossa idade. Quem eu era, quem eu achava que era, para imaginar que L. estava tentando me copiar? Era isto que tinha que admitir: eu havia desenvolvido acerca de L. um medo desproporcional. Ela era uma amiga um pouco intrusiva, claro, mas tinha tentado me ajudar, me aconselhar e, em troca, eu só dera a ela desconfianças e suspeitas. Apenas eu a achava estranha e era a única a lançar olhares inquietos em sua direção.

Mais tarde, quando a sala se esvaziou, fui tomar um drinque com os funcionários da editora. Nós nos sentamos em torno de uma grande mesa do café mais próximo do teatro. Estava feliz por estar ali, em boa companhia, o local era simples e aconchegante, eu me sentia bem.

Depois de cerca de dez minutos, vi L. passar diante da fachada envidraçada do café. Ela fez um sinal triste para mim, depois desapareceu.

*

No dia seguinte, tentei ligar para ela várias vezes, mas seu celular continuava desligado. Uma noite, L. me enviou uma mensagem de texto para dizer que estava pensando em mim e que me ligaria quando “estivesse pensando de forma mais clara”.

Tínhamos morado juntas durante várias semanas, dividido o mesmo banheiro e partilhado dezenas de refeições, dado um jeito de conjugar nossos respectivos humores e, então, L. havia ido embora. Nenhum vestígio dela restara em meu apartamento, nenhuma roupa nem objeto fora esquecido, nenhum bilhete deixado na porta de minha geladeira. Tinha levado tudo, embalado tudo, não deixara nada para trás.

*

Uma ou duas semanas se passaram assim e não guardo nenhuma lembrança delas. Não liguei o computador sequer uma vez.

Então François voltou a viajar para o exterior.

Eu poderia ter ligado para os meus amigos, retomado contato, avisado que estava perfeitamente acessível e disponível, mas não tive forças. Teria que contar sobre L., explicar por que ela havia se instalado em minha casa, por que tivera acesso ilimitado ao meu computador, teria que confessar minha incapacidade de escrever, aquela fobia que não diminuía. Ou teria que mentir, admitir que eu mesma escrevera aquela mensagem estúpida que os havia afastado de mim.

Eu me vi sozinha, prisioneira de uma mentira que não me dava nenhuma chance de voltar atrás.

Em uma manhã de outubro, encontrei em minha caixa de correio outra carta anônima. O envelope era o mesmo. Reproduzo aqui o conteúdo.

Delphine, Quando você era criança, já dava medo. Exalava mal-estar. Todo mundo percebia, comentava. Todo mundo. Isso não mudou. Na verdade, até piorou muito. Porque agora a senhorita faz isso na literatura.

Mas hoje todo mundo já sabe. Seu momento de glória, suas mancomunicações, seus golpes baixos horríveis acabaram. Ninguém mais tem pena de você. Todos os dias chegam a mim comentários infelizes sobre as suas publicações, em todo canto, em lojas, na rua, em jantares. Escuto sempre chacotas, gracejos, ninguém acredita mais em você. E ninguém liga. Para suas histórias e para esse humor do qual só você ri. Eu sei que a sua infância e a sua adolescência foram muito loucas, patológicas até, você conta isso muito bem. Seu livro abalou multidões. Mas acabou.

Os abelhudos do seu tipo sempre acabam mordendo a língua. A sua conduta só consegue agravar seu estado psiquiátrico. Acha que basta sumir da mídia para que esqueçam que você dorme com um cara tendo em vista outros interesses? Você definitivamente foi desmascarada. E o pior é que ainda não se deu conta.

*

Recoloquei a folha datilografada no envelope e guardei a carta com as outras. A angústia se espalhou pelo meu apartamento como uma poça de sangue.

Não podia mais negar que as cartas me feriam, me sujavam.

Não disse nada a François nem a ninguém.

Não falei do aperto permanente no peito, nem da invasão de um líquido ácido em minha barriga que surgia quando eu acordava e em seguida se espalhava por todo meu corpo.

*

Alguns dias depois, no metrô, dois adolescentes que saíam de uma sessão de cinema se sentaram à minha frente. Um deles explicava ao outro que o filme que tinham acabado de ver, segundo o que havia lido no AlloCiné, um site sobre filmes e séries de TV, era muito próximo da realidade: quase tudo era verdade. O segundo aquiesceu antes de ficar surpreso.

— Você já notou a quantidade de filmes inspirados em histórias reais que estão sendo lançados? A gente acaba se perguntando se os caras não ficaram sem inspiração!

O primeiro pensou por alguns segundos antes de responder: — Bom, não... Acho que é porque o real tem colhões de ir bem mais longe.

*

Foi essa frase que me impressionou, essa frase saída da boca de um garoto de quinze anos, enfiado em tênis Nike que pareciam ter sido fabricados para andar em outro planeta, essa frase tão banal em seu sentido, mas formulada de maneira tão singular: o real tinha colhões. O real era dotado de vontade, de dinâmica própria. O real era fruto de uma força superior, muito mais criativa, audaciosa, imaginativa, que tudo que podíamos inventar. O real era uma vasta maquinação pilotada por um demônio cujo poder era inigualável.

*

Outra noite, enquanto voltava para casa, senti, na entrada do prédio, o perfume de L. Achei que era coincidência ou talvez uma alucinação olfativa.

Quando abri a porta de meu apartamento, as luzes da cidade iluminavam uma parte da sala e projetavam no piso a sombra dos móveis. Não acendi a luz imediatamente e, sem dúvida, senti-me observada, pois não demorei a olhar pela janela. Na escada do prédio da frente, distingi uma silhueta. Enquanto meus olhos se acostumavam pouco a pouco à escuridão e tentavam decifrá-la, a impressão se transformou em certeza. Alguém estava ali, de pé, perfeitamente imóvel. A luz da escada estava apagada e aquela pessoa com certeza achava que não podia ser vista. Àquela distância, era impossível distinguir um rosto e ver se era um homem ou uma mulher.

Fiquei ali parada por um breve momento, analisando a escuridão, tentando identificar um sinal, uma roupa, uma característica corporal. Então a silhueta recuou até desaparecer por completo.

Fechei as cortinas e fiquei imóvel por alguns segundos atrás do tecido opaco, esperando a volta da silhueta por um minúsculo interstício. Mas ela não reapareceu.

Na manhã seguinte, quando olhei pela janela à luz do dia, eu me perguntei se não havia sonhado. Tudo parecia tão habitual...

*

Uma ou duas horas depois, enquanto saía de casa para ir ao mercado do boulevard Richard-Lenoir, eu caí da escada. É difícil para mim descrever essa queda. Acho que simplesmente esqueci que estava descendo a escada. Em uma fração de segundo (um minúsculo instante de desconexão), pus um pé diante do outro como se estivesse me deslocando em uma superfície plana. Aterrissei cerca de dez degraus depois, no andar de baixo, com um baque seco. Após alguns minutos, constatei que não conseguia me levantar. Foi uma de minhas vizinhas que chamou os bombeiros. Eles estacionaram a ambulância diante do prédio e insistiram para que eu me deitasse na maca. Levaram-me para o veículo; um pequeno grupo de curiosos já havia se formado em torno da ambulância e era mantido a distância por um dos homens. No instante em que as portas se fecharam, vi L. surgir do pequeno grupo, assustada. Os bombeiros informaram a ela que iam me levar ao hospital Saint-Louis, ela gritou que ia

pegar o carro e me encontrar lá.

Na hora, não questioneei a coincidência que a havia levado a aparecer daquela maneira, no momento exato. Só fiquei feliz em ver um rosto conhecido, alguém que eu não tivera necessidade de chamar em meu socorro, que caíra do céu, aparecera do nada como que por mágica.

*

L. me encontrou na emergência do hospital meia hora depois. Normalmente, os amigos não são admitidos nas áreas restritas, mas L. não demorou muito a convencer alguém a deixá-la passar pelas portas corta-fogo para ficar ao meu lado. Também não tardou a encontrar uma cadeira e se sentar junto à maca em que eu estava deitada. Perguntei o que ela havia feito para entrar, L. disse que tinha explicado a um residente de plantão que eu sofria de depressão grave e que era preferível que ela ficasse ao meu lado para me tranquilizar. Não entendi se aquilo era uma piada ou se ela realmente pensava isso. Seja como fosse, eu conhecia seu poder de persuasão.

Eu sentia muita dor no pé, mas, de resto, com exceção de algumas contusões, tudo aparentava estar no lugar. Ao que parecia, a urgência era relativa, pois esperei bastante até ser levada para a radiografia. Durante todo esse tempo, L. permaneceu ao meu lado. Fazia várias semanas que eu não a via e devo dizer que fiquei feliz em revê-la. As últimas discussões que tivemos haviam ficado para trás e eu não conseguia sentir realmente raiva dela. Acho que, na época, eu já havia admitido que L. era estranha, neurótica, excessiva, imprevisível, mas não tinha noção do tamanho do perigo que corria ao seu lado. Eu conhecia certo número de pessoas estranhas, neuróticas, imprevisíveis, excessivas e sem dúvida eu mesma sou estranha, neurótica, imprevisível e excessiva. Além disso, talvez as suspeitas que eu havia tido sobre ela fossem infundadas. Sim, esperando tentar melhorar minha concentração, ela se permitira mandar um e-mail aos meus amigos. Talvez não tivesse se dado conta das consequências de seu gesto. Mas eu não sabia se queria brigar com ela em definitivo por causa daquilo. Porque havia todo o resto. O que ela fizera por mim. Durante semanas, L. havia me oferecido sua ajuda, sua presença e seu carinho.

E mais uma vez, sentada junto a mim, ela dava prova de sua capacidade de entender, de tranquilizar, de encontrar as palavras certas. Em alguns minutos, retomamos a cumplicidade que nos unia.

*

Foi durante aquela espera que L. confiou em mim pela primeira vez.

Eu não saberia dizer como chegamos àquele assunto, sem dúvida devíamos estar falando de hospitais, da rotina nos hospitais. L. primeiro fez alusão ao fato de ter passado vários meses em uma clínica psiquiátrica. Fiz várias perguntas. No início, ela foi vaga, depois me contou. No dia seguinte ao enterro de seu marido, ela havia perdido a fala. Assim, de um dia para o outro. Sem aviso prévio. Uma

noite, ela acordara com os ossos doloridos e sem fôlego. Tinha febre. Sob o lençol, sentira o calor que o próprio corpo liberava. Pensara que tinha pegado uma gripe ou algum outro vírus, ficara deitada, esperando que o dia amanhecesse. Pela janela, ela havia visto as luzes se acenderem nos prédios da redondeza e o céu passar lentamente de negro a cinza. Quando o despertador tocara, ela havia se levantado para preparar um chá. E então, solitária, na cozinha, tinha tentado falar. Como se, por intuição, já tivesse entendido o que estava acontecendo. Nenhum som saíra de sua boca. No banheiro, tinha se olhado no espelho. Escovado os dentes. Examinado seu palato, tateado os gânglios do pescoço. Tentado tossir. Nada, nem mesmo um murmúrio. Sua garganta não estava inflamada nem os gânglios, inchados. Ela passara o dia em casa, não saíra. Tentara falar várias vezes, sem conseguir proferir nenhum som.

Depois de alguns dias, familiares tinham ficado preocupados por não ter notícias dela. Alguém a havia levado a uma clínica, ela não lembrava ao certo quem.

L. ficara seis meses lá. Tinha vinte e cinco anos. Evitava, tanto quanto podia, engolir os remédios que lhe davam. Fechara-se no silêncio: um algodão espesso que bloqueara sua garganta e crescera ali, dominando tudo. Um material macio e compacto que a protegia.

Um dia ela havia entendido que não poderia ficar muda para o resto da vida. Que era preciso percorrer aquele caminho de volta e recuperar o uso da fala. Que devia enfrentar aquilo. Durante vários dias, ela treinara: falara sozinha à noite, sob as cobertas. Sussurrara, articulara palavras curtas em voz baixa, as mãos cobrindo a boca para não ser ouvida.

Olá.

Tem alguém aí?

Tem.

Eu.

L.

Viva.

Capaz de falar.

*

O calor da respiração em suas mãos. As palavras recolhidas, uma a uma, suavemente. Então ela percebera que ia recuperar a fala e que nunca mais pararia de falar. Pronunciara novas palavras.

Era terça-feira quando L. falara pela primeira vez. A enfermeira havia entrado no quarto com o café da manhã. O sol projetava a sombra da moldura da janela na parede vizinha à sua cama. A mulher tinha falado com ela no tom animado que costumamos ouvir nos hospitais, nas clínicas psiquiátricas e nas casas de repouso, onde quer que pessoas saudáveis cuidem de pessoas que sofrem. Ela pusera a bandeja na mesa de rodinhas.

L. a havia observado fazer aquilo. Tivera vontade de dizer alguma coisa. Uma lembrança de um poema que tinha decorado lhe voltara à memória de repente.

— Eu sonhei tanto com você que meus braços, acostumados a abraçar sua sombra, a se cruzar sobre meu peito, talvez não se dobrariam em volta dos contornos do seu corpo.

Então a enfermeira interrompera o que estava fazendo e dissera naquele mesmo tom: — Não é maravilhoso? Você recuperou a voz.

L. quisera abrir um sorriso, mas começara a chorar. Não aos prantos, apenas lágrimas silenciosas, involuntárias, que tinham rolado por seu rosto.

Jean estava morto, mas ela estava viva.

*

L. terminou a história. A emoção era evidente.

Ela havia passado seis meses de sua vida sem pronunciar qualquer palavra. Eu percebi o quanto aquela lembrança ainda era dolorosa.

*

Acho que foi naquele momento que a ideia me veio à cabeça pela primeira vez.

Por causa daquela história, daquela primeira confidência.

Enquanto, à nossa volta, não paravam de chegar pessoas feridas, machucadas, aterrorizadas, pessoas que sofriam, cuja vida havia virado de cabeça para baixo, pela primeira vez, pensei em escrever sobre L.

Era um projeto em si. Uma aventura. Precisaria fazer uma investigação e não seria simples. L. não se entregava facilmente. Sabia guardar muito bem seus segredos.

Mas, de repente, tudo se esclareceu. Tudo ganhou sentido. Nosso estranho encontro, a rapidez com que ela havia conquistado tanto espaço em minha vida e até aquela queda na escada. De repente as coisas começaram a se encaixar, a encontrar uma razão de ser.

De repente, eu não conseguia pensar em mais nada além disto: um romance sobre L. Sobre o que eu sabia dela. Suas loucuras, suas fobias. Sua vida.

Era evidente. Inevitável.

L. tinha razão. Não era mais o momento de criar personagens e movimentá-las pelo vazio, pobres marionetes usadas.

Era hora de escrever sobre a vida real.

E a dela, muito mais que a minha, parecia um romance.

*

L. voltou para a sala de espera enquanto eu fazia a radiografia. As chapas revelaram uma fratura não deslocada do quinto metatarso.

Um pouco depois, saí do hospital, o pé imobilizado por uma tala que ia até o meu joelho.

L. trouxe seu carro. Nós dispensamos a ambulância, já que teria sido necessário esperar pelo menos mais uma hora.

Com cuidado, ela me ajudou a sentar no banco da frente. Paramos na farmácia para comprar os analgésicos e as muletas prescritas pelo hospital.

Segundo os médicos, eu devia manter a tala por pelo menos quatro semanas sem pôr o pé no chão.

*

No carro, enquanto me levava para casa, L. se manteve em silêncio. Depois de certo tempo, ela lembrou que, por morar em um prédio de seis andares sem elevador e na ausência de François, minha vida ia ficar muito complicada. Já não seria fácil chegar ao apartamento apoiando-me em um único pé. Mas, depois que chegasse, não poderia descer. Para mim, que não aguentava ficar um dia inteiro sem sair, seria difícil.

Não me lembro mais de que maneira ela sugeriu que eu deveria ir para Courseilles, mas tenho certeza de que a ideia veio dela, não de mim. Para mim, Courseilles era, sobretudo, território de François. Mesmo que, com o passar dos anos, ele tivesse sempre se esforçado para incluir detalhes e cuidados para que eu me sentisse bem lá (na verdade, um cômodo muito agradável no térreo se tornou meu escritório), eu continuava considerando aquele lugar dele, um espaço que vibrava com a energia de François. Nunca ia até lá sem ele.

Esse foi sem dúvida um dos motivos para François ter ficado imediatamente animado, quando telefonei para contar sobre o acidente, logo depois de se acalmar: porque pedi para ficar um tempo em Courseilles. Mas, claro, era uma ótima ideia, sobretudo se não estava sozinha. A casa não possuía desníveis e eu teria um lugar para trabalhar. Para ele, infelizmente, era impossível voltar mais cedo (tinha viajado com uma equipe de quatro pessoas; os voos, o cronograma de filmagem e os encontros com os escritores haviam sido marcados muito tempo antes), mas ele ficaria mais tranquilo se soubesse que eu estava lá com uma amiga, e não sozinha em casa, reclusa no alto de seis andares. Como eu tinha a chave, bastava pegar a estrada. Durante essa conversa, François voltou várias vezes à minha queda, preocupado: como *eu tinha conseguido fazer aquilo?* Pensei que não havia conseguido fazer nada, nada mesmo. Mas que agora tinha um projeto. Um projeto grande. Pois a ideia de escrever sobre L. não havia me deixado. E, sob essa perspectiva, ir para o campo com ela, tê-la ao meu alcance, me deixava contente.

No fim da conversa, François voltou a perguntar com quem eu iria e, quando falei o nome de L. pela segunda vez, um silêncio curto se seguiu. Ele me pediu para tomar cuidado, acho que só estava pensando na estrada que pegaríamos e no meu pé imobilizado.

*

Quando desliguei, L. me deixou em um café perto de meu prédio, para que

eu me aquecesse um pouco enquanto ela organizava nossa viagem. Ela se ofereceu para subir até meu apartamento para reunir algumas coisas. Eu aceitei. Estava exausta por causa da queda, das horas passadas no hospital, a dor voltava a me dominar em ondas. Não tinha forças para subir seis andares.

Ela disse que aproveitaria para regar minhas plantas e baixar a temperatura do aquecimento. Depois, ia buscar suas coisas no hotel.

Fiquei mais de uma hora sentada no café, talvez um pouco mais. Estava atordoada. Lembro-me de ter olhado várias vezes para o relógio.

Então vi o carro de L. parar de novo diante da fachada envidraçada. Com um sinal, ela indicou que ia descer para me buscar.

Tudo estava pronto.

Pegamos a estrada sem demora.

*

A saída de Paris estava um pouco engarrafada. Depois que havíamos andado cerca de vinte minutos, sem que eu fizesse nenhuma pergunta, L. me contou sobre como havia conhecido o marido em um dia de greve de transportes públicos, quando a cidade ficara paralisada. No meio do engarrafamento, um primeiro homem havia batido na janela de seu carro. Por um reflexo desconfiado um pouco absurdo, ela havia trancado a porta e avançado até o sinal. O homem voltara a andar até ela e, por um instante, L. tinha pensado que ele faria aquilo outra vez, mas o vira entrar em outro carro. Então ele lhe lançou um sorriso irônico e ela tivera vergonha de sua reação. Tinha sido sem dúvida por isso que, um pouco mais longe, ela havia aceitado dar carona a outro homem. Alto, mais velho do que parecera de início, ele havia se sentado no banco ao seu lado e depois a tinha observado. Ela logo ficara impressionada com o cheiro daquele homem, uma mistura de tabaco e couro. Eles haviam andado por um tempo sem falar nada. Depois, tinham estacionado em uma ruela e ido juntos para um hotel parisiense cujos quartos estavam quase todos vazios. L. desejava Jean. No segundo em que ele havia entrado em seu carro, no segundo em que ela havia sentido seu cheiro. Tinha entendido, nas primeiras horas do dia, que ficaria com ele. Porque tudo que o havia precedido parecera, de repente, nunca ter existido. Ela tinha dezenove anos, ele, vinte e oito.

L. fez uma pausa. Lembro-me de ter dito que tinha sido um encontro romanesco ou cinematográfico. Tenho certeza de que, naquele instante, eu não pensava em nada de especial.

*

Enquanto o carro percorria a rodovia e eu observava, sem querer, o velocímetro, continuei a fazer perguntas. Pela primeira vez, L. respondia. Soube que ela havia vivido seis anos com Jean. E que depois ele morreria. Quando o conhecera, Jean era cirurgião-dentista. Era sócio de um consultório junto com outros dois profissionais. Alguns meses antes do casamento, os dois tinham ido

morar juntos. E após um ou dois anos, Jean havia parado de trabalhar. Tinha estudado durante seis ou sete anos, mas não queria mais ser cirurgião-dentista. Enquanto L. começava a trabalhar como *ghost-writer*, Jean trabalhara como office boy e depois como barman. Ele falara em abrir uma mercearia chique ou uma loja de antiguidades no bairro em que viviam. E os dois também tinham pensado em morar no exterior. Depois, não haviam pensado em mais nada. Lentamente, ao lado dela, Jean fora mergulhando em uma tristeza muda que ela não considerara ameaçadora.

Viajamos dez minutos em silêncio. Então L. me contou sobre a morte do marido. Acho que escolheu aquele instante porque não podíamos nos encarar. Eu já havia notado isso quando Louise e Paul eram mais novos: eles falavam comigo enquanto andávamos na rua, quando estávamos sentados um ao lado do outro no metrô, no trem ou enquanto eu preparava a comida. Durante toda a adolescência deles, nossas conversas mais intensas tinham acontecido assim, quando estávamos relativamente ocupados com outra coisa.

Foi nisso que pensei enquanto andávamos pela rodovia N12 e L. começava a história que sempre havia evitado: como não estávamos nos encarando, como eu podia ver apenas seu perfil, ela pôde, enfim, me contar sobre a morte do marido.

*

L. adorava as montanhas. O isolamento, o confronto com os elementos naturais. Ela e Jean costumavam visitá-las com frequência. Fazia muito tempo que ela queria passar várias semanas em um refúgio imerso nos Alpes, isolado de tudo. Quando tinham acabado de comemorar seu terceiro aniversário de casamento, ela propôs que os dois fossem para lá. Ele não quis, ela insistira. Achava que aquilo podia tirá-lo daquele torpor, que daria a ele a chance de se reencontrar. Ele acabou aceitando. Jean se envolveu com os preparativos, fez pesquisas para saber o que deviam levar. Os dois reuniram suprimentos suficientes para viver de forma isolada: roupas, sacos de dormir, um fogão portátil a gás, produtos desidratados, conservas de todos os tipos. A partir do último vilarejo, seria necessário um dia de caminhada para chegar ao refúgio. Jean quis levar uma carabina para evitar que fossem atacados por algum animal selvagem. Um cliente do bar lhe emprestou a arma.

Eles subiram em um dia claro e ensolarado. A cabana era composta por um grande cômodo, com um aquecedor e algumas janelas, e por um pequeno quarto sem abertura para o exterior.

Tudo em volta estava coberto de neve. E o silêncio era rompido por barulhos que, pouco a pouco, eles aprenderam a identificar. Estavam sozinhos, longe de tudo. O tempo se estendia, não se parecia mais com nada que os dois conheciam.

Depois de uma semana, Jean quis voltar. Ele se sentia mal, oprimido. Precisava rever a cidade, reencontrar o barulho dos carros, das buzinas, dos gritos. Mas L. não tinha nenhuma vontade de sair dali. Eles haviam combinado

que ficariam até que as provisões acabassem. Ela queria continuar aquela experiência até o final.

Jean desejava ir embora. L. disse que ele podia descer sem ela, pôs sua lealdade à prova. Fez um comentário um pouco ácido (no momento em que mencionou esse detalhe, a voz dela desapareceu). Não lembrava mais os termos que havia usado, mas as palavras tinham sido duras e ela voltara a criticá-lo por estar fugindo.

Jean ficou.

Todos os dias, eles saíam para caminhar na neve. Liam muito. Não transavam mais. À noite, caíam no sono, exaustos por causa do frio. Apesar do aquecedor, o frio era uma luta constante. Uma luta que dilatava o tempo. Ela acabou por esquecer que Jean não estava bem porque Jean não parecia mais tão mal.

Uma noite, ele inclusive disse que estava feliz.

Durante alguns dias, a tempestade foi tão violenta que eles não conseguiram sair. Ficaram em casa, o gelo nos vidros não parou de se acumular. Durante alguns dias, eles não ouviram nada além do sopro do vento e do som de suas próprias vozes. Então uma ideia horrorosa lhe veio à cabeça e não a deixou mais. Aquele homem que ela havia amado... ela não o amava mais.

No quarto dia, quando a tempestade enfim se acalmou, L. saiu para tomar ar. Deixou Jean dentro do chalé, encolhido embaixo dos edredons. Ela andava sozinha pela floresta quando, às suas costas, uma explosão soou. O tiro ecoou no silêncio, mas, alguns segundos depois, nada restou. Nenhum resquício. Ela se perguntou se havia sonhado com aquilo.

Ao voltar ao abrigo, descobriu o corpo de Jean. Na verdade, não era mais Jean, pois sua cabeça não estava mais ali. Fora arrancada pelo tiro e havia sangue para todos os lados. L. olhou para seus pés e recuou ao perceber que tinha pisado em um pedaço do crânio do marido. Os cabelos negros estavam colados com o sangue.

Ela gritou, mas ninguém ouviu.

*

L. terminou a história e eu não consegui falar por vários minutos. Quis encontrar palavras de compaixão, consolo, à altura da confiança que ela acabara de fazer.

Acabei dizendo: — Como você deve ter sofrido...

L. sorriu.

— Foi há muito tempo.

*

Viajamos em silêncio, a noite caía.

*

Quando chegamos ao nosso destino, deixei L. sair do carro para abrir o

portão. Sob a luz dos faróis, eu a observei enquanto ela o abria, um lado após o outro, com um gesto poderoso, enérgico, *aquela que detém a chave*, pensei, uma frase surgida de algum canto de minha consciência ou do enigma de algum romance policial, cujo duplo sentido não me escapou. Quando terminou, ela se virou para mim, vitoriosa. Os cabelos arrepiados formavam uma auréola cintilante em torno de seu rosto. Então ela retornou.

L. voltou para estacionar o carro diante da casa e me avisou que o jardim parecia um campo minado. Realmente, em vários lugares, na área que margeava a rua, buracos profundos haviam sido cavados para os canos de esgoto. As obras envolviam todo o vilarejo e grades vermelhas indicavam, aqui e ali, a presença dos canteiros de obra.

L. abriu a porta principal, depois levou nossas malas para dentro da casa. Eu lhe mostrei o térreo, mas a deixei subir ao segundo andar. Ainda não manejava as muletas bem o bastante para segui-la.

Decidimos nos instalar nos dois quartos de hóspedes do térreo. A escada que dava acesso ao quarto em que costumava dormir com François me pareceu muito perigosa.

Na despensa encontramos saquinhos de sopa e macarrão.

Eu me deitei logo após o jantar, exausta.

No dia seguinte, indiquei a L. o caminho para o supermercado Intermarché mais próximo. Fizemos juntas a lista de compras que nos permitiriam ficar ali confortavelmente uma semana.

Depois que L. saiu, abri a porta do meu escritório, um pequeno cômodo situado no térreo, do outro lado da casa. Liguei o aquecimento no máximo. Abri as cortinas. Da janela, eu podia ver o portão, que ela havia tomado o cuidado de trancar. O céu estava fechado, de uma cor de cimento, nada parecia poder penetrá-lo.

Senti algo bater dentro de meu corpo, de minhas mãos, uma pulsação familiar, uma forma de ânimo, de esperança, que o menor sinal de precipitação poderia comprometer.

Não tentei ligar o computador nem pegar papel e lápis. Sentei-me tranquilamente. Aproximei a cadeira da mesa. Então, em vez de tentar escrever, decidi usar a função gravador do meu celular.

Registrei o encontro de L. com seu marido e depois a morte de Jean como ela havia contado, com todos os detalhes de que me lembrava.

Ditei aquela história como se a estivesse escrevendo, frase por frase.

Parei várias vezes para relembra as palavras de L., na tentativa de dar forma a elas.

*

A história de L. me assombrou por uma parte da noite. Ressoava em mim como se já a conhecesse, como se já a tivesse escutado.

A questão do suicídio (e de toda a impotência, a culpa, o arrependimento que ele traz) ainda era delicada para mim. A história de L. tinha reativado o horror que eu sentira ao descobrir o corpo de minha mãe, alguns anos antes, e a lembrança das semanas que haviam se seguido, saturadas de adrenalina.

Mas não era isso. Não apenas isso. Algo de familiar, que eu não conseguia explicar, me perturbava.

*

L. dera a entender muitas vezes que tinha dores, feridas que nunca havia me contado. Ao falar daquele acontecimento, confidenciara uma parte da história que esclarecia duas ou três coisas que eu sabia sobre ela: a solidão em que vivia, os amigos que tinham se afastado e não iam mais a seu aniversário, e uma forma de brutalidade em sua maneira de ser.

L. com certeza abrigava outras histórias, fósseis intactos, enfiados no baú de sua memória, narrativas mantidas em segredo, protegidas da luz.

Alguma coisa que podia ser escrita. Que devia ser escrita.

*

Aproveitei a ausência de L. para gravar outros elementos de que me lembrava, que tinham sido disseminados ao longo de nossas conversas. Eram poucos. Algumas peças esparsas de um quebra-cabeça que eu sabia ser muito

complexo.

Mas, sim, eu ia escrever. Em voz alta se fosse necessário.

La começou falando sobre a festa em que ela havia me abordado e contar tudo que tinha acontecido depois.

La escrever sobre meu fascínio por L. e aquele estranho elo que havia se formado entre nós.

La encontrar um meio de fazê-la falar. De colher suas confidências.

La tentar saber quem ela era; ela, que um dia havia me dito: “eu poderia terminar todas as suas frases” e “eu não encontrei você, reconheci você”.

*

O portão se abriu enquanto eu enumerava uma série de perguntas que me pareciam indispensáveis. À medida que L. aproximava o carro da casa, conferi a lista de gravações para garantir que o arquivo com minha voz havia sido realmente registrado. Depois, fechei a porta e me dirigi até ela.

L. estava sorridente. Tinha o porta-malas cheio de mantimentos, pensei que ela havia exagerado ou previsto ficar por várias semanas.

Apoiada em minhas muletas, eu a vi pegar as sacolas sem poder ajudá-la. Enquanto ela se dirigia mais uma vez à cozinha, segurei o último saco, que me parecia leve. L. voltou ao carro.

— Mas você não consegue ficar parada nem um segundo! Para que precisa ficar vindo até aqui? Eu me viro muito bem sozinha! Não quero você me atrapalhando.

Ela fechou o porta-malas, depois me entregou a muleta que eu deixara apoiada no portão. Com uma risada estranha, que eu não conhecia, acrescentou: — Senão, eu quebro seu outro pé.

Esperei pelo momento que me pareceu mais oportuno para perguntar a L. por que ela estava na entrada do meu prédio no dia de minha queda. Ela me explicou o que havia acontecido. Enquanto andava na rua, uma dor fulgurante no pé a havia imobilizado por alguns minutos. Então uma ideia lhe viera à cabeça, assim, claramente: algo havia acontecido comigo. Um pressentimento, ou melhor, uma certeza, explicou ela, tão forte que a havia levado a me procurar no mesmo instante. Na esquina de minha rua, ela vira a ambulância.

Por diferentes razões, eu faço parte das pessoas suscetíveis a acreditar, sem buscar uma explicação mais racional, em uma história dessas. No dia em que Paul quebrou o braço, no meio do feriado de Páscoa (em uma praça do nosso bairro, ele caiu, diante dos meus olhos, do alto de um trepa-trepa), Louise, que estava na casa de uma amiga da escola, tinha pedido à mãe da colega para me telefonar. No meio da tarde, a centenas de quilômetros dali, enquanto estava sentada diante de um pão e de um pote de Nutella, ela dissera à mulher: “O Paul se machucou, tenho que ligar para a mamãe.”

Em outra ocasião, quando os gêmeos ainda eram bebês e dormiam no mesmo quarto, Paul havia começado a berrar no meio da noite. Um grito estranho, que não se parecia com nenhum outro. Eu havia ligado a luz ao entrar no cômodo. Paul chorava, mas era o rosto de Louise que estava cheio de pintas vermelhas.

Ainda hoje, Louise não precisa colocar um toque específico no celular para saber que é o irmão quem está ligando.

Não sou capaz de lembrar se contei alguma dessas histórias a L. Mesmo assim, acreditei na palavra dela.

*

Na hora do almoço, anunciei a L. que ia começar a trabalhar no projeto de um livro que falava da minha construção intelectual, afetiva e emocional. Algo muito pessoal.

Não, eu não podia dizer mais, tinha medo de dissipar aquele ânimo inesperado.

É, era um texto muito autobiográfico.

Vi o rosto de L. se iluminar. Seus traços imediatamente relaxaram e, como ela não pôde reprimir um sorriso de contentamento, me apressei em avisar que nada estava certo, era melhor não se alegrar tão rápido.

Confessei a L. que ainda não conseguia ligar o computador, nem anotar coisas no papel. Apenas pensar em realizar um daqueles gestos já fazia minhas mãos tremerem. Mas isso ia mudar. Eu estava sentindo. Tinha certeza de que a situação ia voltar ao normal assim que me comprometesse realmente com um novo texto, era questão de tempo. Enquanto isso, eu ia proceder de outra maneira. Expliquei que ia tentar escrever em voz alta todos os dias, até poder, por fim, voltar a segurar uma caneta. Como era um tipo de confissão, de

introspecção, eu me contentaria, em um primeiro momento, em registrar oralmente os primeiros fluxos de pensamento e os retrabalharia quando estivesse me sentindo melhor.

*

L. ficou feliz. Louca de alegria.

Tinha ganhado.

Nas horas que seguiram o anúncio dessa novidade, seu rosto relaxou, sua atitude se modificou. Eu nunca a havia visto tão serena. Tranquila. Parecia que toda sua vida estava, havia meses, suspensa até o momento daquela capitulação.

*

Na segunda noite, abrimos uma garrafa de champanhe para festejar minha volta à escrita. L., que tentava desde a véspera não me fazer perguntas mais diretas, não aguentou mais muito tempo: — Esse livro que você começou tem alguma coisa a ver com seu livro-fantasma?

Hesitei por um segundo antes de responder. O famoso livro-fantasma. O que ela havia imaginado? Que história da infância ou da adolescência ela queria me ver contar? O que tínhamos em comum, de maneira real ou fantasiosa, que lhe interessava tanto?

Vi a esperança em seus olhos, um brilho intermitente que esperava minha confirmação, e, sem planejar, respondi que sim. É, claro, tinha algo a ver com o livro-fantasma. Acrescentei que seria difícil escrevê-lo, como ela podia imaginar. Mas ela tinha razão. Já era hora de começar.

Ouvi a inflexão de minha própria voz, grave, segura, e pensei que a situação estava mudando de figura. Eu não era mais a escritora exaurida que L. carregava havia meses, era o vampiro que logo se alimentaria de seu sangue. Um arrepio de medo e de animação percorreu meu corpo.

— Sabe, o que me interessa — continuei —, o que tenho por objetivo, é entender de que somos constituídos, fabricados. Como conseguimos assimilar certos acontecimentos, certas lembranças, que se misturam à nossa própria saliva, se difundem em nossa carne, enquanto outras continuam sendo pedras cortantes em nossos sapatos? Como decifrar os traços da infância na pele dos adultos que afirmamos ter nos tornado? Quem pode ler essas tatuagens invisíveis? Em que língua são escritas? Quem é capaz de entender as cicatrizes que aprendemos a dissimular?

— As suas? — perguntou ela.

Não havia nenhuma desconfiança em sua voz.

Hesitei mais uma vez e respondi que sim.

*

Aconteceu exatamente o que eu esperava.

Acreditando que eu estava fazendo uma introspecção necessária para a escritura do livro oculto, L. começou a falar dela. Em sinal de incentivo, de

solidariedade, começou a me contar acontecimentos precisos de sua infância, de sua vida de adolescente, dos quais jamais havia falado. Sem dúvida, considerava que aquelas confidências seriam estímulos que poderiam me ajudar a convocar minhas próprias lembranças, a exumar minhas próprias feridas. Eu estava certa. Bastou fazê-la acreditar que eu estava avançando em meu livro para que L. me entregasse, pouco a pouco, os elementos que alimentariam o texto, sem que notasse.

Com base em L., eu criaria uma personagem cuja complexidade e autenticidade seriam palpáveis.

Um dia, claro, quando tivesse avançado o suficiente no livro, talvez o terminado, eu teria que confessar a verdade a L. Então lembraria como ela havia recusado qualquer escrita não relacionada à vida. Lembraria as convicções que ela tanto quisera compartilhar comigo e às quais eu tinha me rendido. Falaria de nosso encontro, dos meses passados ao lado dela, da prova que havia surgido diante de mim de que apenas ela poderia ser o tema do livro. Falaria da necessidade que havia se imposto de reunir os fragmentos que ela havia me contado, de dar a eles uma nova ordem.

*

A partir daquele momento, fiquei dependente de L. em todos os sentidos.

Primeiro, porque não podia pôr o pé no chão. Em seguida, porque precisava de suas palavras, de suas lembranças, para alimentar o início de um romance sobre o qual ela nada sabia.

Mas esse estado de dependência não me causava medo.

Era justificado por um projeto superior, e que seria elaborado sem seu conhecimento.

*

Já L. trabalhava em um texto que havia começado antes das férias. Um daqueles livros arriscados, sobre o qual ela, por contrato, não podia dizer nada. Um livro que seria assinado por outra pessoa, que fingiria tê-lo escrito.

Quis saber de L. sobre quem ela estava escrevendo. Que atriz, cantora ou mulher da política havia, daquela vez, apelado ao seu talento?

L. sentia muito, mas não podia me dizer nada. A cláusula de confidencialidade do livro era mais longa do que o próprio contrato e ela não podia correr nenhum risco. Uma vez, ela se deixara levar por uma confidente e a pessoa a havia traído sem querer. Tentei uma ou duas suposições: Mireille Mathieu? Ségolène Royal?

O rosto de L. se manteve impassível, eu não insisti.

*

Após alguns dias, retomamos os rituais adquiridos quando havíamos morado juntas. L. acordava antes de mim. Do quarto, eu ouvia o barulho do chuveiro, depois o da cafeteira. Eu me levantava e nós tomávamos um café da manhã

rápido antes que ela começasse a trabalhar. Já no primeiro dia, ela se instalou em um pequeno cômodo próximo da cozinha. A luz do dia não entrava nele, ela adorava aquele ambiente. Em uma pequena mesa, tinha posto seu computador e espalhado seus rascunhos, seus esquemas, sua documentação.

Do outro lado da casa, eu me fechava um pouco mais tarde em meu escritório. Sentava-me na mesma posição que teria adotado para escrever, a parte superior do corpo levemente inclinada para a frente. Mantinha as muletas ao alcance, apoiadas na gaveta do aparador. Eu me enrolava em um xale e, com a voz baixa, começava a ditar. Levando em conta a distância que nos separava, era impossível que L. me ouvisse.

No entanto, várias vezes por dia, eu não podia me impedir de conferir se a porta estava bem trancada. E se L. não estava atrás dela.

Perto de uma da tarde, eu me juntava a L. na cozinha para comer sopa ou a massa que ela havia preparado.

No início da tarde, voltávamos a trabalhar, cada uma em seu canto. Enquanto L. avançava em seu texto, eu continuava gravando, em voz alta e sem que ela soubesse, um resumo de nossas conversas cada vez mais íntimas.

Depois de alguns dias, para fazer uma cópia de segurança dos arquivos de áudio que gravara no celular, consegui ligar o computador.

*

No fim do dia, às vezes saíamos para dar um passeio.

À medida que meus braços ficavam mais fortes, a extensão de nossa caminhada aumentava.

À noite, tomávamos uma taça de vinho na cozinha enquanto L. preparava o jantar. Sentada, eu conseguia ajudar: cortava a linguiça, a muçarela, descascava cebolas, legumes, picava ervas finas. L. cuidava de todo o restante.

Começávamos a falar de todo tipo de banalidade, antes de passar, de forma natural, aos assuntos que me interessavam. Eu contava a L. minhas próprias lembranças. Lembranças de infância, de adolescência, que podiam ser semelhantes às dela.

Depois do jantar, L. acendia a lareira e nós nos aproximávamos dela, oferecendo as mãos ao calor das chamas. Eu a conhecia bem. Com o tempo, tinha aprendido a decifrar suas respostas, suas emoções, suas reações. Sabia ler em seu rosto os sinais mais fugazes de alegria ou contrariedade. Sabia reconhecer, na postura de seu corpo, o momento em que ela se preparava para dizer algo importante ou em que voltava a tomar distância. Com o passar das semanas, a sintaxe de L., sua maneira de contornar certos assuntos e de enfrentá-los, em uma mudança repentina, no instante em que eu menos esperava, se tornaram familiares. Eu nunca a havia visto tão calma. Tão descansada.

Segundo L., eu não havia quebrado o pé por acaso. A fratura era uma maneira visível de significar o impedimento, o emaranhado, que me levava ao

silêncio. *A queda* tinha que ser vista em todos os sentidos do termo: além da perda concreta de equilíbrio, eu havia caído para dar fim a alguma coisa. Para fechar um capítulo. Cair ou somatizar, no fundo, eram a mesma coisa. Aliás, segundo L., nossas somatizações têm por função principal revelar uma angústia, um medo, uma tensão que nos recusamos a admitir. Elas nos mandam uma mensagem de alerta.

Fazia muito tempo que L. não me expunha uma teoria. Ela adquiriu o tom que me divertia, um tom de voz erudito no qual era fácil perceber um toque de ironia. Nós rimos. A teoria de L. me parecia correta: segundo ela, para não demandar sempre os mesmos órgãos, com o passar do tempo nosso estilo de somatização mudava e passava de enxaquecas a azias, depois de azias a inchaços, depois de inchaços a dores nas costas. Eu já havia notado aquilo? Cada um de nós, se parasse para pensar, havia passado por vários períodos de somatização e posto diferentes órgãos à prova para não esgotar sempre o mesmo. Bastava ouvir as pessoas falando de suas pequenas dores. As quedas não eram nada além de uma maneira mais espetacular de ativar, nos momentos sepulcrais, um sistema de alerta regular. Era preciso se esforçar para decifrá-las.

*

François me ligava todos os dias. Eu pegava minhas muletas e ia até o fundo do jardim, depois me equilibrava no montinho de terra que me permitia captar o sinal de celular. Falávamos por alguns minutos, eu perigosamente apoiada nas muletas, ele em um quarto de hotel no meio-oeste americano ou em Montana. Ele não demorou a sentir que eu parecia melhor, perguntou se estava conseguindo escrever. Disse a ele que tinha decidido começar um novo projeto, maior, estava empolgada com algo, ansiosa para contar a ele. Não disse mais nada.

*

Na casa de Courseilles, L. encontrou seu espaço com uma facilidade desconcertante. Ela fazia parte das pessoas capazes de se adaptar a um ambiente estranho em tempo recorde. Em algumas horas, identificou a localização de cada coisa. Nenhuma gaveta, nenhum cantinho havia escapado ao seu radar. Ela se *sentia em casa* e devo dizer que, ao vê-la andar sem a mínima hesitação naquele lugar que lhe parecia perfeitamente familiar, essa expressão fazia todo o sentido.

Encontrei no computador de Courseilles alguns arquivos de áudio gravados nos primeiros dias de nossa estada. Além da sensação de estranheza que todos temos ao ouvir nossa voz, tenho dificuldade de reconhecer a minha. Falava baixo, por medo de que L. me ouvisse. Reproduzo aqui o conteúdo desses arquivos.

ARQUIVO DE ÁUDIO DE 4 DE NOVEMBRO DE 2013

A mãe morreu quando L. tinha sete ou oito anos.

Foi ela que a encontrou ali, caída. Sua mãe estava estendida no corredor, no piso de madeira. L. tirou os cabelos de cima da orelha da mãe para que ela ouvisse melhor. Ela não reagiu. Então, L. sentiu que alguma coisa estava errada e se deitou sobre o corpo da mãe. Ela usava o vestido florido amarelo que L. tanto amava. L. ficou um tempo assim, naquela posição, chegou a dormir; os braços pendendo ao lado da mãe, a cabeça pousada sobre seu peito (essa imagem me emocionou).

Então o telefone tocou e a acordou. Ela se levantou, os cabelos ainda úmidos com a transpiração do sono. Quando atendeu, ouviu a voz de uma amiga de sua mãe, que queria falar com ela. Respondeu a mamãe está dormindo, a amiga ficou preocupada, pois a mãe nunca dormia durante o dia. A mulher perguntou se a mãe de L. estava doente. L. disse que não, mas que ela não estava acordando. A amiga pediu que L. esperasse, tranquila, em casa, ao lado da mãe. Disse que já estava chegando.

L. voltou a se deitar.

*

Depois da morte da mãe, L. ficou trancada no apartamento. Não consegui saber por quanto tempo. Certo tempo. Acho que não ia à escola.

A saber: acho que o pai de L. proibia que ela saísse de casa, a não ser em caso de força maior. Acho que tinha tanto medo dele que passou várias semanas, talvez vários meses, sem sair. Sozinha no apartamento.

Ela não ia à escola.

Não podia abrir a porta por motivo algum.

O pai a chamava ao escritório para passar suas ordens. Ela devia manter as costas bem retas, o queixo erguido. Uma posição de sentido.

L. imaginava um mundo povoado de inimigos. Não sabia o que encontraria do lado de fora, se um dia fugisse. Imaginava humanos carniceiros, crianças armadas.

*

Voltar ao que L. mencionou rapidamente: o momento em que pensou que não sairia viva daquele apartamento. A ideia do suicídio.

*

Voltar, se possível, ao pai de L.

Sinto que o terreno é escorregadio.

L. resiste a contar as histórias na ordem certa. Sinto que ela vai me contar acontecimentos esparsos e que terei que me virar para encontrar o elo entre eles.

*

Frase de L. ontem à noite, sobre seu pai: "Tudo que tenho de incerto, de inadaptado, de quebrado, vem dele."

ARQUIVO DE ÁUDIO DE 6 DE NOVEMBRO DE 2013

Tento relembrar as palavras exatas que L. usou.

Ela as escolhe com cuidado e me parece que cada uma delas é importante.

Arrependo-me de não tê-las gravado sem que ela soubesse, com o iPhone, mas é arriscado demais.

Em algum momento, alguém deve ter intervindo, pois ela voltou à escola, dando continuidade ao ensino fundamental.

Vivia com o pai em um clima de crítica permanente. Todos os seus gestos, todas as suas palavras podiam ser interpretadas, dissecadas, retiradas de contexto. Tudo que dizia um dia se voltava contra ela e era jogado em sua cara.

A maneira como ele a observava, o olhar acusador.

A raiva muda que preenchia a casa e por vezes tornava o ar difícil de respirar.

Ele procurava a falha, o sinal de traição, a prova da culpa. Percorria tudo em busca de motivos para ficar irritado.

A violência contida pesava como uma ameaça permanente.

*

L. me falou em seguida do autocontrole que isso exige.

Pois todo exagero em sua pessoa (alegria, entusiasmo, excesso de palavras) era visto como algo patológico.

Ela fala muito sobre isto: a impossibilidade da adolescência.

A força destruidora daquele olhar na época em que se tornava mulher.

Mas há algo nela que foi construído durante aqueles anos, uma espécie de dispositivo que garante sua sobrevivência em um meio hostil.

L. evoca sutilmente esse ser vigilante, alerta, pronto para lutar, que ela se tornou.

Quando estava no ensino fundamental, depois no ensino médio, seu pai não queria que ela saísse com os amigos. Nem que recebesse ninguém em casa.

*

História estranha com um vizinho (tentar voltar a ela) à qual L. fez alusão duas vezes.

ARQUIVO DE ÁUDIO DE 7 DE NOVEMBRO

Durante vários anos, L. teve uma amiga imaginária chamada Ziggy.

Ziggy passava os dias com ela. L. dormia de lado, apenas em uma parte da cama, para deixar espaço para ela, deixava-a passar pelas portas, cuidava para que ela pudesse se sentar ao seu lado, falava com ela em voz alta quando as duas estavam sozinhas.

O pai de L. ignorava a existência de Ziggy.

À noite, ela sonhava em fugir com Ziggy. Pegar carona ou um trem, ir para muito longe.

Um dia, Ziggy perguntou se L. ainda queria fugir. L. respondeu que sim, mas que parecia impossível por causa de seu pai.

Ziggy disse que ela ia dar um jeito.

Como?

Ziggy pôs os dedos sobre os lábios, uma maneira de dizer: não me pergunte nada, pois talvez você não goste da resposta.

Alguns dias depois, a casa pegou fogo. Tudo virou fumaça.

Móveis, roupas, todos os seus brinquedos, todas as fotos.

Tudo.

Eles se mudaram para outra casa.

*

Não consegui saber que idade L. tinha quando isso aconteceu.

Tive que fazer várias perguntas para obter detalhes cronológicos. Como se estivesse se recusando a me deixar estabelecer ligações entre certos acontecimentos, L. fez menção de não saber a ordem em que haviam acontecido.

*

Perguntei a L. o que tinha ocorrido com Ziggy. Ela hesitou um segundo antes de me responder que Ziggy havia sido atropelada. Um dia, enquanto as duas caminhavam pela rua, Ziggy tropeçara da calçada e um carro passara sobre ela.

*

Mesmo que parecessem um pouco confusas, as confissões de L. confirmavam minha intuição: L. havia sido vítima de uma violência invisível, que a linguagem tinha dificuldade para descrever, uma violência tortuosa, insidiosa, que moldara de forma profunda sua maneira de ser. Mas L. tinha escapado da dominação. Sua capacidade de se construir, de se reconstruir, o exercício de sua determinação: era isso que continuava me impressionando em L. Um dia, muito antes de conhecê-la, ela havia se tornado aquele ser sob alta proteção, cheio de vontades, tenaz, cuja armadura, eu sabia, podia se partir com apenas um golpe.

*

Nos primeiros dias, L. pegou o carro uma ou duas vezes para ir buscar pão ou produtos frescos. No restante do tempo, o portão ficou fechado.

L. estava de bom humor e redobrava os cuidados comigo. Durante todo aquele período, ela nunca me fez sentir que estava fazendo tudo. Cheguei a pensar que aquela boa vontade, aquele cuidado constante que esbanjava eram outro tipo de dominação.

Mas quem de nós duas dominava o jogo, eu nunca soube dizer.

Uma coisa é certa: sempre que ouvia os passos de L. se aproximarem do escritório em que me fechava, eu parava de gravar e, durante alguns minutos, enquanto esperava seus passos se afastarem, percebia meus batimentos cardíacos acelerando. Eu morria de medo de que ela entendesse o que eu estava fazendo.

*

Por várias vezes, antes que a noite caísse (e apesar da queda brutal de temperatura), vi L. se aproximar do pequeno lago situado diante da casa. Inclinada sobre a água, ela ficava um bom tempo observando os dois peixes-dourados que François e a filha haviam comprado alguns meses antes, em um pet shop da região. Uma noite, enquanto voltava para casa, depois de uma dessas estranhas sessões de observação, L. declarou que aqueles peixes eram carnívoros. Segundo ela, se nos recusássemos a dar comida a eles, os dois acabariam se devorando. Entendi aquele comentário como uma de suas várias loucuras (a princípio eram peixes-dourados comuns).

*

Na noite seguinte, sonhei que L. descobria o que eu estava fazendo. Ela havia mexido no meu celular sem que eu soubesse, encontrado os arquivos de áudio e

fazia com que eu me sentasse para ouvir minha voz contando a vida dela. Depois, jogava o telefone no chão e pisava nele com raiva até que sobrassem apenas alguns pedaços, que exigia que eu engolisse. Como eu não conseguia (os pedaços eram grandes demais, eu engasgava e cuspi sangue), ela ordenava que eu os jogasse na lixeira. No instante em que eu me levantava para fazer isso, ela pegava uma vassoura e batia com toda a força no meu pé. Foi essa dor que me tirou do sonho, uma dor real: minha tala havia ficado presa entre a parede e o colchão e estava torcendo meu pé. Acordei em meio a uma espécie de gemido que saiu do sonho e se prolongou na noite.

Consegui acalmar minha respiração e fiquei observando a chegada do dia pelas persianas, como se a escuridão pudesse levar consigo aquele pesadelo horrível.

*

Em outra noite, acordei sobressaltada, com a certeza de que alguém estava em meu quarto. Sentei-me na cama, todos os sentidos em alerta, analisei a escuridão, tentando decifrar a silhueta negra, perfeitamente imóvel, que se encontrava diante de mim. Ouvi meu coração bater a toda velocidade em meu peito, senti-o pulsar em minhas têmporas, um zumbido aterrorizador que me impedia de decifrar o silêncio. O ar do cômodo me pareceu espesso, saturado, como se outra pessoa tivesse consumido todo o oxigênio. Havia alguém ali, eu tinha certeza, alguém estava me observando. Levei vários minutos para encontrar coragem, acender a luz e me dar conta de que a silhueta era apenas uma roupa que eu havia pendurado em um cabide enganchado na prateleira, na véspera. E mais alguns minutos para que o sangue voltasse a circular normalmente sob a minha pele congelada.

*

No entanto, durante os primeiros dias, nenhum sinal indicava que L. pudesse desconfiar de minhas atividades. A versão oficial parecia satisfazê-la completamente: eu estava gravando em voz alta fragmentos que logo me ajudariam a escrever o livro oculto.

Pouco a pouco, depois de nossas conversas à noite, comecei a escrever algumas palavras em Post-its, em uma letra pouco firme, frenética. Em seguida, eu os colava dentro de um caderno, para evitar que L. os descobrisse, caso entrasse em meu escritório quando eu não estivesse. No dia seguinte, aqueles indícios permitiam que eu relembrasse as confissões de L. e as narrasse. Na época, eu continuava tendo dificuldade de achar uma ligação entre elas, encontrar um sentido, uma direção. Todos os dias, inclinada para o gravador, eu tentava organizar os elementos esparsos que L. havia me confidenciado. Ainda não via uma coerência entre eles, mas estava convencida de que um dia acabaria surgindo.

Pela primeira vez em muito tempo, eu conseguia segurar uma caneta, sentar-

me todos os dias diante de uma escrivaniinha, escrever algumas palavras: eu progredia. Tinha recuperado a esperança. Logo, o impasse em que estava havia meses, a incapacidade física de escrever, a náusea diante do computador, tudo aquilo seria apenas uma lembrança ruim.

*

Estávamos entrando na terceira semana — e eu começava a conseguir apoiar o pé no chão — quando, uma manhã, ouvi um berro de L. Um berro horrorizado. Nós duas tínhamos acabado de começar a trabalhar. Durante alguns segundos, fiquei paralisada. Hoje, quando conto sobre aquele momento, minha reação me parece estranha. Não saí correndo para socorrer L., não tive esse reflexo de ir encontrá-la, fiquei ali, imóvel, na defensiva, à espreita dos menores barulhos. Então ouvi os passos rápidos dela e, antes que tivesse tempo de entender que ela estava andando até meu escritório, L. parou, diante de mim, vermelha e ofegante, em um estado de pânico inacreditável. Tinha fechado a porta e falava a toda a velocidade, havia um rato na adega, pelo menos dois, tinha certeza, que não demorariam a encontrar o caminho da cozinha, ela os havia ouvido uma noite sem querer acreditar, mas agora não restavam dúvidas, havia ratos na casa. L. tinha dificuldade de respirar, de se acalmar, eu nunca a havia visto daquela maneira, tão vulnerável. Eu me levantei para dar lugar a ela. L. se deixou cair na cadeira, tentando recuperar o fôlego, as mãos unidas em uma espécie de nó de angústia, os dedos pálidos por causa da pressão que exercia.

Comecei a falar com uma voz calma. A porta da adega ficava totalmente fechada, não havia nenhum motivo para os ratos entrarem na casa, iam colocar ratoeiras ou veneno para matá-los, eu ia ligar para François e pedir ajuda, ela não precisava se preocupar.

Depois de alguns minutos, ela acabou se tranquilizando. Então seus olhos pousaram no Post-it amarelo colado dentro do caderno que eu havia deixado aberto em minha mesa, Post-it em que escrevera na véspera antes de me deitar: *Tentar saber mais sobre a saída da casa do pai.*

Voltar às consequências da morte de Jean.

Vi os olhos de L. se deterem no Post-it por um décimo de segundo e o recuo imperceptível de seu corpo, um ponto de impacto, quase invisível, na altura do esterno. L. ergueu os olhos para mim, incrédula.

Ela com certeza havia visto. E com certeza tinha entendido o que eu estava fazendo.

Não fez nenhuma pergunta. Com um suspiro, perguntou se eu poderia ir fechar a porta da adega. Entrara em tamanho pânico que a deixara aberta e se sentia incapaz de voltar.

Eu não tinha escolha. Peguei as muletas e fui aos saltos até a cozinha.

Fechei a porta e a chamei em um tom supostamente leve: a área estava segura, não havia nenhum sinal de rato, ela podia voltar.

Não sei mais se conseguimos retomar o trabalho ou se ficamos enrolando na cozinha até a hora do almoço.

*

No início da tarde, L. pegou o carro para fazer as compras da semana. Eu decidi ler na sala, perto da lareira, que ela havia acendido antes de sair. Mas não conseguia me concentrar. Depois de algumas linhas, minha mente começava a repassar cenários hipotéticos e, mesmo que estivesse evitando os piores, não estava com a cabeça tranquila. Se ela havia entendido, eu logo saberia, e a conhecia suficientemente bem para temer a violência de sua reação. Se tivesse qualquer tipo de desconfiança, ela voltaria ao assunto e me faria perguntas.

Pouco a pouco, a noite caiu e a névoa se entremeava às árvores. L. ficou tanto tempo longe que cheguei a achar que ela havia me abandonado ali, sem carro e sem nenhum tipo de aviso.

*

L. voltou perto das sete horas da noite. Pela janela da sala, eu a vi sair do carro, sorrindo. Ela entrou na casa com os braços carregados de pacotes, perguntou se eu havia ficado preocupada. Tentara ligar para o meu celular várias vezes, mas não conseguira. Na maior parte do tempo, meu celular ficava sem sinal dentro de casa, então aquilo não era surpresa. Enquanto arrumava as compras, ela me contou seu périplo: como não havia encontrado tudo que queria no supermercado, tinha passado em uma loja do centro da cidade, onde havia obtido conselhos para exterminar os ratos. Vitoriosa, abriu diante de meus olhos o saco de compras, cheio de ratoeiras e venenos, o suficiente para eliminar várias colônias de roedores. O vendedor havia explicado onde ela deveria colocar o produto e as armadilhas, o que ela fez sem demora, antes de pedir que eu fosse colocar os da adega, onde ela não conseguia mais pôr os pés. Deixei as muletas no início da escada de pedra, apoiei-me nos dois braços e, forçando as paredes, degrau após degrau, desci até lá. A ação me tomou um tempo enorme. Depois de algumas semanas de imobilidade, meus músculos estavam atrofiados.

Do alto da escada, L. me lançou as ratoeiras e o veneno para que eu os pusesse nos lugares que ela havia indicado.

Subi de volta lentamente, meu pé doía.

*

Quando cheguei à cozinha, L. anunciou que preparara uma surpresa. Virou-se para mim, eu nunca havia visto aquele ar de afronta.

— Sempre temos algo para comemorar, não é? O início de um livro, o fim de uma história...

Ela se abaixou para pegar um caixote fechado que havia posto no chão e que eu não notara. Abriu-o com cuidado e tirou duas lagostas vivas, as duas últimas de uma remessa especial que saíra da Bretanha, explicou, compradas na peixaria do supermercado. Observei os movimentos dos animais, atordoados e

desorientados.

Abri a garrafa de vinho que L. havia comprado, um de ótima qualidade, do qual ela adquirira várias garrafas, já que agora não podia mais abrir a porta da adega. Sentada à mesa da cozinha, cortei alguns legumes, enquanto ela preparava o cozimento dos dois crustáceos.

L. primeiro preparou um caldo, acrescentando algumas cebolas. Quando a água ferveu, ela pegou as lagostas, uma a uma, e as enfiou vivas na panela sem hesitar. Então vi a expressão em seu rosto e o sorriso satisfeito quando posicionou a escumadeira para mantê-las mergulhadas na água. Acho que ouvi suas carapaças se quebrarem.

*

Nós duas comemos o jantar festivo que L. preparara.

Eu me deixei levar por aquele tempo imóvel, um desses momentos de paz que costumam anteceder as tragédias, do qual, se estivesse em meu estado normal, eu teria desconfiado. Não sei se o álcool basta para explicar a maneira como a angústia se esvaiu, a calma, e eu recuperei a confiança. L. conseguiu me fazer esquecer toda a inquietude e acreditar em uma possibilidade de vitória.

Porque sim, naquela noite, eu continuei a acreditar que ia vencer o medo, a desconfiança, a náusea — tudo que, havia meses, me paralisava e me impedia de escrever.

Bebemos vinho branco até tarde da noite.

Acho que L. havia comprado uma sobremesa em uma *pâtisserie*, um tipo de bolo de mousse de morango; comemos duas porções. O clima estava tranquilo e amigável. Tudo parecia normal.

Mais tarde, enquanto bebíamos chá, por espontânea vontade L. me contou o que havia acontecido um dia com seu vizinho. Ela fizera alusão àquele acontecimento uma ou duas vezes nos dias anteriores, mas, até ali, recuara diante da história.

*

Quando me deitei, exausta, estava tranquila.

Acho que eu havia simplesmente conseguido me convencer de que era possível que L., no estado de pânico em que estava quando entrara em meu escritório, não havia visto o Post-it, ou melhor, o vira sem ver.

No dia seguinte, apesar de estar sentindo um grande cansaço, um cansaço pouco habitual, eu me sentei em meu escritório para gravar a lembrança que tinha da conversa da véspera.

Encontrei este arquivo no meu computador, foi o último que pude transferir para ele.

ARQUIVO DE ÁUDIO DE 12 DE NOVEMBRO

L. voltou à história do vizinho. Voltou sem que eu fizesse qualquer pergunta, como se precisasse me dar essa explicação, como se aquela informação suplementar me fosse devida.

Acontecera em sua segunda casa, onde morou após o incêndio.

O vizinho era pai do menininho de que L. às vezes cuidava depois da escola. Ele era gentil com ela, seu olhar era carinhoso. Quando ia buscar o filho, falava alguns minutos com L., caso o pai dela não estivesse em casa. Ela ria com ele.

Um dia, ele tocou a campainha em plena tarde, enquanto L. estava sozinha em casa.

Sem dizer uma palavra, encostou nas costas dela, de pé, perto da parede. Depois colocou a mão dentro da calça de L., por dentro da calcinha. Então seus dedos — primeiro um, depois todos — entraram nela e a machucaram.

Quando o vizinho tirou a mão da calça dela, estava coberta de sangue.

L. nunca disse nada.

Preciso me lembrar dos detalhes dessa história, de sua brutalidade.

*

Quando terminei a gravação, me senti vazia. Um cansaço que lembrava o que eu sentia *antes*, na época em que era capaz de passar horas escrevendo sem erguer a cabeça e terminava cambaleando, os músculos rígidos. No entanto, eu ficara no escritório apenas vinte minutos e tinha me contentado em enunciar algumas frases em voz alta.

O céu estava claro, eu me sentei do lado de fora, no pequeno banco de pedra. Precisava de luz. Precisava sentir o sol em meu rosto, que o calor pouco a pouco aquecesse minha pele. Fiquei ali vários minutos, esperando que o sol afastasse o calafrio interior que me fazia tremer.

Um pouco mais tarde, nós duas almoçamos na cozinha, como o sempre. Então me senti tão fraca que fui me deitar em meu quarto. Li e adormeci.

*

Para o jantar, L. havia preparado uma sopa de peixe. Eu não gosto desse

prato, mas não quis contrariá-la, já que a tinha ouvido na cozinha e sabia que passara parte da tarde ali.

Durante o jantar, L. estava falante e alegre. Falou de Ziggy, sua amiga imaginária. Acho que me contou outras coisas que esqueci.

Não tenho nenhuma lembrança do momento em que voltei para o quarto. Nem de quando me deitei. Ao acordar, no meio da noite, os lençóis estavam ensopados e colados em meu corpo. Estava de calcinha, senti o sangue correr em minhas veias sob a pele; meus cabelos molhados pareceram gelados. De repente, me inclinei para fora da cama e vomitei.

Gostaria de ter me levantado para enxaguar a boca e lavar o rosto, mas fui incapaz de me manter de pé. Voltei a me deitar. Pensei na sopa de peixe e vomitei uma segunda vez.

L. sem dúvida me ouviu. Ela entrou em meu quarto e se aproximou de mim. Ajudou-me a sair da cama e me carregou até o banheiro, onde me sentou em um banquinho. Tapou o ralo da banheira e deixou a água correr. Meu corpo era tomado por espasmos, todo ele tiritava. Quando a banheira se encheu, ela me ajudou a levantar. Vi seu olhar atento passear por meus ombros, meus seios, minhas pernas. Ela me segurou por baixo dos braços para que eu entrasse na água, depois ergueu meu pé quebrado para pousá-lo na borda da banheira. Embrulhou a tala com uma toalha para protegê-la. Após garantir que eu estava bem posicionada, foi até a cozinha buscar um copo d'água gelado, que me deu com dois comprimidos. Disse que eu estava pelando e que era preciso baixar a febre. Tomei os comprimidos e fiquei na água enquanto ela trocava meus lençóis e voltava a cada dois minutos para verificar se estava tudo bem.

Voltei a sentir o sono me dominar. Um sono pesado, incontrolável. Acho que adormeci na banheira. Quando reabri os olhos, a água estava fria e L. me observava, sentada no banquinho. Sem dizer nada, foi pegar uma toalha de banho. Ajudou-me a sair da água e a voltar para a cama. Acho que foi ela que pôs o pijama em mim. Eu estava congelando.

*

De manhã, meu telefone tocou. Reconheci o toque de François. Procurei o celular ao lado da cama, mas não o encontrei. L. entrou no quarto e pegou o aparelho que estava na mesa, longe do meu alcance. Eu a ouvi repetir “alô, alô” várias vezes e depois sair para o jardim.

Mais tarde, ela me disse que havia falado com François e avisado que eu estava doente. Ao que tudo indicava, era uma intoxicação alimentar. Ele se mostrara preocupado, mas ela o havia tranquilizado. Prometera dar notícias enquanto eu não estivesse boa o bastante para fazê-lo sozinha.

*

A partir daquele momento, perdi toda a noção de tempo. L. me trazia chá ou leite morno, às vezes uma sopa. Segurava minha cabeça para que eu bebesse.

Parei de vomitar, mas um gosto metálico ficou em minha boca. Entre as visitas de L., eu dormia. Horas pesadas, contra as quais não podia lutar. Mergulhava em um sono espesso, compacto, quase doloroso. Quando acordava, constatava que era dia, ou noite, às vezes transpirava, às vezes tremia. E L. estava lá, quase sempre, imóvel e atenta. Eu me levantava para ir ao banheiro, do outro lado do corredor, me apoiava na parede para andar. Não sabia havia quanto tempo estava naquele estado. Uma noite, não tive força para me levantar. L. cuidou de trocar os lençóis molhados.

Pedi a L. que avisasse Louise e Paul para evitar que ficassem preocupados por não ter notícias minhas. Ela me disse que já havia avisado.

*

O tempo se tornou indecifrável.

Ainda hoje, não sei quanto tempo aquilo durou: dois, quatro, seis dias?

Uma noite, acordei e procurei meu celular. Olhei em todo canto, ele havia sumido.

Então entendi que L. o mantinha perto dela e que tivera todo o tempo do mundo para ouvir as gravações. Eu as havia copiado para o computador por garantia, mas não as apagara do telefone.

Uma onda de medo me invadiu.

Claro que L. sabia.

Claro que ela havia entendido.

Mas era tarde demais. Tarde demais para tudo.

Eu não tinha mais forças para explicar o livro que queria escrever, não tinha mais forças para convencê-la e muito menos para pedir desculpas.

*

Uma noite, em um estado de semiconsciência, ouvi a campainha da porta principal. Alguém havia conseguido passar pelo portão e chegar até a casa. A campainha soou várias vezes, ouvi os passos de L. no corredor, diante de minha porta. Ela ficou ali por alguns minutos, mas não a abriu.

Talvez François tivesse avisado um vizinho ou um amigo. Alguém havia ficado preocupado. Alguém tinha ido conferir. Sem dúvida olhara pela janela. Pudera ver sinais de nossa presença.

A menos que L. tivesse fechado todas as venezianas.

*

Na mesma noite, não consegui beber a sopa que L. havia trazido. A náusea era tão forte que eu não podia engolir. Quando ela insistiu, comecei a chorar, supliquei, não podia, tinha que acreditar, não era má vontade. L. se deixou persuadir.

Durante a noite, senti-me menos paralisada. Quando me levantei para ir ao banheiro, aproveitei para beber água. Um filete saía da torneira, coleí minha boca a ela por vários minutos.

Acordei bem cedo e me levantei antes da chegada de L. Consegui me sustentar melhor com minhas pernas. Tentei andar perto da cama. Dar pequenos passos. Já conseguia apoiar o pé com a tala no chão sem sentir dor. Quando ouvi L. se aproximar, voltei a me deitar. Minha cabeça rodava um pouco. Ela entrou no quarto com uma bandeja. Colocou-a diante de mim e se sentou na cama. Bebi apenas alguns goles do chocolate quente, afirmei que me deixava enjoada. Disse que estava com dor de barriga. Notei a expressão de contrariedade nos olhos de L. Pedi para que ela deixasse a xícara perto de mim, prometi bebê-la assim que conseguisse.

Um pouco mais tarde, ouvi que L. falava ao telefone e aproveitei para jogar o chocolate na privada. Consegui ficar acordada uma parte da manhã.

Foi então que tive certeza de que L. estava me envenenando.

Durante todo o dia, recusei-me a ingerir o que ela me trazia. Fingi estar fraca demais para me sentar e dormi toda a tarde. De olhos fechados, procurei mentalmente uma saída. Lembrei que François guardava outro jogo de chaves em uma das gavetas da cozinha, entre elas eu encontraria a do portão. Mas ainda precisaria chegar até lá. Como fugiria sem que ela me visse? Sem que ela me alcançasse?

À noite, L. voltou com uma nova bandeja. Tinha preparado sopa de abóbora. Ela me ergueu para me apoiar nos travesseiros. Com um tom de voz cuja gentileza não escondia a ameaça, pediu-me para fazer um esforço. Pegou o prato fundo com uma das mãos e, com a outra, tentou me alimentar.

Com gestos hábeis, precisos, ela levou a colher à minha boca, como teria feito com um bebê. Então notei que ela havia voltado a usar a mão direita. A farsa havia acabado.

Não éramos mais dois seres parecidos, com afinidades múltiplas e histórias similares, não éramos mais duas amigas cujos gestos obedeciam à mesma vontade, confundiam-se. Não. Éramos duas pessoas distintas e uma estava à mercê da outra.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ela murmurou: — Fiz tudo para ajudar você. Foi você que estragou tudo.

*

Engoli uma ou duas colheradas da sopa, depois disse que não aguentava mais. Não abri mais a boca. L. olhou ao redor do quarto, como se procurasse uma ferramenta para abrir meus dentes. A ideia de enfiar a colher em minha boca passou por sua cabeça, tenho certeza, e sem dúvida a de me bater. Ela soltou um suspiro de raiva, pegou o prato e saiu. Pensei que fosse voltar com uma sobremesa ou um chá, mas não tornei a vê-la naquela noite.

L. não ia tolerar minha recusa por muito tempo. Se eu continuasse com aquilo, ela encontraria outra solução para me enfraquecer. Ao pensar nisso, uma descarga de medo me invadiu.

Eu não podia esperar.

Tinha que conseguir sair da casa.

Tinha que chegar ao portão.

Quando chegasse à estrada, pararia o primeiro carro que passasse.

A noite caíra havia muito quando começou a chover. Uma chuva forte, furiosa, que batia nos vidros. Do quarto, eu ouvia as rajadas de vento e, ao longe, o barulho de pneus passando pelas poças. Não sabia se estava sonhando com aqueles carros ou os ouvindo. Não sabia se seria capaz de percorrer a distância que me separava do vilarejo. De olhos fechados, imaginei minha silhueta encharcada surgindo no meio da estrada, os braços erguidos sob a luz dos faróis. Imaginei o momento em que um carro frearia, em que a porta se abriria, em que eu estaria livre.

Sem querer, acabei dormindo.

Quando acordei, tudo estava apagado. Eu não tinha ideia de que horas eram, mas achei que L. estava deitada. Como nas noites anteriores, ela havia deixado a porta de seu quarto aberta para ouvir qualquer barulho.

A possibilidade de eu conseguir me levantar e andar até a cozinha sem acordá-la era ínfima. Eu sabia. A tala batia no chão e as muletas haviam desaparecido.

A possibilidade de eu conseguir pegar a chave da gaveta, sair de casa e abrir o portão sem que ela acordasse era nula. Mas eu não tinha outra escolha.

Enfiei um casaco por cima da camiseta. Não tinha nenhuma outra roupa ao alcance. A mala que servira para transportar minhas coisas desaparecera. L. tinha pegado tudo.

Sentei-me na cama e fiquei parada alguns minutos, quase sem respirar. Não ousei nem engolir minha saliva. Depois reuni todas as minhas forças e me levantei.

Fui até a cozinha, abri a gaveta e peguei a chave. Ouvia minha própria respiração, ofegante e dolorosa.

Saí e senti a chuva glacial em minhas coxas, a tala se enfiar no cascalho, fazendo muito barulho. Em alguns segundos, meus cabelos ficaram encharcados. Chicoteavam meu rosto, eu tinha dificuldade de andar contra o vento. Tentei correr, mas a dor era grande demais.

Cheguei ao portão. Foi apenas nesse instante que notei que o carro de L. não estava mais ali. Apoiei-me no muro para recuperar o fôlego. Sob o efeito da tempestade, as folhas do salgueiro se erguiam em um farfalhar intenso. Pareciam uma cachoeira de vidro quebrado.

Sem olhar para a casa, abri o portão e fui mancando pela estrada estreita na direção do vilarejo.

*

L. com certeza estava parada em algum lugar, com o carro desligado, à espreita. Eu tinha certeza de que, de repente, ouviria seu carro ligar e a veria surgir, tentando me atropelar.

Esse era seu plano. Deixar-me fugir à noite, seminua, para me capturar sob a luz de seus faróis e me derrubar como um pino de boliche.

*

Andei por toda a estrada, apesar da dor que aumentava a cada passo. Não via nada por causa da chuva, apenas uma janela acesa, ao longe, se destacava na escuridão.

Estava a apenas alguns metros da primeira casa do vilarejo quando caí em uma vala aberta para o esgoto, às margens da estrada. Não guardei nenhuma imagem daquele momento, apenas a sensação da lama e da queda. Desmaiei.

Tenho uma lembrança muito confusa do momento em que fui levada para a ambulância. Hoje, guardo apenas a imagem do cobertor térmico, laminado e cintilante sob a luz da sirene. A sensação da maca em minhas costas. A velocidade do veículo.

Acordei em um quarto do hospital de Chartres. Uma enfermeira entrou pouco depois. Ela me contou o que havia acontecido. Disse que *meu marido* estava na estrada, ou melhor, no avião, alguém o havia avisado.

*

Um dos operários da obra municipal me encontrou quando o dia começara a nascer. O médico me disse que sem dúvida eu caíra pouco antes de o homem me descobrir, caso contrário não teria sobrevivido. Encontrava-me em um estado grave de hipotermia.

Ninguém me perguntou por que eu havia ido até lá, de calcinha e casaco, algumas horas antes do amanhecer. Pediram que eu respeitasse meu tempo, que pensasse em tudo aquilo. Deram-me comprimidos para a dor e outros para dormir.

A tala em meu pé foi substituída por uma bota de resina. Deram-me novas muletas. Até a chegada de François, dormi praticamente o tempo todo.

Eu o encontrei na manhã seguinte na cabeceira da cama, o rosto cansado, uma expressão preocupada. Ele me abraçou com força. Eu tinha que descansar. O importante era que estava ali, sã e salva.

Depois, soube que haviam encontrado traços de vários soníferos e de veneno para rato em meus testes toxicológicos.

Depois, quando todos acreditavam que tinha chegado o momento de me perguntar o que acontecera, entendi que a equipe médica — e sem dúvida François — estava convencida de que eu mesma tomara a mistura. E que havia entrado em pânico e saído no meio da noite para procurar ajuda.

L. tinha ido embora antes que eu saísse de casa. Tinha me deixado sozinha, com a possibilidade de fugir, mas também de dormir e nunca mais acordar.

L. desapareceu de minha vida assim como entrou. Tenho consciência de que essa frase passa uma sensação de já ter sido lida. Ela faz pensar que a história terminou, que é apenas uma lembrança. Que encontrou, no momento em que foi escrita, uma espécie de sentido — senão de resolução. O fato é que L. desapareceu, sem deixar vestígios.

Levei várias semanas para concordar em voltar a Courseilles. Quis esperar até que ficasse boa, voltasse a andar normalmente. Até que fosse capaz de vencer a ansiedade que me invadia sempre que eu pensava em passar por aquele portão.

Quando François foi até lá pela primeira vez, enquanto eu ainda estava no hospital de Chartres, encontrou a casa em perfeito estado. A lava-louça tinha sido posta para funcionar, uma faxina fora feita. Tudo estava impecável. Dobrado, guardado, posto no lugar. L. se dera o trabalho de fechar o registro de água, esvaziar as lixeiras, baixar o termostato dos aquecedores. Organizara sua partida e cuidara de deixar o lugar limpo. No quarto em que havia dormido, o colchão estava sem nada. Os lençóis tinham sido lavados, secos e devolvidos ao armário, assim como as toalhas. Os banheiros estavam limpos.

Os únicos vestígios de nossa passagem por lá estavam em meu quarto: a cama desfeita, as xícaras vazias e sujas, uma camiseta jogada no chão.

*

François nunca encontrou minha mala, meu celular e nenhum dos objetos que eu havia levado.

*

Quando pedi que ele me contasse exatamente o que L. dissera na noite em que atendera o telefone por mim, vi que ele duvidava de minha memória. Ouvi o tom indulgente que usou para me explicar que nunca havia falado com L. ao telefone, nem naquela noite, nem depois. Aquele tom repleto de precauções que adotamos para trazer os loucos de volta à razão.

François me contou que realmente havia tentado falar comigo durante um dia inteiro, sem que eu atendesse ou desse sinal de vida. Mais tarde, as ligações caíram o tempo todo na caixa postal, meu celular fora desligado. Ele tinha ficado preocupado. Nós nunca deixamos passar um dia sem nos falar. À noite, ele havia ligado para seu amigo Charles, que mora do outro lado do vilarejo, para pedir que ele passasse na casa. Quando Charles escalara o muro, não havia nenhum carro no jardim, nenhuma luz na casa, e todas as venezianas estavam fechadas. François havia concluído que tínhamos voltado a Paris (sem dúvida L. quisera que ele pensasse isso). Mais tarde, a ideia de que eu tinha um amante passara por sua cabeça. Então ele recebera a ligação da secretária do prefeito, na manhã em que tinham me encontrado, e pegara o primeiro avião.

*

Alguns dias depois dessa conversa, François pediu que eu explicasse, mais uma vez, como tinha conhecido L.

Voltei a falar da festa após o Salão do Livro, na casa de uma amiga de Nathalie, e da mulher que havia me abordado.

François achava estranho nunca tê-la conhecido. Durante todo o tempo que eu havia convivido com L. em Paris, em que ela morara em minha casa, como

era possível que ele nunca a tivesse encontrado?

A verdade é que, normalmente, por diversas razões, eu ia muito mais à casa dele do que ele à minha. E, durante o período em que L. morara comigo, eu havia cuidado para que ele não fosse até lá nenhuma vez.

François voltou a me pedir para explicar por que havia decidido, de uma hora para a outra, ir com ela para Courseilles, por que não havia pedido a outra pessoa, uma amiga mais próxima, mais confiável, que viesse comigo. Qual era a marca do carro dela, por que ele estava lá, como ela havia conseguido fugir daquela maneira, tão rápido? Por que tínhamos passado os dias daquele jeito, com as janelas fechadas? Por que ela havia desligado meu celular?

Sob aquele ar de não querer me ofender nem me contrariar, acabei reconhecendo a desconfiança dele.

Talvez porque ele pudesse imaginar outro tipo de traição, a única pessoa para quem tentei contar tudo foi François. Desde o início. Como eu havia conhecido L., como me aproximara dela. O que ela fizera por mim e em meu lugar. O que sabia antes que eu dissesse, o que entendia tão bem. O que ela pensava de meus livros, o que esperava de mim. Tive que admitir a farsa e as mentiras. As semanas em que fizera todos acreditarem que eu estava escrevendo, enquanto passava os dias andando pela rua ou pelo supermercado.

Expliquei como, na emergência do hospital Sant-Louis, tivera a ideia de escrever sobre L., de me inspirar na vida dela. O quanto a ideia me parecera evidente, imperiosa e, pela primeira vez em tanto tempo, digna de interesse. Por isso uma temporada tão íntima com ela em Courseilles parecera cair do céu. Era uma oportunidade inesperada! Não, eu não tivera medo. A necessidade de escrever, a certeza de enfim ter um livro abolira qualquer desconfiança. Mas L. descobrira meu projeto e as coisas haviam saído dos eixos.

*

Diante de mim, François fez a careta de perplexidade que conheço bem. Senti que ele não levava metade da minha história a sério.

Ele me perguntou várias vezes, sob um disfarce de brincadeira, se L. não era um homem. Mas, no fundo, acho que pensava que eu tinha dado um jeito de fugir sozinha para Courseilles a fim de me isolar, me separar de tudo.

*

Posteriormente, sem que ele me confessasse, acho que concordou com os médicos. Eu passara por um surto depressivo grave. Os remédios que havia tomado tinham provocado um estado de confusão, até de alucinação, que podia explicar em grande parte o que havia acontecido. Em uma espécie de surto noturno, do qual guardava uma lembrança disforme, eu havia saído seminua de casa e caíra em uma vala. Já tinha antecedentes psiquiátricos.

*

A verdade era outra: L. tinha tentado me envenenar. Me enfraquecer. Havia

me posto em perigo.

Eu poderia ter dado queixa contra ela ou pelo menos tentado encontrá-la.

Mas não o fiz. Não tinha forças. E isso teria exigido que eu respondesse a todo tipo de pergunta, lançasse um alerta, contasse mil vezes, fornecesse detalhes, provas. E eu não tinha certeza de possuir provas.

Quando voltei para casa, em Paris, depois de passar três dias em observação no hospital, liguei o computador. A intuição que tivera se revelou certa: L. havia apagado todas as mensagens que tínhamos trocado nos primeiros meses de nossa relação. Todas. Nenhuma havia ficado para trás.

Dado o tempo que passara todos os dias em meu computador, na época em que morava comigo, ela tivera total liberdade para selecionar os e-mails, esvaziar a lixeira, de modo a não deixar nenhum rastro.

Eu não tinha mais nada: nenhum vestígio. Por outro lado, ela havia deixado todos os e-mails que escrevera por mim: estavam assinados com o meu nome e nada provava (além de minha palavra) que eu não era autora deles.

Encontrei também várias mensagens de incentivo, de apoio, carinhosas, que meus amigos haviam me mandado depois de receber o e-mail de L. em que eu (ela) pedia que eles não se manifestassem mais. Evidentemente, L. havia tomado o cuidado de não me mostrar nada.

*

Passei vários dias sem sair de casa. Do lado de fora, eu tinha medo. E, sozinha em meu apartamento, também sentia.

Meus amigos souberam que eu estava doente e vieram me visitar. Ficaram felizes em me ver depois de todo aquele tempo. E eu também. Eles falavam comigo com muita calma.

*

Uma noite, sonhei com L. Ela se arrastava pelo piso da cozinha de Courseilles, metade da cabeça afundada, cega por causa do sangue. Tentava chegar à porta de entrada e chamava Ziggy. Eu a observava, incapaz de ajudar.

Acordei ensopada, sentada na cama. O medo só me deixou de manhã.

*

Depois de uma ou duas semanas, aos poucos, voltei a sair.

Sempre que alguém andava às minhas costas ou ficava muito perto, eu trocava imediatamente de calçada. Cheguei a sentir uma presença atrás de mim (o farfalhar de minha echarpe no couro de minha jaqueta, os cliques de uma fivela de cinto) e me virar bruscamente para o vazio. Eu me sentia vigiada, seguida, suja. Levava sustos com qualquer barulho, sentia todos os meus músculos extremamente tensos. Meu corpo inteiro estava alerta. Tinha certeza da iminência de um perigo, mas não conhecia sua forma, não sabia se o perigo estava escondido dentro ou fora de mim.

Seja qual fosse a hora, eu abria a porta do apartamento com um arrepio, certa de que chegaria o dia em que encontraria alguém me esperando, sentado no sofá ou escondido sob minha cama, vindo para acertar as contas.

*

Louise e Paul voltaram para casa várias vezes para me ver. François decidiu ficar em Paris, deixei qualquer projeto de livro para depois.

*

Voltei ao hospital Saint-Louis para fazer radiografias de rotina. A bota de resina foi retirada. De início, não me arrisquei a pôr o pé no chão. Depois de duas ou três sessões de fisioterapia, voltei a andar sem mancar.

*

Durante algumas semanas, continuei ouvindo rangidos e barulhos estranhos no patamar da escada do prédio. Ficava verificando pelo olho mágico, várias vezes por dia, para ver se ninguém estava escutando atrás da porta. Continuei a fechar as cortinas, de dia e de noite, sempre que voltava para casa. Cheguei a pensar que L. tinha escondido em meu apartamento câmeras e microfones. Passei as mãos por todos os cantos, sob as mesas, as almofadas, dentro das luminárias e em cada quina. Para verificar.

Essas diversas manifestações podem ser consideradas consequências de um traumatismo psicológico ou um agravamento de uma tendência paranoica preexistente. Não tenho opinião sobre isso.

Mesmo assim, pouco a pouco, retomei o que chamamos de *uma vida normal*.

Eu pensava em L., claro. Pensava nela como um pesadelo ou uma lembrança um pouco vergonhosa, na qual preferimos não nos demorar. À medida que aquela época se distanciava, a lembrança de L. se cobria de uma membrana opaca. Eu me perguntava se estava tentando preservá-la intacta, ao abrigo da luz, para evitar que ela se alterasse, para o caso, talvez, de escrevê-la um dia, ou, pelo contrário, de deixá-la desaparecer. Hoje sei qual é a resposta.

*

No mês de abril, aceitei o convite do festival literário de Chalon-sur-Saône. O plano era que eu encontrasse, diante de um grande público, um grupo de leitores que havia lido, ao longo daquele ano, todos os livros que já escrevi. Aceitei o convite porque conheço há muito tempo o curador do festival, que também é escritor.

Além disso, sem dúvida, eu queria me colocar à prova, mostrar a mim mesma que conseguia fazer aquilo sozinha.

*

Ao sair do trem, deixei minhas coisas no hotel. Deitei-me por meia hora. Gosto desse momento, quando me encontro em um quarto que não conheço, como se tivesse sido teletransportada, em uma cidade desconhecida, aquele momento de refúgio que precede a exposição. Um pouco mais tarde, fui andando até o teatro. Troquei algumas palavras com os integrantes do grupo de leitores, enquanto, pouco a pouco, o público ocupava seus lugares. Analisei a grande sala com um olhar circular, um radar silencioso que revistava a multidão sem se deter em nenhum rosto. Quando meus olhos voltaram ao centro, entendi o que estava fazendo. Estava procurando L. Ou melhor, verificando se L. não estava na sala. Depois de garantir que não, inspirei fundo e a conversa começou.

As perguntas do grupo abordavam todos os meus livros e o elo entre eles. O clima era caloroso. Gentil. Fiquei feliz em estar ali. Lembrei que adorava encontrar leitores, saber sobre a leitura deles, falar de meu trabalho. Que gostava de procurar a imagem, a emoção, a faísca que tinha sido a origem de meus livros, me interrogar sobre a escrita e tentar encontrar, em voz alta, as respostas que me pareciam mais certas.

Então vieram outras perguntas, feitas pelo público. Elas tratavam basicamente do meu último romance. Nenhuma das questões me era desconhecida por completo. Mas fazia muito tempo que não as respondia. E aquele tempo tinha modificado minha relação com o texto. Meus limites haviam mudado, eu estava mais distante. Ficara para trás o dia em que, diante de cerca de vinte livreiros, enquanto apresentava meu romance pela primeira vez, eu tinha começado a chorar. Logo depois, eu sentira vergonha por não ter conseguido conter as lágrimas. Por ter feito aquela cena.

Mas, naquela noite em Chalon, senti que estava, enfim, a uma distância mais segura.

Depois de algumas perguntas, uma mulher sentada na primeira fila tomou a palavra em nome de uma jovem, Léa, que tinha vergonha de se manifestar, mas estava no teatro. A mulher, com o microfone na mão, se levantou. Seu tom apresentava algo sério.

— Na verdade, a Léa quer saber se você foi sincera. Enquanto lia seu livro, ela teve algumas dúvidas, se perguntou se não havia coisas inventadas nele. O que você conta é a verdade? Tudo é verdade?

Por um instante, tive vontade de responder a Léa que ela acertara no alvo. Porque não, claro que não, tudo aquilo era pura invenção, nada do que havia contado acontecera, nada mesmo, inclusive, minha cara Léa, enquanto falo, minha mãe está rolando na grama em algum lugar no departamento de Creuse, ela não morreu, nem um pouquinho, usa botas de caubói no verão e no inverno, vestidos de cetim dourado, mora com um velho caubói que é louco por ela e que se parece com Ronald Reagan, ainda é muito bonita, engraçada e irritante, abriga dez imigrantes clandestinos, vindos dos quatro cantos do mundo, em sua grande casa cheia de plantas e bagunça, lê Baudelaire e assiste ao *The Voice* na TV.

Em vez disso, tentei explicar até que ponto eu havia tentado ser sincera no sentido que ela queria, sim, o máximo possível, e que, sem dúvida, aquilo prejudicava o livro, pois agora me saltavam aos olhos detalhes inúteis, precisões absurdas, nomes que deveria ter modificado, fidelidades parasíticas, justamente todo aquele tributo que achava que devia fazer ao real e do qual deveria ter me libertado. Então tentei demonstrar, como já havia feito várias vezes naquele tipo de encontro, o quanto o real me parecia inacessível. Tentei explicar a ideia que sempre me voltava à cabeça, segundo a qual não importa o que a gente escreva, estamos sempre no terreno da ficção: — Mesmo que tenha acontecido, mesmo que algo verdadeiro se pareça com isso, mesmo que os fatos sejam reais, nós sempre contamos uma história. *Contamos a nós mesmos*. E, no fundo, o importante talvez seja isso. Todos esses pequenos detalhes que não estão ligados à realidade, que a transformam. Os lugares em que o molde se solta, as bordas, os cantinhos. Porque não adianta tentar, a verdade deforma, se dobra, se amassa. E talvez seja por isso que o livro a tenha emocionado. Somos todos *voyeurs*, eu concordo, mas, no fundo, talvez o que nos interesse, nos fascine, não seja tanto a realidade, mas a maneira como ela foi transformada por aqueles que tentam nos mostrá-la ou contá-la. É o filtro posto sobre a objetiva. Seja como for, o fato de o romance ser certificado pelo real não o torna melhor. É nisso que acredito.

Um homem tomou a palavra. Sua voz era alta, ele não precisava de microfone.

— Você está errada. Não é isso. O que nos agrada no seu livro é o tom de verdade. Nós o sentimos, o reconhecemos. O tom de verdade não pode ser explicado. Você pode tentar dizer outra coisa, mas é ele que torna forte o que você escreveu.

O homem esperava minha aprovação. E o que eu podia responder? Era a pessoa menos adequada para definir o que meu livro tinha que agradava ou desagradava. Mas queria acabar com aquela história de tom de verdade.

— Eu não acredito no tom de verdade, senhor. Não acredito mesmo. Tenho quase certeza de que vocês, nós, leitores, como todos somos, poderíamos ser totalmente enganados por um livro que se apresentaria como *verdade* e seria apenas invenção, enganação, imaginação. Acho que qualquer autor um pouco mais hábil pode fazer isso. Usar muitos efeitos de real para fazer com que acreditem que o que está contando aconteceu. E eu desafio a todos — vocês, eu, qualquer pessoa — a tentar separar a verdade da mentira. Isso, aliás, poderia ser um projeto literário, escrever um livro inteiro que seria lido como *uma história real*, um livro supostamente *baseado em fatos reais*, mas cujo conteúdo todo, ou quase, fosse inventado.

À medida que eu falava, minha voz ia ficando menos segura, voltava a tremer. Por um instante, tive a certeza de que L. ia surgir do fundo da sala. Mas continuei.

— Será que esse livro seria menos sincero que outro? Não sei. Talvez, pelo contrário, ele seja de uma grande sinceridade.

Um murmúrio percorreu a sala. O homem retomou a palavra.

— Você está falando de uma enganação. Mas os leitores não gostam de ser enganados. O que querem é que as regras do jogo sejam claras. Nós queremos saber a que podemos nos prender. É verdade ou não é, pronto, é isso. É uma autobiografia ou é pura ficção. É um contrato assinado entre vocês e nós. Mas, quando alguém engana o leitor, ele se irrita.

O perfume de L. flutuava no ar, não muito longe, o aroma se aproximava, me rodeava. Analisei os rostos que me encaravam, não conseguia mais me concentrar na conversa.

Não respondi. Um rumor decepcionado percorreu a sala enquanto eu bebia um gole do meu copo d'água.

*

À noite, quando me deitei, voltei a pensar na expressão *pura ficção* que o homem havia usado e que eu chegara a mencionar também. Como a ficção era pura? De que ela podia se eximir? Não havia sempre, na ficção, uma parte de nós mesmos, de nossa memória, de nossa intimidade? Sempre falamos de *pura ficção*, nunca de *pura autobiografia*. Logo, não éramos totalmente enganados. Mas, no fim das contas, talvez nem uma nem a outra existisse.

Então uma imagem me veio à cabeça: na cozinha da casa de Pierremont, minhas mãos de criança, descoordenadas, quebrando ovos em um recipiente a fim de separar a gema da clara. Aquele gesto delicado, preciso, que Liane, minha avó, havia me mostrado várias vezes, aquele gesto que consiste em passar a gema de uma metade de casca para a outra, de modo que a clara escorra

intacta para a vasilha. Pois é preciso que a clara esteja pura para ser batida em neve. Mas, normalmente, um pedacinho de gema ou uma casquinha minúscula se solta. E, quando cai na tigela, perdida entre a clara translúcida, aquilo afunda sob os dedos, escapa à colher, impossível de recuperar.

Fechei os olhos e ouvi a voz de minha avó, aquela voz cantante que religiosamente tenho o cuidado de lembrar, me perguntando: — Minha pequena rainha, é verdade essa mentira?

Parei de levar sustos ao ouvir qualquer barulho, de verificar permanentemente se estava sendo seguida, de me sentir sempre observada. Parei de ver L. em todos os cantos — na fila da padaria, diante ou atrás de mim na sala de cinema, na outra ponta do vagão do metrô. Parei de desconfiar de todos os cabelos louros e de todos os carros cinza que entravam em meu campo de visão.

*

Voltei a ligar para meus amigos, retomei contato com pessoas que não via fazia muito tempo. Comecei um período de *ressocialização*, foi assim que o chamei, para poder rir. Aceitei escrever um roteiro com outras pessoas.

Durante algumas semanas, tive a sensação de estar catando vasos quebrados, consertando móveis, reconstruindo as estruturas. Aceitei aquele período como uma época de convalescência.

*

Quatro ou cinco meses depois do sumiço de L., uma sexta à noite, deparei com uma mensagem de texto de minha editora: *Recebi seu manuscrito. Que surpresa! Vou lê-lo rapidamente e ligar para você no fim de semana. Não imagine como fiquei feliz...*

Comecei achando que ela havia se enganado de destinatário, eu sabia que a precipitação podia fazer que alguém me mandasse, por engano, uma mensagem destinada a outra pessoa. Depois criei uma versão paranoica do incidente (não era um erro, mas uma estratégia vil, com o objetivo de me fazer saber que os outros autores continuavam escrevendo e até entregando manuscritos). Em seguida voltei à hipótese inicial e não me dei ao trabalho de responder. Minha editora se daria conta do erro sozinha.

*

Mas, na noite de domingo para segunda, recebi outra mensagem dela: *Acabei de terminar. É arriscado e formidável. Parabéns. Eu ligo para você de manhã.*

Pensei que ela estava indo longe demais. Podia pelo menos tomar cuidado para não mandar uma mensagem como essa para qualquer pessoa.

Pensei em mandar várias respostas diferentes, da mais simples (“*you errou de pessoa*”) à mais provocadora (“*já era, vendi para outra editora*”), mas no fim acabei não respondendo. Um dos autores havia escrito um texto *arriscado e formidável* que tinha deixado minha editora muito feliz.. Fiquei irritada por sentir inveja, ciúme, era deplorável e pueril, mas era isso que eu sentia. Outros estavam escrevendo coisas arriscadas e formidáveis e aquilo me deixava triste.

*

De manhã, minha editora ligou. Sem que eu tivesse tempo de dizer nada, ela se lançou em uma fala entusiasmada, emocionada, comovida, estava completamente impressionada, era um texto inteligente, ela o lera de uma só vez,

sem poder largá-lo, era perturbador e cativante, sem nenhuma dúvida era o melhor que eu já escrevera; assim, todas aquelas preocupações, aquele medo de ter chegado ao fim da linha não faziam sentido, pelo contrário, ela sabia, tinha certeza, que era o início de um novo ciclo.

Acabei conseguindo interrompê-la para dizer, com uma voz exasperada, que não tinha escrito o texto do qual ela falava. E para que as coisas ficassem bem claras, acrescentei: — Não mandei nada para você, Karina. Está entendendo? Nada. Não fui eu.

Ela soltou a risada surpresa que eu conhecia bem e que é um dos motivos pelos quais gosto tanto dela.

— Mas, claro, eu entendo. Inclusive é isso que é perturbador no seu texto, essa reflexão minuciosa sobre o autor e seus duplos, esses personagens romanescos que você procura enfrentar...

Fiquei atordoada. Que porra de texto era aquele que minha editora tinha nas mãos? Procurei dar à minha voz o tom mais firme que podia, para repetir que não havia escrito NADA nos três anos anteriores e não enviara nenhum manuscrito. Ela soltou outra gargalhada antes de me responder com gentileza: — Não sei se podemos manter essa posição na campanha de divulgação do livro, mas, se preferir, podemos debater isso. De qualquer forma, quero que saiba a que ponto estou confiante. Vou relê-lo, a gente pode se ver quando você quiser. É bom, é muito bom...

*

Desliguei na cara dela, que me ligou no mesmo instante e deixou uma mensagem calorosa e tranquilizadora. Entendia que não era simples para mim, o texto era muito arriscado, brincava com fogo, mas era isso que o tornava tão potente.

*

Não sei quanto tempo fiquei ali, imóvel no sofá. Em um estado de estupefação. O olhar vazio, incapaz de dobrar as pernas ou estender os braços, de me enrolar no cobertor ao meu lado. Tempo suficiente para perceber que meu corpo esfriava progressivamente. Meus dedos estavam congelando.

Foi o frio que me tirou do torpor. Eu me levantei, as costas rijas, as pernas dormentes, tentei tirar aquelas formiguinhas de meus pés batendo-os no chão.

Então, de repente, entendi.

L. havia escrito aquele texto por mim e o enviara.

L. havia escrito um texto *formidável* e *arriscado* que provocara em minha editora um entusiasmo sem precedentes.

L. havia usurpado minha identidade para escrever um texto infinitamente melhor que todos que eu escrevera.

Eu adoraria poder descrever a expressão de François quando tentei explicar a ele que minha editora havia recebido um manuscrito que queria publicar na próxima temporada literária, em setembro, do qual eu era a suposta autora, mas do qual não havia escrito uma única palavra.

Aqueles segundos em que ele se perguntou em que confusão havia entrado (não era a primeira vez). Aquele instante de dúvida, e talvez de desânimo, antes que me fizesse a pergunta que, sozinha, resumia todo seu estado de espírito: — Que história é essa?

*

Acho que ele e minha editora se encontraram uma semana depois e ela conseguiu convencê-lo de que tinha em suas mãos um manuscrito de muita qualidade e de que não havia nenhuma dúvida sobre a autoria. Imagino que os dois devam ter conversado sobre os motivos pelos quais eu fingia não ter escrito aquele texto, que tenham comentado minha fragilidade depois do lançamento do romance anterior, as cartas anônimas que eu recebera, a maneira como havia me isolado, minhas atitudes fóbicas e até paranoicas, meus caprichos e o medo que sem dúvida sentia ao me ver mais uma vez exposta. Afinal, tudo aquilo era verdade. Daí a concluir que eu precisava de tempo para ser capaz de ostentar aquele texto, assumi-lo, era apenas um passo.

*

No dia em que expliquei a François que L. tivera acesso ao meu computador, ao meu diário, a tudo que eu escrevera até ali e que, sem dúvida, ela era autora do romance recebido por minha editora, ele fez a cara indulgente de quando não quer me contrariar.

Para bancar o bonzinho, ele me fez algumas perguntas sobre L. (perguntas que, em sua maioria, já tinham sido feitas quando eu saíra do hospital). Por trás de cada uma delas se dissimulava a dúvida.

*

Foi então que enfiei na cabeça que ia encontrar L.

Provar que ela havia escrito o livro, entender por que fizera aquilo em meu nome. Era uma armadilha? Um presente? Um jeito de pedir desculpas?

O número de celular de L. não existia mais.

Voltei ao prédio em que ela morava antes de ir para minha casa e onde eu tinha ido na noite de seu aniversário. O código do interfone no portão havia mudado. Esperei dez minutos até que alguém entrasse. Subi até o apartamento de L., toquei a campainha. Uma jovem de cerca de vinte anos abriu a porta. Ela se mudara alguns meses antes, o apartamento era alugado por uma imobiliária, não tinha ideia de quem morava ali antes dela. Pela porta entreaberta, reconheci o apartamento de L., mas agora ele parecia realmente habitado. A jovem me indicou a imobiliária que cuidava da locação do imóvel. Como era no mesmo bairro, fui correndo até lá. O responsável pela clientela do setor não estava.

Diante de minha insistência, seu colega aceitou dar uma olhada no arquivo. O contrato feito com a agência era recente, a primeira locatária era a que eu havia visto. O colega não quis me dar o número do proprietário. Quando, no dia seguinte, liguei para o responsável pelas locações para suplicar que me desse pelo menos um nome, ele desligou na minha cara.

Liguei para Nathalie para pedir o telefone da amiga que dera a festa em que eu havia conhecido L. Tive que dar vários detalhes para que ela se lembrasse da noite de que estava falando. Nathalie não tinha nenhuma lembrança da mulher que eu descrevia. Pelo que lembrava, ela havia saído cedo e não tinha me visto falar com ninguém. Em seguida, liguei para Hélène, a amiga de Nathalie, que se lembrava vagamente de minha presença na festa, mas não sabia quem, entre os convidados, podia ser aquela L., loura, sofisticada, que eu havia descrito. Insisti. Dei a ela todo tipo de detalhe: L. e eu tínhamos sido umas das últimas a sair. Havíamos bebido vodca na cozinha, sentadas à mesa. Hélène não se lembrava. De nada. Aquela mulher sem dúvida fora levada por alguém, mas por quem?

*

Alguns dias depois, liguei para Lionel Duroy para perguntar se ele conhecia uma mulher, L., que era *ghost-writer*, com a qual ele havia concorrido várias vezes, especialmente pela autoria do livro de Gérard Depardieu. Lionel não pareceu muito impressionado, havia outros *ghost-writers* além dele, mas tinha certeza de uma coisa: para o de Gérard, nenhum outro escritor fora cotado. Ele o havia encontrado um dia para jantar e, na noite seguinte, o ator lhe telefonara para dizer que sim. Não conhecia aquela mulher, nunca tinha ouvido falar dela.

*

Então escrevi uma mensagem para Agnès Desarthe para lembrar que havíamos estudado juntas e perguntar se ela se lembrava de uma garota chamada L., que era da nossa sala (mas, infelizmente, não estava na foto), e, caso se lembrasse, se ela sabia o que havia acontecido com ela. Na hora em que ia pôr a carta no envelope, acrescentei à caneta vermelha um *P.S.* para avisar que minha pergunta era urgente e importante. Se ela tivesse mantido contato com outras pessoas daquela época, eu ficaria muito agradecida se pudesse perguntar também a elas. Agnès me respondeu dois dias depois que nem ela, nem Claire, nem Nathalie, nem Hadrien, de quem ainda era amiga, se lembravam de uma L.

*

Uma noite, lembrei-me da escola em Tours à qual ela fora em meu lugar. Levantei-me, liguei o computador para encontrar os e-mails que L. trocara com a bibliotecária, antes e depois de “minha” ida. Mas, estranhamente, mesmo que tivessem sido escritas em meu nome, nenhuma daquelas mensagens aparecia em meu computador. L. apagara todas. Eu não me lembrava do nome da escola, mas, com um pouco de sorte, encontraria na internet um vestígio de “minha” ida, talvez até a foto de L. em meio aos alunos. As escolas adoram publicar esse tipo

de lembrança em seus blogs.

Foi ao fazer essa pesquisa que encontrei uma velha entrevista minha, publicada em um jornalzinho de uma escola de Reims, em que havia mencionado *Les Gens normaux n'ont rien d'exceptionnel* e *Comment font les gens*, assim como *Grande Petite*, de Sophie Fillières, dentre os filmes importantes para mim.

Percebi então que as coincidências estranhas, incríveis, que me ligavam a L. não eram tão estranhas assim.

L. tinha, sobretudo, se informado muito bem.

*

Não encontrei na internet nenhum vestígio da passagem de L. por Tours. No dia seguinte, liguei para as escolas da cidade. Na segunda ligação, consegui falar com a bibliotecária que havia me convidado. Senti nas primeiras palavras que a mulher hesitara em atender meu telefonema. Seu tom de voz era glacial. Quando quis saber se ela se lembrava de “minha” visita alguns meses antes, ela tossiu secamente antes de perguntar se eu estava de sacanagem com ela. Ela não disse “isso é uma piada?” nem “está brincando comigo?”. Não, com uma voz límpida, que não procurava minimizar a violência, ela disse: “Está de sacanagem comigo?” Porque eu não apenas deixara de ir, mas também não havia avisado o motivo. Cem alunos tinham se preparado para o encontro, lido meus livros, esperado o dia com impaciência. Ela me enviara as passagens de trem, me procurara na estação em um dia muito frio. E eu não tinha ido. E não considerara necessário me desculpar nem responder à carta furiosa que ela havia me mandado.

*

Desliguei. Estava perdendo o chão. Não é uma imagem, o piso balançava em silêncio, atraído por pontos de fuga situados nos quatro cantos do cômodo.

L. tinha me enganado.

L. tinha desaparecido, sumido.

L. não tinha deixado nenhum vestígio.

*

Os dias que se seguiram só me trouxeram mais vertigem e confusão.

Todo detalhe, toda lembrança em que pensava poder me agarrar, toda prova que esperava poder brandir, só era concreta em minha memória.

L. não havia deixado nenhuma marca. Nenhuma prova tangível de sua existência.

Durante todo aquele tempo, ela dera um jeito de não encontrar nenhum de meus conhecidos. E eu fora uma cúmplice sem igual. Não a apresentara aos meus filhos, nem a François, nem aos meus amigos. Tínhamos vivido uma relação exclusiva, sem testemunhas. Eu havia ido com ela a lugares lotados, e não havia motivo para que se lembrassem da gente. Ela não tinha cometido

nenhum crime que precisasse de investigação, da coleta de provas ou de DNA. E, se eu decidisse explicar em uma delegacia, seis meses depois do acontecido, que os soníferos e o veneno de rato encontrados em meu sangue haviam sido administrados contra a minha vontade, a polícia teria me considerado louca.

*

Eu era uma romancista que havia demonstrado, várias vezes, graves sinais de perturbação, de vulnerabilidade, até mesmo de depressão.

*

Eu passava noites inteiras com os olhos arregalados, procurando o indício, a falha.

Uma noite, enquanto tentava explicar a François a angústia que me dominava em alguns momentos, impedia-me de respirar, enquanto me ouvia pela vigésima vez recontar tudo desde o início, multiplicar os detalhes, as anedotas, as lembranças de conversas, ele disse esta frase, sem dúvida torcendo para que ela me fizesse virar a página: — Talvez você a tenha inventado para escrever.

*

Então entendi que não valia a pena continuar, que lutava em vão.

*

Claro, eu quis ler o manuscrito. Durante alguns dias, pensei em como poderia recuperá-lo ou pelo menos saber do que falava, sem despertar mais suspeitas sobre minha saúde mental. Durante alguns dias, pensei em dar sinal verde para que minha editora começasse o processo editorial e publicasse aquele romance *arriscado e formidável*, nem que fosse para correr o risco de ver L. denunciar publicamente minha farsa. Pelo menos ela reapareceria e eu provaria que não a havia inventado.

Era tentador. Um livro escrito, a chave na mão, pronta para ser usada. E ainda por cima, bom. Um livro mais perturbador, mais poderoso, que todos que eu fora capaz de escrever.

*

Mantive a ideia por alguns dias, talvez algumas semanas.

Então, uma manhã, pedi que minha editora me encontrasse em um café. Ela ficou preocupada ao me ver tão cansada. Pedi, da maneira mais solene possível, que ela jogasse fora ou queimasse o texto que tinha nas mãos. Afirmei, em um tom que não permitia recusas, que jamais o publicaria.

Respondendo à sua pergunta, admiti que não tinha nenhuma cópia digital do texto. Mas que, se ela valorizava nossa relação, se achava que um dia eu seria capaz de escrever outro livro, eu pedia, suplicava, que jogasse aquele fora.

Abalada por minha determinação, e sem dúvida pelas enormes olheiras que faziam parecer que eu fora espancada, ela me prometeu que jogaria.

Não sou boba. Sei que o texto está guardado em algum canto de seu escritório.

Uma manhã, encontrei em minha caixa de correio uma nova carta.

Delphine, Você sem dúvida acha que vai se safar dessa. Conseguir fazer outra coisa. Você é mais forte do que parece. Mas não se safou. Acredite em mim.

*

Dessa vez, estava assinada.

Eu havia pensado que L. poderia ser autora daquelas cartas. Mas estava enganada. Não era ela. Eu preferia que fosse.

Foi a última carta que recebi.

*

Algumas semanas depois, Paul veio para casa. Uma manhã em que estávamos debatendo um livro que ele havia acabado de ler e que o perturbara muito, logo uma manhã em que conversava com meu filho sobre como certos textos podem nos assombrar durante dias, até semanas, mencionei a Paul a primeira obra de David Vann, *A ilha Sukkwan*, cuja leitura me impedira de dormir várias noites seguidas. Falei da famosa página cento e treze de minha edição, que ficara na lembrança dos leitores como um choque alucinante (a partir dela, o romance entra em um drama que sentimos desde o início, mas de uma maneira tão terrível quanto absolutamente inesperada). Eu me levantei para pegar o exemplar que tinha na estante. O livro é de uma escuridão absoluta e eu não queria muito que Paul o lesse, mas tentava confirmar a lembrança assustadora que aquela página me deixara. Diante dele, enquanto resumia em algumas palavras a história e contava o que soubera sobre os motivos que haviam levado David Vann a escrever aquela obra, abri o exemplar na página cento e treze, marcada. Comecei a percorrer as linhas e parei de falar.

A descrição que tinha diante de meus olhos era, quase palavra por palavra, igual à que L. fizera do suicídio de seu marido. À medida que eu avançava na leitura, o que poderia ter sido considerado uma coincidência passou a ser uma impossibilidade: L. havia se inspirado no livro, em suas palavras, para me contar a morte de Jean. O isolamento, a neve, a pequena cabana que lhe servira de refúgio, o tiro, a volta à cabana e a visão horrorosa que descrevera no carro, não faltava nada.

Em pânico, joguei o livro no chão.

Saímos para passear. O arrepio de medo que senti só me deixou durante a tarde.

*

Depois, na mesma noite, ainda acordada por conta de uma intuição confusa, fiquei parada diante de minha estante, lendo em voz alta, como L. fazia, os títulos de meus livros, apoiados uns contra os outros. Todos. Prateleira por prateleira.

Quando me deitei, de costas, incapaz de dormir, ouvindo todos os barulhos,

entendi: tudo que L. havia me contado de sua vida, todas as anedotas, todas as histórias, todos os detalhes vinham de um livro de minha biblioteca.

Pus um pulôver e uma calça jeans, liguei todas as luzes da sala e fechei as cortinas. Até o nascer do sol, procedi com este método: relembrei as confidências de L. uma por uma.

Então deixei meus dedos percorrerem os livros e as encontrei.

*

L. havia colhido histórias em todos os cantos, sem predileção por gênero, em romances franceses e estrangeiros. Os textos que haviam lhe inspirado tinham apenas em comum o fato de terem sido escritos por autores contemporâneos. A cena da morte de sua mãe vinha sem nenhuma dúvida de um romance de Véronique Ovaldé. A descrição da personalidade de seu pai se inspirara de forma clara em um romance de Gillian Flynn. Encontrei, quase palavra por palavra, a terrível visita do vizinho no primeiro romance de Alicia Erian. A história da manhã em que ela acordara com a garganta seca, incapaz de proferir uma palavra, e a do retorno de sua voz pareciam se confundir com os mesmos fenômenos descritos em um romance de Jennifer Johnston. Quanto ao encontro com o marido, em uma noite de greve de transportes públicos, saíra diretamente de um livro de Emmanuèle Bernheim.

Nas semanas que se seguiram, continuei descobrindo elos entre as diferentes histórias de L. e minha biblioteca.

A história de Ziggy, sua amiga imaginária, era uma mistura estranha de um conto de Salinger e um romance de Xavier Mauméjean que Paul havia estudado na escola e que, por um motivo que ignoro, estava guardado junto com os meus livros na estante da sala.

*

Eu havia sido tomada por uma sensação estranha, familiar, ao ouvir L. evocar algumas daquelas lembranças. Elas tinham encontrado em mim um eco que me fizera crer que tínhamos muito em comum, algo de profundamente íntimo. Alguma coisa que não se explicava. Uma marca vinda de outro tempo. Mas acabei entendendo a natureza daquele eco.

*

Ainda hoje, não sei por que ela encenou essa farsa. Por causa de que desafio, de que rejeição. Mas sou romancista e analisei diferentes hipóteses, uma a uma.

L. voluntariamente se alimentou de minhas leituras, de meus livros, para me propor uma versão de sua vida composta por cenas marcantes, não escolhidas ao acaso, mas com muito discernimento, porque pensava que elas se insinuariam em mim de modo inconsciente, seriam estímulos poderosos destinados a me dar vontade de escrever uma história própria. L. partira do princípio de que eu havia gostado daqueles livros (já que os guardara) e de que a lembrança deles podia se parecer com minha própria história, especialmente com a do livro oculto.

Ou então L. tinha se divertido me lançando um desafio. Com perfeito conhecimento de causa. Ela quisera me contar, às vezes quase palavra por palavra, histórias que eu já tinha lido. Levava o desafio cada vez mais longe. Correria o risco de que eu descobrisse a fraude e dissesse: mas eu já li tudo isso! L. enchera seu discurso com efeitos de ficção para ver se eu conseguia me lembrar. Talvez quisesse me provar que aqueles livros tinham deixado em mim apenas uma marca difusa, confusa, delével. Nesse caso, ela se enganaria. Eu me lembrava daqueles livros e, de alguns deles, lembrava-me muito bem. Mas dera a ela a minha confiança e nunca desconfiara de sua palavra.

Também pensei que L. criara uma espécie de armadilha para mim, na qual eu caíra de cara. L. sabia que, ao reavivar daquela maneira a impressão profunda dos textos lidos, sem que eu percebesse criaria em mim a vontade de escrever sobre ela. Eu achava que a havia traído, mas era exatamente isso que ela queria. Tornar-se meu tema. E me levar, contra a minha vontade, a plagiar os autores que amava.

*

Adotei cada uma daquelas hipóteses durante algumas horas. Para ser sincera, nenhuma me trouxe satisfação verdadeira.

Talvez L. tivesse *realmente* vivido todas aquelas cenas. Talvez os pontos comuns entre a vida de L. e os livros de minha biblioteca fossem apenas uma estranha coincidência. Nesse caso, a realidade não apenas superaria a ficção, mas a englobaria, a compilaria... Nesse caso, a realidade tinha mesmo *colhões* de se divertir.

*

Uma manhã, quando estávamos em Courseilles, François encontrou um peixe morto no lago. De Djoba, restaram apenas a cabeça e a espinha, na qual ainda havia fiapos de carne. Escamas nacaradas flutuavam na superfície. Djobi continuava bem. Perguntei a François se Djobi comera Djoba, ele garantiu que não. Mas, após ter pesquisado na internet, admitiu que não era impossível.

*

Um dia, quando já estava muito melhor e havia parado de acordar todas as noites pensando em L., reconheci, sentado em um café, o jovem bonito que a ajudara a levar suas coisas. Eu caminhava do outro lado da rua. Não sei que detalhe de sua fisionomia atraiu meu olhar, mas fiquei imóvel.

Atravessei a rua e me aproximei dele. O jovem tomava um drinque com uma moça de sua idade. Eu os interrompi.

— Olá, com licença, você foi à minha casa alguns meses atrás com uma mulher de cerca de quarenta anos, bem cedo, para ajudá-la a levar suas coisas. Ela estava se mudando para a minha casa, tinha muitas malas. Você se lembra dela?

O jovem me olhou, seu sorriso era doce.

— Não, sinto muito, não me lembro, senhora. Onde foi?

— No décimo primeiro *arrondissement*, na rue de la Folie-Méricourt. No sexto andar, sem elevador. Tenho certeza de que se lembra da mulher. Ela se chama L., é alta, loura, disse que você era filho de uma de suas amigas.

O jovem me explicou que havia trabalhado um tempo para uma empresa de serviços em domicílio. Fazia pequenos trabalhos de bricolagem, transportava móveis, esvaziava porões. Lembrava-se vagamente de um serviço um pouco pesado que fizera, no sexto andar de um prédio sem elevador, mas nada mais. Sentia muito, mas não tinha nenhuma lembrança de L. nem de mim. A empresa fora criada por um amigo e tinha ido à falência bem rápido.

Alguns meses atrás, revi com Paul *Os suspeitos*, um filme *cult* que saiu nos anos 1990 e que eu queria mostrar a ele havia muito tempo. No final, quando os créditos surgiram, entendi por que era tão importante. A cena mítica que fecha o filme me pareceu estranhamente conhecida.

A história se constrói em torno do interrogatório de Verbal Kint, único sobrevivente de um massacre sangrento que aconteceu na véspera. Verbal é deficiente, manca e tem a mão torta, um idiota, interpretado por Kevin Spacey. Depois de horas de interrogatório, a polícia nota que ele é apenas um cúmplice de segunda categoria, uma vítima de uma maquinação bem maior. Como sua fiança foi paga, ele é solto. Verbal pega seus pertences e sai da delegacia. Depois que Verbal vai embora, o agente Kujan fica mais um instante na sala que usou para o interrogatório, que não é sua. Seus olhos analisam de modo mecânico o quadro de avisos preso à parede, no qual estão pendurados cartazes de “procurado”, fichas de informações, fotos e recortes de jornal. É então que ele percebe que todos os nomes e detalhes mencionados por Verbal Kint durante o interrogatório vêm daquele quadro, diante do qual ele se encontrava sentado. E que o nome do suposto cúmplice de assassinato, denunciado por Verbal, é apenas o do fabricante de louça escrito sob a xícara de café. Ao mesmo tempo, o retrato falado do famoso Keyser Söze, criminoso de uma crueldade lendária, que ninguém nunca viu igual, chega por fax... e representa o rosto de Verbal Kint.

Em uma cena paralela, vemos Kevin Spacey andar pela rua, parar de mancar e retomar o controle da mão. Seus passos se aceleram, ele acende um cigarro.

Foi exatamente isso que me aconteceu no dia em que, diante de minha estante, lembrando a lancinante poesia que ela adorava recitar, percebi que L. havia inventado tudo. Fiquei como o agente Kujan, que entende tarde demais que foi enrolado.

Hoje, quando penso em L., é esta imagem que me vem antes de qualquer outra: as pernas de Verbal Kint filmadas em plano fechado, a passagem do passo manco ao normal, e então o ritmo rápido, seguro, que o leva ao carro que o espera.

*

Sei que L. está em algum lugar, não muito longe. Ela se mantém a distância. Sei que um dia ela voltará.

Um dia, no fundo de um café, na penumbra de uma sala de cinema, em meio a um pequeno grupo de leitores que vieram para me ouvir, reconhecerei seus olhos, os verei brilhar, como a medalha que eu sonhava em ganhar no pátio da escola de Yerres. L. se contentará em fazer um breve sinal com a mão, de paz ou de convivência, mas terá aquele sorriso de vitória que fará meu estômago revirar.

*

Acabei encontrando os livros em que ela havia se inspirado para cada uma de suas confidências. Apenas uma ficou sem origem, apesar de ter sido contada em detalhes. Talvez venha de um livro que eu não tenha lido. Tenho alguns em minha biblioteca. Eu os compreí ou os ganhei. Preciso ter um estoque.

Um dia, ao começar um desses livros, talvez eu encontre essa cena.

*

L. tem quatorze anos. Estuda no ensino fundamental de uma cidade dos arredores de Paris. Na véspera, seu pai passou parte da noite fazendo críticas a ela. Não adiantava, nada estava certo, havia algo errado. Sua postura é horrível, toda corcunda, toda receosa, ela não é feminina, está sempre de cara feia. Ele desconfiava de alguma coisa, ela não era correta, e pronto. Aliás, todo mundo via isso (ele repetia *todo mundo*, insistia, como se tivesse contato com todo o universo), o farmacêutico e o cara da agência da Groupama, um banco e seguradora, disseram exatamente a mesma coisa: sua filha é estranha. Ela não é igual às outras. As outras, pelo menos, são alegres, felizes, parecem se sentir bem consigo mesmas. São gentis.

De manhã, quando chegou à escola, ficou encolhida. Sabia que tinha os olhos vermelhos, alguém podia fazer perguntas.

Às vezes ela sonhava em fugir. Ou que alguém viria buscá-la. Às vezes pensava que, apesar de tudo, ela podia se tornar uma mulher. Uma mulher que todos olhariam, que achariam bonita. Cujas feridas não seriam vistas.

Depois da aula de francês, o professor pediu que ela ficasse. Quando os outros alunos saíram, ele perguntou se estava tudo bem. Se havia algum problema na casa dela. Não queria ser indiscreto, só saber se ela estava bem.

O professor estava diante dela, a observava. Procurava um sinal. Ela baixou os olhos.

Ele disse que, se ela não conseguia falar, talvez devesse escrever. Para si mesma. Ela gostava de escrever, não gostava? Ela não respondeu nada. Pensou com força nas palavras que não podia dizer, pensou o mais alto possível para que ele ouvisse, sou mesmo tão feia, tão ridícula, tão diferente, tão corcunda, tão malpenteada, tão má? Tenho medo de ficar maluca. Tenho medo e não sei se aquele medo existe, se ele tem um nome.

FIM *

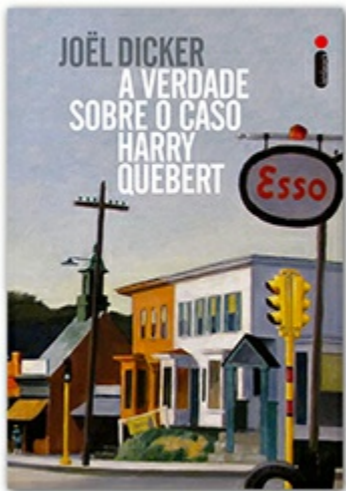
SOBRE A AUTORA



© DELPHINE JOUANDEAU

DELPHINE DE VIGAN tem livros publicados em todo o mundo. Seu primeiro romance, *Jours sans faim*, foi lançado sob o pseudônimo Lou Delvig e abordava a luta contra a anorexia. Ela também é autora de *No et moi*, adaptado para o cinema por Zabou Breitman, além de *Les Heures souterraines* e *Rien ne s'oppose à la nuit*, obra autobiográfica de grande sucesso, vencedora do Prix du Roman FNAC e do Prix Renaudot des Lycéens em 2011. *Baseado em fatos reais* foi agraciado com o Prix Renaudot e o Prix Goncourt des Lycéens em 2015.

LEIA TAMBÉM



A verdade sobre o caso Harry Quebert

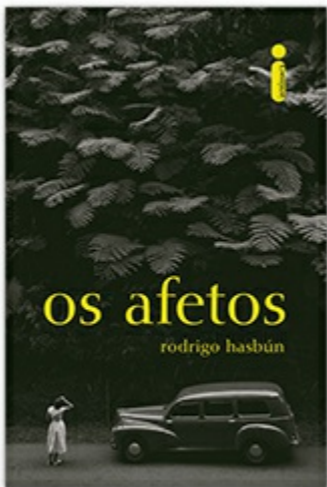
Joël Dicker



O leitor do trem das 6h27
Jean-Paul Didierlaurent



Operação Impensável
Vanessa Bárbara



Os afetos
Rodrigo Hasbún



A outra história
Tatiana de Rosnay